MARIA JOSÉ DUPRÉ

ÉRAMOS SEIS



editora ática

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MARIA JOSÉ DUPRÉ

ÉRAMOS SEIS



FICHA CATALOGRÁFICA

Ilustrações: Terezinha Bissoto
Capa: layout de Ary Almeida Normanha

[Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte, Câmara Brasileira do Livro, SP]

Dupré, Maria José, 1905 D947e Éramos seis. 18. a ed. São Paulo, Ática,
1973. 18a ed. p. (Vaga-lume)
1. Romance brasileiro 1. Título.

73-0570

CDD 869.935

Índices para catálogo sistemático:
1. Romance: Século 20: Literatura brasileira 869.935
2. Século 20: Romances: Literatura brasileira 869.935

1973 - Todos os direitos reservados pela

EDITORA ÁTICA S. A
Rua Barão de Iguale, 110 – Tels: 278-1019, 278– 9322, 278-9427, 278-9627
Caixa Postal 8656 – End. Telegráfico “Bomlivro” – S. Paulo

DADOS BIOGRÁFICOS

Maria José Dupré é paulista. Nasceu em 1905, na Fazenda Bela Vista, município de Botucatu, próxima da divisa entre São Paulo e Paraná.

Aprendeu as primeiras letras com sua mãe e seu irmão, e em Botucatu estudou Música e Pintura. Transferiu-se para São Paulo onde se formou professora pela Escola Normal Caetano de Campos. Iniciou-se na Literatura depois de se casar com o engenheiro Leandro Dupré.

Seu primeiro romance - O Romance de Teresa Bernard - foi publicado em 1941. Mas o que a tornou famosa foi Éramos Seis, editado em 1943, traduzido para o espanhol, francês e sueco e transformado em filme pelo cinema argentino.

Entre os diversos prêmios que conquistou, destacam-se: Prêmio Raul Pompéia, da Academia Brasileira de Letras e o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

OBRAS DO AUTOR

Romances:

Gina
Os Caminhos
A Casa do Ódio
Angélica
Dona Lola
Éramos Seis
Luz e Sombra
Menina Isabel
O Romance de Teresa Bernard
Os Rodriguez
Vila Soledade

Livros infantis:

A Mina de Ouro
O Cachorrinho Samba na Bahia
A ilha Perdida
Aventuras de Vera Lúcia
Pingo e Pipoca
O Cachorrinho Samba
A Montanha Encantada
O Cachorrinho Samba na Floresta
O Cachorrinho Samba na Rússia
O Cachorrinho Samba entre os índios
O Cachorrinho Samba na Fazenda Maristela

SUMÁRIO

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI

I

AINDA ontem passei por lá; a manhã estava muito clara, radiosa, dessas alegres manhãs de verão, quentes de sol e de vida.

Havia no ar uma luminosidade surpreendente e o zumbido dos insetos, o canto dos pássaros e o riso das crianças enchiam o espaço; por toda a parte reinava a luz, a alegria, o desejo de viver, de ser feliz, de ser bom. As árvores pareciam paradas, quase imóveis; mas observando bem, podia-se perceber um sussurro de brisa entre as folhas como a contarem segredinhos umas às outras, na transparência luminosa da manhã.

Passando pela Praça Buenos Aires, vi um grupo de crianças brincando e correndo; seus gritos repercutiam em meus ouvidos como ecos de coisas mortas, remanescentes de um passado há muito tempo desaparecido. Lembrei-me então do meu sonho; durante a noite inteira eu havia sonhado que ainda morávamos lá e meus filhos eram pequenos; no sonho ouvi chamarem várias vezes: Mamãe! Mamãe!

Mal a claridade do dia passou através das tabuinhas das venezianas, eu me vesti e saí; tomei o bonde para passar na “nossa casa”; digo “nossa” por hábito porque há muitos anos já que a deixamos e nem sei quem mora lá. Desci do bonde umas quadras antes para passar a pé diante dela e vagarosamente fui subindo a Avenida Angélica, tão familiar e amiga, onde residimos durante tantos anos!

Esse quarteirão não mudou muito; um ou outro prédio novo e por toda a parte as mesmas árvores e até, pode-se dizer, os mesmos pássaros cantando em seus galhos. Vi uma das árvores com um galho retorcido, tal e qual a vi sempre. Diante da casa, parei um pouco para ver melhor; lá estava ela com as duas janelas de frente e o portãozinho de ferro, o jardim de quatro metros, como chamávamos, e a trepadeira roxa plantada por Júlio há tanto, tanto tempo.

O jardim era insignificante e pequeno, mas para nós era encantador com algumas roseiras e um canteiro de cravos; havia cravos brancos, vermelhos e outros quase roxos. Quando um cravo começava a se abrir, as crianças iam espiar a todo o momento para adivinhar de que cor seria; e vinham me contar:

– Mamãe, é branco!

– Não é, mamãe. É vermelho!

E às vezes discutiam por causa dos cravos.
Olhei as janelas e meu olhar passou através delas e se alongou pelo interior; revi então nossa vida, todos os longos anos da nossa mocidade. Sorri ao ver os degraus da entrada; eram de cimento, estavam gastos e escuros, mas me lembro tão bem do tombo que Carlos levou uma vez que entrou correndo, caiu e fez um "galo" na testa. Durante muitos dias Carlos chorou e brigou com os irmãos porque olhavam para ele e gritavam: co co ró có, por causa do "galo".
As duas janelas da frente eram do escritório e vi dentro dele a escrivaninha grande onde eles estudavam; sobre a escrivaninha, eu colocava sempre um mata-borrão verde preso com quatro tachinhas. Não durava muito tempo porque as crianças iam tirando os pedacinhos do mata-borrão conforme precisavam e logo eu tinha que atirar fora o velho, todo rasgado e sujo de tinta e colocar outro novo. Ao lado, numa parede, havia uma estante com livros; havia também duas cadeiras, e um tapetinho feito de meias velhas por minha irmã Clotilde.

Passei pelo pequeno vestíbulo, onde havia uma chapeleiro e entrei na sala de jantar. Era uma sala grande e de um lado havia um recanto com um sofá, duas poltronas e uma cadeira de balanço, tudo coberto com brim pardo, por causa das crianças; nesse lugar eu passava o dia, recebia minhas visitas e fazia tricô para ganhar algum dinheiro. Havia um espelho num dos móveis da sala de jantar e todas as vezes que minha filha Isabel passava diante dele, ela se inclinava um pouco e dava um jeito para se olhar e arranjar os cabelos. Eu achava-a vaidosa, mas também era tão bonita quando era mocinha!

Passei pelo corredor, para onde davam nossos quartos e entrei na copa; vi então Isabel com três anos, os cabelos castanhos presos por uma fita vermelha, sentada à volta da mesa pequena, batendo a colher no prato, sem vontade de comer. Eu dizia: Coma, filhinha, olhe como está gostoso. Eu fingia que comia um pouquinho, mastigando ruidosamente. Ela ria mostrando a fileira de dentes iguais e batia a colher no prato com toda a força, gritando: *Num quelo come! Num quelo!*

Julinho que já tinha cinco anos, comia tudo o que estava no prato e às vezes ainda pedia mais.

Eu os levava depois para o quarto e vestia-lhes as camisolas brancas; Isabel só queria camisola com rendas na gola e começava a choramingar quando não havia renda e tinha que vestir outra com ponto russo vermelho na frente e nos punhos. Eu ficava admirada porque ela era muito criança e sabia escolher o que era bonito. Eu dizia: Agora vamos rezar. Eles se ajoelhavam então aos pés da minha cama e pondo as mãos, diziam juntos, olhando para o teto:

– Coração de Jesus, tesouro de bondade, de nós, pecadores, tende piedade. Protegei papai, mamãe, meus irmãos, eu e toda a nossa família.

Nunca me esquecerei de Julinho que disse um dia: “Coração de Jesus, tesouro de bondade. Mamãe, tem teia de aranha naquele canto da janela. Veja. De nós, pecadores, tende piedade”.
Vendo-os assim piedosos, de camisolas brancas, os cabelos soltos de Isabel em ondas brilhantes pelos ombros, Julinho com os olhos pretos muito grandes, comparava-os a anjos. Depois cada um ia para sua caminha; Julinho dormia sempre com o cavalo de borracha que o padrinho tinha dado. Às vezes, já estava na cama quando lembrava e gritava: Meu cavalinho! E saía correndo à procura do brinquedo, a camisola branca entufada pelo vento. Uma noite procuramos pela casa toda e ele já estava desesperado quando Durvalina, a criada, encontrou o cavalo sob o sofá da sala de jantar; então ele correu para a cama e abraçando o cavalinho, dormiu imediatamente. Era o único brinquedo de Julinho.

Antes de deixar o quarto, eu me debruçava para cobri-los e beijá-los e eles passavam os braços à volta do meu pescoço e me beijavam, às vezes com os olhinhos amortecidos pelo sono; e eu me enternecia tanto quando diziam: Boa noite, mamãezinha.

Mas eram meus, verdadeiramente meus naquele tempo e, apesar de darem trabalho, pois quatro filhos dão muito que pensar para quem tem pouco dinheiro, eu me sentia feliz, muito feliz. E nunca me esqueço do que me disse uma senhora que tinha três filhos moços: “que saudades eu tenho do tempo em que eles eram pequenos, eram tão meus”.

Tudo isso me passou pela imaginação num relance enquanto olhava nossa casa batida de sol; um cheiro de flores chegou ao meu nariz; aspirei com satisfação porque devia ser das nossas flores; era um cheiro de orvalho também, orvalho das manhãs de verão. Fui tomar o bonde para voltar, não podia ficar ali olhando

o dia inteiro. Enquanto ia andando, descendo a Avenida Angélica, comecei a lembrar que os meus também foram embora, a vida levou-os e se espalharam pelo mundo, menos Carlos que já não existe.

Esse eu visito sempre; está deitado no cemitério S. Paulo, dormindo sossegado entre quatro roseiras que florescem todos os anos, em Setembro. São rosas brancas, bem grandes, das que ele mais gostava. Carlos eu sei que está bem, os outros não sei onde andam.

Estão aí, pelo mundo.

***

Quanta saudade eu tenho desse tempo da Avenida Angélica, quando meus filhos eram crianças e vivíamos todos juntinhos com Júlio, meu marido, como passarinhos em gaiola. Os dois mais velhos tinham sete e nove anos quando nos mudamos para lá e não me davam muito trabalho. Eram fortes e sadios. Alfredo e Carlos já se vestiam sozinhos e estavam estudando na escola particular de D. Benedita, próxima à nossa casa. Carlos era o mais velho e estava no terceiro ano da escola; Alfredo no segundo.

Depois que punha na cama os dois menores, eu ficava sentada na poltrona da sala de jantar esperando Júlio; ele vinha jantar sempre entre seis e meia e sete horas mas quando passava das sete e ele não aparecia, eu ficava aflita porque o imaginava numa confeitaria, bebendo com os amigos. Com certeza voltaria embriagado para casa. Nunca me enganei, infelizmente.

Quando na porta, ele dizia: Boa noite! e punha o chapéu na chapeleira, eu já sabia se ele estava bom ou não. Era horrível quando vinha um pouco “tocado”, passava pisando duro pela sala e ia para o quarto tirar o paletó e pôr um de pijama. Depois lavava as mãos e sentava na mesa para jantar; os dois meninos mais velhos comiam na mesa conosco e tinham medo do pai nesses dias. Começávamos a tomar a sopa em silêncio; de repente o pai olhava para Carlos, sentado na frente dele e falava:

– Onde se viu tomar sopa desse jeito? Não aprende? Parece cachorrinho.

“Pronto, começou”. Eu pensava. O menino baixava a cabeça sobre o prato, evitando olhar o pai. Ninguém falava e eu ficava um pouco assustada com o silêncio. Durvalina começava a tirar os pratos de sopa e para disfarçar, eu perguntava:

– Teve um dia muito atribulado, Júlio?

Ah! Meu Deus! Por que eu falava?

Júlio ficava vermelho e respondia:

– Naturalmente. Tenho algum dia que não seja atribulado? Eu? Diga!

Batia a mão no peito, olhando para mim e repetindo:

– Eu? Eu sou um burro de carga para trabalhar. Burro de carga! Trabalho doze horas por dia e depois me perguntam se tive um dia muito atribulado. Essa é boa!

Ria alto, sem vontade. Sem querer, eu olhava para ele; estava com os olhos avermelhados, pareciam injetados e a fisionomia carregada.

Eu fazia os pratos dos meninos que comiam em silêncio, as cabeças baixas sobre a mesa. Júlio punha pimenta todos os dias na comida; um dia eu disse:

– Não coma pimenta hoje, Júlio. Pode fazer mal.

Imediatamente me arrependi de ter falado; a fisionomia dele ficou mais carregada e gritou, impaciente:

– Não posso comer o que eu quero? Será que na minha casa, não tenho liberdade? Na minha casa? Por que não hei de comer? Pensa que estou bêbedo? Hein?

Não respondi e continuei a servir as crianças; irritado talvez com minha atitude, continuou furioso:

– Diga uma coisa, quem é que manda aqui? Serei eu ou você? Vamos, diga.

Continuei calada; ele gritou mais:

– Diga quem manda nesta casa? Quem é que paga tudo? Hein? Por que não fala? Chego exausto do serviço, sento na mesa para jantar e ela vem me dizer que não devo comer isto ou aquilo. Fique sabendo que como o que quero e ninguém tem nada com isso. Ouviu? Ninguém!

E pondo bastante molho de pimenta no feijão, comeu furiosamente. As crianças olhavam para mim e baixavam a cabeça outra vez, timidamente, com medo do pai. De súbito, ele tornou a olhar o filho na frente dele e perguntou:

– Que nota tirou hoje?

Percebi a palidez do menino; encorajei-o com o olhar corno sei dissesse: “Fale, meu filho. Estou aqui”.

O menino olhou para o pai, um olhar medroso:

– Hoje tirei cinco.

– E por quê? Isso é nota? Por que não tirou dez? ao menos nove?
Carlos procurava sorrir, contrafeito:

– Errei um problema, papai, e na História do Brasil …

O pai interrompeu, indignado, imitando a voz de Carlos:

– “Errei um problema, papai”. Ele fala como se isso fosse muito natural. E ainda ri com esses dentes de cavalo. Eu se fosse você não ria, ouviu? Não sei quem você puxou, tem dentes de cavalo. E repito que quero nota dez todos os dias. Entendeu? Ouviu?

Carlos continuava a mastigar de cabeça baixa, humilhado, sem dizer nada. Vendo que ninguém falava, Júlio serviu-se de carne assada com a salada e despejou mais molho de pimenta no prato. De repente olhou Alfredo que tinha acabado de comer e fazia balinhas com miolo de pão. Perguntou:

– Já comeu carne com salada?

Alfredo levantou os olhos medrosos para o pai e hesitou, respondendo:

– Não gosto de salada de alface.
Júlio sorriu triunfante como se tivesse encontrado uma boa razão para impor sua tirania. Olhava à volta da mesa e falava pausadamente fixando os filhos:

– Aqui não tem gosta ou não gosta. Coma salada de alface.
Alfredo olhou rapidamente para mim como a pedir auxílio. Procurei intervir, suavemente:

– Por que forçar a criança a comer o que não gosta, Júlio? Pode até fazer mal.

– Fazer mal? Mal o quê! Quando eu era criança, comia tudo o que vinha à mesa, nunca tive esse luxo de escolher comida; agora esses meninos são uns "não-me-toques", gosto disso, não gosto daquilo. Não senhor. Na minha casa não tem nada disso. (Olhava furioso para mim):

– E você é culpada, dá muitos mimos, muitos carinhos. O que vão ser depois de grandes? Uns inúteis! Uns vagabundos!

E como via que eu não fazia um gesto para pôr alface no prato do menino, gritou, colérico, para Durvalina:

– Ponha alface no prato de Alfredo, Durvalina.

Olhei Alfredo; seus olhos lançavam chispas para o pai quando este não estava observando-o; pareciam chispas de ódio. Com os lábios trêmulos começou a mastigar as folhas de alface, sem dizer nada.

Durvalina levou os pratos para a cozinha e trouxe goiabada; continuamos a comer sem falar. De repente, Carlos bebeu uns goles de água. O pai falou, irritado:

– Não quero que beba muita água na comida; quantas vezes já disse a mesma coisa?

O menino procurou uma desculpa:

– É o primeiro copo que estou bebendo, papai.

– Mas não quero que beba, acabou-se.

Carlos depositou o copo na mesa e ficou de cabeça baixa, carrancudo. O pai tornou a falar:

– E nada de carrancas comigo, hein?

Depois virou-se para mim:

– Recebeu o dinheiro da encomenda?

Fitei-o discretamente:

– Da encomenda? Ah! sim. Não recebi ainda; mandaram dizer que pagarão no princípio do mês que vem.
Júlio exultou:

– Eu não disse? Eu não digo sempre que rico não gosta de pagar? São sempre os últimos a pagar as contas. Eu disse a você que não aceitasse a encomenda da tia rica. Por que aceitou?

Comeu um último pedaço de goiabada:

– Lá na loja também é assim; quando mandamos a conta para os ricos, já sabemos que vamos custar a receber. São uns miseráveis; relutam, adiam o mais que podem o momento de pagar e quando mandamos um empregado receber, ou não têm troco na ocasião, ou não estão em casa. Nunca tem troco e nunca estão em casa.

E batendo a mão na mesa com força, bradou indignado:

– Bandidos!

Procurei acalmá-lo:

– Mas o fim do mês está próximo, Júlio e eu não estou precisando de dinheiro agora.

Ele riu alto ironicamente.

– E você acredita que eles vão pagar no princípio do mês que vem, como disseram? Ah! Ah! Ah! Não seja idiota. Não pagam nem no outro mês. Eu avisei que não aceitasse o trabalho; são todos uns caloteiros. Precisa mandar receber muitas vezes para um dia resolverem a pagar.

Mudou de tom:

– Afinal onde está esse café? Vem ou não vem?

Durvalina apressava-se a trazer o café; ele começava a bebê-lo em goles grandes, apressadamente. Os meninos me olhavam esperando o momento de levantarem da mesa. Falei com calma:

– Podem ir brincar um pouco na calçada.

Era sempre assim. Carlos e Alfredo deixavam a sala e iam brincar com os filhos da vizinha; eu ajudava Durvalina a tirar a mesa, – enquanto Júlio sentava-se na cadeira de balanço e pondo os pés no sofá em frente, pedia o jornal e o cachimbo.
Lançando para o ar grandes baforadas de fumaça, ele começava a ler o jornal da noite: eu abria a gaveta de um móvel da sala, onde guardava o tricô envolvido num guardanapo, e sentando-me ao lado dele, começava a trabalhar; era uma encomenda para uma criancinha que ia nascer. Tudo ficava em silêncio; só se ouvia o barulho dos pratos na cozinha e o barulho dos bondes que subiam a Avenida de vez em quando.

Eu pensava com alívio que o mau humor de Júlio ia passando e suspirando, baixava a cabeça sobre meu trabalho.

***

Às dez horas fechávamos a casa e íamos deitar; eu virava na cama, sem sono. Uma vez levei um susto lembrando da carta recebida dois dias antes. Minhas irmãs haviam escrito de Itapetininga perguntando se poderiam vir passar as férias em nossa casa. De que forma eu poderia contar isso a Júlio? Ele detestava hóspedes.

E eu tinha pena das minhas irmãs que levavam no interior uma vidinha triste, trabalhando pesadamente; a mais moça, Olga, era professora e a outra, a mais velha, ajudava mamãe a fazer doces para vender. Sorri pensando nelas; Clotilde estava acabada, passava dos trinta anos e não pensava em se casar. Trabalhando, trabalhando, mexendo o grande tacho de goiabada, um pano amarrado na cabeça, as mãos calosas e grossas. Se não era goiabada, era marmelada, se não era marmelada, era sabão. Faziam tudo em casa. Mamãe gritando do fundo do quintal:

– Clotilde! Estão batendo!

Clotilde largava o serviço. Um menino perguntava da porta:

– Tem goiabada pra vender?

– Tem.

– Quanto vende o quilo? Cinco mil-réis.

– Minha mãe manda buscar dois quilos bem pesados.

Clotilde arrastando as chinelas pláf, pláf, pláf, ia para o quarto dos doces, pegava os dois quilos de goiabada, embrulhava, entregava na porta para o menino, Depois voltava ao quintal, à sombra da mangueira e com a grande colher de pau, mexia o tacho, o calor no rosto, a testa suada. Cinco horas. Olga, a mais moça, voltando da Escola Isolada do Tanquinho, onde lecionava, sentando na salinha, estendendo as pernas. Suspirando:

– Ai que calor! Que canseira!

Clotilde falando com ironia:

– Canseira? Você não sabe o que é canseira, menina. E não sabe o que é calor. Queria ver você aqui o dia inteiro trabalhando no duro, com este calor do forno na cara, o dia inteiro …

– É? E pensa que aguentar quarenta crianças malcriadas é brincadeira? A gente fica esgotada, estragada para o resto da vida. Isso é que é.

Clotilde fazia um gesto de pouco caso e não respondia. A tarde caindo lentamente, uma tarde quente de novembro, sufocante.

Á noite, Olga na janela da sala esperando o Zeca passar. Zeca era o namorado firme, desde o tempo de meninos; trabalhava numa farmácia. Zeca vinha vindo, subindo a rua disfarçadamente, parava na esquina. Cumprimentava. Olga respondia com o coração aos saltos. Depois ele chegava mais perto da janela, perguntava com a voz abafada:

– Quer dar uma voltinha no jardim?

Olga respondia hesitando:

– Não posso; tenho que ajudar mamãe.

– Amanhã então?

Ela respondia apressada, ouvindo os passos de mamãe que vinham lá de dentro:

– Vá andando, amanhã quem sabe.

O Zeca sumia na esquina. Uma ou outra pessoa passava. Ruas escuras e silenciosas de cidade de interior; um cachorro latindo na casa vizinha. Um grilinho cantando teimosamente escondido numa moita escura.

Mudei de posição para ver se dormia; lembrei-me de que nesse dia de manhã vira sardas no meu rosto e eu tinha fama de ter a pele mais bonita de Itapetininga! Pelo menos diziam isso. Também não devo me esquecer que contava dez anos menos. Ouvi Isabel tossir, estendi o braço e puxei a coberta dela até o pescoço. O galo de D. Genu cantou quinze vezes seguidas, pensei que devia ser bem tarde e mudei de posição outra vez. Quando fiquei noiva de Júlio

em Itapetininga, todos diziam arregalando os olhos: Júlio de Lemos? Ótimo casamento!

A primeira valsa que dancei com ele foi em casa de D. Sinhá; era aniversário dela e a valsa chamava-se Monte Cristo. Comecei a me lembrar da festinha; eu já era namorada de Júlio desde o ano anterior; ele passava as férias lá em casa de um tio que todos chamavam de tio Inácio. Tio Inácio usava cavanhaque; chamava farmácia de botica e violino de rabeca; nunca falou de outra maneira. Quando Júlio me viu em casa do D, Slnhá, começou logo a conversar e a dançar comigo; depois fomos à sala de jantar comer uns doces; perguntei se ele não queria bom-bocado; ele me disse em voz baixa para os outros não ouvirem que já tinha comido e não gostara: achara os bons-bocados muito pesados, preferia as mães-bentas. Fiquei muito vermelha porque todos os doces tinham sido feitos por nós mesmas; mamãe era considerada a melhor doceira da cidade.
Voltamos à sala para dançar uma valsa; a orquestra era piano, flauta e violino; lembreime outra vez da rabeca de tio Inácio. Nesse tempo papai era vivo e estava na sala conversando. Morreu logo depois do meu casamento; lembrei-me dele deitado no caixão, a face serena como se dormisse, as mãos cruzadas sobre o peito. Ouvi a valsa de Monte Cristo até o fim; depois cansada de recordar, adormeci.

No dia seguinte era um sábado, dia de compras; enquanto estava tirando o pó dos móveis e estendendo as camas das crianças, tive uma idéia brilhante a respeito da carta das minhas irmãs. Saí com a cesta no braço como fazia todos os sábados e comprei, além do que precisava, umas costeletas de porco muito bonitas. Na volta, fui eu mesmo preparar as costeletas com batatas cozidas e molho de manteiga. Quando Júlio chegou para o almoço e viu diante dele o prato predileto com o molho amarelo espalhado por cima, olhou surpreendido para mim. Sorri o mais terno sorriso, dizendo:

– Não resisti e saí fora do orçamento, Júlio. Achei estas costeletas tão boas e como é seu prato preferido, comprei e preparei para você. São especiais, olhe que beleza. E você gosta tanto!

Ele sorriu e serviu-se com generosidade, admirado de ter durante a semana um prato bom, pois era só aos domingos que tínhamos qualquer coisa melhor. Estendi-lhe o vidro de pimenta e enquanto ele se servia, continuei:

Sabe o que encontrei hoje na quitanda? Repolho roxo; então me lembrei de fazer um vidro de picles para você. Já comprei todos os preparos: cebolinha, couve-flor, pepino e repolho; o vinagre branco está um pouco caro, mas compro assim mesmo. Vou pôr pimentinha também, deve ficar uma delícia. Logo ficará pronto.

Ele se serviu outra vez de costeletas e continuou a comer animadamente. Preparado o caminho, falei distraidamente, um ar distante, como quem ia esquecendo de contar:

– Ah! Recebi hoje uma cartinha de Olga; vai entrar em férias agora e está com vontade de vir passar uns dias aqui.

Fiz uma pausa e continuei:

– Até acho bom que ela venha; estou cheia de encomendas e ela pode me ajudar como me ajudou nas outras férias. Ajudou bastante.

Mudei de assunto:

– Estive hoje com D. Tudinha na quitanda; contou que a filha teve gêmeos desta vez. Não estão muito entusiasmados. Imagine!

Júlio me olhou e falou mastigando:

– Escreva para Olga que traga ovos quando vier; os daqui são caros ou estragados. Os de lá são bem melhores.

Respirei aliviada e senti-me corar até a raiz dos cabelos; lembrei-me de outra vez que eu dera a notícia e Júlio gritara no meu rosto:

– Lá vêm suas irmãs outra vez. Pensa que somos ricos? O dinheiro que ganho mal dá para vivermos e elas ainda vêm ficar dois meses aqui; só serve para aumentar as despesas. Que inferno!

E levantara furioso da mesa, jogara o guardanapo amarrotado sobre a cadeira, deixando a sala e resmungando. Agora fora até fácil, ele não fizera cena alguma. Pensei: “Que felicidade!” Continuei:

– Naturalmente trazem. Você não se lembra de que o ano passada elas trouxeram ovos? Não hão de esquecer esta vez.

Houve urna pausa e Júlio olhou para mim outra vez:

– Elas? Clotilde vem também? Você falou só Olga.

Corei mais e respondi embaraçada:

– Não sei bem afinal de contas. Não explicam bem na carta, mas como o ano passado vieram juntas, provavelmente Clotilde vem também.

E esperei a reação; mas não houve nada e acabamos de almoçar. Júlio começou a folhear o jornal sentado na cadeira de balanço e os dois meninos vieram despedir-se para ir à escola. Diante da janela aberta, examinei-lhes as unhas, os cabelos, os dentes. Em seguida acompanhei-os até o portão, recomendando cuidado com os bondes; fiquei olhando até sumirem na esquina. Fui ver depois os dois menores que brincavam à sombra da figueira no quintal. Logo mais, ouvi a voz de Júlio:

– Já vou. Até logo, Lola.

Enquanto fazia tricô bem depressa, sentada na sala, depois que Júlio ia embora, pensava em meu nome. Eleonora. Mamãe contava que quando estava me esperando, tinha lido um romance empolgante e o nome da mocinha bonita que casava com o homem bom era Eleonora; então quando eu nasci, ela disse:

– Quero que esta seja Eleonora.
– Deus me livre, disse meu pai. Isso é nome de ópera, muito comprido. Quero que seja Olga porque é curto e bonito.

Brigaram por causa disso e mamãe procurou apaziguar, dizendo:

– A outra filha que eu tiver será Olga.

Meu pai fez uma carranca muito feia dizendo que bastavam duas filhas (já havia Clotilde) e queria depois um menino.

Dois anos depois veio outra menina e o casal se reconciliou a respeito de nomes pondo Olga na terceira; o menino nunca apareceu.

Sempre achei meu nome antipático e cheio de “és”, e apesar de dizerem que meu apelido é espanholado, prefiro o apelido. Achava Lola leve e fútil como uma bolinha rolando numa descida, até que um dia vi na venda do Seu Joaquim uma folhinha colorida representando uma mulher com vestido decotado, os braços levantados e castanholas nas mãos. A saia com bastante roda embaixo, os saltos altíssimos, parecia um pião rodopiando; na cabeça uma mantilha branca de rendas, um grande pente de tartarugas enterrado num monte de cabelos e um cravo vermelho no canto da boca, sorrindo, faceira. Disseram que “aquilo” era uma espanhola e como diziam que Lola era espanholado, liguei de tal forma as duas imagens que quando chamavam: Lo-la! Lo-la! Eu não sabia se estavam chamando a mulher da folhinha ou eu, ficava na dúvida.

Enquanto lembrava essas coisas, tricotava sapatinhos e paletozinhos das minhas encomendas, ouvindo os gritos de Isabel e Julinho brincando no quintal e Durvalina cantarolando na cozinha. Trabalhava, trabalhava.

***

Nos domingos eu tinha sempre muito trabalho; levantava mais cedo que o costume, fazia um bolo para o café da tarde, depois ajudava Durvalina a limpar a casa e preparar o almoço, pois Durvalina saia às duas horas. Ia à missa com os dois mais velhos quando havia tempo, mas sempre chegava tarde à igreja e assistia só à metade da missa. Júlio levantava tarde e ficava de pijama no quintal, lidando com as plantas e tomando conta de Isabel e Julinho. Gostava das plantas; com um chapéu velho na cabeça e uma tesoura nas mãos, podava as roseiras, cortava estacas para amarrar os pés dos cravos, varria a parte cimentada do quintal. Almoçávamos ao meio-dia. Nossa vizinha D. Genu pedia emprestado as forminhas de empadas; à hora do almoço mandava seis empadas de presente, pedindo desculpas porque não tinham ficado boas. Depois do almoço, Júlio ia dormir e levava Isabel, os dois mais velhos iam à casa de um amigo jogar bola, Durvalina acabava de arrumar a cozinha depressa e saía também para só voltar no dia seguinte, eu então ficava só. As vezes Julinho brincava ao meu lado enquanto eu lia o jornal da manhã ou algum livro emprestado. O tempo passava rapidamente nas horas de descanso; quando as tardes eram quentes e bonitas, Júlio levava a cadeira de balanço para o quintal e ficava até a noite cair, tomando cerveja e fumando. Eu chegava à janela de vez em quando para ver se Carlos e

Alfredo já vinham vindo; as crianças da vizinhança corriam na calçada, D. Genu aparecia na janela vizinha e eu agradecia as empadinhas. Quando nos mudamos para a Avenida Angélica, havia pouquíssimas casas naquele quarteirão; com o tempo foram construindo outras e o quarteirão ficou cheio.

D. Genu pedia desculpas porque as empadas não tinham ficado boas; eu protestava:

– Ah! Não diga isso, D. Genu, estavam deliciosas; Júlio gostou muito.

Ela sorria com modéstia, retrucando:

– Não estavam tão boas como da outra vez, a senhora não reparou como a massa não estava quebradiça? Da outra vez a massa ficou muito mais macia.

Eu tornava a dizer que era engano; a massa estava tão boa que derretia na boca e tínhamos gostado muito. Ela tornava a protestar com calor dizendo que era bondade minha, que eu devia saber muito bem porque entendia do assunto e que a massa dessa vez não ficara tão boa. Eu terminava dizendo que estavam esplêndidas e para não gastar mais palavras com as empadas, dizia:

– Sabe que minhas irmãs vêm passar as férias de dezembro conosco? Estou muito satisfeita.

Ela participava da minha alegria e falávamos longamente sobre irmãos e parentes; um dia aproveitei o ensejo para pedir emprestado uma cama, pois como ela pedia sempre panelas e formas, achei que podia pedir a cama para uma das manas. Ela respondeu:

– Pois não, D. Lola. Todas as vezes que a senhora quiser, está às ordens.

E conversávamos até os meninos chegarem da rua às seis horas; então eu me despedia e ia lá para dentro preparar o lanche para todos.

Carlos e Alfredo tinham a diferença de um ano e pouco um do outro, andavam sempre juntos, vestiam quase iguais, estudavam na mesma escola, mas eram muito diferentes em tudo. Júlio dizia que Alfredo tilnha o coração fechado, vivia para dentro; e parecia mesmo, era muito retraído, falava pouco e raramente se

expandia, enquanto Carlos era o alegre, brincalhão, risonho, e parecia um menino feliz.

Quando chegavam de qualquer lugar, Carlos sempre tinha o que contar, falava do que_havia visto, das pessoas que encontrara, de suas conversas, enquanto Alfredo ficava quieto, escutando sem dizer nada. Às vezes, Carlos perguntava:

– Você não viu, Fedo?

Alfredo ficava vermelho de raiva, pois não gostava que o chamassem de Fedo e em vez de responder à pergunta de Carlos, gritava:

– Não quero que me chame assim, já disse que não quero.

E fechava a mão furiosamente para dar um murro na cara do irmão; eu precisava intervir muitas vezes e quase sempre não chegava a tempo e como Alfredo era mais forte, Carlos acabava apanhando. Muitas vezes Carlos falava sem querer, mas gostava de provocar o irmão. Eu pedi:

– Não fale assim, meu filho. Você sabe que ele não gosta, por que não diz Alfredo?

Ele prometia não dizer Fedo, mas dias depois tomavam a brigar por causa do apelido.

Tomávamos café com bolo e comíamos o que sobrava do almoço; depois ficávamos na sala esperando a hora de dormir e no dia seguinte, recomeçávamos a luta novamente.

II

EM princípios de dezembro, minhas irmãs chegaram de Itapetininga. Fui à estação com Julinho e voltamos todos de bonde porque um carro ficava muito caro e precisávamos fazer economia. Pusemos as duas malinhas na frente do bonde; logo me arrependi de haver levado Julinho porque minhas irmãs traziam muitos embrulhos de ovos e doces que mamãe me mandara e Julinho só serviu para atrapalhar porque queria ajudar a levar os embrulhos e deixava-os cair a todo instante.

Clotilde e Olga estavam ansiosas por conhecer nossa nova casa, pois no ano anterior, quando elas vieram nas férias, ainda residíamos no Bom Retiro, numa casa muito pequena e apertada; elas tiveram que dormir no quartinho com os meninos mais velhos, onde mal cabiam os quatro e assim mesmo Carlos e Alfredo dormiam num colchão, no chão.

Quando escrevi contando que tínhamos mudado para a Avenida Angélica, numa boa casa que estávamos pretendendo comprar, exultaram em ltapetininga. Responderam:

“Então agora é só no palacete, hein? Muito bem. Vocês estão progredindo; estamos ansiosas por conhecer a nova residência, ainda mais nesse bairro tão elegante”.

Na viagem de bonde, perguntaram muitas vezes:

– Então, está contente na casa nova?

– Quantos quartos tem?

– Já é de vocês?

– Tem jardim na frente?

Eu respondia às perguntas, prestando mais atenção em Julinho que, disfarçadamente, estava querendo abrir o pacote, onde ele sabia que havia um

bolo. Pedi notícias de mamãe.

Disseram que mamãe ia bem, mas se queixando de reumatismo nas pernas, era de tanto trabalhar; tinha sempre muito serviço. De vez em quando ela se queixava também de uma dor forte na boca do estômago. Ficávamos uns momentos sem falar, pensando na dor de mamãe, querendo adivinhar o que seria.

Quando chegamos em casa, Júlio e as crianças estavam no portão, esperando. Houve muitas exclamações e abraços:

– Olhe como a Isabel está crescida!

– E Júlio cada vez mais gordo!

– Que casa bonita!

Entraram olhando todos os cantos da casa, enquanto Júlio levava as malas para o quarto delas e Durvalina levava as cestas e pacotes para a cozinha. Abraçaram Durvalina:

– Até a Durva está mais gorda. Olhe um pouco como o clima daqui é bom mesmo.

Visitaram a casa toda achando tudo uma beleza; no quarto delas que era meu quarto de costura, eu tinha coberto a máquina com uma toalhinha bordada e assim servia de mesa; havia duas camas, uma cadeira e um espelhinho na parede. Tiravam o chapéu, entravam no banheiro, voltavam, passavam o pente nos cabelos, sempre conversando:

– Que banheiro bom! Se tivéssemos um assim lá em casa!

Depois:

– Sabe quem casou? Você não é capaz de adivinhar! A Maria da Glória!

Abri os olhos, espantada:

– Não diga! A Maria da Glória? Mas com quem?

– Com um viajante de uma casa importante, dizem que ganha bem.

Eu me sentava na cama, admirada, olhando Clotilde que contara a novidade:

– Mas ela tem uns quarenta anos, Clotilde! Mais de quarenta até; eu me lembro que era criança de vestido curto e ela já ia a bailes! Tem mais de quarenta, uns quarenta e cinco!

Olga intervinha falando maliciosamente:
-Pois é. Pra você ver; feia e velha, arranjou marido. Eu já disse pra Clotilde que não devemos perder as esperanças.

Clotilde ficava amuada:

– Ah! Ah! Não diga bobagens!

Isabel apareceu na porta do quarto comendo um pedaço de doce; fiquei zangada:

– Meu Deus! Olhe esta menina comendo doce quase na hora do jantar. Quem deu para você?

Ela não respondia e antes que tomasse o pedaço que tinha na mão, enfiava-o inteirinho na boca e olhava para mim com os olhos úmidos pelo esforço da mastigação. As tias riam, encantadas:

– A Isabel é um encanto; está parecida com Júlio.

– Mas os olhos são de Lola, veja um pouco.

– Os olhos e a boca; a boca é igualzinha à de Lola.

– Então é parecida com Lola.

– Não. A testa e o nariz são de Júlio. Repare bern.

-Isabel se impacientava e fugia; Júlio aparecia na porta do quarto, risonho:

– Não acabaram de contar as novidades? Falta muito ainda? E virava-se para mim:

– Como é o jantar, Lola? Não está pronto?

Saí correndo do quarto e mandei Durvalina pôr o jantar na mesa.

Depois do jantar, ficávamos conversando no canto da sala, falando sobre os conhecidos e parentes de Itapetininga. Eu perguntava:

– E tia Candoca como vai? Vocês me escreveram que ela tinha levado um tombo? Está melhor?

– A perna ficou inteirinha roxa, mas agora está quase boa. Você soube que o Juquinha caiu do cavalo?

– Não. Vocês não me escreveram nada. E machucou muito? Como é que vocês não mandaram contar?
– Não quebrou nenhum osso, mas esfolou muito a testa e o nariz; ficou inchado uns dias, depois sarou. Não mandamos contar porque estávamos para vir.

De repente Olga se lembrava de um caso e falava com entusiasmo:

– Sabe que a Doca fez as pazes com o Gumercindo? Vão se casar no mês que vem.

– Não diga! Pois quando brigaram, ela disse que preferia morrer a casar com ele!
– Pra ver. Fala sem pensar; estão agora muito entusiasmados com o casório.

– Quem havia de dizer!
As crianças, sonolentos, ficavam à nossa volta ouvindo prosa, sem quererem ir dormir; levava-os depois apressadamente para o quarto e punha-os na cama. Voltava para a sala para ouvir mais novidades; Júlio com o cachimbo esquecido no canto da boca, o jornal no colo, trocava uma ou outra frase com minhas irmãs, perguntando pelo tio e pelos conhecidos. Eu guardava os doces que mamãe tinha mandado; seis latinhas pequenas de goiabada em calda, seis pacotinhos de figos cristalizados, seis quadrados de pessegada e um bolo

mármore; calculava mentalmente quantos dias podia durar essa sobremesa. Havia uma pausa na conversa, um descanso, Júlio reiniciava a prosa:

– E o Soares como vai? Sempre metido a conquistador?

Clotilde e Olga olhavam-se embaraçadas, como quem pergunta: contamos ou não? E Clotilde resolvia:
– Ele agora anda atrás da Maroquinhas.

Júlio tirava o cachimbo da boca, um ar admirado, os olhos muito absortos; eu ficava com a lata de doce na mão, parada, sem saber o que fazer com ela. Olga acrescentava:

– Pois é. Pra que deu agora o sem-vergonha. Não presta mesmo.

Júlio afinal conseguia falar:

– A Maroquinhas do Chico? Uma mulher casada! É o cúmulo!

– É isso mesmo. A Maroquinhas do Chico. Não é uma vergonha?

Ficamos todos parados, mudos, sentindo a tragédia que se espalhava no ar como fumaça; reatávamos outra vez a conversação, mas o caso principal da noite voltava ao assunto imperiosamente. Eu dizia em voz baixa, como se tivesse medo de falar alto:

– Este mundo está perdido. Nem acredito, parece incrível Maroquinhas?
– A Maroquinhas está correspondendo. Dizem.

Olga falava revoltada:

– Mulher é idiota mesmo, acredita em homem; sempre desconfiei da Maroquinhas, sempre foi assanhada com os homens.

Durante meia hora comentávamos o caso, com medo da reação do Chico.

Afinal Júlio se levantava e se espreguiçava levantando os braços para cima:
– Bom. Vamos dormir? Quase dez horas!

Dispersávamos todos e antes de dormir, eu ia perguntar confidencialmente a Olga:

– E o Zeca como vai?

Olga fazia uma careta e virando o rosto para um lado, respondia:

– Não sei. Brigamos.

– Brigaram? Mas por quê? Não acredito!

Clotilde entrava no assunto:

– Briguinha de namorado, Lola. Qualquer dia fazem as pazes.

– Mas qual o motivo da briga? Vocês estavam tão firmes!

Olga explicava com ar contrariado:

– Não queria que eu viesse para S. Paulo Queria que passasse as férias lá mesmo. Imagine! Teimei em vir e ele ficou zangado. Passou dois dias sem aparecer e eu vim assim mesmo. Por que não pede? Se fôssemos noivos, eu não vinha.

Eu sorria:

– Essas briguinhas não são nada, qualquer dia estão noivos.

E dizendo boa noite, retirava-me para o quarto, onde Júlio já estava dormindo; eu me deitava e, no escuro, lembrava as novidades que tinha sabido e via passar na imaginação todos os amigos e conhecidos de Itapetininga. Via a Maroquinhas namorando o semvergonha do Soares; a Doca casando com o Gumercindo; mamãe mexendo o tacho de goiabada ou então espiando se os biscoitos de polvilho estavam assados, no grande forno de barro do quintal, afogueada, suando, um pano amarrado na cabeça, a tampa do forno na mão e com a pazinha de madeira na outra, virando os biscoitos um por um, franzindo a testa, os olhos meio fechados por causa do calor. Tia Candoca com a perna roxa espichada numa cadeira, dando um gemido de vez em quando: Ai, meu Deus! Todos

passavam na minha imaginação e tornavam a passar teimosamente, até que o sono vinha chegando aos pouquinhos e fechava meus olhos pesadamente.

***

Na primeira semana depois da chegada das minhas irmãs, trabalhamos muito em chapéus e vestidos para que elas pudessem sair. Os chapéus eram do ano anterior e estavam feios e desbotados; fizemos então umas armações de arame e talagarça e cobrimos com cetim como era moda naquele tempo. O de Clotilde com cetim cor de cinza e uma fita cereja; Q de Olga com cetim azul e umas florinhas azuis em toda aba. Depois que os vestidos também ficaram prontos, fomos visitar tia Emília, a “tia rica” como Júlio dizia. Era a irmã mais velha de papai e tinha se casado com um homem muito rico e importante; estava viúva há alguns anos já. Morava na Rua Guaianases e uma das principais perguntas de nossa mãe quando escrevia era: “Já visitaram tia Emília?” de modo que era um dever imprescindível visitar tia Emília porque mamãe lhe devia muitos favores. Um belo dia logo depois do almoço, fomos para a Rua Guaianases. No caminho, recomendei a Olga que não risse, nem olhasse para mim se aparecesse refresco de orchata ou se tia Emília falasse na origem das famílias paulistas. Era engraçada essa mania dela; sabia de cor a origem de todas as principais famílias e tinha uma memória prodigiosa para guardar nomes e datas. Tinha cadernos com as histórias dos fundadores de S. Paulo e quando via pessoas interessadas no assunto, não parava mais de falar. Olga prometeu.

O palácio da Rua Guaianases impunha respeito e medo; quando chegamos e tocamos a campainha, calculei mentalmente quantas vezes nossa casa cabia dentro daqueles jardins, a casa que ainda não era nossa e nem sabíamos quando terminaríamos de pagar os vinte contos restantes. Tia Emília era riquíssima e para nós seu palácio era um sonho das mil e uma noites com uma legião de criados, governantes tesas e compenetradas, grossos tapetes onde os pés se afundavam, cortinas pesadas como chumbo, mesas envernizadas com as pernas cheias de bolas e caras de gente. E os cavalos? Tinha uma carruagem puxada por dois cavalos castanhos e um cocheiro empertigado com uma grande cartola reluzente inclinada para um lado da cabeça. Dizia que havia de ter carruagem enquanto pudesse, detestava automóvel. E quando ela me visitava uma vez por ano e o carro parava em frente à nossa casa, as janelas das casas vizinhas enchiam-se de cabeças curiosas que ficavam olhando os majestosos cavalos baterem com força as patas do chão. O espetáculo era soberbo!

As crianças ficavam excitadas e começavam a entrar e sair a todo o momento, o que me deixava nervosa; Carlos e Alfredo ficavam com as mãos nos bolsos das calças, um ar imponente, andando de um lado para outro perto da carruagem, desafiando todos que passavam com olhares orgulhosos como se dissessem: “Não somos qualquer um, vejam as visitas que nossa mãe recebe”. E olhavam com admiração o cocheiro que parecia um rei sentado no trono. Felizmente as visitas eram curtas e eu ficava envergonhada de só oferecer café, que nem sempre ela aceitava.

No palacete, um criado de *libré* nos levou à sala particular, onde tia Emília recebia os íntimos e as pessoas da família. Sentamos com muita cerimônia na ponta das cadeiras de veludo e quando nossa tia entrou com ar majestoso, levantamos para cumprimentá-la respeitosamente. Ela já estava com uns setenta anos; era alta e tinha um ar imponente que colocava todos à distancia, parecia estar sempre recomendando: “Não precisa aproximarse, fale daí mesmo”. Perguntou pela nossa mãe, pelo meu marido e pelas crianças com certa polidez; depois perguntamos também pelos filhos dela. Contou histórias sobre os filhos mais velhos e os netos e disse que os dois filhos solteiros estavam viajando, na Argentina; se não fosse a guerra, estariam na Europa. Em seguida, tocou a campainha e quando o criado apareceu, mandou chamar as meninas; logo depois vieram as duas filhas que moravam com ela. “As meninas” tinham mais de cinquenta anos, uma era viúva e outra solteirona, muito quietas e concentradas. Tia Emília mandou depois uma das meninas tocar a campainha e virando-se para nós, perguntou suavemente:

– Gostam de orchata? Vou mandar vir.

Olhei as figuras do tapete e com os lábios cerrados, fiz um esforço tremendo para não rir; de repente percebi a cadeira de Olga estremecer e Olga começou a tossir; tossiu tanto que todas recomendaram xaropes; uma dizia que o de eucaliptos era melhor, outra ensinava outra coisa e finalmente a tosse cessou. Tomamos o refresco de orchata e tia Emília quis me pagar o dinheiro dos sapatinhos. Protestei:

– Não vim aqui para isso, tia Emília. Não tenho pressa de receber.

Mas ela pagou e fez outra encomenda para novos netos que estavam para chegar. Depois nos avisou que o casamento da última neta seria no fim do mês, na casa

dela, onde dariam uma recepção. Houve uma pausa e de súbito ela começou:

– Eu sei a história da família Lemos desde 1724; são de S. João de Atibaia e tiveram fazenda em Parnaíba. Houve um dom Francisco de Lemos nascido em Castela e casou-se com Isabel no ano de 1640. Isabel morreu e dom Francisco casou-se com Catarina de Mendonça e tiveram dois filhos, Baltasar e Jeronimo …

Uma das meninas interrompeu:

– Não foi um desses que casou com uma filha de Bartolomeu Bueno de Camargo?

– Pois é esse mesmo, o Baltasar. Tiveram sete filhos …
Olga me olhou com olhar suplicante como quem pergunta: “Será que vai nomear os sete?” Fiz que sim com a cabeça e Olga deu um suspiro fundo.

Tia Emília continuou:

– Uma das filhas desse casal foi Leonor que casou três vezes; a primeira vez casou com um viúvo Machado e teve três filhos. A segunda vez casou-se com Baltasar da Borba Gato (fez uma pausa para apreciar o efeito do nome); com o Borba Gato teve quatro filhos.

Uma das meninas que contava com os dedos o número de filhos da Leonor, levantou as mãos e mostrou sete dedos. Tia Emília continuou imperturbável:
– Um dos filhos do segundo matrimônio chamava-se Baltasar também e casou-se em 1710 na vila de Santo Amaro com Francisca de Sousa. Tiveram três filhos; creio que o Lemos do marido de Lola vem daí, descende desse Baltasar de Lemos. Um dos filhos casou na Vila de Itu que nesse tempo chamavam Outu.

Clotilde não pôde deixar de exclamar:

– Que memória, tia Emília! Como consegue guardar tudo tão bem? Nomes e datas?

Tia Emília riu, satisfeita:

– Ah! É porque gosto dessas coisas. É uma das minhas manias. Há gente que gosta de colecionar selos, ou leques, ou moedas; eu coleciono a origem dos paulistas. Gosto disso e tenho tudo escrito em cadernos. Desde solteira, eu me interessava por árvores genealógicas; seu pai não contava?

– Papai contava, mas nunca pensei que sua memória fosse assim prodigiosa. Esse Borba Gato é o mesmo da História do Brasil?

Tia Emília se animou, virando-se mais para Clotilde:

– Pois é o mesmo. O Baltasar teve uma filha Isabel, outra Mariana; esta foi casada com um Alcoforado, depois Maria que foi casada com um Baião. Teve um filho chamado Baltasar também, que se casou com Isabel Monteiro e …

Nesse momento entraram umas senhoras na sala e tia Emília se levantou para recebê-las. Apresentou-nos dizendo que eram da família Barros, de Itu, continuou explicando para as visitas:

– Estava contando às minhas sobrinhas a origem da família da mãe delas que é a mesma do marido da segunda, esta aqui, (e me mostrou). Estava justamente falando sobre os Lemos; tenho tudo escrito em cadernos. Os Barros também são meus conhecidos; há os Pais de Barros, os Aguiar Barros …

Umas das senhoras replicou:

– É extraordinária sua memória e admiro ainda mais como pode saber tudo com minúcias, com datas, sem esquecer nada. A senhora devia escrever um livro sobre as famílias paulistas, seria interessantíssimo.

Todas concordaram e tia Emília sorriu dizendo que já pensara nisso; a outra senhora disse:

– A nossa família descende dos Barros de Itu.
Tia Emília se entusiasmos:

– Justamente. O Cap. Fernão Pais de Barros casou-se em 1731 com Ângela Leite Ribeiro e tiveram vários filhos; o sétimo foi o Cap. Francisco Xavier Pais de Barros, de Itu; tinha o apelido de Capitão Chico de Sorocaba …

Uma das senhoras interrompeu com um sorriso:

– Pois era o nosso avô. Como a senhora sabe!

Tia Emília continuou cada vez mais animada:

– Ele foi casado três vezes; a primeira vez com Rosa Cândida de Aguiar Barros, a segunda vez com sua ex-cunhada Maria de Aguiar Barros e a terceira vez com Andreza Lopes de Oliveira.

Clotilde fez um elogio:

– É admirável, tia Emília!

Outra senhora perguntou:

– Não foi um desses que teve uma mina de ouro e conseguiu tirar uma arroba de ouro dessa mina?

– Pois foi; com essa arroba de ouro, ele comprou terras em Itu e voltou a S. Paulo, onde se casou com Maria Paula Machado, filha do …

Uma das filhas interrompeu:

– O primeiro desses Barros veio ao Brasil há séculos atrás, não foi, mamãe?

– Foi. O primeiro chamava-se Pedro Vaz de Barros. Veio em 1601 e foi vereador na Camara de S. Paulo. Imaginem, naquele tempo já era vereador, vejam como a família é antiga.

Todas ficamos admiradas e tia Emília continuou:

– Casou-se aqui na família Leme, descendente de uma família flamenga e o quinto filho desse casal foi Fernão Pais de Barros. Esse defendeu brilhantemente a praça de Santos do ataque dos holandeses; e recebia cartas do próprio punho do príncipe D. Pedro …

– Sua memória é prodigiosa e sua modéstia também, disse uma das senhoras com veemência.
Outra retrucou:

– É um verdadeiro tesouro ter na cabeça as árvores genealógicos dos paulistas!

Todas sorrimos e o criado entrou anunciando mais visitas. Minhas irmãs e eu nos levantamos e saímos; durante toda a tarde comentamos a visita, a memória de tia Emília, a festa do casamento da neta e tudo o que havia se passado.

Uns dez dias depois, um criado veio trazer um convite para o casamento; a casa ficou em alvoroço. Fui dizendo logo:

– Não vou; preciso de tanta coisa que não posso ir. Não tenho vestido bom, nem chapéu; pra falar verdade, só tenho um par de sapatos novos. Mas nem meias tenho.

Houve protestos veementes:

– Que absurdo perder essa festa magnífica! Nem pense isso; daremos um jeito, mas você e Júlio terão que ir.

Quando Júlio chegou essa tarde, falamos sobre a festa e mostramos o convite para a recepção. Júlio coçou a cabeça, desanimado:

– Parente rico só serve para fazer a gente gastar. Imagine como não vai sair cara a brincadeira só para ir lá e ficar meia hora: roupa, sapatos, automóvel …

Olga replicou:

—” Noblesse oblige”, acho que vocês devem ir. Tenha paciência, Júlio, imagine como vai ser bonita a festa e as coisas gostosas que vocês vão comer e beber!

Eu disse:

– Não, é melhor desistirmos. Nem quero fazer o cálculo das coisas que preciso comprar; com esse dinheiro compro roupinhas e sapatos para as crianças.

Minhas irmãs protestaram de novo:

– Não, vocês têm que ir. Onde se viu isso? Tia Emília ficará ofendida.

Júlio acabou concordando:

– Vamos pôr o coração à larga e vamos, Lola.

Clotilde olhou para mim dizendo:

– Eu tenho as meias novas, empresto a você Nem usei ainda.

Olga disse que me emprestava a bolsinha de miçangas que tinha ganho de uma amiga há muito tempo e Júlio me deu cinquenta mil-réis para arranjar o vestido. Há três anos já, eu tinha um vestido de renda marrom, feito para o casamento de uma filha de tia Candoca; então levei o vestido na costureira para ver o que ela podia fazer. Ela tirou o enfeite velho que eram umas tendinhas e enfeitou o vestido com fitas de veludo canário; estavam usando muito essa cor. Com o resto do dinheiro, comprei umas flores novas para meu chapéu de seda preta, comprei luvas para mim e, como Júlio estava se queixando que a gravata estava feia para um casamento, dei-lhe uma gravata nova. Comprou botinas novas também.

No dia do casamento, logo de manhã, chamei a cabeleireira para me pentear e ao meiodia eu estava com a cabeça pronta: ela levou uma hora enrolando e prendendo os cachinhos à volta da cabeça; meus cabelos eram compridos até à cintura e a mulher teve um trabalhão para prender tudo aquilo e dar um ar artístico.

Depois de pronto o penteado, fiquei desgostosa, achando minha cara enorme, parecia vespeira; mas não disse nada porque minhas irmãs estavam elogiando e dizendo que tinha ficado uma beleza. Aquilo me pesou o dia inteiro porque o casamento era às seis horas e tive que aguentar. Clotilde e Olga estavam nervosas, procurando lembrar todos os detalhes e comentando com gritinhos e exclamações. Tomaram conta das crianças para não me incomodarem, esfregaram pedra-pomes nas minhas mãos para amaciar a pele, passaram creme no meu rosto e no pescoço, me fizeram tomar um banho morno prolongado para ficar com as feições descansadas e às quatro horas, foram me ajudar a vestir. Primeiramente o colete; tanto me apertaram que as barbatanas entraram na carne,

pois eu tinha engordado muito ultimamente; para vestir o vestido foi uma luta porque tínhamos medo que desmanchasse o penteado. As crianças espiavam e perguntavam a todo o momento se podiam ver “mamãe pronta” e eu já estava impaciente. Era fim de dezembro e o dia estava quentíssimo; antes de estar completamente preparada, suava por todos os poros e o creme que Clotilde havia passado no meu rosto, escorreu todo, dando uma aparência deplorável. Júlio chegou nesse instante e começou a se vestir; disse que tinha tratado um automóvel para as cinco e meia e as crianças correram para esperar o carro no portão.

Olga tirou o creme do meu rosto com um pedaço de trapo e depois passou novamente outra camada; sentei então numa cadeira da sala para descansar e deixar de suar; tive vontade de mandar tudo às favas nessa hora, tirar a roupa, desmanchar o penteado, sentar no chão só de roupão em cima da camisa e tomar café com pão e manteiga.

Afinal chegou o momento de colocar o chapéu; Olga de um lado e Clotilde do outro, puseram o enorme chapéu de veludo preto e enfiaram os grampos emprestados por D. Genu; um era muito bonito. de marfim formando uma cabeça de cavalo. Deixaram para abotoar a gola do vestido à última hora; havia cinco barbatanas que deixavam meu pescoço bem esticado. Em seguida calcei as luvas e peguei a bolsa de miçangas com um lencinho de renda dentro. Quando olhei no espelho, mal me conheci; estava tão diferente de mim mesma, com tanto enfeite e tanta bugiganga. Clotilde e Olga não se cansavam de me admirar e chamaram D. Genu para me ver. Vieram D. Genu, as filhas moças e as crianças; todos ficaram à minha volta, falando e comentando; D. Genu disse que era uma pena eu não ter uma jóia, mas Olga respondeu que Maria Borralheira também não tinha jóia e foi a mais bonita do baile, e que em casa de tia Emília todos perguntariam aos donos da casa:

– Quem é aquela senhora de vestido marram e fita canário? Com um chapéu de veludo preto?

Tal o sucesso que iria fazer. Júlio apareceu na sala mancando um pouco e se queixando que o casamento ia ser uma cacetada porque não conhecia ninguém e além disso as botinas novas estavam apertadas; gente rica só servia para isso: fazer os pobres gastarem. Prometeu que lá não mancaria. Todos elogiaram a roupa escura e a gravata nova; percebi que as botinas rinchavam e fiquei horrorizada. Nem por sombra parecia o Príncipe Encantado da Maria

Borralheira. A última hora, apareceu uma pequena dificuldade; minhas irmãs eram de opinião que o automóvel esperasse no portão do palacete até a festa se acabar. Júlio achava que isso era luxo e ficaria caríssimo. Olga ponderou:
– Mas quando acabar a festa, vocês saem de lá cansados e não encontram automóvel para voltar. Fica até feio andar assim pelas ruas “Noblosse oblige”, acho que deve ser assim.

Júlio coçou a cabeça com cuidado para não tirar o cabelo do lugar,

– Mas quanto o homem irá cobrar? Vai ser um dinheirão, já tantas despesas.

Clotilde disse:

– Deixe que eu vou falar com o chofer, – espere aí.

Logo depois voltou dizendo que tinha pechinchado um pouco e o homem deixara por 12 $000; ao princípio estava firme nos 15, mas acabara cedendo.

Júlio tirou todo o dinheiro que havia nos bolsos e somou: não dava. Fui então na minha gaveta de economias onde rodavam sempre alguns níqueis e juntando tudo, conseguimos reunir o dinheiro justo. Entramos no carro que esperava na porta, acompanhados de toda a vizinhança que foi ver a nossa saída sorrindo e dizendo adeusinho com a mão, ao mesmo tempo invejando nossa sorte por comparecermos a uma festa da alta sociedade. Eu nem me mexia durante o trajeto com medo de desmanchar o cabelo ou entortar o chapéu.

***

Na Rua Guaianases, uma fila interminável de automóveis passava majestosamente, deixando os convidados na porta do palacete. Descemos um pouco nervosos e entramos com passos miúdos e solenes, atravessamos urna parte do jardim e fomos ao salão principal, onde já estavam muitos convidados. Vi de longe tia Emília e uma das meninas que sorriram para nós.

Olhamos à nossa volta e como não conhecêssemos ninguém, ficamos quietos num canto, esperando os noivos e o resto. De repente, ouvimos uma música muito suave e abriu-se uma porta de vidro que dava para o salão; vimos então a noiva dando o braço ao pai e caminhando lentamente para o altar que estava

armado no fundo do salão. Achei tudo tão bonito, a noiva com um lindo vestido, a música, as flores, os perfumes, os convidados atentos e silenciosos, até tive vontade de chorar. Meus olhos encheram-se de lágrimas e disfarçadamente tirei o lencinho de renda e enxuguei-os fingindo que estava enxugando a testa.

Fez-se um longo silêncio e começou a cerimônia; nós não ouvíamos nada porque estávamos longe, apenas um sussurro perto do altar e um movimento de cabeças. Depois ouvimos a voz do padre fazendo o sermão; ouvíamos uma ou outra palavra: “Sacramento”, “Sagrado”, “Amai-vos” e “Filhos”. A mãe da noiva chorou durante todo o sermão, via-lhe apenas o queixo e a papada tremerem, depois enxugou o nariz ruidosamente.
Júlio de vez em quando, cochichava ao meu lado:

– Que estopada! Meus calos estão horríveis, as botinas me apertam como o diabo.

– Quem mandou comprar botina apertada? Agora aguente.

Logo depois começaram os abraços e toda aquela multidão movimentou-se e falou; outras portas foram abertas e nos dirigimos para o salão de jantar, os noivos na frente. Nesse salão, havia uma mesa enorme carregada de doces belíssimos. No centro, uma pirâmide de fios de ovos de um metro de altura; uma beleza. Fiquei assombrada com tanto luxo e não quis perder um detalhe. Com dificuldade chegamos ao lado dos noivos que se colocaram no centro da mesa e apertamos-lhes as mãos, desejando muitas felicidades; eles não nos conheciam, mas agradeceram sorrindo muito cortesmente. Também estavam ali para isso: agradecer e sorrir.

Começaram a circular entre os convidados uns criados de uniforme com bandejas cheias de taças de champanha; os olhos de Júlio brilhavam na direção das taças. “Agora sim, ele esquece os calos”, pensei. Falamos depois com tia Emília, prima Adelaide, prima Justina que nos apresentaram os pais da noiva; tia Emília perguntou por que minhas irmãs não tinham ido, eu disse que estavam com enxaqueca e ela sorriu — não podia dizer que não tinham roupa. Todos eram amáveis e perguntavam a todo instante se tínhamos comido peru e bebido champanhe. Às sete horas, todas as luzes se acenderam e tive a impressão de que estava num castelo encantado; os noivos voltaram então para o salão e dançaram uma valsa lenta; depois todos dançaram mazurcas e polcas.

Vi Júlio mancar um pouco quando atravessou o salão, fiz-lhe um sinal imperceptível para que não mancasse. Ele não entendeu e perguntou de longe: “O que há?” Fiquei muito vermelha e sorri para ele, dizendo que não era nada; depois me aproximei disfarçadamente e falei-lhe ao ouvido: “Você está mancando, e você me prometeu não mancar”. Ele se virou para mim e respondeu: “O que você quer que eu faça, meu calo está danado”. Tornei a falar: “Mas você prometeu, Júlio, fica feio”. Ele disse: “Então não mancarei mais”.

E sorrimos um para outro, cordialmente. Fui ficar ao lado de umas Senhoras que estavam vestidas com menos luxo e comentamos a beleza da festa; enquanto isso, eu reparava nos vestidos que passavam ao nosso lado: eram belíssimos! Uns com pastilhas de ouro, outros com pastilhas de prata, outros ainda com diamantes no cinto e na blusa; a maioria com caudas farfalhantes de tafetá e cetim que estalavam quando passavam perto. O meu pobre vestido com fitas cor de canário que minhas irmãs tinham achado encantador, fazia um triste papel naquela brilhante reunião.

A metade dos convidados estava na sala de jantar, comendo e bebendo; nós também começamos a comer e experimentei todos os doces da mesa, um por um. Alguns eu nunca vira antes. Experimentei uma bebida que chamavam de ponche e eu nunca tinha bebido; serviam em copos pequenos, com asas, e um criado a tirava majestosamente de uma espécie de sopeira grande com uma concha de prata. No fundo do copo sobravam uns pedacinhos de frutas e fiquei imaginando de que modo podia tirar aquelas frutinhas. Olhei à volta para ver se havia colherinhas próprias e como não havia, tive um desejo louco de enfiar o dedo no copo e comer com a mão os pedacinhos de maçã e uvas; então pedi ao criado que servia, mais um pouco da tal bebida e sacudindo disfarçadamente a canequinha do vidro, virei-a depressa na boca para ver se as frutinhas vinham; assim mesmo ficaram algumas que não consegui tirar do fundo.

Com o calor e tanta bebida e comida, comecei a sentir um abafamento e o colete me apertava tanto que parecia que eu ia arrebentar; disse então à prima Adelaide que queria subir um pouquinho para consertar a alça da combinação que tinha escapado e ela mandou imediatamente uma criada me levar ao banheiro, em cima Quando me vi no espelho, fiquei horrorizada; meu rosto era uma pasta de creme, pó de arroz e carmim, tudo meio escorrido. Passei uma toalha de leve pelo rosto e tirei toda a pasta suada, depois passei um pouco de talco que achei no banheiro e assim sulquei com melhor fisionomia. Desapertei um cordão do

colete e fiquei tão aliviada que tive vontade de dançar; desci novamente e vi Júlio com um copo na mão, conversando animadamente com um senhor gordo e calvo, olhando as danças. Pensei assustada: “E se Júlio ficar bêbedo?”

Voltei para a sala de jantar e fui novamente comer e beber; então sem ninguém perceber, escorreguei seis balinhas na minha mão, e apertei-as no lenço de renda para minhas crianças.

Às nove horas, os noivos já haviam desaparecido e muitos convidados começaram a sair; despedimo-nos também e saímos. Júlio mancava horrivelmente e as botinas linchavam, mas ele nem se importava, eu empurrei o chapéu para trás para aliviar a testa molhada de suor. Encontramos nosso chofer um pouco nervoso e falando com os outros animadamente. Júlio perguntou o que havia e ele respondeu com grandes gastos.

– Non abbiamo curpa má il preço è moita diferente. Sono andato portare il capelano e sono voltato qui Sono mas cinqui milaréis.

Júlio olhou-o com olhos arregalados:

– O quê? Foi levar o capelano? Mas que tenho eu com isso? Pago o que tratei e acabouse.

– Ma qui me paga allora? Non posso avere prejudizio; non vadia via senza mio denaro.

Júlio foi se exaltando:

– Ora, ora, ora! Você está com besteiras. Pago o que tratei e nem um tostão mais. Vamos, Lola.

Perguntei:

– O que ele disse de capelano?

– É o padre. Padre capelão. Disse que foi levar o padre e quer mais cinco mil-réis pelo serviço.

O chofer juntou – os cinco dedos da mão direita perto do rosto de Julio e respondeu, zangado:

– Mi hanno mandato portare li padre. Voglio mio denaro.

Pigarreou alto e puxou as calças para cima num gesto brusco com as duas mãos. Segurei o braço de Júlio:

– Vamos deixar de discutir e vamos embora. Não adianta.

Mas Júlio estava cada vez mais exaltado e voltou-se para o italiano:

– Olhe aqui, eu também não tenho culpa se ocuparam seu automóvel, mas não tenho nada com isso. Pago o que tratei. Vamos embora.

– Non vado via senza mio denaro. Qui me paga aflora? Per la Madona!

Começou a juntar gente à nossa volta; outros choferes, pessoas que iam passando e convidados que deixavam a festa. Tornei a puxar Júlio por um braço; falei baixo:

– Por favor, Júlio, vamos embora e deixe de discutir. Não faça escândalo.

Júlio gritou mais:

– Quem paga você? Sei lá quem vai pagar você, italiano. Eu pago o que devo. Dê a manivela nessa geringonça e me leve para casa.

O homem olhou zangado e deu uma cusparada para o lado:

– Per la Madona! Non vado via senza mio cinqui milaréis. Io sono andato portare il capelano. Mi hanno mandato.

– E eu tenho a culpa? Nem conheço o capelano. Toca pra casa.

As pessoas à nossa volta começaram a comentar o caso em voz alta; uns eram contra Júlio e outros a favor. O chofer estava firme e de vez em quando dava uma sacudidela violenta na calça para pô-la no lugar outra vez. Pigarreava,

levantava os braços, juntava os dedos e quase encostava a mão em nós, dizendo: “Má quê! Má quê!”

Eu cada vez mais nervosa, agarrava o braço de Júlio convidando-o para ir embora; Júlio me disse, aborrecido:

– Mas ir embora de que jeito? Esse desgraçado quer mais dinheiro e não tenho um tostão mais no bolso!

Eu suava cada vez mais; alguns convidados que deixavam o palacete, olhavam admirados para o nosso grupo. O chofer estava cada vez mais valente e Júlio cada vez mais exaltado. Dizia:

– Deixe de contar prosa, italiano e vamos embora.

– Voglio mio denaro. Sono andato portare il padre.

– Mas não tenho seu dinheiro.
– Non son venuto qui por avere prejudizio.

– Mas não mandei você levar o padre. Não tenho nada com isso.
Outra cusparada para o lado, essa mais longe ainda. Grandes gestos, vozes alteando mais e mais, eu agarrada no braço de Júlio:

– Por favor, Júlio, vamos embora. Não brigue.

O grupo à nossa volta ficava cada vez maior, todos discutiam alto. O chofer endireitava as calças e olhava desafiadoramente para o nosso lado. Resmungava:
– Per la Madona! Non son venuto qui por avere prejudizio. Io ho fatto ei lavoro. Mio denaro.

– Eu dou o que devo, não dou mais.

– Mas io ho fatto il lavoro. Sono andato portare il padre.

– Mas não tenho nada com isso.

– Voglio mio denaro. Per la Madona!

– Mas …

Nesse instante, apareceu um criado do palacete de tia Emília e veio saber o que havia; dei graças a Deus. Aconselhou o chofer que não discutisse e receberia o dinheiro imediatamente. Voltou correndo e trouxe logo a quantia certa. Entramos então no automóvel e fomos finalmente para casa. Minhas irmãs e os dois meninos mais velhos esperavam na sala te jantar para ouvir as novidades. Quando chegamos, Júlio pagou o que tinha tratado e quis discutir de novo. Começou:

– Olhe aqui, chofer …

Mas eu dei um apertão no braço dele:

– Júlio!

E ele desistiu. Desci com o chapéu na mão, já aliviada e ele entrou em casa de meias, carregando as botinas e ainda sacudiu uma delas para o automóvel que se afastava, dizendo:

– Per la Madona!

Quando sentamos nas nossas cadeiras e Júlio estendeu os pés doloridos na cadeira da frente, demos um fundo suspiro de satisfação.

Logo depois fui para o quarto e desmanchei a vespeira, coçando a cabeça com as duas mãos num frenesi; em seguida enfiei os pés numas chinelas velhas, tirei o vestido e o colete e vestindo um roupão de chita, voltei à sala para contar a Clotilde e Olga, o sucesso do casamento.

Olga perguntou logo:
– E então? Seu vestido fez furor? Foi muito apreciado?

Tive pena de dizer que ninguém reparou em mim, nem no vestido, então falei toda risonha:
– Não fez propriamente furor, mas repararam nele e várias senhoras perguntaram onde eu tinha feito.

Clotilde riu-se dizendo:

– Logo vi; estava mesmo uma beleza. E você bancou a Maria Borralheira?

Hesitei um pouquinho e achei que era mentir muito, então respondi:

– Ah! Isso não, Clotilde. Isso é demais. Lá havia lindos vestidos vindos da Europa, uns prateados outros dourados, outros cobertos de brilhantes …

Impressionadas, minhas duas irmãs abriram muito os olhos diante da minha narrativa e enquanto Júlio e os meninos foram se deitar, fiquei no canto da sala, falando, falando sem parar, até onze e meia da noite.

***

No dia seguinte, o jornal trouxe uma longa lista de presentes recebidos pelos noivos; era mais ou menos assim: “Um colar de pérolas da mãe da noiva”, “um lindo aparelho de jantar de porcelana finíssima do pai do noivo”, “um cheque do Dr. Fulano de Tal, irmão da noiva”, “um bracelete de brilhantes e rubis do noivo à noiva”, “uma carteira de ônix cravejada de pérolas da noiva ao noivo”, “um rico aparelho de jantar de porcelana da China da avó da noiva”, e no fim da lista, havia uma frase que gostei muito e minhas irmãs bateram palmas quando leram: “Uma bandeja de prata com copos de cristal do Sr. Júlio Abílio de Lemos e Senhora”.

O jornal dizia que a bandeja era de prata e os copos de cristal, o que me encheu de satisfação pois, na loja onde comprei, foi o que achei de mais barato em matéria de presentes. Comprei com o dinheiro das minhas economias às escondidas de Júlio e quando ele leu, sorriu sem dizer nada, sacudindo os ombros, como quem diz: O dinheiro é seu, faça o que quiser.

À tarde, as vizinhas vieram saber pormenores da festa e eu contei tudo o que tinha visto e inventei também alguma coisa, pois queriam saber detalhes que eu não tinha reparado; Olga e Clotilde dobraram o jornal religiosamente para levar para mamãe ler e mostrar a todos em Itapetininga.

Dois dias depois, Júlio me fez uma grande preleção sobre economia, dizendo que não podíamos desperdiçar dinheiro porque tínhamos o grave compromisso da casa e que o presente que eu havia comprado para a neta da tia Emília, fora um desperdício; seria muito melhor que, com esse dinheiro, comprasse roupinhas para os meninos; que os ricos desprezam os pobres e que o presente que eu tinha comprado com sacrifício, seria atirado numa prateleira da despensa, ou serviria para o chofer beber água. Olhei Júlio sem replicar, admirada de tanto egoísmo, pois todos os sábados ele dizia que tinha balanço na loja para minhas irmãs não desconfiarem e voltava sempre de madrugada completamente embriagado. Eu mesma tirava-lhe as roupas para que as crianças não o vissem no dia seguinte dormindo vestido e mais de uma vez, encontrei nos seus bolsos, notas de cerveja, bifes com batatas e ceias entre amigos. Podia ter respondido que a última nota que encontrei, dezessete mil e oitocentos só de cerveja, dava também para comprar roupinhas para os filhos, mas nada respondi com medo do seu gênio impulsivo.

Em princípios de Janeiro, Olga e Clotilde se prepararam para voltar a Itapetininga; partiram levando Carlos e Alfredo para passarem o fim das férias com mamãe; era a primeira vez que me separava dos meus filhos e fiquei tão desnorteada no primeiro dia que fiquei girando pela casa de quarto em quarto sem saber o que fazer e acabei chorando na cadeira de balanço, com Isabel no colo.

Comecei então a trabalhar ativamente para ajudar Júlio a pagar a casa; tínhamos pago apenas cinco contos que foi o que Júlio recebeu pela morte do pai; estávamos devendo ainda vinte contos que seriam pagos anualmente durante dez anos. Precisavamos pagar dois contos e quinhentos por ano e isso nos fazia perder o sono muitas noites, porque, se no fim do ano não tivéssemos dinheiro para pagar, perderíamos a casa e eu disse a Júlio que preferiria morrer a perder aquela casa e trabalharia quanto fosse preciso, mas a casa seria nossa. Equivalia a um aluguel de 208 $300 por mês e, como até àquela data, tínhamos residido em casas de 120 $000, essa idéia nos aniquilava; percorremos todos esses anos com uma única idéia no pensamento: “Trabalhar para pagar a casa.” Às vezes eu pensava em quanto seríamos felizes no dia em que a casa fosse nossa e não tivéssemos mais esse pesadelo; seria um grande dia.

No fim das férias, os meninos voltaram, mais fortes e corados; vieram contando proezas, principalmente Carlos que falava muito; Alfredo só fazia sim ou não com a cabeça.

Assim foram passando os meses. Eu trabalhava muito, às vezes até tarde da noite para entregar uma encomenda no dia seguinte e amanhecia sempre com dor de lado ou dor de cabeça. Mamãe escrevia que fosse vê-la e descansar um pouco, pois ela sabia que eu trabalhava muito. Prometi ir nas férias seguintes com as crianças: então em julho recebi uma cartinha de Olga contando que estava noiva do Zeca e se casariam no fim do ano. Fiquei muito contente com essa notícia; comprei uma peça de morim na loja onde o Júlio trabalhava e preparei uma surpresa para Olga; fiz camisas debruadas com rendinhas, calças, combinações e por fim comecei a bordar um par de fronhas para o dia. Tudo isso deu muitíssimo trabalho porque eu não recusava encomendas de sapatinhos e paletozinhos pois precisava ganhar algum dinheiro.

***

Um dia o jornal trouxe a notícia da morte de uma das filhas de tia Emília; era uma das “meninas”, a prima Justina. Eu disse a Júlio que precisávamos ir, mas ele não quis, que aquilo era uma xaropada e que iria no enterro no dia seguinte. Fui sozinha. Vesti um vestido preto e fui depois do jantar para a Rua Guaianases; tia Emília estava inconsolável, o rosto vermelho e inchado de tanto chorar. Mal falei com ela e fiquei sentada num canto, muito quietinha. Entravam a todo o momento pessoas que eu não conhecia, atravessavam o salão na ponta dos pés e iam falar com tia Emília que estava no centro, ao lado do caixão, rodeada dos filhos e parentes. Fiquei ali uma hora e tanto, depois me levantei e fui para outra aula; o ar estava abafado e um cheiro forte de flores predominava. Nessa lula, a prosa era animada; conversavam e riam; então me convidaram para ir tomar um café na sala de jantar; havia gente em todos os cantos da sala e uns conversavam a meia voz, outros em tom alto. Muitas senhoras se encontravam depois de não se verem há muito tempo; faziam exclamações de alegria e trocavam beijos:

– Como vai?

– Vou bem. Há quanto tempo não nos víamos?

– Nem sei. Creio que há mais de um ano, desde o casamento de Laura. Foi mesmo. Estivemos juntas a última vez no casamento de Laura.

– Será possível? E como vai Laura?

– Vai bem; com um filho e meio. Espera o outro para o fim do ano.

Riam-se alegremente, depois lembravam-se da morta, e seus rostos tornavam-se consternados, baixavam a voz. Mas a prosa continuava:

– E seu irmão como vai? Era úlcera mesmo que ele tinha?

– Era. Fez regime durante muito tempo e está bom. Pelo menos se livrou de operação. Sabe que quando arrebentou a guerra, ele estava na Europa?

– Que horror! Como foi? Como conseguiu fugir?

– Estava na Bélgica quando ela foi invadida. Em Bruxelas. Assistiu todo aquele movimento; esteve a noite inteira diante do palácio do Rei esperando o Rei dar a resposta aos alemães. O povo todo excitadíssimo; foi um horror, não podia receber dinheiro para embarcar; levou dias esperando; o país todo em expectativa. Era de madrugada quando o povo todo estava em frente ao Palácio e o Rei deu a resposta aos alemães: Não passarão. Foi um delírio em toda a cidade, ninguém dormiu, todo o mundo aclamando delirantemente, o Pedroca assistiu tudo.

– Não sabia. Depois conseguiu vir?

– Recebeu dinheiro e embarcou depois de muitas peripécias; só vendo o que ele conta. Soube que o Quincas morreu?

– Quem? O Quincas Santos? Sabia que estava doente, mas não que tinha morrido.

– Morreu na Europa. Lembrei-me dele porque falamos na Europa. Morreu tuberculoso, na Suíça.

– Não sabia. Coitado. Mas foi de repente?

– Já estava doente há muito tempo, há mais de um ano; ninguém falava nada, guardaram segredo na família.

– Tolice guardar segredo dessas coisas. O que adiantou?

– Pois é. Agora a família está aí e dizem que eles não estão muito bem de finanças. Parece que os negócios ficaram atrapalhados.

– Eram tão ricos.

– É, mas com dinheiro não se brinca.

Entravam outras pessoas e tomavam café que os criados serviam. Havia um silêncio, depois novo sussurro de vozes e exclamações abafadas. Perguntavam:

– Afinal, de que ela morreu?

E apontavam disfarçadamente o salão. Um dizia:

– Não sei. Dizem que foi do coração.

– Foi sim. Coração. Há muito tempo estava com uma, lesão bem adiantada. Teve várias síncopes e não voltou da última.

– Coitada. Ninguém escapa, não?

– Ninguém. É o fim de todos nós.
– É verdade.

De repente ouvi uma voz conhecida atrás de mim:

– É Lola? Como vai, Lola? Há quanto tempo não via você.

Era tia Elvira, outra irmã de meu pai. Era pobre também e morava em Santos. Fiquei satisfeita de encontrar alguém com quem falar:

– Oh! Tia Elvira! Como vai a senhora? E os seus?

– Graças a Deus todos bons. E sua mãe como vai? Continua trabalhando muito?
Começamos a falar alegremente sobre as pessoas da família quando ouvimos vozes chorosas vindas do salão; baixamos então a voz e depois ficamos quietas.

Mas tia Elvira era incansável em saber novidades; queria saber se meu marido estava bem, se ganhava bastante, se a casa já era nossa, que idade tinham meus filhos, em que colégio estavam, qual a qualidade de doces que mamãe gostava mais de fazer e se tinha encomendas todos os dias. De repente, ela parava um pouco de falar, fazia um rosto sério, suspirava e dizia:

– Coitada da Justina. Sofreu bem.

Seu peito subia e baixava com os suspiros que dava; era um peito cheio e imponente. Majestoso. Quando via um conhecido, cumprimentava sorridente e ficava séria outra vez, o rosto tristonho; suspirava:

– Coitada da Justina.

Mais tarde, uma das netas de tia Emília nos levou para a copa e tomamos um prato de canja. Era meia-noite Ficamos lá muito tempo, bebendo vinho do Porto e tomando café. Tia Elvira formou uma rodinha de parentes e conversou com animação durante mais de uma hora; de vez em quando se lembrava de prima Justina, e seu peito subia e descia, arfava em suspiros tristes.

À uma e meia, quase todos tinham se retirado e ficou só uma meia dúzia de pessoas à volta do caixão. As velas nos castiçais de prata tremiam de vez em quando como se um vento invisível soprasse sobre elas; a cera escorria tristemente e formava montões sobre os castiçais. Ouvia-se o crepitar suave das chamas que ardiam. Eu olhava o rosto da defunta; era um rosto inexpressivo como fora em vida; morena, feia, cabelos brancos, tristonha. Em toda sua vida só tivera dinheiro, mas o dinheiro não compensara a falta de outros bens como a beleza e o amor. No casamento não fora feliz, nem infeliz; fora igual a tantas outras mulheres. Enviuvara cedo e voltara a residir com a mãe; não tivera filhos para suavizar sua árida e seca velhice. Toda a sua vida havia sido plácida como um lago escuro, sem ondas, perdido numa planície deserta; e agora ali estava deitada entre velas que ardiam mansamente, as mãos cruzadas sobre o peito. A fortuna não a defendera da moléstia, da infelicidade e da morte.

O cheiro das flores era tão violento às vezes que sufocava; alguém abriu uma janela atrás de mim e o ar frio da madrugada começou a invadir o salão e a refrescar o ambiente, levando para longe o cheiro persistente de flores murchas.

Convidaram novamente para comer alguma coisa; na copa havia um prato de sanduíches, bolo e café. Enquanto comia sozinha, lembrei-me de que uns meses antes ali estivera festejando um casamento; houvera também flores, bolos e movimento. Estava agora diante da morte, mas uma afinidade qualquer unia as duas cerimônias, era um ponto de contacto quase impalpável, mas existente. Em vez de parabéns, a gente dava pêsames; em vez de rosto alegre, fazia um rosto triste; mas todos procuravam os donos da casa e diziam umas palavrinhas, tanto no casamento como na morte. Todos apertavam-se as mãos, abraçavam-se, as mulheres trocavam bolos; e sempre flores, muitas flores.

Quando o dia chegou e os primeiros bondes começaram a circular, sai sem falar com ninguém e fui para casa, descansar. Dormi um pouco; e depois do almoço, Júlio saiu para ir ao enterro; foi de roupa escura, gravata preta, queixando-se de que aquilo era uma grande estopada, mas foi.

III

E ASSIM chegou o fim do ano. Preparei-me para seguir para Itapetininga; em fins de novembro estava tudo pronto e eu tratei da minha viagem. Pedi à Durvalina que tomasse conta da casa na minha ausência, pois Júlio comeria fora, preparei minhas crianças, fiz roupas novas para todos, e com malas, trouxas, pacotes, e filhos, tomei o trem para Itapetininga no dia primeiro de dezembro de 1915.

A temporada lá foi muito alegre por causa dos preparativos do casamento que estava marcado para o dia 31; tínhamos sempre muitas visitas que iam me ver e perguntavam tanto sobre nossa casa da Avenida Angélica como se ela fosse um palácio. As crianças aproveitavam muito e corriam no quintal o dia inteiro, aos gritos; um dia Alfredo caiu de uma ameixeira e torceu o pé. Ficamos muito aflitos e pensamos que tivesse quebrado algum osso; eu já estava imaginando de que modo escreveria a notícia a Júlio, quando o Zeca examinou melhor o pé e disse que não estava quebrado; era uma torcedura. Alfredo teve de ficar quase uma semana com a perna estendida; resmungava e chorava, furioso por estar preso, mas no fim da semana ficou bom e corria como os outros.

O vestido de casamento de Olga foi feito numa boa costureira e ficou bem bonito; era de gorgorão, enfeitado de tendinhas. A roupa branca para o dia foi feita por nós mesmas e deu trabalho porque era toda enfeitada com preguinhas estreitíssimas, muito delicadas. O casamento foi realizado de manhã para os noivos embarcarem cedo para S. Paulo; assim também ficou mais econômico porque, em vez de mesa de doces, oferecemos um chocolate acompanhado de bolos, sequilhos e biscoitos de polvilho. Júlio chegou na sexta-feira à noite e a cerimônia foi no sábado pela manhã, em casa de mamãe. Nessa noite ninguém dormiu quase, a não ser as crianças; eu e Júlio ficamos arranjando o altar até depois da meia-noite; pusemos uma toalha branca bordada sobre uma mesinha, depois uns vasos com camélias e jasmins de cada lado da mesinha e no centro um crucifixo de prata, emprestado por tia Candoca, a irmã de mamãe. Colocamos na parede, até uma certa altura, uma toalha branca pregada com tachinhas e isso demorou porque as tachinhas não seguravam a toalha e Júlio foi ficando impaciente; então pregou pregos em vez de tachinhas e mamãe reclamou dizendo que os pregos rasgariam a toalha e de fato rasgaram um pouco, o que me contrariou bastante.

Para tapar os pés da mesa, pusemos outra toalha que ia até embaixo, com uma renda larga à volta toda e no chão colocamos um tapetinho, emprestado por uma amiga nossa vizinha. Depois disso, fui engomar o vestido de Isabel e passar a camisa de Júlio, pois durante o dia não tivera tempo por causa do casamento civil e outras coisas. Enfim fui me deitar às duas horas da manhã e acordei de madrugada com o barulho de mamãe fazendo biscoitos de polvilho no forno de barro; queria que fossem quentinhos para a mesa. Às seis e meia, todos já estavam de pé e eu fui vestir as crianças; comecei por Carlos, depois Alfredo, Julinho e Isabel. Cada um que eu aprontava, punha sentado no sofá da sala e dizia: “Fique quieto aí e não se mexa”.

Ficaram mais ou menos quietos; Isabel parecia um repolhinho porque era gorda e com o vestido branco bem engomado e armado, parecia um repolho ou uma flor. Depois Clotilde e eu fomos vestir e pentear a noiva; de vez em quando, eu ouvia uma vozinha na sala:

– Mamãe, Julinho saiu do lugar e está passeando na sala.

Eu gritava do quarto:

– Julinho, assim você não assiste à festa.

Depois a voz de Julinho:

– Mamãe, Alfredo quer dar em Carlos; estão querendo brigar porque Carlos chamou Alfredo de Fedo.

Eu aparecia na porta da sala:

– Fiquem quietos, senão acabam apanhando.

Depois ouvi o choro de Isabel; furiosa porque Carlos disse que ela parecia uma couveflor. Os outros começaram a gritar:

– A banda está tocando! Olhe a banda: Ta-ra-ta-chim-chim-chim!

Todas as vezes que Isabel chorava, diziam que a banda estava tocando e imitavam o choro dela. Pedi a Júlio:

– Pelo amor de Deus; tome conta das crianças.

Júlio estava pronto e sentou na sala, esperando os convidados; as crianças estavam assanhadas e levantavam a todo momento para espiar na porta da rua e ver quem chegaria primeiro. De repente gritaram:

– Olhe o Zeca! O Zeca vem vindo! Olhe o noivo!

O Zeca entrou um pouco nervoso, enfiado numa roupa preta, os cabelos lustrosos, botinas novas, gravata nova.

No quarto, Olga estava quase pronta; quando colocamos o véu, ficou muito bonita, mas um pouco pálida; passamos então carmim nas faces e ficou muito melhor, com um aspecto alegre e saudável.
A cerimônia realizou-se às nove horas, entre pessoas íntimas e parentes; compareceram os pais e irmãos do Zeca, nossa tia Candoca e os filhos, o tio de Júlio e umas quatro amigas de Olga. Correu tudo muito bem, mas o padre fez um sermão um pouco longo; quando terminou, todos estavam cansados e suando por causa do calor e das velas do altar. Mamãe enxugava as lágrimas que teimavam em correr dos seus olhos, misturados com suor; todos estavam com um ar solene e comovido. Fomos depois à salinha de jantar e servimos um vinho do Porto para beber à saúde dos noivos; depois oferecemos café e chocolate com bolos. Quando os convidados começaram se retirar, Olga trocou o vestido de noiva por um vestidinho de viagem azul-marinho com gola branca, enquanto o Zeca também foi trocar de roupa. Às onze e pouco, embarcaram para S. Paulo, alegres e cheios de esperanças.

***

Embarcamos no dia seguinte e depois de uma viagem fatigante, quente e poeirenta, chegamos a S. Paulo; as crianças perguntavam de cinco a cinco minutos: “Será que ainda não chegamos? Falta muito ainda?”

Nossa casa deu-nos a impressão de um oásis num deserto árido cheio de areia e calor; estava fresca, limpa e agradável. Os meninos começaram a correr de um

lado a outro numa grande satisfação. Durvalina estava sentada nos degraus da escada, esperando. Fomos para a cozinha preparar um jantar rápido e como eu havia trazido alguma coisa de Itapetininga, em meia hora estava tudo pronto. Tomamos banho de chuveiro e sentamos para jantar; enquanto comíamos, comentávamos o casamento de tia Olga e a viagem.

Dias depois, Olga e Zeca passaram por S. Paulo, de volta da lua-de-mel em Santos. Jantaram conosco e estavam tão contentes e fazendo tantos planos risonhos para o futuro que pareciam duas crianças, apesar de não serem já tão jovens.

Depois desse acontecimento, continuamos a mesma rotina de sempre; Júlio na loja de fazendas e eu com meus tricôs. Nesse princípio de ano, elevaram Júlio a gerente da loja e isso foi maravilhoso para nós. As crianças compreenderam que o pai tinha escalado um lugar mais importante na loja e ficaram orgulhosas, principalmente os dois mais velhos; eu me lembro que esse inverno foi muito longo e rigoroso. Nós nos reuníamos todas as noites na sala de jantar e ficávamos conversando; Júlio proibiu os meninos de brincarem na calçada nessas noites geladas de inverno, quando a garoa cinzenta caia como um véu sobre toda a cidade, envolvendo as casas, as árvores e os lampiões de gás em silenciosa melancolia.

Eu ajudava Carlos e Alfredo a fazerem as lições para o dia seguinte, enquanto Isabel dormia no colo do pai, toda enrolada como um novelo de lã, e Julinho cochilava no meu colo, dizendo que não queria dormir porque a cama estava fia.

Assim passavam as horas; Júlio ia deitar-se mais cedo com os dois menores e eu ficava ainda mais um pouco, conversando com Carlos e Alfredo. Ficava admirada de ver Carlos conversar e achava que ele tinha uma inteligência viva e compreendia tudo rapidamente. Dizia que ia ser médico, enquanto Alfredo não dizia nada, ou então hesitava um pouco e acabava dizendo que queria ser mecânico e saber lidar com automóveis; adorava os automóveis, achava-os impressionantes. Dizia às vezes:

– Imagine, mamãe! Um carro que anda sozinho!

Eu sorria ouvindo os planos dos dois; um noite Carlos perguntou.

– Mamãe, papai é rico? – Respondi que não éramos ricos, mas estávamos bem e no futuro podíamos ficar ricos. Alfredo fez um risinho malicioso e falou:

– Então se papai fosse rico, nós íamos a pé para a escola, bobo?
Carlos ficou vermelho e disse que muitos pais podem ser ricos e não mandar os filhos de automóvel para a escola e que pobres também não éramos, porque tínhamos uma bela casa, a mais bela casa daquele pedaço da Avemda. Alfredo retrucou imediatamente:

– A casa não é nossa; estamos pagando, mas ainda não é nossa. Não é, mamãe?

Respondi que sim e fiquei admirada de Alfredo estar a par dos nossos negócios, pois pensei que ele nada soubesse. Carlos não desanimou e continuou:

– Papai não é rico hoje, mas pode ter uma oportunidade e ficar rico.

Levantei os olhos do meu trabalho e encarei Carlos; fiquei orgulhosa nesse momento vendo-o empregar tão bem a palavra oportunidade; pensei que poucos meninos daquela idade saberiam tão bem a significação.

Quando nos deitávamos, eu ficava pensando na conversa de meus filhos e custava a conciliar o sono, querendo imaginar o que o destino tinha reservado para cada um deles; imaginava Carlos um grande médico, atendendo solícito a numerosa clientela, enquanto nas conversas e nos chás, as senhoras elegantes comentavam discretamente:
– Um médico que está com uma grande fama é o Dr. Carlos de Lemos; parece que é Carlos Abílio de Lemos. Já ouviram falar?

Outra senhora respondia:

– Já sim, pois ele curou meu irmão e nenhum outro médico tinha acertado ainda com a doença dele. E formidável.

Eu ouvia interessada, depois uma sussurrava qualquer frase e todas olhavam para mim; uma perguntava:
– Ah! A senhora é mãe de Dr. Carlos? Não sabia, pois dou-lhe os parabéns, seu filho é um grande médico.

Eu sorria como que me desculpando de ser mãe de uma celebridade e não queria ficar orgulhosa, mas ficava; sentia então o rubor se estender meu rosto, apesar da conversa ser apenas na imaginação.

Depois meu pensamento ficava cheio de sombras quando pulava de Carlos para o futuro de Alfredo. O que seria, quando fosse grande? Era um menino esquisito, tão indiferente, parecia desiludido. E o pior é que alto queria estudar, não queria nada. Queria ficar o tempo todo na rua, brincando e correndo com moleques. Não gostava de livros, nem de ficar sossegado no quintal com os irmãos; vivia correndo com os outros meninos na rua e seus amigos eram sempre os piores do bairro. Eu ficava spesarosa quando via Alfredo entre esses meninos; eram todos moleques sujos, descalços, fumando tacos de cigarro encontrados no chão, dizendo nomes feios, cuspindo entredentes e apostando para ver quem cuspia mais longe, de lado e sibilando. Uns chamavam os outros por meio de assobios tridentes e agudos e todos tinham apelidos: Vira-mundo, Raio negro, Silencioso. Alfredo era o Silencioso.

Tinham fisionomias cansadas e cínicas, pareciam velhos. Por mais que eu pedisse e aconselhasse, Alfredo estava sempre com eles.

De vez em quando Carlos vinha me contar em segredo que Alfredo tinha quebrado um vidro na casa da esquina, ou tinha dado uma surra tão grande num outro menino que o menino ficara machucado. E Alfredo era forte e grande; com oito anos apenas, parecia ter doze.

Eu ficava cheia de apreensões e procurava esconder essas peraltagens do pai, o mais que podia. Minhas censuras e meus ralhos de nada valiam e ele crescia cada vez mais desobediente e mais sabido.

Muitas noites eu ficava acordada uma hora inteira, apesar de cansada, pensando no futuro de meus filhos, sem poder dormir. Achava que Julinho daria um rapaz sossegado e estudioso, pois era um grande amigo dos livros. Apesar de não saber ler, ficava no quintal horas inteiras, sentado no caixão de querosene com o livro sobre os joelhos, querendo adivinhar o que estava escrito. E tinha o espírito do negócio; tudo o que podia vender, ele vendia: pregos velhos, jornais, garrafas, latinhas vazias. Gostava de guardar dinheiro; Júlio chamava-o de banqueiro.

E Isabel? Com quem se casaria? Imaginava um bom marido para Isabel e por mais que pensasse e pensasse, nunca estava satisfeita, pois nenhum marido me

satisfazia. Assim passaram mais uns anos e chegamos ao fim de 1918.

***

Todas as crianças ficaram doentes, foi um tempo horrível para nós. Tiveram gripe forte e eu tinha que passar horas e horas com Julinho no colo com medo que ele se afogasse no acesso de tosse. Tossia muito, parecia que o peito ia arrebentar; chorava de aflição e engasgava com a tosse. Um dia que as outras crianças também estavam doentes, com febre alta e eu ficara sozinha em casa, pois Durvalina fora para a casa da mãe, Julinho perdeu o fôlego e virando a cabeça para trás, ficou vermelho e sem respirar. Olhei a minha volta num desespero, sem saber o que fazer; sacudi o menino com força e dei-lhe uns tapas nas costas. Nada. Estava cada vez mais roxo e não respirava. Tive de repente uma inspiração; vi a vassoura imunda num canto da sala, arranquei depressa uma vareta da vassoura e sem pensar, enfiei na boca do menino, fazendo cócegas na garganta. Com isso, ele vomitou violentamente, passou a aflição e recomeçou a respirar outra vez. Reparei depois que a vassoura estava preta de sujeira, mas no momento não lembrei de nada. Dei graças a Deus de ter sido apenas um susto.

Júlio também caiu com gripe forte; eu andava de quarto em quarto, dando remédios, tomando a temperatura e fazendo chás que vomitavam depois; ninguém queria comer e eles ficavam numa prostração horas e horas. Não sei como atravessei esse tempo terrível sem ter nada; e foi uma felicidade, pois pude tratar de todos; havia dias que eu não andava, me arrastava de chinelas pela casa, indo de quarto em quarto, tal a fraqueza e o desânimo que sentia. Morreu muita gente de gripe esse ano; e uma netinha de D. Genu, uma criança de dois anos, morreu também em poucas horas. Durante toda noite, eu ouvia o choro lamentoso da mãe na casa vizinha; às vezes parecia que não era gente, eram uivos de cachorro. Júlio gemia:

– Pelo amor de Deus, Lola. É horrível isso. Por que ela chora assim? A gente fica mais doente ouvindo isso.

Eu respondia:

– Meu Deus, o que você quer que eu faça? Como posso proibir a mãe de chorar a filha morta? Quer que eu vá lá e diga: “Não chore assim porque incomoda os vizinhos. Júlio está aborrecido”. Que absurdo!

Julio resmungava, virava a cabeça para o lado com mau humor e tapava os ouvidos com as mãos para não ouvir o choro desesperado da vizinha.
No fim da temporada má, quando pensamos que tudo estivesse acabado, Isabel caiu com pneumonia. Nem gosto de lembrar do que sofri: passava as noites ao lado dela, tomando a temperatura de meia em meia hora; levei-a para outro quarto para deixar Júlio sossegado, pois ele só queixava de que precisava trabalhar e não podia perder as noites. O médico vinha todos os dias e não gostava do estado da menina; só depois de passada a primeira crise, ela começou a melhorar e a temperatura baixou. O peitinho não sibilava mais quando respirava e começou a dormir mais calmamente, sem queixar de dodói nas costas. O primeiro dia que a vi sentada numa cadeirinha no quintal, pálida e magra, mas salva da moléstia, fiz uma promessa de ir a pé à Penha e levar uma vela para Nossa Senhora.

Esse ano foi duro para nós; tivemos que pagar a conta do médico, farmácia e, como atrasei com meus tricôs, quase não pudemos pagar a prestação da casa. Júlio ficou de um mau humor terrível e passava semanas sem falar comigo como se eu tivesse a culpa de tanta infelicidade. Penso que ele fez alguma dívida porque perdia o sono muitas noites e eu o via sempre tão preocupado e aborrecido que tive pena. Na mesa, brigava com as crianças por qualquer motivo e fazia-as chorar.

No fim do ano, recebemos um cartão de Olga e Zeca participando o nascimento da primeira filha; e uma carta de mamãe convidando-nos para ir com as crianças passar as férias em Itapetininga. Apesar da vontade que tive de ir, não falei nada aos meninos, nem mostrei a carta a Júlio porque sabia que ele ficaria indignado se eu falasse em viagem depois de tantas despesas. Assim passamos as férias em S. Paulo, numa grande economia. Trabalhei muito e não saí de casa durante meses para não gastar dinheiro em bondes e outras coisas. O Natal foi bem triste esse ano; as crianças ganharam brinquedos de papel e fiz apenas um bolo ara festejá-lo.

***

Outro inverno chegou e passou; e chegaram outras férias de dezembro. Mais uma vez nos apertamos para pagar a prestação da casa; pagamos. E outro ano começou. Esse passou rapidamente, depois outro e mais outro, todos iguais.

Outras casas começaram a aparecer no *nosso quarteirão*, como dizíamos, e a nossa já não estava isolada como antes. Cada vez mais bonita por causa do jardim. O canteiro de cravos ficou florido e a trepadeira roxa ao encheu de flores. Até a roseira chorão que Júlio plantou um dia com carinho, deu rosas esse ano e as crianças espiavam todos os dias pela janela, bem cedo, e vinham me contar:

– Mamãe, hoje tem mais um cacho de rosas do lado do escritório. Venha ver.

Cada um queria ser o primeiro a dar a notícia. Foi então que Carlos, o mais velho, fez doze anos. Eu ficava olhando Carlos e achando quase inacreditável já ter um filho de doze anos. Ele era forte, tinha boa altura, apenas magro. Tirava boas notas na escola e nunca nos dava aborrecimentos.

Alfredo não passou de ano e o professor escreveu uma carta com queixas contra ele; dizia até que dava maus exemplos na classe. Quis esconder a carta de Júlio, mas não consegui e quando ele a leu, viu que Alfredo fora reprovado e ainda havia sérias reclamações contra ele. Pegou o menino, levou-o para o quintal e deu-lhe uma grande sova com a própria cinta. Cada grito de Alfredo, era uma pontada em meu peito, como a ponta de uma faca; eu torcia as mãos sem saber se devia intervir ou não. Depois que tudo passou, fui procurar Alfredo que estava chorando, sentado na cama de Durvalina; reparei que não era um choro sentido, era de raiva e falava em vingança. Percebi que ele estava fervendo de ódio contra o pai. Passei minha mão nos seus cabelos, abracei-o aconselhando e dizendo que tudo era para o bem dele, mas o menino estava revoltado e não queria me ouvir. Pedi que prometesse ser bom e ajuizado, estudar mais e não andar com os moleques, mas ele nada prometeu. Com os dentes cerrados chorava de raiva e tremia. Deixei-o mais tarde e fui tratar do meu serviço; à hora do jantar, ninguém sabia onde estava Alfredo. Havia desaparecido. Os irmãos procuraram-no por toda a vizinhança e ninguém o tinha visto nesse dia. Sentamos para jantar muito apreensivos, e olhei Júlio que comia com a cabeça baixa, preocupado. Depois fui ficando cada vez mais aflita; deixando Isabel com o pai, saí com Carlos e Julinho para procurar Alfredo em todas as casas que ele costumava ir. Andamos pelo bairro todo, até bem longe e ninguém vira Alfredo. Pensei que ele já devia estar em casa nesse momento; voltamos apressadamente e em casa também ele não estava. Comecei a chorar, sentada num canto da sala, pensando que a essa hora meu filho devia estar morto; e meus soluços eram cada vez mais fortes. Júlio andava de um lado para outro, sem saber o que fazer. De

repente, pôs o chapéu na cabeça e disse que ia à Polícia saber se havia notícias do menino. Acompanhei-o ao portão, explicando:

– Diga na Polícia que ele está com calça azul-marinho e blusa branca. Não esqueça de dizer que não tem doze anos ainda, mas parece que tem. É bom dizer também que tem umas quatro sardas bem na ponta do nariz. E claro, até aloirado; forte e bonito. Não esqueça Júlio. E vá de taxi para ir mais depressa.

Júlio saiu sem nada responder e eu fiquei com os outros filhos na janela, vendo meu marido sumir na esquina. Eram nove horas já.

As crianças ficaram ao meu lado, excitadas pelo acontecimento, sem querer dormir, comentando o desaparecimento do irmão. Às onze horas, Julinho e Isabel dormiram nas cadeiras da sala; levei-os para o quarto. Ficamos Carlos e eu esperando ansiosamente. As onze e vinte minutos, Júlio voltou dizendo que na Polícia não havia aparecido menino algum dessa idade e que até aquela hora nada se sabia a respeito de Alfredo. Sentei desanimada numa cadeira e, com a cabeça apoiada nos braços, fiquei durante muito tempo imaginando tudo o que havia de pior e que podia ter acontecido a Alfredo. Via seu corpo esmagado sob um bonde; de repente, via-o morto no Rio Tietê, o rosto inchado e irreconhecível, deslizando entre as águas do rio, no meio de galhos e folhas secas; depois o chamado na Polícia para a identificação. Homens desconhecidos à nossa volta e o delegado perguntando, penalizado:

– É este o menino?

Reagia procurando afastar esses pensamentos, mas eles voltavam de novo, imperiosamente. Júlio com as mãos nos bolsos, passeava na sala de um lado a outro; de vez em quando chegava à janela do escritório e ficava olhando a Avenida durante longo tempo. Assim passaram as horas; Carlos adormeceu sobre o sofá da sala e quando eu quis levá-lo para a cama acordou dizendo que queria esperar o irmão, mas levei-o assim mesmo e obriguei-o a se deitar. Às duas da manhã, sentei-me num dos degraus da escada que dava para o jardim e fiquei imóvel, esperando; no meu desespero pedia a Deus que trouxesse meu filho de novo; rezava misturando as palavras sem compreender o que estava dizendo e na minha reza vi sempre seu corpo estendido numa calçada, o crânio esmagado.

Às três da manhã, Júlio começou a se desesperar, dizendo que eu era culpada; que se fosse mais enérgica, ele não fugiria, e que eu estragava a educação dos

filhos com os mimos que dava; que não se pode fazer a vontade das crianças como eu fazia e o resultado era esse. Eu enterrava a cabeça entre os braços com vontade de gritar, mas não respondia. Ele então pôs o chapéu na cabeça e saiu a pé pela Avenida afora, pois não havia bondes a essa hora. Fiquei no portão vendo seu vulto desaparecer entre as árvores lá embaixo; e cada vez que via uma criatura humana se aproximar de mim, pensava que era Alfredo e meu coração batia furiosamente, mas nunca era ele. Às cinco horas, vi Júlio chegar devagar, completamente desorientado, o chapéu inclinado para trás da cabeça, as maos nos bolsos, um cigarro apagado no canto da boca. Estava lívido, grandes olheiras sob os olhos; perguntei com o coração apertado:

– Nada, Júlio?

Olhou-me duramente, a fisionomia cansada e infeliz, e sentando-se no sofá, respondeu entredentes:

– Nada.

Fui então me arrastando para a cozinha, sem saber o que pensar da nossa vida, completamente aniquilada pela aflição; encontrei Durvalina já de pé, também aflita por notícias, assoprando o fogo para a água do café. Começou a falar:

– Não desanime, D. Lola. Isso é coisa de menino; ele é muito lavado mesmo, mas ele volta. A senhora vai ver. E tudo por causa da sova, foi muito forte.

Debruçada sobre o fogão, assoprava o fogo muitas vezes, as bochechas negras muito luzidias, enquanto uma leve chamazinha azul começava a crescer e o cheiro da lenha queimada enchia a cozinha. Fiquei esperando o café, sem coragem de mover um dedo, encostada na porta da cozinha, olhando sem ver e sem coragem de enfrentar o olhar de Júlio, duro e colérico sobre mim.

Depois do café, voltei novamente para a sala e vi Júlio cochilando no sofá, pálido e desfigurado, os pés sobre outra cadeira; passei sem fazer ruído e cheguei ao portão.
Várias carrocinhas de padeiros e leiteiros subiam e desciam a Avenida; pessoas saíam de suas casas e iam esperar o bonde na esquina. Já eram seis e pouco quando meu coração deu um salto no peito; vi meu filho Alfredo que se aproximava segurando a mão do padrinho, um amigo nosso, em casa de quem

iam jogar bola aos domingos. Meus olhos ficaram nublados de lágrimas e mal distingui os vultos que se aproximavam cada vez mais. Nem sei como gritei para dentro:

-Júlio, Alfredo vem vindo.

Quando chegaram ao meu lado, vi que Alfredo estava trêmulo, muito pálido e seus lábios tremiam. O padrinho começou a falar, mas eu nada ouvi; abracei meu filho com toda a força e chorei:
-Ah! Meu filho! Meu filhinho!

Júlio desceu compassadamente a escadinha de cimento, como a pensar em cada degrau, que atitude tomaria; Alfredo então se afastou de mim, e ficou esperando o pai, a cabeça baixa, um ar medroso, sem uma lágrima nos olhos, os lábios apertados. O padrinho falava e explicava, mas eu nem ouvi o que ele dizia, tal a satisfação em ter Alfredo ao meu lado, com perfeita saúde. A única coisa que entendi é que o padrinho pediu para não batermos no menino; que ele tinha aparecido às cinco e meia em casa dele, cansado de andar a noite inteira pela cidade, sem rumo e arrependido de ter fugido. Alfredo tinha um ar amedrontado e tristonho.

Júlio olhava-o severamente, sem nada dizer, mas no íntimo, percebi que estava contente e aliviado por ver o filho novamente em casa. Entramos todos e eu sempre segurando o braço de Alfredo como se tivesse medo que ele fugisse outra vez. Os irmãos apareceram desconfiados, sem saber se falavam ou não com ele; vi Carlos rindo para o irmão e Durvalina trazendo o café na bandeja com um alegre sorriso na boca sem dentes. Depois do padrinho ter a promessa de Júlio que não bateria no menino, despediu-se e saiu. Júlio voltou do portão, um ar grave e indignado. Perguntou ao filho:

– Por que fez isso? Agora você vai dizer por quê.

Alfredo com a cabeça baixa, nada dizia: imóvel como uma pedra. Falei:

– Diga, Alfredo. Por que fugiu? Não pensou que nos deixava desesperados? Fale, meu filho.

Ele não falava, cada vez mais silencioso e imóvel; percebi que o pai ia perder a paciência e fiquei aflita. Pedi:

– Responda alguma coisa, Alfredo. Onde você foi?

Nada. Seu mutismo era desesperador. Então Júlio perdeu a paciência; puxando-o por uma orelha, arrastou-o pela sala, dizendo:
– Antes não tivesse voltado. Você é um filho que só dá desgosto e aborrecimento. Ouviu? Desobediente e malcriado.

Corri atrás de Júlio, gritando:

– Você prometeu não bater nele; você prometeu, Júlio.

Procurei tirar o menino das mãos de Júlio, mas Júlio segurava-o fortemente; Alfredo começou a gritar e procurou morder a mão do pai. Carlos olhava a cena com olhos esbugalhados, enquanto os dois menores começaram a chorar. Segurei então violentamente o braço de Júlio e gritei:

– Não faça isso. Você está louco? Ou é um homem sem palavra? Que exemplo dá a seus filhos?
Ele largou Alfredo, mas antes de largar deu um safanão no menino com tanta força que Alfredo foi parar no outro lado da sala, caindo de joelhos. Quase bateu a cabeça na ponta da mesa. Corri para acudir o menino e ver se ele não estava ferido, enquanto Júlio saía da sala, ainda furioso e vermelho de raiva.

***

Alfredo passou vários dias num mutismo absoluto, muito desapontado, sem falar e sem brincar com os irmãos, sumido no quintal ou fechado no quarto.

Como prêmio às boas notas de Carlos e pelo falo de ter passado de ano brilhantemente, mandamo-lo passar as férias em Itapetininga, com mamãe. Foi sozinho, convencido de que era um homem, com uma maleta na mão, cheio de importância. Levei-o até à estação e enchi-o de recomendações e conselhos até o momento do trem começar a rodar.

Alfredo tinha me pedido uns dias antes que o deixasse ir também para Itapetininga, mas eu disse que não; o pai não deixaria porque estava desgostoso

com as notas dele, e nem pedisse que seria inútil. Tive pena de meu filho, mas nada falei a Júlio. E Alfredo passou umas férias muito tristes, sempre na rua brincando com os moleques sujos e dizendo nomes feios aos próprios irmãos. Os pequenos me contavam;

– Mamãe, Alfredo me xingou de galinha morta.

Galinha morta era o nome carinhoso que Alfredo dizia quando brincava com os irmãos, porque geralmente os nomes eram verdadeiramente impróprios. Isabel e Julinho choravam às vezes e vinham se queixar:

– Mamãe, Alfredo me deu um tapa e me xingou.

Por mais que eu ralhasse, Alfredo não se importava; parece que queria vingar-se por não ter saído nas férias e tornava-se cada dia mais insuportável. Entrava em casa nas horas das refeições e para dormir; mas quando sabia que o pai não vinha almoçar ou jantar, ele também não aparecia. Como era diferente de Carlos, o mais velho; Carlos mandava cartinhas que me enterneciam; começavam sempre por: “Minha querida mamãe”, e meu coração parecia derreter de amor, como cera mole na proximidade do fogo. Contava tudo o que fazia e dizia que ajudava a vovó e tia Clotilde a mexerem o tacho de doce sob as mangueiras. E que a filha de tia Olga era uma belezinha; já queria ficar de pé e falava: Dá, dá, com os bracinhos estendidos para ele.

Passaram dezembro e janeiro; em fevereiro, Carlos voltou forte, disposto e até me pareceu um pouco mais gordo. Mamãe veio com ele para consultar o médico, o que me deixou muito triste, pois ela estava bem magra, tinha uma cor esverdeada e uma dor insuportável nas costas. Levei-a a um médico conhecido nosso e ele disse que só com operação ela ficaria curada; mamãe tinha horror a operação e começou a chorar diante dele. Fomos então a outro médico que conhecíamos apenas de nome, mas tinha muita fama. Este disse que ela não precisava fazer operação, bastava repouso e tratamento para ficar boa. Ela saiu de lá mais animada, porém preocupada com a palavra — repouso. Disse-me:

– Como posso fazer repouso, Lola?

Deu uma risadinha e continuou:

– Se eu não trabalhar, como viver? Imagine se eu ficar deitada o dia inteiro, sem fazer nada; você pensa que Clotilde dá conta? Não tem perigo. Nós duas juntas trabalhando sempre, muitas vezes ficamos apertadas no princípio do mês, faça idéia se eu ficar parada dias e dias; no que dará?

Suspirou profundamente, e arrematou:

– Como é triste a vida de pobre!

Fiquei também triste por não poder auxiliá-la e resolvemos consultar um terceiro médico; mamãe não queria, dizendo que o gasto já era excessivo, mas Júlio lhe fez presente do dinheiro da consulta, generosamente. Esse terceiro médico pronunciou um — talvez — que não adiantou muito. Disse que talvez não precisasse operar, se ela fizesse muito repouso e um tratamento rigoroso. Ela gostou da palavra tratamento e, comprando os remédios indicados, voltou uma semana depois para Itapetininga, dizendo que preferia morrer a fazer operação.

Logo depois recebi uma carta de Clotilde dizendo que mamãe não ia nada bem; continuava a sentir dores e não fazia quase repouso, por mais que Olga e Clotilde pedissem. Emagrecia dia a dia e estava sempre se queixando. Fiz meus cálculos para ir visitá-la nas outras férias com as crianças; e assim, correu mais um ano da nossa vida.
De vez em quando eu ia visitar tia Emília na Rua Guaianases e ela também me visitava uma vez por ano. Há tempos já que não tinha carruagem; comprara um grande automóvel preto que fazia sucesso por onde passava. Brilhante e imponente; mas quando começava a rodar, soltava uma fumaça escura e fedorenta. Alfredo ficava o tempo todo examinando o automóvel detalhadamente, quando a limusine parava em frente à nossa casa; era uma alegria para ele conversar sobre maquinismos, principalmente de automóveis. Nessa época, Isabel que se aproximava dos oito anos, também entrou na escola; eu me lembro tão bem do primeiro dia que ela foi, tão entusiasmada e tão contente, com uma saia pregueada azul-marinho e blusinha branca de fustão, na cabeça, um grande laço de fita vermelha. Com a idade, já não era tão gorda, mas era bonita; as faces rosadas e os cabelos castanhos muito brilhantes. Levou na pasta pão com goiabada, uma caneca, lápis e caderno. Voltou tagarelando muito, contando maravilhas da professora e das outras meninas. Quando eu perguntei, curiosa:

– Então o que fez na escola?
Ela me respondeu, entusiasmada, os olhos cintilantes de contentamento:

– Comi o lanche que você me deu.

Achei graça e abracei-a rindo muito. Apesar de me sentir sozinha algumas horas do dia, também me sentia orgulhosa por vê-los interessados nos estudos e discutindo muitas vezes problemas ou lições de História e Geografia. Um perguntava para o outro:

– Sabe quando o Brasil foi descoberto?

– Sei. Quem não sabe? Em 1500.

– E a descoberta da América quando foi? — Em mil quatrocentos e … espere um pouco …

– Ah! Sabe, hein?

– Sei sim. Espere um pouco.
– Quando a gente sabe, não precisa esperar. Então diga o que é uma ilha?

– Uma porção de terra cercada de água por todos os lados.

– E um cabo?

– Um cabo?

O outro hesitava, coçando a cabeça; bastava isso para tomar vaia dos irmãos:

– Não sabe! Não sabe! Mamãe, ele não sabe nem o que é um cabo!
Alfredo ficava sempre de lado, sempre indiferente, com um ar enigmático.

Nesse tempo, como eles já estavam crescidos e não me davam muito trabalho, eu saía algumas noites com Júlio para ir ao cinema; geralmente aos domingos, quando Durvalina ficava em casa. Uma segunda-feira, Júlio e eu comentamos à noite a fita assistida na véspera; tínhamos acabado de jantar e eu estava

auxiliando Durvalina a tirar a mesa quando Júlio disse que achara a fita imoral. Respondi:
– Não deixa de ser mesmo imoral, mas é uma boa fita.

– E lá estava cheio de crianças e mocinhas; deviam avisar que a fita era imoral, assim só os grandes iam, disse Júlio.

Os meninos escutavam, interessados, nossa conversa; Julinho perguntou:

– Mamãe, o que é imoral?
Não respondi e peguei a toalha da mesa para sacudir na janela, enquanto dizia a Júlio:

– Há gente que não se importa de levar as crianças e as filhas praia verem fitas imorais. Conheço muita gente assim.

Julinho tornou a perguntar, curioso, puxando-me pelo braço:

– O que é imoral, hein, mamãe?

Isabel, que ouvia também com interesse, olhou Julinho e disse, impaciente:

– É doença, Julinho.

Júlio e eu rimos muito com a resposta de Isabel e tempos depois, Júlio ainda perguntava com ar brincalhão:

– Isabel, o que é imoral?

Ela ficava vermelha e não respondia.

Chegou o fim do ano com graves preocupações para mim. Escreviam de Itapetininga que mamãe ia cada vez pior; eu tinha medo que faltasse dinheiro para a prestação da casa e que Alfredo não passasse de ano na escola. Ele dizia que estudava, mas eu percebia que não pegava num livro e quando lhe pedia com voz pesarosa:

– Estude um pouco, Alfredo. Por favor, vá estudar.

Ele respondia com má-criação:

– Já estudei, já estudei.

Ia embora, batendo com os pés no chão e fechava a porta com força para não ouvir minhas censuras.

Para aumentar minhas apreensões, houve uma epidemia de caxumba em Setembro desse ano e minhas crianças foram as primeiras a ficar doentes. Os rostos incharam e elas não dormiam de dor; eu passava horas e horas no quarto e no dia seguinte estava exausta e não podia dar conta das minhas encomendas, o que me deixava triste e com dor de cabeça. Felizmente chegou dezembro e com grande esforço pagamos a casa; Alfredo passou arranhando para o terceiro ano e Carlos tirou o diploma do Grupo Escolar com brilhantes notas.

Preparei uma mesa de doces e bolos e mandei Carlos convidar os amigos para festejar o acontecimento. Na véspera, enquanto estava batendo os bolos, ouvi tapas no quarto e uma forte discussão. Isabel apareceu muito assustadinha dizendo que Carlos e Alfredo estavam se socando; corri para acudir e consegui separá-los, dando uns tapas em cada um. Carlos dizia vermelho e suando:
– Não admito, ouviu? Não admito esse desaforo.

Alfredo respondia, indignado:

– Deixe de ser besta. Você é a maior besta que eu já vi.

Carlos então olhou para mim e explicou, ainda ofegante e furioso:

– Mamãe, ele quer trazer os amigos dele para comer os doces, são todos moleques da rua, não sabem nem comer na mesa. Eu toco eles daqui.

Alfredo tentou avançar outra vez, gritando:

– É mentira, mamãe. É mentira desse estúpido. São tão bons quanto você; são melhores ainda.

Consegui acalmá-los, pondo Carlos fora do quarto e ralhei com Alfredo dizendo que a festa era só para Carlos e os amigos; ele não devia intervir; mandei que ficasse no escritório de castigo até o pai chegar.

Percebi que logo depois Alfredo estava brincando na calçada com os moleuqes; fingi que não vi porque não adiantava e ele não me obedecia mesmo. À hora do jantar, ele entrou com um arzinho cínico, evitando olhar para meu lado e jantou muito bem.

À noite, enquanto o sono não chegava, comecei a recordar os conselhos que papai me dera quando me casei:
– Eduque os filhos com critério, Lola. Quando você disser para uma criança: tem que ficar hoje meia hora de castigo, é preciso que essa criança fique meia hora de castigo; não se esqueça disso que é importantíssimo. Assim, quando você prometer um passeio ou um doce, precisa cumprir, senão se desmoraliza diante do filho, ele não obedece mais porque não crê em você e lá se vai por água abaixo a força moral que é a maior força que temos. E nunca prometa demais; nem castigos muito fortes de que possa se arrepender depois, nem passeios ou promessas que você sabe que não pode cumprir. Não se esqueça disso, são fatores principais na educação de um filho.

Meditando nessas palavras da experiência ouvidas há tantos anos atrás, pensei com certa tristeza que Alfredo com onze anos apenas não me obedecia, fugia aos castigos e não dava atenção às minhas palavras. Eu sabia que papai tinha razão, pois fora professor numa escola rural durante muitos anos e depois diretor. Em trinta e tantos anos de sua vida, só vira crianças diante de si e só convivera com crianças; crianças de várias raças, de várias origens, de várias cores e de várias religiões. Fora um mestre-escola eficiente e honesto, sempre elogiado pelos pais dos meninos e elevado no conceito dos inspetores que visitavam a escola. Diziam dele: é um verdadeiro pedagogo.

IV

UNS dias depois fui com as crianças a Itapetininga para passar um mês de férias. Uma verdadeira festa a nossa viagem; uma semana antes as malas e pacotes já estavam prontos e colocados no sofá da sala de jantar. De vez em quando, um se lembrava que se esquecera de colocar qualquer coisa, corria e desmanchava malas e pacotes para pôr o objeto esquecido; assim Isabel colocou a boneca de pano com protestos veementes de Julinho que havia acabado de arrumar tudo de novo por causa de uns sapatos velhos. Carlos queria que eu levasse presentes para a avó e as tias; dizia toda hora: “Mamãe, não se esqueça dos presentes”.

Chegou o dia da viagem; Júlio nos acompanhou à estação, prometendo que iria nos buscar, se pudesse. Durante todo o percurso, as crianças estavam excitadas, falavam e riam o tempo todo, pois agora eram maiores e apreciavam mais as viagens; e depois, há mais de dois anos não deixávamos S. Paulo.

A chegada a Itapetininga foi outra festa; estavam todos esperando com ansiedade; achei mamãe muito magra e abatida, mas jurando que se sentia melhor. A criançada começou logo a correr pelo quintal e a subir nas árvores fazendo uma gritaria insuportável. Mamãe olhava tudo com um riso paciente e um olhar bondoso, enlevada pelas peraltagens dos netos.

Confidencialmente, Clotilde me contou que achava que mamãe não ia viver muito; apesar dos remédios e do tratamento, definhava dia a dia, e não queria falar em fazer operação. Olhei pra minha irmã meio desanimada e ela me olhou também; ficamos apreensivas com a perspectiva de perder mamãe; não disse nada, mas pensei o que seria de Clotilde se mamãe morresse. Não falamos mais no assunto e ficamos um tempo quietas, cada uma com seus pensamentos. Depois resolvemos ir ao quintal onde estavam as crianças; antes de ir, abri a mala e tirei as roupas dos meninos. Ouvi no quarto vizinho, Clotilde dizer a Isabel que vinha correndo lá de fora:

– É melhor você pôr outro vestido, Isabel. Esse pode rasgar-se com as brincadeiras.

– Não rasga, tia Clotilde. Eu tenho cuidado.

– Mas não custa nada vestir outro; até deixa você mais à vontade para subir nas árvores e brincar de pegador.

– Não. Não precisa; e depois eu quero que rasgue este vestido, não gosto dele. Pode rasgar.

– Não diga isso! Sua mãe não pode dar tantos vestidos para você. É preciso economizar; vista aquele mais velhinho.

– Não visto; eu quero acabar com este aqui.

Clotilde se irritou:
– Não seja teimosa e vista este, Isabel.

Houve um silêncio, depois a voz de Clotilde outra vez:

– Vamos, você precisa obedecer sua tia; vista este.

A voz de Isabel respondeu, furiosa:

– A senhora não manda em mim.

– Como não? Não sou sua tia?

– Mas a senhora não manda, vá mandar nos seus filhos.

Apareci na porta do quarto e encarei Isabel; estava vermelha, um ar carrancudo e com os braços cruzados, não queria pegar o vestido que Clotilde estava dando. Falei com voz autoritária:

– Vista o vestido, Isabel.

Como ela não fizesse um movimento, dei-lhe um tapa no braço:

– Já disse que vista o vestido.

Ela continuou imóvel; os olhos enormes fuzilavam de raiva; então Clotilde e eu tiramos o vestido dela à força e vestimos o outro. Falei:

– Agora fique aí de castigo meia hora.

Ela foi para o canto do quarto e continuou imóvel, sem chorar; de repente reparei que levantava os ombros em sinal de pouco caso e dizia uma palavra. Clotilde sorriu e abaixou a cabeça, disfarçando; eu me aproximei de Isabel para ouvir o que ela resmungava, mas Clotilde disse:

– Deixe essa menina tola e malcriada, venha descrever o resto da viagem. Então encontrou o Benevides e a mulher?

Sentei na beira da cama e comecei a falar do casal Benevides; Isabel continuou a levantar os ombros e a murmurar. Contei que tinha achado a mulher do Benevides bem bonitinha, e parece que com novidade; Cloilde confirmou com a cabeça e sorriu, dizendo: quarenta e cinco. Perguntei admirada:

Quarenta e cinco o quê? A idade dela? Impossível; nem dele.

Clotilde me fez um leve sinal com uma expressão risonha no rosto. Continuei a conversar; terminado o assunto “Benevides”, percebi que Isabel continuava do mesmo jeito. Não me importei e comecei a falar de outras pessoas conhecidas, até que se passou um bom quarto de hora e mandei Isabel brincar no quintal. Clotilde então deu uma grande risada, ficou até com os olhos amidos; perguntei:
– O que foi?

– Sabe quantas vezes Isahel disse burra? Cem vezes, Lola! Tive a paciência de contar. Ela levantava o ombro e dizia — *burra* … *burra*. E eu fui contando: falou cem burras e cem levantamentos de ombro.

Fiquei horrorizada:

– Será possível? Afinal não é para admirar; é o gênio do pai, Clotilde. Igualzinho. Nunca vi uma pessoa teimosa como Júlio. Sabe que pimenta faz mal, come pimenta todos os dias. É desses que morrem teimando. Mas o que Isabel fez é desaforo; vou bater nela.

Levantei-me para sair, mas Clotilde me segurou pelo braço:

– Não vá. Ela modifica com a idade. Deixe.

– Mas não posso deixar; é de pequenino que se torce o pepino. E depois tem a força do sangue que não ajuda.

Clotilde riu, procurando apaziguar:
– As crianças são assim mesmo; com o tempo vão criando juízo. Mas foi estupendo ouvir os cem burras.

Assim conversando, fomos ao quintal. Mamãe estava sentada numa cadeira baixa à sombra das mangueiras; e as crianças corriam à volta. A tarde ia escurecendo lentamente e o sol se infiltrava ainda através da folhagem, mas era um sol moribundo, dispersando a última claridade do dia. Tinha sido um dia quente de dezembro e toda a natureza parecia sentir também o calor e acompanhar a trajetória do sol, respirando agora com delícia a frescura da noite que chegava de manso, como se viesse na pontinha dos pés, sorrateiro e desconfiada, entre sussurros e suspiros. Fazia lembrar uma conversa íntima entre mulheres bonitas e perfumadas, trocando confidências de amor a meia voz e murmurando segredinhos entre sorrisos velados e olhares misteriosos cheios de langor.

Ficamos ali uns instantes conversando enquanto as crianças contavam, todas ao mesmo tempo, as novidades encontradas no quintal; eram as mangueiras carregadas de mangas, uma árvore nova que não conheciam, a parreira de uvas brancas com os dois primeiros cachos maduros e as galinhas-d’angola que diziam o dia inteiro: Tô fraca, tô fraca. Queriam saber por que as galinhas falavam assim e custei a convencer Julinho da minha ignorância.

Entramos todos vagarosamente e fomos jantar na cozinha como fazíamos sempre, para que a sala ficasse arrumada. À noite, Olga e o marido foram nos visitar; eu não via Olga desde o casamento; achei-a mais gorda e bonita. Para auxiliar o marido, continuava a lecionar no Grupo Escolar; contou que a filhinha já tinha um ano, estava forte e engraçadinha, já falava e andava regularmente. Depois contou que estava esperando outro filho para o mês de maio.

No dia seguinte fui ver a filhinha de Olga, achei-a viva e esperta. Tive vontade de ter uma criancinha nova outra vez nos meus braços; mole e gordinha, cheirando talco e com uma touquinha de renda na cabeça, olhando para mim curiosamente e sorrindo com a boca vermelha e desdentada.
Assim entre visitas, prosas longas sob as mangueiras, auxiliando Clotilde a fazer doces para vender, entre os gritos e as brincadeiras das crianças e uns goles de café com biscoitos de polvilho no intervalo das conversas, passou rapidamente o mês de dezembro.

À noite, quando havia só os de casa, eu fazia o meu tricô e assim adiantei bem minhas encomendas. Tive vontade de ficar ainda o mês de Janeiro, mas recebi carta de Júlio dizendo para voltarmos; estava achando falta nas crianças e Durvalina quase não parava em casa porque a mãe estava doente e ela ia e vinha, deixando a casa abandonada horas inteiras. Alarmada com a carta, resolvi voltar imediatamente; quando mamãe soube da minha resolução, não me animou a ficar, disse que eu devia mesmo ir; e mais tarde fui encontrá-la chorando no escuro, sentada na cama, a cabeça branca entre as mãos trêmulas. Fiquei muito triste e chorei também; ela então me disse que a doença a deixara assim, chorando à toa, mas não era nada.
Dois dias depois, abracei-a e parti com as crianças; ela ficou no portão de casa sacudindo a mão para mim, o rosto triste e o olhar profundamente saudoso. Embarquei com o coração magoado e apesar da algazarra das crianças durante a viagem, não pude esquecer o olhar de mamãe sobre nós, no momento da despedida.

Em S. Paulo, Júlio nos esperava na estação e quando viu Isabel descer do trem com muito desembaraço, trazendo sob o braço uma cestinha com goiabas que tia Clotilde lhe dera, abraçou-a com carinho e não largou mais a mãozinha dela, pois por mais que ele negasse, Isabel era sempre a predileta.

Suspirei com satisfação quando entramos novamente em nossa casa e no dia seguinte, reiniciamos a vida de sempre.

***

Logo no dia seguinte, estava abrindo as malas e colocando as roupas nas gavetas quando ouvi discussão e ruído de luta no quarto de Alfredo. Corri para lá e vi Carlos e Alfredo aos tapas e socos; separei-os com dois empurrões perguntando se não tinham vergonha de brigar assim, sendo tão crescidos. Então Carlos contou, ofegante, que Alfredo tinha trazido ovos de passarinhos do quintal de mamãe, além de ter matado muitos outros com estilingue que levara; e que um

menino que desmancha os ninhos dos pássaros é um menino mau, sem coração e ele não admitia um irmão assim. Alfredo sorria e fechava as mãos para dar outro soco em Carlos; Carlos abriu sobre a cama o pacote de ovos; havia grandes e pequemos, pintadinhos de várias cores, todos ocos e furados, sem nada dentro, prontos para serem colecionados; estava furioso, com lágrimas na voz:

– Veja, mamãe. Isso é malvadeza. Olhe estes de sanhaço e estes do tico-tico. Que estúpido! Eu vi ele matando passarinho e fiquei quieto para não brigar, mas não sabia que tinha desmanchado tanto ninho.

Recriminei Alfredo asperamente; mas ele sorria indiferente e virando-se para Carlos, perguntava, sapateando no quarto, nervoso como um gelo de briga:

– É seu o passarinho, seu besta? O que você tem com isso? Olhe, mamãe: diga para esse idiota que não se intrometa na minha vida.

E avançou novamente para Carlos. Peguei Carlos por um braço e arrastei-o para fora do quarto. Voltei para ralhar com Alfredo e disse que fizesse desaparecer os ovos e censureio com severidade. Ele sacudiu os ombros sem responder; logo depois ouvi a batida do portão da rua; era Alfredo com o pacote de ovos. Pensei: “Com certeza vai vender os ovos aos moleques”.

E creio que foi mesmo porque não os vi mais. À noite, depois do jantar, Carlos contou ao pai a matança que Alfredo fizera em Itapetininga; Júlio mal escutou, censurou um pouco Alfredo e continuou a ler o jornal.
Carlos desapontou: Alfredo começou a fazer caretas para ele dizendo baixinho: “Bem feito, bem feito”.

Júlio era assim: algumas vezes quando o caso não requeria grandes penas, perdia a cabeça e repreendia duramente; outras vezes quando devia passar um bom sermão ou dar um castigo aos meninos, dizia duas ou três palavras e encerrava o incidente. Outras vezes ainda, por causa de um lápis quebrado, falava uma hora inteira. Por isso eu me sentia só na educação dos filhos; e não tinha força bastante para conter os ímpetos dos quatro. A paixão de Júlio era Isabel; para Isabel era tudo: doces, balas, dinheiro, carinhos. Eu precisava chamar a atenção dele, dizendo: “Júlio, dê aos outros também”. Então ele dava, mas nunca com boa vontade.

***

Um novo ano começou e as aulas foram reiniciadas; tratamos de colocar Carlos no Ginásio do Estado. Júlio tinha um amigo que conhecia um dos lentes do Ginásio e por intermédio desse amigo conseguimos que Carlos entrasse. No primeiro dia ele veio trazendo o programa e a lista dos livros, envaideci-me ao vê-lo tão concentrado e tão seriamente dedicado aos estudos. Estudava às tardes quando voltava e muitas vezes às noites também. Prometia ser ótimo aluno e Júlio e eu nos sentíamos felizes com esse filho. Em abril, recebemos uma carta da mãe de Júlio dizendo que ela e a filha solteira viriam passar uma temporada conosco. Residiam em Belo Horizonte e vinham de vez em quando a S. Paulo; correspondíamo-nos raramente. Chegaram em maio; instalei-as no quarto dos meninos e transferi os meninos para o quarto de costura que não recebia o sol no inverno.

Maria, a irmã mais moça de Júlio já andava pelos trinta anos; não era bonita, mas atraente e simpática. Gostava muito de passear e queria que eu saísse com ela todos os dias; queria ver também todas as fitas novas dos cinemas. Fui atrasando as encomendas de tricô, mas não me importei muito pensando recuperar o tempo perdido depois que elas partissem. Passou-se mais de um mês e não falavam em partir. Eu não tinha tempo de prestar atenção nos estudos dos meninos e percebi que Alfredo não estava frequentando a escola. Quando eu ralhava, ele sacudia os ombros e saía assobiando com a mão no bolso, o que me deixava furiosa. No segundo mês, aconteceu o inevitável: Durvalina ficou doente durante mais de uma semana e eu tive de fazer todo o serviço. Fiquei cansadíssima: além da limpeza da casa, tive que cozinhar; experimentei pedir comida numa pensão, mas vi logo que minha sogra não comia, achando defeitos o arroz, dizendo que a carne era de segunda e assim começou a passar a café com pão. Júlio me chamou a atenção:

– Lola, você viu que mamãe não come nada? É preciso fazer alguma coisa em casa. Ela está acostumada a passar bem e creio que nunca comeu de pensão; em nossa casa, não há luxo, mas tudo é muito bem feito porque é mamãe quem faz; e mamãe é uma admirável dona de casa.

Fui então para a cozinha: logo no primeiro dia ninguém me auxiliou a lavar os pratos e panelas; fiquei arrumando sozinha até tarde, enquanto minha sogra se fechou no quarto e Maria ficou na janela, vendo os bondes passarem. Apenas tiraram a toalha da mesa, sacudiram na janela e levaram a louça para a cozinha.

No segundo e terceiro dias, a mesma coisa. Maria vivia ocupando as crianças com coisas insignificantes:

– Isabel, me traga um copo d'água, sim?

Ou então:

– Isabel, meu bem, você quer ajudar titia a estender as camas?

As vezes era Julinho:

– Benzinho, vá ver quem está batendo, sim? Eu não posso ir agora.

Os dois mais velhos escapuliam como podiam; Alfredo vivia na rua vagabundeando e Carlos dizia que precisava estudar e ficava horas inteitas sem sair do quarto. No fim da semana, não aguentei mais e disse a Júlio, depois do almoço:

– Não posso mais, ninguém me auxilia e estou cansadíssima. Sua irmã vive na janela e sua mãe ou está no quarto descansando, ou conversando com D. Genu no portão. Assim também é demais! Não sei se aguentarei.

Júlio riu, um riso irônico, mordaz:

– Logo vi que você ia dar o basta; você e sua gente são fracas mesmo. Eu queria que você visse quando mamãe era moça, da sua idade; cozinhava para todos nós, limpava a casa que era uma beleza, mas ficava mesmo uma beleza. O soalho brilhava que se podia ver, não é como este aqui que até dá vergonha. Ainda costurava toda a roupa da casa, pergunte a Maria. Isso sim é dona de casa!

Senti o sangue subir ao meu rosto e fiquei furiosa, disposta a discutir. Repliquei:

– Então você não teve sorte em se casar comigo; você é um infel um pobre infeliz. Eu sei que não valho nada, só sua gente é que presta.

– E presta mesmo. Presta muito mais que a sua; suas irmãs vêm aqui só para passear e bater perna na rua o dia inteiro. Que fazem? Você diz que elas ajudam no tricô, mas nunca vi elas pegarem numa agulha, e nunca vi pegarem numa

vassoura e varrerem a casa para suavizar serviço da Durva. E não se esqueça que minha mãe vem poucas vezes aqui e quero que ela seja muito bem tratada, não quero que faça nada. Ouviu? Nada. Ela veio para descansar e não quero que lave um copo.

Falou dirigindo-se para a porta, então gritei:

– Está bem. Mas não sou sua escrava, nem de sua gente. Se a Durvas continuar doente, vou arranjar outra empregada, nem que seja para pagar cem mil-réis. E não admito que fale das minhas irmãs. Entendeu?
Ele ainda respondeu com ironia:

– É? Só isso? Falo quando quiser falar; e se arranjar outra empregada, não se esqueça que eu não pago. Pague você.

Bateu a porta com força e foi embora. Fiquei me contendo no quarto, depois fui à cozinha acabar de lavar os pratos do almoço. Estava ainda nesse serviço quando Isabel entrou na cozinha; não fora ao Grupo esse dia porque estava com dor de barriga, tinha comido mexerica verde. Falou com um arzinho assustado:
– Mamãe, eu vi um automóvel parar aqui, acho que é tia Emília da Rua Guaianases. É um automóvel grande, preto, com …

Interrompi-a com um grito, o coração aos pulos:

– Tia Emília? Meu Deus, o que eu faço?

Lembrei que a sala estava em desordem porque eu não tinha tido tempo de arrumar, olhei desesperada para minhas mãos sujas, cheirando a cebola e para meu vestido velho todo manchado de gordura; nisso ouvi umas batidas fortes no portãozinho de ferro. Isabel, radiante com a novidade, saiu aos pinotes pelo corredor afora, fazendo um barulhão. Chamei-a:

– Isabel! Isabel!

E corri atrás dela; mas ela não me atendeu. Fui pedir à minha sogra que fosse receber tia Emília; bati na porta do quarto, mas ninguém respondeu. Ela não estava; gritei por minha cunhada, mas não ouvi resposta. Nesse momento, bateram mais fortemente no portão e meu coração deu uma reviravolta no peito.

Corri para meu quarto para ver o que podia fazer; lembrei que minhas mãos estavam cheirando cebola, corri para o banheiro e laveias; voltei correndo para o quarto e nisso ouvi vozes na sala e percebi que tia Emília já havia entrado. Tirei o vestido velho e vesti outro que estava dependurado atrás da porta; na pressa de enfiá-lo pela cabeça, um colchete enroscou no meu cabelo e só consegui tirálo à custa de muito cabelo arrancado. Abotoei o vestido rapidamente, mas não podia ter escolhido pior, pois era cheio de botões de pressão, daqueles bem miudinhos; resolvi abotoar um sim, outro não, e depois de ter passado um pente nos cabelos e espalhado póde-arroz no rosto, fui afobadamente para a sala, ainda abotoando os colchetes do punho. Encontrei tia Emília e prima Adelaide conversando calmamente com minha sogra, enquanto Isabel encostada na cadeira da avó, olhava com olhos espantados as visitas importantes. Desculpei-me pela demora, mas tia Emília disse que encontrara minha sogra no portão da vizinha e haviam se apresentado. Disse que Isabel era muito educadinha e a recebera muito bem. Fiquei aliviada e começamos a conversar; tia Emília queria saber quantos filhos minha sogra tinha, onde moravam e o que faziam. Depois falou sobre os Lemos; conhecia a nomenclatura de todos os Lemos, desde 1700 e tudo o que já me contara várias vezes, repetiu à minha sogra. Começava sempre assim:

– Há os Lemos de Melo, os Lemos de Almeida, os Lemos de Brito … Conheci uns Lemos de Brito numa viagem que fiz pela Europa. Não lembra, Adelaide? Ficamos até muito amigos.

Prima Adelaide confirmava com a cabeça e tia Emília continuava:

– Há também outros Lemos; deixa ver se me lembro … Já sei, são os Lemos de Arruda. O seu Lemos deve ser Faria Lemos, não é? Conheci um Faria Lemos há muitos anos, família de Minas.

Quando acertava, ficava radiante e continuava a enumerar todos os Lemos que conhecia, e custava mudar de assunto. Levantei-me mais tarde dizendo que ia fazer um cafezinho, mas tia Emília estendeu o braço, num gesto arrogante; estava proibida de tomar café. Perguntei então se queria tomar um licor de leite muito fraco feito em casa. Aceitou distraidamente, enquanto prima Adelaide começou a falar sobre licores feitos em casa; disse que sabia fazer um de cacau, tão saboroso como os estrangeiros; minha sogra foi apressadamente buscar um lápis e papel para tomar nota da receita. Tomamos licor de leite e falamos depois sobre pessoas conhecidas. Uma hora depois, levantaram para sair; Isabel correu na frente, imaginei logo que foi avisar a vizinhança. Enquanto tia Emília e a filha

entravam no automóvel, vi as filhas de D. Genu na janela, a cortininha branca da casa de D. Iaiá se mexer, era ela que estava espiando; e uma outra vizinha de lado também chegou à janela. O automóvel partiu entre adeuses, lançando uma fumaça escura e roncando muito, entre a admiração da vizinhança alvoroçada.

À noite, quando Júlio chegou, Isabel correu para contar a novidade da visita; dizia com olhos arregalados: “Um automóvel batuta, grande, preto, brilhante …” Eu estava na cozinha fazendo o jantar quando Júlio chegou com uma língua defumada e me deu, disfarçadamente, como quem não quer; depois mandou os meninos todos me auxiliarem na limpeza da cozinha; a irmã vendo isso, foi me ajudar também e às oito horas, tudo estava pronto; fomos então assistir a uma fita no Royal. Por sinal que foi uma boa fita e fiquei contente comigo mesma.

***

Dois dias depois, Durvalina veio trabalhar e tudo se normalizou de novo. Em fins de julho, minha sogra e minha cunhada voltaram para Belo Horizonte e ficamos sós outra vez; antes de partirem, fomos fazer um passeio a Santos. Foi num sábado e dias antes as crianças só falavam nisso, pois nunca tinham visto o mar. Fiz uns calções para eles tomarem banho e levamos uma cesta com coisas para comer; foi um verdadeiro piquenique na praia. Nunca poderei esquecer a reação que cada um deles sentiu quando viu diante de si a imensidão azul do mar. Quando o bonde ia chegando na praia pela
Avenida Ana Costa, Isabel foi a primeira a se manifestar; ficou de pé, os olhos cintilantes, os cabelos soltos sacudidos pelo vento da praia, colocou as duas mãozinhas no peito num gesto de admiração incontida e gritou, comovida:

– Mamãe!

Foi um grito espontâneo, sincero, natural; assombrada com o que via, não achou outras palavras para expressar melhor o sentimento de alegria, admiração e assombro diante do inverossímil, do inacreditável.

Descemos do bonde no Gonzaga; os meninos continuavam calados, num mutismo teimoso de quem tem medo de falar qualquer coisa errada. Júlio então alugou uma cabine e as crianças vestiram os calções; correm para o mar, dando gritinhos de alegria. De repente, Alfredo abriu os bruços diante do mar ficou assim um minuto parado, de calção azul, pernas fortes um pouco abertas, os pés

fincados na areia, recebendo em todo corpo a brisa morna e salgada, e gritou então com toda a forca:
– Ô má!

A admiração foi demasiada, esqueceu o ar; parecia querer abraçar o mundo todo; o céu, o mar, as ondas as montanhas verde-azuladas à direita e os navios perdidos ao longe, na linha do horizonte … Depois saiu correndo e entrou nas primeiras espumas, jogando água por todos os lados, com os braços e as pernas. Rimos todos. Julinho não disse nada e quando Júlio perguntou:

– Então que tal o mar?

Ele respondeu com evasivas:

– É bem grande, papai. E onde estão os navios que o senhor disse?

Carlos quis mostrar superioridade e disse com um ar displicente:

– O mar? Ora! Eu já vi tanto em cinema!

Fiquei pensando em como é misteriosa a natureza humana; quando pensamos que conhecemos a alma dos nossos filhos, suas vontades, seus gostos, suas reações, suas debilidades, vemos que estamos longe da verdade; não conhecemos nada, estamos diante do inexplicável. Mesmo sondando com tato e cautela, deparamos sempre o desconhecido e ficamos surpreendidos diante do inesperado.

Passamos a tarde na praia; depois do almoço, as crianças brincaram de amarelinha, jogaram bola, fizeram castelos na areia, sem vontade de deixar aquele paraíso; quando um vento frio começou a soprar e a tarde foi escurecendo, tratamos de voltar. As ondas eram mansas e vagarosas, como se tivessem preguiça; desfaziam-se lentamente, uma em perseguição a outra numa continuidade sempre igual; os meninos procuravam conchinhas numa sofreguidão para ver quem encontrava maiores e mais bonitas. Tomamos o bonde para a estação; quando o trem começou a subir a serra, Isabel recostou a cabeça no ombro do pai e dormiu; já era noite escura e uma neblina cerrada encobria tudo. Os meninos vinham sonolentos e pesarosos por ter terminado o

passeio e ao chegar em casa, tomaram café com leite – com restos do bolo que sobrou do almoço e foram dormir cansadíssimos, mas com os corações alegres.

No dia seguinte, Carlos e Alfredo tiveram uma gripe muito forte; Júlio disse que foi o passeio a Santos, mas como dias antes eles estavam espirrando muito, creio que foi porque dormiram durante todo o inverno no quarto de costura. A gripe foi violenta e pensei que tivesse pneumonia em casa outra vez, mas felizmente tudo passou; fiquei muito cansada e as despesas cresceram com o médico e os remédios.

Olga escreveu anunciando o nascimento de um filho e contando que mamãe não estava passando bem; vivia quase sempre deitada, sem poder trabalhar e Clotilde trabalhava duplamente, o que dava pena. Fiquei apreensiva e pensei em ir a Itapetininga logo que pudesse.
Assim chegou o fim do ano; em dezembro tivemos a satisfação de ver Carlos passar para o segundo ano ginasial com as melhores notas; Julinho e Isabel também passaram de ano no Grupo; só Alfredo tomou bomba. Não gosto de lembrar o que sofremos Júlio e eu, ao vê-lo tão vadio, desobediente e malcriado. Júlio quis bater com a cinta outra vez, dizendo que só uma boa sova podia endireitar Alfredo; eu dizia que não, era ainda pior. Chegamos a discutir muitas vezes e não nos conformávamos com ter um filho assim, tão pouco amigo dos estudos e dos deveres filiais. Eu procurava consolar meu marido:

– Ele fica bom. É muito criança ainda e não sabe o que faz. Ele ainda endireita; e depois não tem por quem puxar na ruindade, tem que ficar bom.

Júlio não dizia nada e passava as mãos na cabeça, desconsolàdamente. Às vezes suspirava:

– Qual! Já perdi as esperanças.

Eu o encorajava, mas no íntimo, achava Alfredo tão esquisito, com um ar cínico e indiferente, e não tinha também muita esperança no futuro dele. Tive que pô-lo num quarto sozinho, pois brigava tanto com os irmãos que não era possível continuarem juntos. Como não havia outro quarto na casa, voltou para o quarto de costura; ficou radiante de ter um quarto só para ele; pregou uma porção de figurinhas na parede e colocou sobre a mesinha da cabeceira, uma coleção de conchas e outras bugigangas. Proibiu os irmãos de entrarem no quarto sem

licença especial e só para Isabel fazia uma exceção de vez em quando. Estávamos em fins de dezembro. Dois dias depois do Natal, recebi um triste telegrama: “Venha. Mamãe muito mal”.

V

SENTI o coração espremido e uma leve falta de ar; fiquei desnorteada ao princípio, sem saber bem o que fazer porque estava sozinha em casa, só com a Durva. Corri para o meu quarto e coloquei alguma roupa na maleta escura, pensando: “ela morreu … ela morreu … ela mor …” Lembrei de pôr um vestido preto também, mas a mala era tão pequena que não cabia, então fiz depressa um embrulho separado, gritando ao mesmo tempo:

– Durva! Durva!

Durvalina veio correndo do quintal, onde estava lavando roupa, um ar assustado; mostrei o telegrama dizendo que ia partir no trem das quatro e pedi que olhasse as crianças e explicasse tudo a Júlio. Ela queria que eu tomasse um café forte antes de sair, mas eu disse que não dava ternpo e tomaria na estação; ela foi para a cozinha fazer o café e disse que os da estação nunca são tão bons como os de casa. Quando eu já estava pronta, apareceu com uma xícara de café forte e fumegante que tomei afobadamente, no momento de sair. Queimei a língua na pressa de beber e despedi-me dela, saindo correndo para tomar o bonde que já ia descendo a Avenida. No fim da Avenida, tomei um táxi porque vi que não dava tempo de alcançar o trem e apenas tive tempo de comprar a passagem e correr para entrar no trem; parece que ele estava esperando, pois começou a rodar com estrépito, soltando um insuportável cheiro de carvão que me entrou pelo nariz. Durante toda a viagem fui pensando: ela morreu … ela morreu … ela morreu …

Em Sorocaba, entrou no meu vagão uma pessoa conhecida que veio falar comigo; conversamos ligeiramente e contei o motivo da minha viagem. Em Boituva, entraram outros conhecidos e me cumprimentaram; eu não estava com vontade de conversar, então abri a bolsa e recostando a cabeça para trás, fiquei segurando o lenço de encontro ao nariz, os olhos fechados como se estivesse sentindo enjôo. Quando vi, estávamos em Itapetininga; estranhei não encontrar ninguém na estação, depois me lembrei que não podiam adivinhar a hora da minha chegada. Quando desci do automóvel em frente da nossa velha casa e estava tirando o dinheiro para pagar o chofer, uma vizinha chegou à janela e me cumprimentou. Pelo cumprimento que me fez, percebi que não havia mais esperança.

Sempre que essa vizinha me via chegar, dizia, muito alegre:

– Olhe a Lola! Como foi de viagem? Que criançada bonita! E como ela também está bonitona, ora vejam só! E sabia tudo o que se passava na casa de mamãe, pois costurava perto da janela o dia inteiro e espiava toda a vizinhança; quando se queria alguma informação sobre qualquer assunto, era só perguntar à D. Carola:
– Carola, o homem da mandioca já passou?

– Não. Hoje não é dia; ele passa três vezes por semana: terças, quintas e sábados. Hoje é quarta-feira.

– Ah! Muito obrigada.
Ou então:

– Carola, não sabe se os Brito já se mudaram?

– Não ainda; eles iam se mudar ontem, mas amanheceu chovendo e deixaram para hoje. Hoje as crianças ficaram resfriadas, com febre, então deixaram para depois de amanhã.

– Ah!

Era o jornal vivo da cidade; nesse dia quando desci do carro, ela enfiou a cabeça na janela, olhou para mim em silêncio e disse com ar compungido:

– Boa noite, Lola.

Senti as pernas bambas e entrei cambaleando; encontrei Clotilde e Olga chorando debruçadas sobre o caixão. Abraçaram-me convulsivamente, chorando mais alto; comecei a olhar tristemente o rosto escuro de mamãe e quando levantei a cabeça, toda a vizinhança estava pelos cantos da sala. D. Carola também tinha vindo assistir ao encontro. A casa foi se enchendo; D. Carola como vizinha e amiga da casa, tomou conta da cozinha; logo depois da minha chegada, veio com uma bandeja de café:

– Tome, Lola, está bem quentinho.

Tomei café, enquanto muitas pessoas falavam comigo; reparei que não havia mais cadeiras disponíveis; havia grupos espalhados na cozinha, nos quartos e até no quintal. Muitos ficavam encostados nos batentes das portas, conversando; falavam em voz baixa e contavam casos de morte e doenças dos parentes. Fiquei todo o tempo na sala e quando vieram-me buscar para tomar qualquer coisa, disse que não queria nada, mas insistiram tanto que resolvi tomar outra xícara de café, bem forte e quente. Passaram-se horas; à meia-noite, todos começaram a se retirar e ficamos só as três filhas e o Zeca, mas às duas horas, o Zeca também foi se recostar um pouco e ficamos as três recordando a doença de mamãe e todas as palavras e os atos dela nos últimos tempos. Clotilde disse:

– Ela vivia rezando pra ver você antes de morrer. Perguntava: Será que ela não vem? Será que Lola não vem?

– Vocês deviam ter me avisado que ela estava para morrer, eu viria de qualquer jeito …

Olga interrompeu:

– A questão é que havia dias que ela passava melhor, até bem, não é Clotilde? Como é que a gente ia adivinhar? E você é tão ocupada!

Clotilde falou, chorando:

– Pois ela até queria me ajudar nos doces; quantas vezes foi mexer o tacho pra mim. Eu dizia: deixa isso, mamãe, faz mal pra senhora. Qual o quê! Ficava horas até não poder mais. Ficava às vezes tão pálida como a cal, o beiço branco, então largava tudo e ia deitar. Coitada de mamãe!
Clotilde chorou mais alto e Olga e eu também choramos; depois Clotilde levantou-se e endireitou o pavio de uma das velas que tinha entortado e o esparmacete ia se amontoando de um lado só. A vela deu uns estalos e ficou firme; entrava um vento quente pela janela. Fazia muito calor. Olga perguntou:

– Não quer comer alguma coisa, Lola? Você não jantou.

Levantei-me dizendo que ia tomar um pouco de água; Clotilde interveio:

– Tome leite; tem leite no guarda-comida. Tem biscoito também.

Tornei um copo de leite na cozinha e comi uns biscoitos; depois procurei mais coisas para comer porque estava com fome; encontrei então pão e goiabada. Comi de tudo e voltei à sala, onde minhas irmãs estavam sentadas de cabeça baixa, ao clarão das quatro velas. Dirigi-me a Olga:

– Como vão suas crianças? Nem perguntei ainda.

Olga levantou a cabeça sorrindo:

– Vão muito bem, felizmente. Sabe que a mais velha fala tudo?

– É?

– E o menino está pesando quase cinco quilos; está um colosso.

Clotilde disse que nunca tinha visto uma criança forte e bonita assim. Ficamos quietas um tempo, depois falei:

– Achei tia Candoca tão acabrunhada, está tão diferente da última vez que a vi. Por que será?
Clotilde perguntou:

– Ué! Pois você não sabe que ela está com a cunhada louca em casa? Isso é brincadeira? Agüentar uma pessoa nessas condições?

– Nossa Senhora! Por que não a mandam para um hospício?

– Hospício custa dinheiro e tia Candoca não tem muito; mas é uma loucura mansa, não faz mal a ninguém.

– Mas é louca mesmo? Eu acho que tem umas manias, mas não se pode chamar de louca.

– Antigamente era esquisita; agora é louca de uma vez.

– Então piorou?

– Nem se fala; não conhece quase ninguém, às vezes nem tia Cantoca nem os sobrinhos. Confunde todos e faz uma embrulhada. Passa dias no quarto sem falar com pessoa alguma.

– Não diga! … E não sai de casa?

– Nunca. Vive no quarto ou na sala; às vezes veste o melhor vestido dos bons tempos, pega o leque e começa a se abanar, sentada na cadeira de balanço, conversando sozinha.

– Que horror!

Olga baixou a cabeça e começou a rir disfarçadamente; Clotilde continuou:

– Tem umas manias esquisitas que você nem imagina; lembra da Benedita, aquela preta velha?

– Lembro.

– Pois todo o dia de manhã, a mulher abre a porta do quarto quando se levanta e grita, meio cantando:

– Benedita! Be-ne-di-ti-nha! Venha tirar o ourinol que está sujo e não está limpo!

Olga baixou mais a cabeça e pondo a mão na boca, riu-se mais; eu ri também, falando:

– Que horror, Clotilde. E eles aguentam isso? Maníaca desse jeito?

– Pois é, imagine! E fala isso cantarolando; é por causa disso que tia Candoca está acabada; mas ouvi dizer que estão vendo se arranjam um lugar pra doente, em S. Paulo.
– Precisa mesmo. Impossível ficar assim a vida toda.
– E quando passa pelos corredores da casa, vai arranhando as paredes como as crianças; e sempre cantando baixinho.

Tornamos a rir e Clotilde para disfarçar, tornou a se levantar e arranjou o pavio da outra vela com as pontas dos dedos; puxou-os apressadamente para não

queimá-los. Então olhamos para mamãe e suspiramos. Houve um longo silêncio; de repente Olga encarou Clotilde e perguntou com voz um pouco estridente, a voz que ela fazia todas as vezes que queria conseguir qualquer coisa:

– Onde estão os brinquinhos de brilhantes de mamãe?

– Na gaveta do lavatório, dentro de uma caixinha de pó-de-arroz. Por quê?

– À toa.

Clotilde acrescentou:

– Os brinquinhos são meus; há muito tempo mamãe me deu.

Olga insistiu:

– O que vai fazer com eles? Não tem filhas para deixar.

– Ué! Eu não posso usá-los? Será que estou tão velha assim que não posso mais usar brincos? Ora esta!

Cortei a discussão:

– Coitada de mamãe. Há quanto tempo ela não usava os brincos; e eram tão bonitinhos; a última vez que a vi com eles foi em S. Paulo quando foi consultar o médico …

Olga me interrompeu:

– Quando papai comprou esses brincos, nas bodas de prata, parece que tinham pouco valor; mas hoje estão valorizados. Valem pelo menos um conto de réis. Não é, Clotilde?

– Avaliaram em 500 $000 cada brilhante. Também era a única jóia que a coitada tinha; isto é, tinha também o broche de camafei.

– Camafeu, Clotilde.
– Camafeu.

Olga se mexeu na cadeira:

– O broche de camafeu é meu; mamãe me deu quando eu estava grávida a segunda vez. Ela me disse um dia sentada aqui neste sofá e eu naquela cadeira: “Olhe, Olga, este broche de camafeu é para você. Não vale grande coisa, mas é uma lembrança minha”. E eu respondi: “Basta ser dado pela senhora que para mim vale muito”.

Ficamos quietas outra vez e Clotilde me olhou piscando levemente um olho; Olga tinha a mania de querer sempre o melhor para ela, desde pequena. Lembrei do nosso pai que dizia ter estudado o caráter de cada uma de nós e definia assim: “Clotilde, a mansa. Eleonora, a humilde; Olga, a arrogante.” Perguntei:

– E o bandolim de mosaicos? Aquele brochinho que tia Emília trouxe da Itália para mamãe? Eu achava uma belezinha, tem a palavra — Roma.

– Está junto com as outras coisas na caixinha de pó-de-arroz; mas está quebrado.

Continuei:

– Então esse fica para mim como lembrança de mamãe.

Clotilde afirmou:

– Naturalmente; esse fica pra você.

Olga não disse nada e se mexeu na cadeira outra vez. Depois falou:

– Eu me lembro que era ainda pequena e achava o broche muito bonito; um dia mamãe disse que quando eu tivesse uma filha, seria meu.

Repliquei imediatamente:

– Então você devia ter reclamado quando cresceu e não esperar ela morrer para dizer isso. E se eu não ficar com o bandolim, o que fica para mim?

Clotilde tornou a falar:

– Lola tem razão, Olga. O bandolim fica para ela; você já tem o camafei.

– Camafeu, corrigi.

– Camafeu.

– Mas eu não estou querendo, disse Olga. Só contei o que mamãe disse quando era pequena, mas Lola faz muito bem em ficar com ele.

Olhamos outra vez para mamãe. Olga sussurrou:
– Que horas são?

– Três e meia. Vá deitar-se um pouco, Olga. Você tem criança pequena, disse Clotilde.

Olga levantou-se dizendo que não; depois, aproximou-se de mamãe e olhou-a longo tempo. Suspirou:
– Coitada!

Começou a passar a mão lentamente pelo rosto impassível de mamãe; e principiou a chorar, um choro baixinho e triste, entremeado de palavras:

– Coitada! … Tanto que ela trabalhou para nos sustentar, para nos educar … Dizia: o pouco que seu pai deixou não dá para nada, se eu não der duro aqui no forno, não podemos viver … E trabalhava da manhã à noite.

Clotilde falou do canto da sala:

– Pode-se dizer que trabalhou até o dia da morte, pois estava doente, fraca, sem forças pra nada e ainda mexia o tacho pra mim. Coitada. E sabe que deixou seis tijolos de goiabada para vocês? Todo o ano ela mesma fazia questão de preparar os seis pedaços de doce e dizia: Estes não vendo, são de Lola. Eles são seis. Que gosto tinha em mandar todo o ano os seis tijolos do doce pra vocês. Agora acabou-se.

Olga tornou a falar, chorando:

– Sempre dizia que não ia ver meus filhos crescidos. E acertou.

Chorou mais alto e saiu da sala, encaminhando-se para o quarto de Clotilde, onde o Zeca estava dormindo. Deitou-se também. Clotilde disse:

– Você também deve estar cansada por causa da viagem. Por que não se recosta um pouco no sofá?
– Não. Estou aguentando bem.

– E que tal um café agora?

– Acho bom.

Clotilde se levantou e antes de deixar a sala, curvou-se para mamãe e beijando as mãos, unidas, balbuciou:
– Coitada de mamãe.

Aproximei-me da janela e vi uns tons avermelhados de um lado do céu; era um novo dia que surgia, longe ainda. Olhando as árvores tão conhecidas do pomar, comecei a me lembrar da nossa infância e de mamãe batendo ovos a vida inteira para fazer os doces que vendia. Lembrava bem da voz dela:

– Lola, venha me ajudar a bater este pão-de-ló para a casa do Juiz que faz anos hoje.

Eu às vezes respondia, sem vontade de trabalhar:

– Agora não posso, mamãe. Tenho lições para fazer.

Ela se irritava:

– Deixe as lições para a noite e venha me ajudar. Anda.

Eu ia devagar, preguiçosamente, e começava a bater o pão-de-ló. Mamãe falava com voz mandona:

– Depressa, menina. Deixe de preguiça.

Eu batia então com força e parecia que o prato ia se quebrar com as batidas da colher. Batia com raiva. Mamãe corria apressada de um lado a outro; um pano amarrado na cabeça. Espiava o forno uma porção de vezes para ver se estava no ponto; punha um papel branco dentro dele para experimentar a temperatura. O papel saía marrom. Pronto; estava no ponto; despejava o pão-de-ló na forma. Falava depressa:

– Este é para o Juiz; as rosquinhas também. Depois de amanhã tenho de fazer uma porção de doces para a senhora do delegado novo; nem sei bem direito o nome dela. É aniversário. E na quinta-feira que vem é dia de anos do vigário; encomendaram fios de ovos.

Espiava outra vez o forno, corada, a testa cheia de suor. Vinha um bafo quente lá de dentro. Dizia, afobada:

– Traga as amarelinhas. Anda. Não estão prontas?

Com os olhos úmidos, voltei-me para Clotilde que vinha com a bandeja do café:

– Tome, Lola. Está bem quentinho.

Tomamos juntas o café quando a porta da frente se abriu e entrou D. Carola, ainda com cara de sono:

– Bom dia! Bom dia!
Depois olhou para meu lado e começou a explicar:

– Olhe, Lola, eu já falei porque não passei a noite aqui com vocês; tenho andado com uma dor nos rins ultimamente, que não há o que cure. Passo mal e o médico quer que eu faça repouso; não é mesmo, Clotilde!

E aproximando-se de mamãe, começou a chorar fungando e a limpar as lágrimas com a manga da blusa; logo acalmou e tomou café conosco.
O dia chegou rapidamente; a casa começou a se encher de novo e as pessoas que entravam, sentavam na sala, compenetradas e tristonhas; um terrível cansaço se apoderou de mim e os olhos arderam de sono; Júlio chegou de S. Paulo no primeiro trem. Ficamos todos ali até o momento do enterro sair; minha cabeça pesava como chumbo; não entendia bem o que estava se passando. Depois de

tudo terminado, ficamos combinando o que seria de Clotilde; não poderia continuar vivendo sozinha na velha casa. Ela disse que acabaria com tudo, venderia o que pudesse e iria morar com Olga e Zeca na farmácia. Depois passaria um tempo conosco, em S. Paulo.

Júlio e Zeca pagaram as despesas do enterro; à noite, embarcamos para S. Paulo.

Despedi-me das irmãs com o coração magoado e cheguei muito cansada em nossa casa; desanimada também, pensando: Para que tanto trabalho, tanto esforço, tanta luta neste mundo, se o fim de todos é o mesmo: ficar deitado entre quatro tábuas, no escuro e com uma porção de terra por cima?

VI

MAIS um inverno chegou e passou; a Avenida ficou com as árvores peladas, os galhos sem folhas voltados para o céu cinzento, enquanto um ventinho gelado penetrava nas casas, sacudindo as roupas nos varais e assobiando através das tabuinhas das venezianas, um assobio fininho e irritante. E mais um ano acabou para nós; chegamos então a 1922.

Muitas casas novas apareceram perto da nossa e nas travessas da Avenida Angélica; a cidade fez um progresso assustador. Ruas que antigamente eram lama e pó, foram calçadas, e, nos terrenos baldios, surgiram palacetes e mais palacetes; as telhas vermelhas e novas brilhavam ao sol; nos gramados verdes, entre os canteiros floridos, cães de raça passeavam com displicência. E automóveis apareceram de todos os lados; todo o mundo começou a passear de automóvel e a fazer corso aos domingos na Avenida Paulista; eu ia às vezes a pé com as crianças e ficava na esquina, olhando o corso. Não se via mais carro de espécie alguma; os automóveis passavam vagarosamente um ao lado do outro, cheios de pessoas muito bem vestidas que quando se conheciam cumprimentavam-se sorrindo, as senhoras dando adeusinho com as mãos, alegremente.

Alfredo dizia que, quando fosse grande, teria um automóvel. Carlos e Julinho discutiam o valor das marcas.

À noite, à volta da mesa da sala de jantar, conversávamos sobre o futuro das crianças. Carlos dizia que ia ser médico, Alfredo queria ser mecânico, Julinho queria estudar Engenharia e Isabel dizia que ia ser professora. Júlio falava gravemente, fazendo planos para aumentar dois quartos depois que tivesse pago tudo. Um dia falei aos quatro:

– Vou comprar um bilhete de loteria este ano, no Natal; não compro bilhete inteiro porque fica caro, compro só a terça parte. Decerto vou ganhar porque nunca comprei. Cada um de vocês tem direito a escolher o que quiser. Vamos ver.

As faces das crianças cintilaram, os olhos radiantes fixos no meu rosto. Isabel foi a primeira:

– O que eu quiser? Ah! Eu quero passar as férias na praia, mamãe. Nunca mais fomos a Santos; eu quero que a senhora alugue uma casinha na praia ou perto da praia e vamos todos para lá.

– Está bem. Terá as férias na praia. E você, Julinho, o que quer?

– Eu quero livros, mamãe. Quero toda a coleção Amarela e os livros policiais que vi outro dia numa livraria.
O pai sorria, concordando:

– Está bem. Vai ganhar os livros, mas não precisa gritar desse jeito.

Julinho baixava a voz e continuava, achando pouco o que tinha pedido:
– E quero a temporada em Santos também. E se pudesse queria comprar um cachorrinho que vi um homem vendendo outro dia.

– Nossa Senhora! Quanta coisa! E você, Alfredo?

Alfredo respondeu logo, contentíssimo por ter chegado a sua vez:

– O que eu quero a senhora não pode dar.

Olhamos todos para ele que continuou, sorridente:

– Quero um automóvel, nem que seja velho e feio.

Júlio e eu começamos a rir; Júlio falou:

– Sua mãe não pode dar isso para você, Alfredo. Automóvel é muito caro; o dinheiro não dá para tanto. E o que dará então aos outros irmãos?

Carlos interrompeu, olhando Alfredo de lado:

– Eu já sabia que ele ia pedir isso; eu já sabia.

Alfredo levantou a voz:

– Sabia o quê? Como é que sabia? Sabia coisa nenhuma.

Júlio falou, conciliadoramente:

– E você, Carlos, o que quer?

– Uma bicicleta.

Julinho e Isabel gritaram ao mesmo tempo:

– Eu também quero uma bicicleta.

– Mamãe, eu também quero uma.



— *Vou comprar um bilhete de loteria este ano, no Natal. Decerto vou ganhar. Cada um de vocês tem direito a escolher o que quiser.*

O pai tornou a falar:

– Mas vocês dois já escolheram o que queriam e está muito bem escolhido; de vez em quando Carlos empresta a bicicleta para vocês darem umas voltinhas.

Carlos protestou, resmungando:

– Isso não, papai. Eles me estragam a bicicleta.

Virei-me para Alfredo:

– Você tem que escolher outra coisa; automóvel não posso dar.
Isabel exaltou-se:

– Peça bicicleta, Fedo. Bicicleta.
Alfredo olhou furioso para ela:

– Agora eu não peço. Pronto. Eu ia pedir, agora não peço.

E entredentes chamou a irmã de besta. Censurei Isabel:

– Por que chama seu irmão pelo apelido? O nome dele é Alfredo, diga Alfredo.

O pai insistiu:

– Escolha, Alfredo. O que você prefere? Uma bicicleta também?

– Não. Quero uma bola de futebol.
Houve um silêncio de expectativa, depois foi a vez de Julinho provocar o irmão:

– Eu sei para que ele quer bola. Eu sei.

Como ninguém respondeu, continuou, triunfante:
– Para jogar com os moleques da rua.

Alfredo olhou bravo para Julinho:

– Sabe nada, bobo. Bobão.

Isabel perguntou:

– Então para que é?

– Pensa que eu quero bola para guardar, é? Quero bola para jogar. E pôs as mãos nos bolsos, olhando arrogantemente os irmãos.

Carlos protestou:

– Mas bicicleta a gente anda sozinho. Bola precisa companheiros.

Alfredo respondeu:

– É isso mesmo; e você tem alguma coisa com isso? O que você tem com os companheiros que eu arranjar?

Julinho interrompia:
– Seus companheiros são os moleques da rua, todo o mundo sabe.

Alfredo gritou:

– Não se intrometa.

Eu intervinha:
– Alfredo tem direito de escolher outra coisa além da bola para não ficar inferior aos irmãos. Que será?

Ficaram mudos, insisti:

– Livros, Alfredo?

Ele dizia não com a cabeça. Depois pensou um pouco e respondeu:

– Quero um jogo mecânico que vi numa vitrine outro dia; e se puder, um canivete também.

Os irmãos começaram a gritar:

– Olhe o mecânico! Olá, mecânico!

De repente Isabel falou, maciamente:

– Carlos, você me deixa andar de bicicleta duas vezes por semana?

– Não. Você me estraga a bicicleta.

– Ah! Carlos, por favor. Ao menos uma vez. Deixa, Carlos?

– Já disse que não. Por que não pediram também bicicleta?

– Mas papai disse que você deve emprestar a bicicleta para darmos umas voltinhas. Não foi, papai?

Julinho fez voz de choro:

– Ah! Calucho! Deixa só de vez em quando. Mamãe, diga pro Carlos emprestar a bicicleta.

– Já disse que vocês estragam a minha bicicleta. Não quero.

– Nós não estragamos, Calucho. Juro que tenho cuidado.
– Estragam sim. Qualquer dia o breque não funciona mais. Eu sei.

Começaram a discutir em voz alta, quando Júlio interrompeu:

– É por isso que Papai Noel não dá o bilhete premiado; vocês estão brigando desde já. Imagine depois.

E acrescentou, bocejando:

– Não discutam mais e vamos tratar de dormir; peçam ao Papai Noel o bilhete premiado.

Isabel perguntou em voz baixa para mim:

– A senhora me dá também um tapetinho para minha cama?

– Dou sim, vamos dormir.

Fomos todos dormir. Percebi Julinho e Isabel atrás de Carlos, pedindo a bicicleta; ralhei com eles. Quando apaguei as luzes e a casa ficou em silêncio, ouvi um sussurro na porta do quarto de Carlos; era ainda Julinho pedindo para andar de bicicleta; ouvi a voz zangada de Carlos:

– Está bom. Deixo; mas você tem que prometer não me estragar a bicicleta.

Calaram-se de novo; eu estava quase dormindo, ouvi outra vez a voz de Julinho me chamando mansamente atrás da porta:

– Mamãe, a senhora me dá também os livros de Júlio Verne? Eu esqueci de pedir naquela hora.

– Dou sim, vá dormir, respondi com as pálpebras pesadas de sono.

***

O fim do ano foi chegando com muita animação por parte das crianças que estudavam muito, menos Alfredo. Apesar de eu ter comprado uma parte do bilhete de Natal, Papai Noel não se lembrou de nós. Felizmente eu tinha poupado algum dinheiro do meu trabalho e consegui comprar brinquedos e livros para os meninos; e também o tapetinho para a cama de Isabel. A temporada em Santos ficou adiada, mas compramos uma bicicleta para Carlos a prestações, como prêmio por ter passado para o terceiro ano com notas ótimas, mas com a condição de deixar os irmãos andarem uma vez por semana. Demos uma bola para Alfredo e livros para Julinho. Isabel ganhou uma boneca que fechava os olhos e dizia “mamã” com voz esganiçada; tinha um monte de cabelos cor de milho no alto da cabeça e uma touca de cetim azul sobre o monte de milho. Isabel tirou logo a touca e amarrou uma fita vermelha nos cabelos da boneca; chamava-a de filhinha querida e meu coração. Vivia o dia todo com ela nos braços e beijava-a muitas vezes às escondidas; foi a primeira grande boneca que ela teve; e a única.

Passaram-se os primeiros meses com muita chuva e muito calor; as crianças estavam em férias e como não podiam brincar no quintal porque chovia muito, brincavam dentro de casa fazendo grande algazarra; brigavam muito também.

Júlio chegava da loja mal-humorado e aborrecido porque não fazia bons negócios; não sabia se era por causa dos maus tempos que atravessávamos ou por causa da concorrência, pois em cada esquina abriam uma loja nova, às vezes até duas no mesmo quarteirão e isso o aborrecia muito. Ralhava com as crianças por um motivo qualquer e, uma ou mais vezes por semana, voltava tarde e

embriagado. Queixava-se também de dor no estômago, depois das refeições, principalmente. Eu dizia que era por causa da pimenta; ele dizia que não, e comia pimenta todos os dias; às vezes ia para o banheiro e vomitava tudo o que tinha comido, mas não fazia dieta e no dia seguinte comia pimenta outra vez e tornava a sentir a dor. Propus um dia levá-lo ao médico para saber a causa da dor, ele não quis:

– Deus me livre; não me fale em médicos.
E assim foi passando o tempo; uma tarde eu estava sentada no meu canto fazendo tricô quando Isabel entrou muito excitada, falando alto, os olhos enormes:

– Mamãe, a senhora não sabe o que Julinho fez; abriu a porta da carrocinha dos cachorros e soltou toda a cachorrada na rua.

Levei um susto e pondo de lado o meu trabalho, perguntei:

– O que, Isabel? Conte direito porque eu não sei o que você está falando.

– Nós íamos pela Rua Sergipe, mamãe, levar a encomenda que a senhora mandou; entregamos o pacote lá e íamos voltando. Quase na esquina da Avenida, estava parada uma carrocinha cheia de cachorros; então Julinho disse: "se eu pudesse, soltava esses coitados". Eu disse: "Nem pense isso, vamos embora". E começamos a subira Avenida, mas Julinho olhava para trás de dois em dois minutos; de repente ele gritou: "Vá andando, Isabel, que eu já vou". Voltou correndo e ficou perto da carrocinha, olhando. Eu parei para ver. Enquanto os homens estavam caçando um cachorrinho sem rabo, Julinho foi por trás, abriu a portinhola e saiu correndo. Todos os cachorros pularam na mesma hora e começaram a correr pela rua; os homens, quando viram, gritaram: Pega! Pega! mas eles gritavam pega para Julinho e não para os cachorros. Julinho corria feito louco, depois virou uma esquina e não vi mais. Todo o mundo saiu nas janelas e foi um barulhão na rua. No fim, os homens perderam ele de vista e perguntavam: "Não viu o menino que soltou os cachorros? Se nós pegarmos ele de jeito, vai ver".
– E onde está Julinho agora?

– Não sei, decerto entrou em alguma casa porque não vi mais.

Fiquei aflita e fui à janela esperá-lo; logo mais Carlos chegou do ginásio e disse que já sabia da artede Julinho. E dava grandes risadas:

– Que danado, hein, mamãe?

Quando já estava escurecendo, Julinho entrou, convencido da sua grande façanha, as mãos nos bolsos, assobiando alegremente. Recebi-o com uma carranca:

– Muito bonito o que você andou fazendo, hein? E se fosse preso? E se os homens batessem em você na rua diante de todo o mundo? E tinham direito de fazer isso. Podia até ir parar na cadeia. Bonito, hein?

Julinho empinou o peito, esticou o beicinho e olhando para mim de lado, falou com convicção:

– Ora, mamãe, então sou algum trouxa para eles me pegarem? Não vê! Mas foi estupendo, hein, Isabel?

Interrompi-o:

– E onde esteve esse tempo todo? Por que não veio mais cedo para casa?
– Aí é que está o truque; podia ser que os homens estivessem me esperando na esquina. Então fiquei o tempo todo em casa de um amigo.

– Que amigo?

– Um amigo que mora perto da Rua Ceará; ele assistiu tudo de longe porque ia passando de bonde nessa hora; diz que a cachorrada correu que não foi vida. Tinha um luluzinho branco que corria mais que todos; ia com o rabo em pé feito pluma. Assim. Outro era preto, pesadão; de repente ele ficou distraído perto de um poste; quando viu que era para correr, desandou pela Avenida abaixo num carreirão. Parecia uma pista de corrida para cachorro. Foi gozado, não, Isabel?

Carlos perguntou, rindo:

– E não pegaram nenhum?

– Qual o quê. Nem sombra. E esses os homens da carrocinha não seguram mais; estão sabidos.

Insisti, ainda um pouco zangada:

– Mas não faça mais isso, Julinho. Um dia você se sai mal e ainda vai dar dor de cabeça para seu pai; é capaz de parar na polícia.

Julinho sorriu com superioridade, o rosto vermelho e suado:

– Não tem perigo! Mas queria que a senhora visse a cachorrada correndo, mamãe. Foi um sucesso! Tinha um manquitola, você viu esse, Isabel? Quando começou a correr, esqueceu que era manco. Quá! Quá! Quá!

Todos começaram a rir e a falar; Alfredo entrou também da rua, orgulhoso da proeza do irmão; repetia rindo:

– O manquitola esqueceu que era manco! Esse é que corria mais! Quá! Quá! Quá!

Julinho animava-se mais:

– Foi um sucesso; saía gente nas janelas, nos portões, todos gritando: “Olhe a cachorrada solta”! E todos torciam para que os homens não pegassem mais os bichos. Gritavam para o Lulu: “Corre, luluzinho. Corre mais! Corre, pretão!” Foi uma beleza, mamãe! Sumiram todos lá para baixo da Avenida!

– Está bem, disse. Agora vá tomar banho e se vestir, está parecendo um moleque.

Quando ele ia saindo da sala, todo ufano, lembrei de perguntar:

– E o dinheiro da encomenda, Julinho? A Rua Sergipe pagou?

– Ah! Pagou. Ia me esquecendo.
E enfiando a mão no bolso, Julinho começou a procurar o dinheiro; procurou no outro bolso e noutro e não achou; virou os bolsos todos pelo avesso e o dinheiro

não apareceu. Começou a perder o entusiasmo e eu fiquei branca:

– Mas entregaram o dinheiro a você?

– Entregaram; espere aí. Em que bolso eu pus o dinheiro, Isabel? Não foi neste?

– Foi, disse Isabel, muito assustada também.

Depois de terem procurado outra vez, viram que o dinheiro estava perdido. Fiquei desesperada com a perda daqueles trinta mil-réis que iam me fazer falta porque já contava com eles. Quase dei uns tapas em Julinho, mas não tive coragem, porque seu rosto estava desolado. Sorrateiramente, saiu da sala e na hora do jantar, veio muito humilde me propor um negócio: tirar da mesada dele os trinta mil-réis, assim eu receberia o dinheiro, pouco a pouco. Com a fisionomia muito triste, eu disse que aceitava o negócio, mas me lembrei de que ele levaria seis meses para pagar a dívida e tive vontade de rir.

Nesse dia, Júlio não veio jantar; no dia seguinte, quando soube da proeza do filho, riu-se muito em vez de zangar com ele. E quando eu disse na hora do almoço que um dia Julinho seria preso por causa dessas brincadeiras, replicou:

– Não tem perigo, ele é muito esperto.

E piscou para Julinho:

– Boas pernas, hein, Julinho?

Todos riram e comentaram a façanha durante dias. Julinho sentia-se orgulhoso, quase um herói; e assim perdi a pouca autoridade que tinha e ainda meus trinta mil-réis.

VII

MANDEI convidar Clotilde para passar uma temporada conosco; chegou num dia abafado de novembro, com cestas e embrulhos de doces. Fiz do escritório um bom quarto para ela; ficou bem instalada, com a janela para o jardim e de vez em quando ela me dava de manhã, na hora do café, uma grata notícia:
– Apareceu hoje um lindo cravo vermelho; tão escuro que parece roxo.

Outro dia, anunciava:

– Lembra aquela roseira que veio de Itapetininga e nós não sabíamos a qualidade? É uma rosa cor-de-rosa muito bonita, acho que é Bela Helena.

– Tem rosas?

– Apareceu hoje a primeira.
As crianças corriam para ver a roseira e Júlio também; ficávamos rodeando a planta e fazendo exclamações sobre a cor, o tamanho e a qualidade.

Clotilde não ficava inativa; costurava roupas novas para as crianças, consertava roupas velhas e ajudava na limpeza da casa. Falava sempre em fazer doces para vender; dizia que isso dava dinheiro e estava tão prática que não se cansava muito. Achei boa a idéia, mas como o forno não era bom, tratamos de ajuntar dinheiro para comprar outro fogão com forno grande, mas era muito caro.

No fim do ano, Carlos vestiu calças compridas pela primeira vez e foi uma surpresa para mim. Já tinha feito quinze anos, mas não era muito alto e Alfredo que era mais moço, era altíssimo. Dias antes, eu dissera a Júlio:

– Precisa mandar fazer uma roupa de homem para Carlos.

Júlio não disse nada e mandou fazer às escondidas; uma vez surpreendi os dois cochichando e, nas vésperas de Natal, Carlos apareceu em casa com calças compridas, gravata de homem e a voz grossa, pois tinha mudado tanto ultimamente que os irmãos até o imitavam quando ele falava. Foi uma festa quando ele entrou em casa e Isabel bateu palmas, gritando:

– Mamãe! Ele parece um homem!

Julinho protestou, exaltado:
– Mas ele é homem mesmo, boba!

Alfredo gritou com entusiasmo:
– Aí, bichão. Está batuta!

Ralhei com eles:

– Fiquem quietos, deixa ver.

E olhei Carlos com orgulho; senti-me orgulhosa de ter um filho homem. E que homem! Bom, estudioso, simpático, ajuizado, e acima de tudo, meu amigo! Amigo! Só mais tarde compreendi a grandeza e a profundidade dessa palavra, quando, decorridos os anos, me vi quase só com ele naquela sala vazia, ouvindo o relógio bater as horas compassadamente, pingando os minutos que me separavam do passado. Parecia que o relógio fazia de propósito; todas as vezes que eu estava lembrando, ele começava a bater: dom! dom! dom! devagar e tristemente, como se dissesse: Lembra! Lembra! Lembra! Esse mesmo som, eu ouvi a vida inteira, nos dias alegres e nos dias de sofrimento; em todas as ocasiões principais da nossa vida, esse badalar tocou meu coração; não sei por que eu só reparava nele quando estava emocionada. E ele batia sempre com tanta indiferença pelo que se passava em nossa casa; queria que ele vibrasse também conosco. Na solidão, sofri mais; e Carlos nunca me abandonou um dia sequer; costumava dizer:

– Mamãe, lembre-se de que estou aqui. Coragem, mamãe! Nunca deixarei a senhora; lembre-se de que estou aqui!

Foi o melhor filho e o melhor amigo; comparei-o a uma árvore verde num deserto, coberto de sol e de areia e eu perdida na solidão procurando um lugar para descansar e refrescar a cabeça ardente.

Não pude deixar de agradecer ao céu o ter-me dado um filho assim e no íntimo, achava que não merecia tanto; e o céu me deu razão, porque um dia mo tirou. Senti-me então só no deserto, tão desesperadamente só que acreditei morrer de

dor; em vão procurei a árvore que me protegera e me amparara anos antes; já não existia. Não resistira ao sol ardente da vida, estava morta. Eu levantava os braços para o céu, numa imploração:

– Ah! Meu filho!

Lembrava de uma canção que ele cantava sempre: Quero ver-lhe uma vez mais. Eu então cantava baixinho: quero ver-te uma vez mais, meu filho. Só uma vez. Como se assim passasse a minha dor. Mas nunca mais ele voltou e minha dor ficou.

***

Nessa festiva véspera de Natal, quando Carlos apareceu de calças compridas, risonho e feliz, entre as brincadeiras e exclamações dos irmãos, beijei-o e abracei-o comovida, pedindo a Deus todas as bênçãos para meu filho mais velho. Fiz um jantar melhor para festejar o acontecimento e também porque era véspera de Natal e ficamos até tarde da noite quebrando nozes à volta da mesa e fazendo planos para o futuro. Carlos dizia:

– Quando eu for médico …

E meu coração inchava de orgulho.

No sábado seguinte, Júlio veio mais cedo para casa e fiquei muito admirada, pois aos sábados, geralmente, ele voltava de madrugada. Chamou-me no quarto com ares misteriosos e disse:

– Lola, tenho uma boa notícia a dar, mas não sei como vamos arranjar o negócio. Tive então uma idéia. Sente aí.

Eu me sentei na beira da cama e ele ficou de pé à minha frente; deu depois uns passos pelo quarto, enquanto eu esperava, rígida, a notícia. Parando outra vez na minha frente e me encarando, falou com voz nervosa:

– Lola, apareceu uma oportunidade única em nossa vida; única. Imagine que o chefe me convidou para sócio.

E parou esperando a resposta; quando abri a boca para falar, ele não me deu tempo e continuou:

– O Barbosa vai abrir uma filial no Brás; há muito tempo que eles têm essa idéia e hoje me chamaram no escritório depois do almoço e o tico-tico me propôs entrar para sócio da casa. (Entre nós chamávamos o Barbosa, o patrão de meu marido, de “tico-tico”). Quando ele fez a proposta, até fiquei sem fala; minhas pernas bambearam e nem sabia o que responder. Afinal ele me disse que pensasse bem antes de resolver qualquer coisa. Mas o pior é o dinheiro, Lola; o tico-tico disse que eu tenho de entrar com um capital, perguntei de quanto; ele parou um pouco, coçou a cabeça e disse: no mínimo cinqüenta contos. Fiquei frio. Onde vou arranjar? Decerto ele me convidou porque sabe que temos esta casa, senão, não me convidaria. Eu disse uma vez que a casa já é nossa; ele não sabe que ainda faltam quatro anos para acabarmos de pagar. E vender a casa para obter o dinheiro, não quero.

Protestei com energia:

– Deus me livre, Júlio! Isso nunca! Nem pense em vender a casa. Casa é casa.

– Então, o que faremos? Você não tem uma idéia?
Olhamo-nos sem nada dizer, mas notei um sorriso disfarçado nos lábios de Júlio. Ele continuou a passear pelo quarto com as mãos atrás das costas e eu baixei a cabeça, cismando.
– O negócio é bom mesmo, Júlio, mas se os 50 contos rodarem, como há de ser?

– Já vem você com idéias pessimistas; o principal não é os 50 contos rodarem, o principal é encontrar esses 50 contos. E tive uma idéia.

Olheio-o sem responder; o sorriso se acentuou no rosto de Júlio:

– Que tal se você fosse pedir à tia Emília?

Tive um sobressalto:

– Mas, Júlio …

– Eu pensei primeiro em irmos nós dois pedir, depois achei melhor você ir sozinha. É melhor. Que diabo! Eu dou a casa como garantia; quanto não vale esta casa?

Passei a mão pela testa, angustiada:

– Mas a casa ainda não é nossa, não pode ser garantia; e depois nunca pedi nada a tia Emília, fico sem jeito …

– Justamente por nunca ter pedido nada, talvez ela nos atenda. Eu pago os juros direitinho, é apenas um empréstimo. Enfim se ela não der, um outro há de dar por causa desta casa. É uma garantia. Que tal?

– Vou pensar, Júlio. Para quando é?

– O mais depressa possível; vá segunda-feira.

Senti as mãos frias e úmidas.
Tão depressa assim?

– Naturalmente; o tico-tico não pode esperar, precisa resolver logo.
– Então vou segunda-feira.

Passei a noite preocupada e o domingo todo também. Como seria recebido meu pedido? De que forma falaria? E seria atendida?

Amanheci com dor de cabeça na segunda-feira; tomei uma aspirina e nem almocei; depois saí com Júlio e disse a Clotilde que ia fazer umas compras. Separei-me de Júlio na cidade e, com o coração aos saltos, fui para a Rua Guaianases. Tia Emília me recebeu numa sala pequena onde passava os dias quando não recebia visitas; estava só. A filha que morava com ela, tinha saído. Cumprimentei-a e sentando-me ao lado, perguntei por toda a família, desde os filhos mais velhos, até o último bisneto. Depois falei sobre o frio, o calor e as chuvas. O tempo ia passando e de repente podia chegar alguma visita; então criei coragem e comecei a falar sem rodeios:

– Tia Emília, vim fazer-lhe um pedido; gente pobre só faz pedidos desagradáveis. A pobreza é horrível; já ouvi uma senhora rica dizer uma vez:

“Quando meus parentes pobres telefonam ou me visitam, tenho sempre contrariedades, nunca tenho alegrias”. E é assim mesmo. Infelizmente. A senhora desculpe minha ousadia e se não puder atender meu pedido, não faz mal.

Fiz uma pausa; tia Emília mexeu-se na cadeira, mas seu rosto ficou impassível; só suas mãos moviam-se nervosamente. Continuei:

– Queria ver se a senhora podia nos fazer um empréstimo; meu marido teve uma proposta para entrar como sócio da casa e precisa muito do dinheiro. Ele pagará os juros que a senhora pedir e damos nossa casa como garantia. Precisamos de cinqüenta contos.

Primeiro os olhos dela me fixaram terrivelmente; depois falou devagar, a voz breve e seca, procurando sorrir:

– Ah! Não tenho esse dinheiro para dar agora; tenho tido muitos compromissos ultimamente e não posso dar. Sinto muito, mas não posso.

Respirei fundo como uma pessoa que está debaixo d’água e consegue pôr a cabeça para fora; e falei:
Está bem, tia Emília. E se Júlio arranjar esse dinheiro com outra pessoa, a senhora pode ser nossa fiadora?

– Como? Fiadora?

Sua voz mudara de tom, era mais alta. Houve um curto silêncio. Tive uma pequena esperança e continuei com animação:

– Damos nossa casa como garantia, tia Emília; é verdade que ela não vale cinqüenta contos, mas quem sabe a senhora sendo nossa fiadora, poderemos fazer o negócio mais facilmente; e temos esperança de pagar logo porque a loja vai bem; tem progredido muito ultimamente.

Desta vez suas mãos moveram-se mais e as rugas se afundaram à volta da boca e na testa:

– Não posso fazer isso, Lola. Sinto muito, mas não posso, não costumo me responsabilizar por dívidas de ninguém, nem de meus filhos. Nunca fiz isso.

Sua voz tinha se tornado mais dura e mais seca; parecia uma lixa a me ferir os ouvidos. Mordi os lábios, sem saber o que dizer; comecei a escarafunchar uma idéia na cabeça para falar qualquer coisa e quebrar o silêncio, quando uma porta se abriu e prima Adelaide entrou. Sentou-se ao lado e conversamos assuntos diferentes. Falou-se outra vez das chuvas da última semana, da temperatura agradável e dos preços dos gêneros que estavam subindo cada vez mais. Abriu-se a porta outra vez e uma criada entrou trazendo uma grande bandeja pesada de bules de prata e xícaras; levantei-me para me despedir, mas tia Emília disse que eu devia tomar uma xícara de chá. Fiquei. Tomei chá e comi um pedaço de bolo, conversando despreocupadamente; levantei-me outra vez para sair e notei no rosto de tia Emília um clarão de alívio e contentamento por se ver livre de mim tão facilmente. A voz tornou-se então macia como se fosse de veludo:

– Foi pena eu não atender você; mas não foi possível. Recomendações.

Saí com a cabeça tonta, completamente atarantada; em casa, disse a Clotilde que estava muito cansada e com dor de cabeça; refugiando-me no quarto, chorei livremente, enquanto esperava Júlio. Ele chegou mais cedo, aflito por saber o resultado do pedido e quando me viu, percebeu o fracasso; seu rosto que estava animado quando entrou, fechou-se entre rugas e sombras:

– Então?
Nada, Júlio. Diz que não tem dinheiro.

– Não tem dinheiro? A voz de Júlio era forte e áspera. E fiadora?

– Também diz que não; não faz isso nem para os filhos, não é hábito.

Ficamos um momento calados; de repente, Júlio explodiu:

– Os ricos são uns bandidos! São desgraçados e miseráveis, não se salva nenhum. São todos iguais, não se pode contar com nenhum. Nenhum. Nunca estendem o braço para auxiliar um parente, um amigo, o próximo enfim. Só eles, só eles, só eles.

Júlio andava nervosamente de um lado a outro do quarto; procurei acalmá-lo:

– Você arranja com algum amigo, Júlio. Não desanime.

– Amigos? São todos mais pobres que eu; e, se tivessem dinheiro, não emprestariam ou não seriam amigos. Dariam uma desculpa, como essa velha deu. Miserável. Nessa hora é que se conhecem os amigos; mas não há amigos, todos fogem.

Não fiz observação alguma, só olhava para o chão; mas Júlio me interpelou:

– Como é mesmo que a Escritura fala dos ricos? Negócio de elefante no fundo de uma agulha?

– Camelo.

– Como é mesmo?

– É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus.

– Isso mesmo; é verdade. Muito mais fácil. Repare como eles não dão nada, Lola. O que eles têm, é pouco para gastar com eles mesmos. São muito piores que os pobres para pagar as contas; eu não digo sempre para você? Na loja nós sabemos quais são os ricos porque as contas deles dormem na gaveta. Miseráveis. Essa velha há de pagar; os netos dela hão de ser mais pobres do que nós.

– Não diga isso, Júlio. Que coisa horrível! Você está como D. Genu que é invejosa e rogadeira de pragas.

– Não estou rogando pragas; estou falando uma coisa que é quase lei do mundo: Os avós são riquíssimos, os pais são ricos, os netos pobres ou quase pobres. Se não são os netos, é a outra geração. Não se vê isso em muitas famílias? Quase todas. Repare um pouco. Como são ricos, ninguém trabalha, ninguém produz e o dinheiro vai saindo sempre, no fim tem que escassear. Tudo acaba. Desgraçados. O que custava ela me emprestar esse dinheiro? Que são para ela 50 contos? Uma migalha! Pois até essa migalha a diaba negou. Não faz mal, ela paga de outra forma.

Deixei o quarto para não ouvir Júlio falar e disse que ia tratar do jantar. Não se comentou mais nada. Júlio ficou de mau humor, não jantou quase e se retirou cedo para o quarto. Mais tarde, na hora de dormir, combinamos juntos o que ele devia fazer nos dias seguintes a respeito do empréstimo e dormimos tarde, alquebrados e sem esperanças.

No outro dia de manhã, contei a Clotilde a visita da véspera e nosso desespero. Ela estava costurando; levantou a cabeça, pôs os óculos no meio da testa, olhou-me e escutou até o fim; quando parei, disse indignada:

– Para o diabo toda essa gente rica; que vão àquela parte é o que desejo, seja parente ou não. Vocês hão de arranjar sem eles, hão de arranjar. Se Deus quiser.

E baixando a cabeça, continuou a alinhavar a calça de brim de Julinho com a máxima atenção, passando a unha do polegar com toda força sobre a costura.

VIII

Por toda a semana, Júlio não fez outra coisa senão procurar alguém que emprestasse o dinheiro; pediu a amigos e aos que não eram amigos, mas não conseguiu.

Quando entrava em casa com o chapéu caído na nuca, as duas mãos nos bolsos, andando devagar e o rosto fechado em carranca, eu já sabia por quê; nem precisava perguntar. Ele me dizia a sós, no quarto:

– Parece incrível que eu não encontre quem me dê a mão; é a mesma coisa como se eu estivesse caído, quisesse me levantar e ninguém me desse a mão para me ajudar a ficar de pé. Nunca pensei que fosse assim, Lola.

E passava os dedos pelos cabelos, num grande mal-estar. Eu procurava animá-lo, aparentando despreocupação:

– Em primeiro lugar você não está caído, Júlio. Nem deve dizer isso. Você está de pé e não pode se queixar, pois vai muito bem na loja. Pense um pouco: se por acaso arranja o dinheiro e a loja vai mal, tudo vai para trás e a gente tem que vender esta casa para pagar a dívida? Deus me livre, prefiro tudo a perder a casa, você sabe. Casa é casa. Diga ao tico-tico que agora você não pode ser sócio; mas, daqui a alguns anos, você será. Então esta casa já será nossa e teremos um grande sossego. Faltam só quatro anos, lembre-se bem! E quatro anos passam tão depressa!

Com essas palavras, ele se acalmava e dormia, mas no dia seguinte, ia novamente à procura de outras pessoas que pudessem emprestar o dinheiro. Quinze dias se passaram e não encontrou ninguém; então explicou ao tico-tico que infelizmente nesse ano não podia entrar para sócio da casa porque tinha outros compromissos, mas ficaria para o próximo ano.

Assim pusemos uma pedra em cima do assunto, mas uma vez ou outra quando o sono não vinha logo, eu percebia Júlio, virando na cama sem dormir. Uma noite me chamou:

– Lola, está dormindo?

– Não.

– Que bom se fosse sócio, hein? Agora no fim do ano teria meu lucro, e dava para tanta coisa. Até para fazer mais um quarto aqui na casa. Que pena!
Não respondi; ele percebeu que eu não queria falar do negócio, dormiu logo depois. Eu também dormi e sonhei com os bules de prata da tia Emília; eles tinham pés e corriam na minha frente; de vez em quando olhavam para trás e riam-se do esforço que eu fazia para alcançá-los"; assim corríamos durante horas inteiras.

Depois começamos a pensar em outras coisas e fomos esquecendo essa oportunidade perdida. Olga escreveu que tinha mais um filho, o terceiro, e nos convidou para padrinho s; dizia que era um meninão gordo, cheio de covinhas. Ficamos de ir fazer o batizado em dezembro.

Nessa época, Júlio começou a ter dor de estômago duas ou três vezes por semana, então resolvemos consultar um médico; era impossível viver com essa dor. O médico examinou-o muito bem e disse que era uma feridinha que havia na boca do estômago, tão pequena como a cabeça de um alfinete e era por isso que doía quando acabava de comer porque os alimentos iam na feridinha; só muito mais tarde é que fiquei sabendo que era úlcera. Ele começou a fazer dieta e repouso, comia alimentos amassados, mas não tinha muita paciência e de vez em quando dizia, empurrando o prato:

– A feridinha que leve o diabo!

E comia de tudo; horas depois gemia de dor, deitado na cama, com a mão na boca do estômago.

– Ai! Isto me mata!

Eu fazia o que podia; pedir a ele que só comesse o que o médico mandara, era pedir à chuva que não chovesse ou ao sol que não brilhasse.

As crianças ficavam assustadas com a doença do pai e quando entravam em casa, perguntavam logo, em voz baixa:

– Ele está sentindo dor? Como vai ele?

O Natal desse ano foi triste; um dos piores dias para Júlio. Passou o dia todo deitado, um livro na mão e Isabel ao lado dele, lendo também.

Quanto mais velha eu ia ficando, mais forte me sentia contra as vicissitudes e as tormentas à minha volta; com o tempo, vamos aprendendo melhor os conflitos da vida; a própria vida vai nos ensinando a viver melhor, a compreender melhor e a sentir melhor. É a sabedoria da idade.

Dizem que o sofrimento enobrece o caráter e purifica o espírito; mas não creio. Só os felizes podem ser bons e piedosos; os que sofrem são vingativos, perversos e sentem regozijo em acompanhar a infelicidade do próximo. Só aqueles que vivem no pedestal da riqueza, do bem-estar e da segurança, os privilegiados do destino é que sentem piedade sincera pelos que sofrem; olham consternados para o céu e dizem com ar compungido:

– Coitado! Que pena eu tenho! Fiquei tão triste quando soube!

Mas se de repente um vento forte os empurrasse desse pedestal e eles se vissem no meio do caminho, sem ter onde se refugiar entre o fragor da tempestade, palavras bem diversas sairiam dos seus lábios diante da dor alheia. Não seriam mais palavras de comiseração ou piedade, somente sarcasmo, revolta e ódio! A desgraça e o sofrimento contínuo é que modelam os maus e revoltados; só compreendi isso mais tarde.
Essa impressão me ficou depois de anos de convivência com D. Genu, nossa vizinha; ela era boa a seu modo, uma bondade diferente, revoltada, uma bondade maldosa, se se pudesse falar assim. Só era boa mesmo para os que morriam. Quando sabia que alguém havia morrido na vizinhança, mesmo que não conhecesse muito bem, ela corria e apresentava seus serviços; parecia sentir prazer em lidar com o defunto. E vai ver que sentia mesmo. Gostava de lavá-lo e vesti-lo solicitamente, não esquecendo detalhe algum; depois que o defunto estava no caixão, vinha com montões de flores e colocava uma por uma, carinhosamente, artisticamente, sobre o cadáver. Depoisde tudo pronto, sentava-se ao lado, puxava um rosário da bolsa e ficava rezando para a alma que se fora.

Toda a família do morto ficava admirando D. Genu e durante o resto da vida, dizia, referindo-se a ela:

– Como é boa! É uma santa! Veio vestir mamãe depois de morta, tomou conta de tudo e ainda passou a noite inteira aqui conosco!

Ninguém sabia que ela fazia isso porque gostava e sentia verdadeiro prazer, fosse quem fosse o morto; não era para prestar serviço aos vivos, nem para auxiliar a família num dia de aflição. Não. Era por amor ao defunto, conhecido ou desconhecido; creio que tinha uma espécie de divergência para atos mórbidos, um vício, um desvio, nunca pude interpretar.

Fora dessa tarefa que ela achava agradável executar, e fazia com gosto, a fisionomia iluminada pelo devotamento, era uma mulher áspera, dura para com todos, quase agressiva, um ar petulante.

Exteriormente era calma e aparentava bondade; mas bastava um pequeno detalhe; um automóvel brilhante que passasse, uma vizinha do palacete da esquina lendo um livro despreocupadamente no terraço, cintilações de brilhantes na mão de uma mulher bonita, ela se revoltava logo; levantava o braço direito para cima num gesto mudo de condenação. Era como uma água parada com a superfície lisa e enganadora, onde na profundidade rugisse sempre a tormenta.

Perdera o marido e o filho único no espaço de um ano e ficara pobre, lutando para criar e educar quatro filhas. Quando essas filhas ficaram moças e começaram a trabalhar, então ela pôde descansar um pouco, ou antes, não trabalhar tanto. Mas desses anos cruéis de lutas sem tréguas e cheios de desenganos, ficara o ressaibo amargo da revolta, do ódio para com os felizes, os que não precisavam lutar como ela lutara. Era um misto de inveja e anseio de vingança, desejando a todos os conhecidos e amigos as dores que ela havia sofrido, o pranto que ela havia derramado.

Quando meus filhos cresceram e conheceram melhor D. Genu, diziam:

– Mamãe, ela é meio comunista. Está sempre reclamando que no mundo uns têm muito e outros não têm nada. Isso é desaforo! Ninguém tem culpa disso, não é mamãe? Parece que está sempre com raiva.

Eu procurava desculpar D. Genu:

– Coitada! Ela tem sofrido muito; é por isso que é assim.

Às vezes ela conversava comigo no portão:

– Já viu a mocinha da esquina passeando com o namorado? Vivem de mãos dadas, andando no escuro, mas como é filha de gente rica ninguém diz nada. Até acham bonito; mas se fosse minha filha … Credo! Estava na boca do mundo.

Outras vezes falava asperamente;

– A senhora e eu trabalhando o dia inteiro no fogão e na máquina de costura e as outras passeando de automóvel e tomando chá com bolos. Eh! Mundo errado!

Eu procurava apaziguar:

– Elas não têm culpa da nossa pobreza, D. Genu, assim como não são culpadas de terem nascido ricas ou bonitas. Ninguém sabe por que é feia ou bonita, aleijada ou perfeita. São os desígnios de Deus, que nós devemos aceitar.

– Ou do diabo. Mas dá raiva, D. Lola. Me dá um ódio ver tanta diferença nos destinos das pessoas. Esses que são tão ricos, deviam ostentar menos e repartir mais com os pobres. Não está direito.

– Não diga isso, D. Genu. Mesmo que eles dessem ou repartissem tudo, ainda ficava muita miséria no mundo; ninguém pode dar jeito, só Deus.

– Mas me dá raiva. Tenho ódio.

– Pois eu não tenho; sou resignada.

– Então a senhora tem sangue de barata. Eu não sou assim.
Eu sorria e não respondia. Dias depois, Júlio avisava:

– D. Genu anda alerta; animada e contente. Pensei: alguém deve estar para morrer. Hoje uma das filhas me contou que a irmã da cunhada do marido está muito mal. Logo vi!

E era verdade; toda vez que encontrava um de nós dizia com ar entendido:

– Ela não sara mais. Coitada! Também com essa moléstia; está por dias, talvez por horas.

Dias depois, vinha dar a notícia por cima do muro:

– Não disse? A moça morreu de madrugada. Vou já para lá.

E logo mais tomava o bonde, contente e disposta a passar o dia e a noite, lidando com a defunta.

Meus filhos perceberam essa qualidade da nossa vizinha e muitas vezes quando eram moços, ouvi um dizer para o outro:

– Nossa vizinha anda assanhada esses dias; deve haver defunto em perspectiva.

Um dia Alfredo chegou a me dizer:

– Olhe, mamãe, quando eu morrer, não deixe D. Genu mexer comigo.

Todos riram e eu prometi não deixar.

D. Genu tinha uma irmã rica que residia na Avenida Paulista: chamava “a irmã da
Avenida”. Quando voltava dessas visitas à casa da irmã, parecia mais revoltada; apesar de a irmã e o cunhado a auxiliarem muito, ela achava sempre pouco e se queixava. Eu sabia quando ela vinha da casa da irmã: ficava mais aborrecida e nervosa, gritando com as filhas, sem paciência para nada. Gostava de me contar o que se passava em casa da irmã; pintava a riqueza do cunhado com cores maravilhosas para me impressionar, exagerava, descrevia com calor. Um dia contou, mais excitada do que de costume:

– Hoje encontrei lá uma novidade; uma estátua de mármore que meu cunhado mandou vir da Europa. Nua! Imagine comprar uma estátua nua; está inclinada assim em cima de uma coluna de mármore verde e o traseiro virado para a porta.

– Para a porta?
– Pois puseram ela no hall da entrada, sabe? Um hall muito rico, como já contei à senhora, todo de mármore preto e branco. Uma beleza; puseram a mulher ali bem no meio. Se pusessem ela de frente para a entrada, ficava o traseiro virado para as visitas, então puseram ao contrário. A gente entra, já dá com a mulher nua; eu não, porque entro pelos fundos. O pobre entra sempre pelo lado feio da casa. Dizem que a estátua custou doze contos; eu não gostei, não gosto dessas imoralidades. Tem tanta coisa mais bonita pra comprar, pra que comprar mulher pelada? Com esses doze contos eu fazia tanta coisa! Nem gosto de pensar. Imagine, comprar uma coisa daquelas pra enfeitar o hall não acho que enfeite nada. Enfim … são gostos. Eles têm dinheiro para jogar fora. E minhas filhas trabalhando como trabalham, nem sempre têm capote pro frio.

– Mas o ano passado, eles deram casacos para o frio; e bem bonitos. Não foi?

– Mas nem por isso eram muito quentes; fazenda ordinária. Já estão feios, não servem mais. Dão coisas ordinárias, isso é que é. Coisas que eles não são capazes de usar.

Durante vários dias rimos com a estátua nua de D. Genu; os filhos perguntavam:

– Como é que ela está, mamãe? Assim ou assim?

E faziam as posições mais grotescas possíveis, dando gargalhadas. Precisei ralhar com eles para pararem com a brincadeira. Mas para mim a vizinha foi sempre boa; nos momentos mais difíceis, esteve sempre ao meu lado e tenho-lhe que ser sempre reconhecida apesar do seu gênio revoltoso e despeitado.

Durante toda a moléstia de Júlio, ela foi muito solícita; fazia pratinhos especiais para ele, perguntava todos os dias se tinha passado melhor, aconselhava, contava casos de pessoas com úlcera que haviam ficado completamente boas, ensinava como devia fazer para não sofrer tanto e tudo isso foi cimentando de tal forma nossa amizade que nossas vidas ficaram unidas. Anos mais tarde, na noite mais terrível da minha longa vida, encontrei o braço forte de D. Genu me amparando e levantei as mãos para o céu nesse dia por tê-la como amiga.

IX

EM 1924, Júlio deixou de ser gerente da loja e foi trabalhar no escritório; o tico-tico viu que ele sofria muito por ficar de pé o dia todo e ofereceu um lugar no escritório com o mesmo ordenado. Ficou mais aliviado e começou a passar melhor do estômago.

Nossa tia Candoca, única irmã de mamãe que morava em Itapetininga, tinha vindo um ano antes de mudança para São Paulo e alugara uma casa na Luz, Rua Bandeirantes. Toda a semana, Clotilde e eu íamos passar umas horas com tia Candoca; levávamos nosso trabalho e trabalhávamos contando fatos e lembrando pessoas de Itapetininga.

Em maio, tia Candoca ficou só com uma netinha e a cozinheira porque a filha fora com o marido para Rio Preto, onde passariam uns dois anos. Então tia Candoca convidou Clotilde a passar uns tempos com ela. Clotilde já estava lá há dois meses quando, um dia, Júlio voltou muito nervoso para casa dizendo que havia revolução na cidade. Perguntei, assustada:

– Revolução? Por que revolução?

– Não sei, disse Júlio. Estão dizendo por aí. Onde estão as crianças?

– Não vieram ainda. E agora? Haverá perigo?

– Creio que não; parece que o barulho é lá para o lado dos quartéis, na Avenida Tiradentes.

Levei um susto:

– E tia Candoca? E Clotilde? Coitadas!

– Não sei bem ainda, quem sabe não há de ser nada, disse Júlio encaminhando-se para o portão.

Nesse momento, ouvimos um barulho surdo como um tiro de canhão, mas muito longe; Isabel chegou logo depois dizendo que tinha ouvido um tiro de canhão e todas as escolas estavam se fechando. Carlos e Julinho também vieram contando novidades e dizendo que o Isidoro era um bicho.
Perguntei:

– Que Isidoro é esse?
– O General Isidoro, mamãe. Pois é ele que está fazendo a revolução.
Fiquei na mesma e saí ao portão para ver se Alfredo vinha vindo; esse chegou por último, entusiasmado com o que vira; soldados correndo de um lado para o outro no largo do Palácio, outros fazendo trincheiras na rua, caminhões passando a toda velocidade conduzindo soldados com carabinas embaladas, casas comerciais fechando suas portas de ferro com estrépito, na cidade.
– Mas para que tudo isso? perguntei.

– Não sei, ninguém sabe. Dizem que é para depor o presidente. Ficamos até tarde à escuta para ouvir outros tiros de canhão, mas nada mais ouvimos e fomos deitar, muito apreensivos.

No dia seguinte cedo, mandei Carlos e Alfredo à casa de tia Candoca para saber como estavam; mas os meninos voltaram do meio do caminho dizendo que não havia mais bondes e eles tinham ido a pé até a estação da Luz; lá disseram que não fossem adiante porque estavam combatendo na Avenida Tiradentes. Júlio voltou cedo da loja e disse que todo o comércio resolvera fechar enquanto houvesse revolução; comecei a ficar seriamente apreensiva com a sorte de Clotilde e tia Candoca e sem meios de comunicação para saber alguma coisa. Quase todos os nossos vizinhos foram embora deixando as casas fechadas; saíam apressadamente altas horas da noite, a pé ou de automóvel, levando pacotes, trouxas de roupa, bichos, canarinhos em gaiolas; iam quase em silêncio para rumos desconhecidos. Só ficou a família de D. Genu naquele quarteirão. E nós. Ouvia-se o canhão troar o dia todo e parte da noite lá para os lados da Cantareira; os meninos viviam agitados, dizendo a todo o momento:

– Olhe o canhão! Começou a dança!

Júlio observava:

– Só assim vou descansar; que boa revolução!

E ficava deitado o dia todo, lendo jornais e mandando Alfredo sair para saber mais novidades.

Vieram contar que as estradas para o interior estavam cheias de automóveis com retirantes; era um atrás do outro levando crianças, malas, cachorros, galinhas; um nunca acabar de famílias que deixavam São Paulo. Três dias se passaram e eu mandei outra vez os dois meninos até a Rua Bandeirantes para saber notícias de Clotilde. Eles voltaram tarde dessa vez e eu já estava aflitíssima esperando no portão; disseram que conseguiram chegar até o Jardim da Luz; lá viram uma porção de soldados entrincheirados atrás de um monte de sacos, atirando para um grupo escondido atrás das árvores. Então um tenente passou correndo e gritou, nervoso, a cara manchada de preto:

– O que estão fazendo aqui, meninos? Sumam-se! Voltem para casa!

Nesse momento uma saraivada de balas caiu perto deles e o tenente e os outros soldados que estavam perto tiveram que deitar no chão e ficar quietinhos; Carlos e Alfredo também. O tenente dava ordens e os soldados se aprontaram para atirar; era na esquina da Rua S. Caetano.

Júlio perguntou:

– E esse tenente de que lado era?

– Isidorista, respondeu Carlos.

Eu tremia só de pensar no perigo a que meus filhos se haviam exposto e Júlio me olhou com ar de censura:
– Por que mandou os meninos para aqueles lados? Podiam até morrer!

Os meninos continuaram:

– Um negrão saiu do grupo do tenente e ficou atrás de uma árvore, atirando. Ele punha a carabina na cara, atirava e dizia: “Toma, bandido, pensa que tenho medo de governista?” E a árvore já estava lascada de tanta bala que vinha pro lado dele; todas as vezes ele gritava: “Toma, cachorro!”, e a bala zunia zizzzzz e batia nos sacos da trincheira; o negrão dava risada, metia outra vez a carabina na cara

para a pontaria: “Essa é procê, bandido!”, e lá ia outra zizzzz … páf! Entrava no saco. O negrão era valente mesmo. Formidável!

– E depois? Como é que vocês voltaram?

– Aí apareceu um lençol branco na ponta de um pau

– Uma vassoura, interrompeu Alfredo.

– Na ponta de uma vassoura na janela de uma casa da Avenida; era uma família que queria ir embora. Então o tenente mandou parar o tiroteio, o pessoal do quartel também parou e a família saiu à rua e foi para o lado da estação da Luz para embarcar. Levavam dois cachorros, uma porção de malas e um caixote de galinhas; nós fomos andando com eles. O tenente dizia: “Raspem-se daqui, meninos. Vão embora; ainda tiveram sorte”.

– Então cessaram as hostilidades?

– Qual o quê, papai! Quando íamos atravessando a estação, ouvimos os tiros de novo. Todas as portas da estação estavam fechadas; só um guarda abria a metade de uma portinha para quem queria sair. Estavam dizendo que esta noite a coisa vai ser feia. E o tenente disse para nós não sairmos mais de casa.
Fiquei muito assustada e não dormi mais pensando em Clotilde; uns dias depois levei um choque tremendo quando vi entrando em casa tia Candoca, Clotilde, a netinha de oito anos, a cozinheira Benedita e Mulata, o papagaio. Traziam uma enorme trouxa de roupa, uma cesta com alguns comestíveis e uma valise; chegaram exaustas, foram entrando e sentando nos degraus da escada; nós ficamos à volta delas, excitados, e D. Genu que as viu chegar, veio também saber o que havia.

Elas então contaram o susto do primeiro dia e o medo que sentiram, sozinhas, sem poder sair de casa e sem poder se comunicar com ninguém. No primeiro dia estavam almoçando sem saber de nada; de repente um tiro de canhão passou por cima da cabeça delas, tão forte que a casa inteira tremeu e caiu cisco na comida. A Benedita veio da cozinha com a mão na cabeça, tremendo de medo: “Cruz credo! Que será isso?” O Pirata começou a latir feito um danado e elas correram à janela para ver o que havia; muita gente estava correndo nas ruas de um lado a outro e um grupo de soldados passou em disparada subindo a Avenida.

Esperaram mais um pouco e quando foram ao armazém da esquina para telefonar, os telefones não funcionavam mais; Clotilde não tinha medo, dizia que isso passava logo, mas tia Candoca nem dormiu mais de pavor.
Tia Candoca que era gorda, arquejava de cansaço e como andara a pé, pois não havia condução de espécie alguma foi tirando logo os sapatos e as meias, queixando-se de dores nos pés e mostrando duas bolhas enormes; uma num dedão e outra no calcanhar. Começou a esfregar os pés devagarinho e a gemer:

– Ai! Que estopada!

Os meninos perguntaram logo pelo cachorro e pela cabrinha; contaram que haviam deixado bastante comida e água perto deles e que isso daria para uns três ou quatro dias.

Alojei-as como pude e assim passaram mais uns dias; D. Genu perguntava por cima do muro, trepada num caixão de gasolina:

– Souberam hoje mais alguma novidade?

Ou então:

– Ouviram o canhão esta noite? Cantou que não foi vida!

Um dia contaram que haviam assestado um canhão no Morro dos Ingleses; ia atirar de lá para o quartel de Vila Mariana; pensamos logo que se Vila Mariana respondesse seria um estrago no nosso bairro. Ficamos aterrados; mas Júlio, que estava gostando do repouso, dizia que não havia perigo e fôssemos ficando. Cinco dias depois da chegada de Tia Candoca, como a revolta não acabava, começamos a pensar seriamente no cachorro e na cabrinha. Titia suspirava o dia inteiro:
– Será que ainda vivem? Eu que criei aquele cachorro com mamadeira!

E ficava com os olhos cheios d’água. Os meninos se ofereceram para ir buscar os animais, mas ela não aceitou. Então, um dia de manhã, Clotilde e Benedita resolveram ir até lá; saíram bem cedo levando almoço numa cesta, carne para o Pirata, milho para a cabrinha; foi como se se dirigissem para uma longa e perigosa excursão; os meninos tiveram licença de acompanhá-las uns três quarteirões adiante; tia Candoca reprovava:

– Meu Deus! Que loucura de Clotilde. O que poderão fazer?

Passou-se o dia todo e elas não voltaram; ficamos todos muito apreensivos e não dormimos a noite toda esperando vê-las aparecer de uma hora para outra. D. Genu gritava do muro:

– Nada ainda D. Lola?

– Nada.

– Credo! O que terá acontecido?

Ao meio-dia do dia seguinte, não tínhamos almoçado ainda e os meninos foram até a esquina ver se elas vinham voltando, quando Isabel entrou correndo e gritando:

– Vêm vindo! Elas vêm vindo!
Respirei aliviada e fomos todos ao portão vê-las chegar; traziam Pirata numa corda e puxavam Esmeralda, a cabrinha, numa outra; Benedita trazia também uns frangos dentro da cesta. Chegaram abatidas e cansadíssimas. Ficamos todos curiosos por saber o que acontecera; então Clotilde contou que chegaram lá e encontraram tudo em ordem; deram comida para os bichos, almoçaram e quando tratavam de sair, um soldado falou da esquina:

– Não saia agora, moça. Está perigoso.

Esperaram mais e anoiteceu muito depressa; começaram a ouvir as balas pipocarem ali perto. Resolveram então voltar no dia seguinte de manhã; até esse momento, não tiveram medo. Mas assim que anoiteceu, um canhão começou a mandar balas para o quartel da Avenida e parecia que o canhão estava muito perto; devia estar no campo de Marte. Resolveram descer e ficar no porão; levaram o cachorro e a cabrinha e ficaram os quatro quietinhos, imóveis, só com uma vela acesa. O Pirata estava inquieto, mas a cabrinha deitou num canto e dormiu. A coisa foi piorando tanto que Clotilde e Benedita pensaram que não amanheciam, pois a todo instante parecia que as balas iam cair na casa. Resolveram então rezar juntas; ajoelharam e Clotilde disse:

– Olhe Benedita; desta vez não sei se escaparemos. O negócio está preto, vamos rezar juntas.

E começaram a rezar alto:

– Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é … (Benedita gritava: lá vem ela! Percebiam quando a bala saía de dentro do canhão e vinha zunindo zuim ….. Bum! Caía com estrondo logo adiante. Clotilde suspirava: desta vez ainda não foi aqui. Vamos …) O Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito o fruto do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria …

Rezavam Santa Maria até o fim porque estavam pondo outra bala no canhão. Quando começavam outra vez:

– Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco … (Já vem outra – zuim … Agora é aqui! – baixavam a cabeça e ficavam encolhidas esperando a morte – Bum! A casa toda estremecia. Desta vez ainda escapamos), Bendita sois vós entre as mulheres, bendito o fruto do vosso ventre, Jesus.

Assim rezaram uma porção de ave-marias entremeadas com balas de canhão; de vez em quando a vela ia sumindo e acendiam outra; a certa hora Clotilde resolveu escrever um bilhete despedindo-se de toda a família porque achou que não atravessaria a noite viva. Tirou um lápis da bolsa, umas folhas do caderninho e fez uma espécie de testamento; despediu-se de todos com palavras comovidas. Pôs o papel bem dobrado dentro da bolsa e escreveu em cima: “Se eu morrer”. Ajoelhou-se outra vez para rezar; Benedita sentou no chão com a cabeça entre as mãos e começou a chorar de medo; Pirata de vez em quando rosnava baixinho; só Esmeralda mascava num canto, mudava deposição e tornava a dormir. Clotilde disse:

– Não adianta chorar, Benedita. Vamos rezar mais que é melhor; olhe, vamos, agora uma salve-rainha bem alto: Salve-rainha, mãe de misericórdia, vida doçura … (a Benedita cobriu a cabeça com o chalinho gritando: Nossa Senhora da Boa Morte, esta vem por cima de nóis) vida doçura … zuim esperança nossa … zuim Bum! Salve!

As duas caíram deitadas no chão, tal o fragor da bomba ao cair ali perto; a cabra levantou-se assustada e começou a balir baixinho, e o cachorro veio para perto delas gemendo e se encostando, com um pavor louco. Resolveram então não rezar alto; Benedita chorava e dizia que a pior bomba fora no Salve; apagaram a vela e ficaram os quatro juntinhos, esperando o dia amanhecer, sem muita esperança de verem o sol.

Aos primeiros clarões da madrugada, a artilharia cessou, então elas se levantaram trôpegas e tremendo de frio, foram espiar as ruínas da vizinhança; não havia ruínas por perto, tinha sido mais impressão que perigo. Trataram de sair enquanto havia tréguas; amarraram cordas nos pescoços dos animais, puseram os frangos dentro da cesta e saíram devagar, espiando a rua com cuidado. Estava tudo parado depois dessa noite de pavor; só havia um homem deitado na esquina da Avenida, parecia morto. Subiram a Rua Afonso Pena e vieram vindo; Esmeralda parou umas duas vezes no caminho sem querer andar; precisava uma puxar com força e a outra empurrar: “Vamos, Esmeralda, vamos, meu bem”. Afinal chegaram abatidas e cansadas, horrorizadas só em lembrar a noite que haviam passado.

***

Desse dia em diante, Júlio não aproveitou mais as férias improvisadas; Pirata perseguia Caçarola, o gato de Isabel. Isabel encontrara o gato na rua, morrendo de fome e pusera o nome de Caçarola porque tinha apenas um toco de rabo; o resto ninguém sabe onde foi parar e o que tinha parecia mesmo cabo de caçarola. Caçarola subia na goiabeira e ficava horas sem poder descer, o pêlo eriçado, os dentes arreganhados. Isabel chamava carinhosamente:

– Vem, Caçarola. Pirata não te faz mal, eu não deixo.

Qual o quê; o gato cada vez mais assustado, olhava para baixo com os olhos amarelados, enormes de pavor. Se se prendia o cachorro, latia o dia inteiro de uma maneira lamentável; e Caçarola, quando se via livre, ficava olhando a Mulata no poleiro, mas com uns olhos tão compridos que se pegasse a Mulata de jeito, estraçalhava a coitada. Passava a língua fora da boca bem devagar como se estivesse na eminência de saborear um bom quitute.

Os meninos não podiam sair e ficavam presos em casa o dia todo; ficavam irritados e nervosos; a netinha de tia Candoca era chorona; por qualquer coisa, chorava horas inteiras. Júlio coçava a cabeça:

– Será que esta revolução não acaba mais?

As despesas aumentaram, o canhão troava desde a madrugada, às vezes durante a noite e D. Genu punha a cabeça vinte vezes por cima do muro:

– Souberam mais alguma novidade?

Afinal, depois de vinte e tantos dias, soubemos que as tropas do Isidoro haviam abandonado a cidade e tudo serenou; foi um alívio para todos e em poucos dias a vida se normalizou. Tia Candoca voltou para a casa da Rua Bandeirantes com o bando todo; nossa casa ficou sossegada outra vez e durante todo esse fim de 1924, só se falou na Revolta do Isidoro e suas conseqüências.

Em dezembro, Carlos tirou diploma no ginásio e foi uma grande satisfação para nós; em compensação Alfredo teve que repetir o primeiro ano ginasial e Júlio ficou tão desesperado que pensei que piorasse.

Nem pudemos festejar a formatura de Carlos porque Júlio passou mal do estômago e o nosso Natal foi bem tristonho esse ano. Júlio passeava na sala de um lado para outro, impaciente e nervoso; depois chamou Alfredo, que apareceu com ar tímido diante do pai, a cabeça baixa, parecia abatido. Estávamos só nós três na sala; Júlio começou:

– Sente aí.

Alfredo sentou-se diante dele, como um réu na hora de ser julgado; fiz um sinal para Júlio ficar mais calmo e ele tornou a falar:

– Então não quer estudar? Quer ser vagabundo?

Alfredo não respondeu e abaixou mais a cabeça, roendo as unhas; então começou o sermão, o sermão mais longo que Júlio falou em toda sua vida:

– Eu sei que você não é mau filho; é até um filho amoroso e dedicado, principalmente para sua mãe. Quando quer, sabe ser bom para os irmãos e delicado para sua irmã; mas tem um defeito grande que supera todas suas boas qualidades. Sabe qual é? Não quer levar a vida a sério. Você sabe que idade tem? Tem 16 anos. Está bem. Sabe que nessa idade eu trabalhava no armazém de meu pai das 6 às 6, sem saber o que era um brinquedo, um divertimento, nem dinheiro? E sabe por que eu trabalhava tanto? Porque era paupérrimo e via a luta de meus pais para nos educar e nos criar. Pois bem; à noite eu estudava, fazia um curso noturno até dez horas da noite; assim me formei no ginásio. Mesmo no trabalho, eu vivia com um livro na mão para estudar nas horas vagas. E tudo isso para quê? Diga: Para quê? Para ser alguém, para ser um homem correto, para honrar o nome de meu pai. Eu podia ser um vagabundo, não fazer nada, viver de expedientes, de recados, só para ter um dinheiro para os divertimentos. Nunca fiz isso. Trabalhei quanto pude e se não estudei num curso superior foi porque meus pais eram pobres e mal pude cursar o ginásio. E você? Você tem tudo: um lar sólido, uma mãe que se desvela para dar todo o conforto aos filhos, vive trabalhando, fazendo encomendas para fora; às vezes até tarde da noite para receber um dinheirinho no dia seguinte. E para quem é esse dinheiro? Para os filhos, para você. De mim nem se fala porque você está vendo a vida que levo; não faço outra coisa senão trabalhar, doente ou são, para vocês se educarem e serem alguém. Está compreendendo? (Júlio fez uma pausa, tinha no rosto uma expressão grave). Dirá você: Para que tudo isso? Para que estudar, trabalhar, sacrificar, levar a vida a sério? É tão bom flanar, divertir com os amigos nas ruas, ir ao cinema, não fazer nada. Está bem. E depois? Não sabe que há um depois? A vida não é hoje, nem amanhã; a vida é uma vida inteira, são anos e anos que terá diante de si, e, se não estiver preparado para enfrentar esses longos anos com estudo, prática do trabalho, boa vontade, não será nada, será um homem vagabundo como há muitos por aí, dormindo nos bancos dos jardins, desonrando os nomes dos antepassados. E quando tiver a idade de um homem, verá seus irmãos elevarem-se na sociedade, serem bem recebidos, terem um nome limpo e honrado, verdadeiros homens de bem e você o que será? Nada. Um vagabundo. Não roa as unhas e presteatenção, Alfredo, nas minhas palavras: nem o convívio de seus irmãos você terá, porque eles subirão e você descerá de nível cada vez mais; e a distância irá aumentando sempre. Você se achará um dia sozinho como um náufrago num rochedo isolado; chamará, mas ninguém atenderá ao seu apelo porque você criou a própria situação. Só há um meio de você se tornar um homem de bem e honrar nosso nome, é cumprir seu dever. (Júlio fez outra pausa). E outra coisa: não quer estudar, seguir curso superior, não estude; apesar de sentirmos desgosto com isso, mas o ginásio você precisa

fazer, do contrário nem bom emprego você arranja porque não terá aptidões. Carlos está na Escola de Medicina, Julinho vai estudar Engenharia, Isabel vai para a Escola Normal. E você? Ao menos no ginásio você precisa se formar, depois vai trabalhar. Mas filho vadio eu não quero; para isso eu e sua mãe nos sacrificamos, é para vocês serem alguma coisa na vida. Se não seguir meus conselhos, cava seu próprio abismo, um abismo entre você e a sociedade, entre você e seus irmãos. A distância será cada vez maior e mais tarde você terá arrependimento, mas será tarde. Creia nas minhas palavras: o maior sentimento que tenho na vida é não ter podido estudar mais, é ter sido obrigado a ganhar a vida desde os quinze anos. Largue essa mania de roer as unhas. O estudo dignifica, eleva o nível da pessoa, melhora a situação. Não se esqueça disso. Pode ir.

Alfredo levantou-se, olhou para nós furtivamente e saiu da sala devagar, arrastando os pés, um ar acabrunhado.

Júlio sentou-se numa cadeira, dizendo, enquanto acendia um cigarro:

– Esse menino é um pesadelo, não sei a quem saiu.

Preveni-o:

– O médico disse para você não fumar. Por que fuma?

– Para me distrair; eu não trago a fumaça.

– Mas o médico proibiu.

Ele coçou o queixo:

– Eu sei. Estou pensando em Alfredo; não sei a quem puxou.

Durante uns três meses, Alfredo estudou seriamente, não brincou na rua, estava sempre com um livro na mão, concentrado e estudioso. Cada dia parecia mais alto e estava ficando um rapagão; tinha cabelos aloirados e dentes muito brancos; quando sorria, tornava-se atraente e muito simpático. Era o mais bonito dos meus filhos. Ele e Isabel formavam um lindo par; com treze anos, Isabel era esbelta, com um jeitinho elegante e já estava da minha altura. Seus cabelos eram

de um lindo castanho-escuro, tinha olhos muito grandes e uma boca bem feita, com dentes iguaizinhos e alvos. Parecia um botão de rosa que, ao se ver, se diz: “Que linda rosa vai sair deste botão”.

Um dia chamei a atenção do pai:
– Viu como Isabel está ficando bonitinha?

– Bonita demais. Filha de pobre não pode ser muito bonita.

– Ora, que tolice! Quanto mais bonita, melhor. Assim ela arranjará um bom casamento.

Júlio sacudiu a cabeça e não respondeu.

***

Nesse ano, Isabel tirou diploma no grupo escolar e começou a se preparar para a Escola Normal. Por ocasião da sua formatura no grupo, foi encarregada do discurso de despedida; uma das professoras substitutas escreveu o discurso para Isabel falar. Ela estudava alto para decorá-lo e o repetiu tantas vezes que nós todos decoramos também; passeava de um lado a outro no quintal ou então parava, segurando o papel na mão esquerda e levantando o braço direito, dirigia-se à goiabeira ou ao gato: “Minha querida professora: Desejaria ser um Cícero ou um Homero para, com palavras brilhantes, agradecer os sábios ensinamentos que de vós recebi”. Assim por diante. E na mesa, quando Isabel choramingava reclamando qualquer coisa como fazia sempre, Julinho fazia pose, levantava o braço direito num gesto exagerado, fazia uma carranca e começava: “Desejaria ser um Cícero ou um Homero …” Isabel ficava furiosa: levantava-se e ia dar socos no irmão que se defendia como podia, entre as risadas dos outros. Ela gritava: “Mamãe, olhe Julinho me amolando”. Eu ralhava: “Julinho, não faça assim”. Ele respondia: “Não é nada, mamãe. Cícero e Homero é que estão discutindo”.

Geralmente isso sucedia quando Júlio não vinha comer em casa. Às vezes era Alfredo que provocava, às vezes Carlos. A brincadeira durou muito tempo. Anos mais tarde, quando um deles queria provocar Isabel, bastava levantar um braço e começar com voz cantada: “De-se-já …” Nem terminava. Isabel virava uma ferazinha.

Carlos começou a cursar o primeiro ano de Medicina e um dia disse que podia trabalhar nas horas vagas. Havia tempo de sobra e assim não nos ficava tão pesado. Então arranjou com um médico conhecido nosso para ser entregador de amostras. Trabalhava e estudava, tinha todas as horas tomadas e começou a receber um ordenado regular, o que nos aliviou muito. Às vezes, vinha almoçar às duas horas da tarde e eu ficava apreensiva porque ele não parecia muito forte; era pálido e magro.

Isabel entrou para a Escola Normal e ficamos muito animados; à noite, ela, Carlos e Julinho discutiam em casa à volta da mesa as matérias que estudavam; falavam em pedagogia, álgebra, mecânica, psicologia e outras coisas que eu não entendia. Falavam também sobre lições de inglês e francês e um citava frases que outro traduzia com auxílio do dicionário. Júlio e eu ficávamos contentes com o progresso dos nossos filhos. Alfredo, quando estava em casa, tomava parte também, mas sempre um pouco desconfiado, devido à sua ignorância; saía quase todas as noites e muitas vezes voltava tarde. Nessa ocasião, Carlos me contou muito em segredo:

– Mamãe, já sei onde Alfredo passa as noites; vive freqüentando reuniões políticas.

– Reuniões políticas? Meu Deus! O que será isso, Carlos?
– Não sei bem; não reparou nos livros que ele andou lendo a semana passada? Parece que só tratavam de comunismo …

– Comunismo! Alfredo com idéias comunistas? Que absurdo!

Carlos deu uma risadinha:

– Lembra que nós chamávamos D. Genu de comunista, mamãe? Agora é Alfredo.

– Não fale nada a seu pai, Carlos; ele ficará furioso se souber.

Não tocamos mais no assunto e esqueci essa conversa; em princípios de 1926, Júlio me disse:

– Lola, sabe que este é o último ano das prestações?

– Como não hei de saber? Venho contando os dias e é um sonho imaginar que esta casa será nossa este ano. Absolutamente nossa. É uma felicidade. E você reparou quantos palacetes têm aparecido na Avenida? Mesmo aqui na vizinhança há três casas novas, verdadeiros palacetes; quer dizer que daqui a alguns anos esta casa vai valer o dobro.

– Penso que já vale o dobro, disse Júlio. E quando eu puder fazer mais um quarto para Isabel e der uma reforma boa com pintura e tudo, quanto não ficará valendo?

– E você reparou como o jardim enfeita a casa? É pequenino, mas tão cheio de flores sempre que pára gente na rua só para olhar e os que passam de bonde, voltam a cabeça para trás.
– Também a trepadeira do portão está uma beleza, chama a atenção.
Trocamos essas palavras uns dias antes de Júlio adoecer. Uma noite acordei com os gemidos dele; acendi a luz e me levantei perguntando se ele queria uma bolsa de água quente. Fui para a cozinha aquecer a água e fiz também um chá; ele tomou o chá, pôs a bolsa no estômago e não melhorou. O dia nos encontrou sentados na cama e Júlio com expressão abatidíssima no rosto, gemendo muito. Os meninos levantaram-se para sair e mandei um deles telefonar do armazém da esquina chamando o médico que já tinha tratado dele.

O médico apareceu às dez horas e quando examinou Júlio, mostrou-se aborrecido dizendo que não estava gostando muito e ia chamar um colega.

Depois do almoço, vieram os dois médicos, examinaram muito bem e foram conversar na sala de jantar; depois me chamaram dizendo que Júlio precisava ir para um hospital nesse dia mesmo e era necessário fazer uma operação.

– Operação?

Levei um susto e meu coração bateu fortemente; eu nunca imaginara que meu marido precisasse ser operado.

Tudo então se precipitou de maneira tumultuosa; veio uma ambulância buscá-lo às quatro horas. Só depois que a ambulância chegou, me lembrei que Júlio dizia

muitas vezes que nunca haveria de andar naquela “gaiola”. Quando foi carregado na maca, protestou fracamente dizendo que preferia ir de automóvel, mas os enfermeiros disseram que ele não podia ir sentado e ele se resignou depois de novos protestos. Mandei chamar Clotilde que estava em casa de tia Candoca; chegou afobada, assustadíssima, no momento em que a ambulância estava na porta, esperando. Disse a ela que tomasse conta dos meninos e da casa e entrei na ambulância também; toda a vizinhança estava nas janelas e nos portões assistindo nossa partida. Levei alguma roupa mais necessária e fomos para o hospital Santa Catarina.

Então marcaram a operação para o dia seguinte, às oito horas. À noite, os filhos vieram vê-lo, muito preocupados, mas encontraram o pai calmo e confiante. Recomendei que não se assustassem, que não havia de ser nada, mas percebi que Carlos estava muito nervoso quando me chamou de lado e disse que o caso era gravíssimo. Os médicos tinham contado que era uma úlcera bem grande e havia outras complicações. Carlos não tirava os olhos de mim. Só lhe disse isto:

– Seja o que Deus quiser, meu filho.

Passei uma noite horrível, sem dormir um minuto; Carlos ficou comigo.

No dia seguinte levaram Júlio para a sala de operações; tia Candoca, Clotilde e meus filhos estavam à minha volta; a operação durou mais de uma hora. Carlos passeava no corredor, branco como papel. Alfredo sentou numa cadeira de vime que havia perto da sala e roeu todas as unhas; eu deixei. Isabel tinha os olhos úmidos e fazia esforços para não chorar; Julinho passou o braço no meu e ficamos juntos esperando o resultado. Quando um dos médicos saiu da sala, Carlos se precipitou; vi o médico sorrir e, pelo modo como respondia a Carlos, fiquei aliviada; não havia razão para desesperar. Carlos veio explicar que tudo correra bem e já iam levá-lo para o quarto. Respiramos cheios de esperança e demos graças a Deus por tudo ter acabado bem.

Nessa noite, Júlio teve febre alta e variou a noite toda, falando coisas sem nexo, muito agitado. Só dois dias depois, começou a melhorar e entramos nos eixos outra vez. Uma noite eu ficava com ele, outra noite ficava Carlos ou Clotilde e no fim da semana, um dos médicos assistentes me disse:

– A senhora ficou bem assustada nos dois primeiros dias, não? Pensamos mesmo que ele não resistisse. Mas agora está cada dia melhor.

Mas eu não achava Júlio muito bem; parecia sempre inconsciente, não se importava com o que estava se passando e só quando Isabel chegava perto da cama, ele se animava para perguntar:

– Então como vai a minha filhinha?

Os olhos brilhavam no rosto abatido e esboçava um fraco sorriso. No décimo dia depois da operação, veio a catástrofe; ele não tinha passado bem a noite, sempre muito agitado e quando o médico veio examiná-lo, sobreveio a síncope. Todos correram; vieram enfermeiros, médicos e empregados. Resolveram fazer imediatamente uma transfusão de sangue; fizeram, mas parece que o organismo não reagia, parecia tão cansado. Era o coração que não resistia; à noite, outra transfusão, mas não adiantou nada. Disseram que era mesmo o coração que enfraquecia cada vez mais; passou a noite toda muito mal, respirando à custa de balões de oxigênio; não falou mais, nem conheceu ninguém. No dia seguinte cedo, morreu. Quando os filhos vieram visitá-lo, vi o rosto bonito e alegre de Isabel no vão da porta; estava com uma blusinha vermelha. Julinho que entrara um pouco antes, voltou-se rapidamente e disse quando ela estava ainda na porta:

– Papai está morrendo!

Vi o rosto dela empalidecer até os lábios; olhou para mim como se não me visse e um soluço doloroso saiu da sua garganta; corri a abraçar minha filhinha e assim unidas, ficamos até o fim. Ele acabou de fechar os olhos e nós cinco, meus quatro filhos e eu nos abraçamos desesperadamente, pois parecia que estavam arrancando um pedaço de nós mesmos. Foi horrível e dilacerante.

X

TUDO passou rapidamente; levamos Júlio para casa e marcou-se o enterro para o dia seguinte às nove horas. O dono da loja veio logo falar comigo e dizer que a loja faria o enterro porque ele era um empregado antigo e considerado: era mesmo o mais antigo. Concordei e dei graças a Deus pois não tinha em casa dinheiro algum e estava devendo as despesas de hospital e operação. Nem queria pensar como iríamos viver.

Nessa noite nossa casa ficou cheia até altas horas; vieram todos os colegas da casa onde Júlio trabalhava e todos os amigos. Eu estava um pouco idiota e dizia obrigada para todas as pessoas que vinham apertar minha mão; mas não entendia o que elas diziam e às vezes nem as conhecia. Depois me lembrava que conhecia muito bem e sentia não ter sido mais amável para com elas. Clotilde de vez em quando vinha me buscar para ir lá dentro tomar um cafezinho, mas não tinha vontade e não saí da sala um minuto sequer. D. Genu fez presente de um frango e ela mesma preparou uma canja que só provei no dia seguinte, apesar dos pedidos de tia Candoca, de Clotilde e de meus filhos. Da meia-noite em diante, ficamos quase sós porque todos foram saindo; D. Genu ficou firme até o dia seguinte. Ora arrumava as flores, ora espetava as velas, providenciava tudo, animada e quase alegre como ficava nessas ocasiões.

No dia seguinte, começaram a chegar muitas coroas; reparei que a mais bonita era a dos donos da loja, depois a dos colegas e outra de tia Emília, da Rua Guaianases. Clotilde também mandou fazer uma em nosso nome; era de crisandálias graúdas, cor de carne. Preferia que fosse de crisandália cor-de-rosa, mas ela disse que não havia mais. Depois que o enterro saiu, fui lá para dentro, com Tia Candoca de um lado e D. Genu do outro e sentando numa cadeira da copa, chorei livremente. Os dois filhos mais velhos foram acompanhar o pai; só Julinho e Isabel ficaram comigo. Uma meia hora depois, quando fiquei mais calma, procurei Isabel e não a encontrei; então fui ver se ela estava no quarto. Estava deitada na cama e abraçada ao Caçarola, chorava, chorava; um chorinho triste e abafado, de cortar o coração. Todo seu corpo tremia e os soluços eram doloridos e vinham do fundo do peito. O gato um pouco assustado, olhava de banda meio desconfiado, as orelhas baixadas, como que aborrecido. Abracei-a passando a mão pelos seus ombros:

– Filhinha, precisa ter coragem; perdemos nosso maior amigo, mas precisamos ter coragem.

Ela começou a chorar mais alto:

– O que havemos de fazer, mamãe? Como vamos viver agora sem ele?

– Tudo-se há de arranjar, Isabel. Deus é grande e não nos abandonará.
A vozinha dela continuou, abafada, o rosto contra o travesseiro:

– Eu gostava tanto dele, mamãe. Era tão bom, tão bom. Tão meu amigo; ainda antes de ficar doente, prometeu me levar um dia ao Rio deJaneiro. E ele levava, mamãe, se não tivesse morrido.
– Naturalmente levava, Isabel. Quando ele prometia, cumpria, mesmo com sacrifício.
Coitado!

– Coitado do meu paizinho! Com este frio e esta chuva, sozinho debaixo da terra! Como vai ser?

E Isabel soluçou mais segurando com força o Caçarola; mas o gato revoltou-se e pulou para o chão, miando. Comecei a passar as mãos nos cabelos dela:

– Não fale assim filhinha. Fico mais triste e mais desesperada ouvindo você falar desse jeito. Ele não está debaixo da terra, está no céu!

Julinho enfiou a cabeça no vão da porta e entrou de manso; não disse nada, sentou-se numa cadeira perto da cama e deitando a cabeça sobre os braços, caiu em prantos também. Isabel continuava.

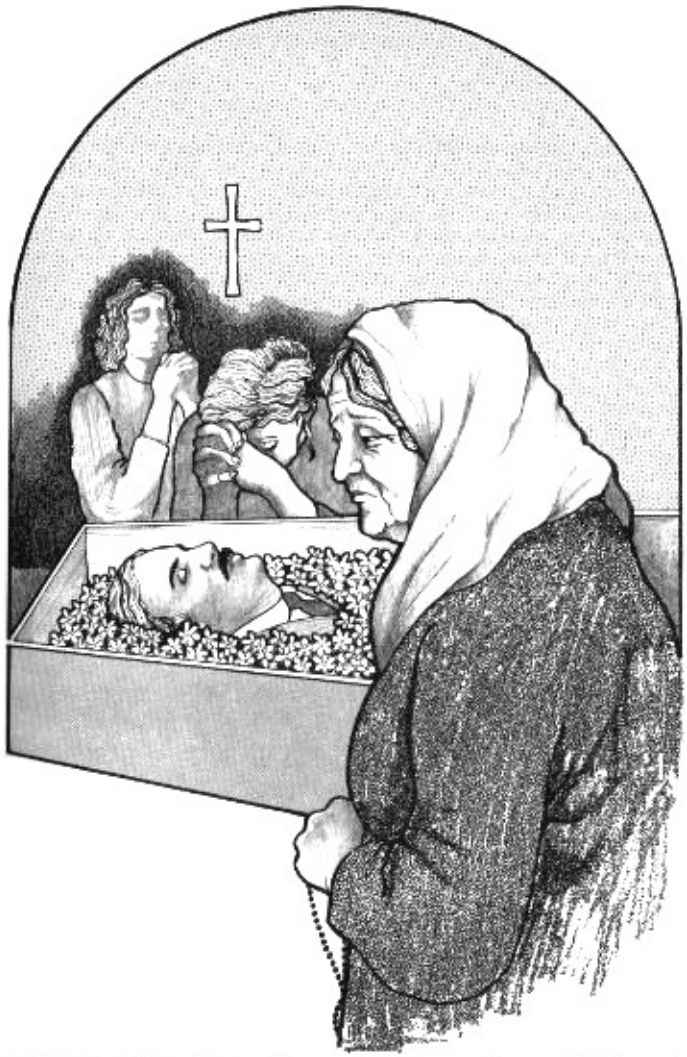
– Papai! Meu papaizinho!

Meu coração quase arrebentava ouvindo os soluços de meus filhos; depois vieram Clotilde, tia Candoca e Durvalina e começaram a falar para nos consolar. Quando os meninos voltaram do cemitério, contaram que o enterro tinha sido grande com muitos automóveis e coroas. Julinho parou de chorar dizendo que quando o enterro saiu, ele contara três quarteirões cheios de automóveis, o que Durva contestou, afirmando que eram quatro quarteirões e não três; podia

perguntar para a cozinheira da vizinha que tinha contado também. Tia Candoca disse que perdera a conta do número de coroas, mas chegara a contar quatorze. D. Genu entrou nesse momento trazendo um prato de pastéis quentinhos, ouviu a conversa e garantiu que contara até vinte e duas coroas; e tinham chegado mais depois.

Os meninos ficaram admirados; e quando Carlos disse que já tinha providenciado e que no dia seguinte nós íamos ler a notícia em dois jornais, Isabel ficou mais animada:

– Vai sair em dois jornais?



Marcou-se o enterro para o dia seguinte às nove horas. D. Genu ficou firme, animada e quase alegre como ficava nessas ocasiões.

Deixamos o quarto e fomos para a copa comer alguma coisa; logo depois nos deitamos porque estávamos muito cansados. Levei Isabel para minha cama e como Clotilde também queria dormir no nosso quarto, trouxemos a cama dela e dormimos as três juntas.

Dormi o primeiro sono muito pesado porque estava exausta; acordei com um pensamento que me veio durante o sono; mesmo dormindo, pensei:

– Como vamos viver? Com que recursos? Como irei pagar as dívidas do médico e do hospital? Como iremos comer?

E de repente, levei um susto maior:

– E a prestação da casa? Meu Deus! Com que iria pagar a prestação? E os estudos dos meninos? Nossa Senhora, e os estudos?

Então me sentei na cama, desesperada e toda desgrenhada, sentindo uma angústia se apoderar de mim e, apesar da fadiga dos últimos dias, não dormi mais. Clotilde acordou também e perguntou se eu estava doente e eu disse que não, estava bem. Fingi que dormi meio sentada, mas esperei a madrugada chegar com negros pensamentos vagando em meu cérebro. Para desviar meu pensamento, procurei ouvir o vento; era um vento forte que sacudia as janelas e as plantas do jardim; comecei a prestar atenção para ver se o vento vinha do norte ou do sul e ouvi a roseira plantada por Júlio bater na parede do quarto; batia, voltava e tornava a bater conforme a força do vento. Pensei nas rosas desfolhadas, descobri que o vento mudava de direção como se quisesse me enganar, vi uma tênue claridade desenhar-se na veneziana do quarto e senti a ventania ulular mais fortemente, mas o mesmo pensamento me fazia doer a cabeça: “Como iremos comer? O que iremos fazer?” Acho que nessa noite envelheci todos os anos que tinha que envelhecer o resto da vida.

***

Amanheceu chovendo; uma cor cinzento-escura sobre todas as coisas e a chuva a pingar fininha das árvores e dos telhados com um barulho monótono. E fazia frio.

Passei o dia todo muito atarefada com as visitas e não tive tempo de pensar em nós; logo depois do almoço vieram tia Emília e a “menina”. Eu estava tão abalada que quase não falava, só ouvia a conversa dos outros; Isabel não se separava de mim, segurando minha mão ou meu braço. Ou então ficava horas inteiras com Caçarola no colo, sem falar nada, os olhos muito grandes fixos num ponto qualquer, sem ver. Os meninos passeavam pela casa de um lado para outro, sem saber o que fazer, nem onde ir. Iam da sala para a cozinha, da cozinha para o quarto, voltavam à sala outra vez, sentavam um pouco e se levantavam logo depois, tornando a sair. Davam a impressão de criaturas que tivessem perdido o rumo e não o encontrassem mais; inutilmente procuravam, inutilmente.

Passamos assim os primeiros dias, sem direção, sem saber para onde ir, por onde recomeçar a viver.

Carlos foi tratar da missa, Clotilde tratou do luto; só quando me pediram dinheiro para as despesas, pensei de novo desesperadamente no futuro.

Reunimos então todos na terceira ou quarta noite e discutimos para ver o que havíamos de fazer. Clotilde era corajosa; propôs comprarmos um fogão com bom forno e fazermos doces para vender. Carlos disse que deixaria a escola e ia procurar emprego; quando pudesse recomeçaria os estudos. Protestei com energia dizendo que nesse caso preferia vender a casa, mas quando disse isso, todos gritaram que não, isso nunca! A nossa única salvação era a casa, se a vendêssemos, e acabasse o dinheiro, que faríamos? Clotilde dizia convencida, batendo a mão na mesa:
– Ao menos temos o teto, Lola. Isso é o principal, o resto se arranja. Come-se pão com banana se for preciso, mas a casa é nossa. Ninguém tira.

– Mas Carlos deixar a escola? Depois de tanto sacrifício? É o futuro dele que está em jogo. É o futuro, a vida inteira! Não.

Protestaram de novo:
– Mas em qualquer época ele pode estudar! Nunca é tarde para isso. O principal agora é garantir a casa, o teto. Quem sabe o ano que vem, as coisas melhoram e ele pode continuar a estudar.

Olhei tristemente para Carlos que confirmou:

– É isso mesmo, mamãe. Tia Clotilde tem razão; se eu arranjar um bom emprego, a situação melhora muito; estudarei mais tarde, quando puder.

Julinho e Alfredo disseram que também iam trabalhar; ficou assentado que só Isabel continuaria a estudar. Julinho deu uma idéia instantes depois:

– Tem um jeito melhor; alugamos esta casa e vamos para uma casa menor e mais barata.
Assim o aluguel desta sobrando um pouco, já ajuda.

Os outros não quiseram:

– Menor que esta? Não. Daqui não saímos, não é, mamãe?

Clotilde interveio:

– Por enquanto não. Nada de precipitação. Mais tarde, se precisarmos, então vamos ver.

Fiquei muito acabrunhada em pensar que os meninos deixariam os estudos, mas não tive outra solução, senão aceitar. Juntando minhas economias com as de Carlos, paguei as primeiras despesas. Uns dias depois, um automóvel muito bonito parou na porta da nossa casa e um rapaz me procurou em nome de tia Emília. Era o filho mais moço que queria falar comigo; muito polidamente, ele me deu um cheque dobrado em dois dizendo que era uma lembrança de tia Emília. Apertei o cheque na palma da minha mão, curiosa para ver quanto era e perguntei se ele não queria entrar e tomar um café. Agradeceu e foi embora. Quando o automóvel partiu, abri vagarosamente o papelzinho e espiei: dois contos! Li outra vez com calma: dois contos de réis!

Todos me rodearam:
– Deixa ver, mamãe, deixa ver!
– Puxa! Quanto dinheiro!

– Assim mesmo a tia da Guaianases é boa!
Clotilde veio alvoroçada:

– Oh! Lola, que felicidade! Dá para sair do buraco!

Encarei com mais coragem a situação. Mandei Carlos saber as despesas do hospital e do médico; depois de tudo pago, fiquei com 800 $000 que guardei como o maior tesouro do mundo e tocamos a vida para a frente.

Em primeiro lugar, fui procurar emprego para os meninos; fui à loja falar com o chefe. O dono concordou em aceitar Julinho como empregado, mas ganhando pouco ao princípio. Levantei as mãos para o céu. Mas meu contentamento não durou muito; um dos colegas de Júlio veio me contar que Júlio lhe devia 300 $000; e mostrou a letra. Levei um susto! Mas ele me acalmou dizendo que não vinha me cobrar porque sabia que não estávamos em condições de pagar, pagasse quando pudesse. Perguntei se ele não concordava em tirar 50 $000 do ordenado de Julinho todos os meses; ele hesitou e concordou, um pouco contrariado. Eu queria guardar os 800 $000 para a prestação da casa no fim do ano. Julinho começou a ganhar 150 $000, mas trazia apenas 100 $000 para casa, o resto ficava para o pagamento da dívida.

O tempo foi passando e fomos ficando endividados; nos primeiros meses não paguei quase nada e o homem do armazém começou a reclamar. Carlos e Alfredo não encontraram emprego; Carlos continuou como entregador de amostras, mas dava pouco e quando ele se apresentava nos empregos que via nos jornais perguntavam se ele sabia escrever à máquina; como não sabia, não aceitavam.

Clotilde e eu continuávamos ativamente a fazer tricô, mas infelizmente não apareciam tantas encomendas como desejávamos. Deixamos para comprar o fogão mais tarde e avisamos as amigas e vizinhos que aceitávamos encomendas de doces e salgados; se aparecesse alguma encomenda, faríamos no nosso forno mesmo. Alfredo se ofereceu para vender algum doce ou balas nas casas conhecidas e como ele gostava muito de viver na rua, mandei-o uma vez com uma lata de cocadas e outra de pé-de-moleque. ‘’Depois de andar um dia inteiro, voltou desanimado dizendo que o que gastava nos sapatos era mais do que o lucro; assim mesmo conseguiu vender quase tudo. O que sobrava ele comia no caminho, na volta, e o resultado foi nulo.

No primeiro mês, fiquei horrorizada com as despesas; empório, açougue, pão, leite, Durva. Reuni todos outra vez para conversarmos sobre a situação e disse que tínhamos que cortar tudo o que não fosse absolutamente necessário; assim resolvemos mandar
Durvalina embora. Os meninos estavam acostumados com ela desde pequeninos e sentirammuito; dois dias depois ela foi. Antes de deixar nossa casa, comprou um bule de metal para café e me deu de presente; estava tão comovida que não pôde falar. Estendeu o braço para mim sem dizer nada, e eu também estendi o braço e segurei o bule sem poder falar; assim foi nossa despedida, sem palavras. Saiu pelo portãozinho com a trouxa de roupa e Isabel e Julinho chorando atrás dela; acompanharam-na até o bonde.

Clotilde e eu começamos a revezar na cozinha; uma cozinhava uma semana e outra na semana seguinte; a limpeza da casa era feita por todos, cada um varria seu próprio quarto, estendia a cama e tirava o pó. Muitas vezes discutiam por causa da vassoura, um puxava de um lado, outro do outro lado, eu precisava intervir.

Quando começou o segundo mês, tive uma dolorosa surpresa: recebi um aviso de uma letra de Júlio no valor de 500 $000; não sei por que ele fez essas dívidas e chorei durante horas fechada no meu quarto. Mandei Carlos pagar; dos 800 $000 já havia tirado 200 $000 para as primeiras despesas, tirei mais 500 $000 para pagar a letra e fiquei apenas com 100 $000 para algum novo aperto. Nesse dia tia Candoca esteve em casa e conversando, perguntou se Júlio não tinha deixado Seguro de Vida. Disse que não. Ela tornou a perguntar, meio seca, com ar de censura:

– Não deixou nada, nada?
Tornei a dizer que não e ela abanou a cabeça. Nessa noite, tive uma conversa outra vez com Clotilde a respeito do nosso futuro. Para fazermos mais economia resolvemos cortar o leite, a manteiga e comprar carne só duas vezes por semana, quintas e domingos. Dias depois, quando acabou a manteiga que ainda tínhamos em casa, Julinho perguntou de manhã onde estava a manteiga para passar no pão. Eu disse que não tinha mais; ele me encarou admirado:

– Por que não pede, mamãe?

Não respondi e ele compreendeu; comeu o pão com lágrimas. Consolei-o dizendo que tivesse paciência, as coisas não seriam sempre assim. Ele engoliu o último pedaço de pão com um soluço e foi para a loja; o grande engenheiro que pretendia ser, era um pobre caixeiro de uma modesta loja.

***

Nessa tarde, fomos visitar tia Emília e pedi um emprego para Carlos a um genro dela que era diretor de um banco. Eu não queria pedir nada desde que não me atendera uma vez, mas devido à insistência de Clotilde e com grande receio pelo futuro dos meus filhos, fui à Rua Guaianases. Agradeci calorosamente o cheque que já agradecera por carta e expliquei que os dois mais velhos não tinham arranjado nada ainda, apesar de procurarem todos os dias. Ela ficou admirada, pois não sabia que meus filhos haviam deixado os estudos para trabalhar. Perguntou:

– Seu marido não deixou Seguro de Vida?

Respondi que não, porque vivíamos com muita economia por causa dos estudos dos filhos e o dinheiro não sobrava para outras coisas; ela também sacudiu a cabeça com ar de censura e nada disse. Prometeu falar com o genro e mandar chamar Carlos logo que arranjasse algum emprego.

Voltamos para casa muito desanimadas; o fim do ano se aproximava rapidamente e eu só pensava na prestação da casa. Como iria pagar? Vivíamos com os cem mil-réis de Julinho, cem mil-réis que Carlos fazia com as amostras de remédios e algum dinheiro do tricô; mas todos iam precisar de sapatos, roupas e como compraríamos? O dinheiro dava apenas para comer.

Quando os filhos perceberam que não havia carne todos os dias, não disseram nada, mas acharam muita falta. Todos os dias era feijão, arroz e batatas; uma verdura barata de vez em quando. E banana; eu comprava bananas porque era barato e fazia eles comerem com a comida. Nas quintas-feiras e nos domingos, preparava um picadinho de carne ou um bife pequeno para cada um; como eles saboreavam esse bife! Comiam devagar, mastigando bem para sentir o gosto e, como a própria frigideira vinha na mesa, passavam o pão no molho tantas vezes que a frigideira ficava limpa! Clotilde e eu não comíamos bife; mais tarde, tive de apertar mais porque o dinheiro não dava, então havia carne só aos domingos e

comprei menos pão. Nós também não comíamos pão. Apesar de nunca se queixarem, creio que muitas vezes passaram fome. Pobrezinhos! E como eu sofria com isso.

Comecei a achá-los magros, mas Clotilde disse que era impressão, todos estavam bem. De vez em quando, Clotilde ia à feira e comprava uma abóbora bem grande; fazia então uma tachada de doce e durante uma semana inteira comiam doce de abóbora três vezes ao dia; às vezes era doce de batata. E uma vez então que Clotilde misturou coco na batata, foi um dia de festa! Quase choravam de alegria.

Só dois meses depois que pedi o emprego à tia Emília, Carlos foi chamado ao banco e deram-lhe uma colocação; começou ganhando 200 $000 por mês; nem acreditei quando ele veio com a notícia. Faltava agora Alfredo; esse não tinha muita vontade de trabalhar, mas como viu que não podia viver assim, andava procurando emprego em oficinas de mecânico, pois era o que mais gostava; como não tinha prática, não era aceito.

Chegou o mês de dezembro e continuamos na mesma ansiedade; vivendo com muito pouco dinheiro; foi então que chegou a primeira encomenda de doces. Veio da Rua Guaianases e era para a véspera de Natal, mas como a encomenda era grande, ficamos sem saber o que fazer, pois não tínhamos dinheiro para comprar os ingredientes, e pedir para tia Emília outra vez, era demais. Tive então uma idéia, ir de empório em empório, até encontrar um que me fiasse o necessário. No nosso eu não podia pedir porque já estávamos devendo o último mês. Peguei a lista de tudo que precisava juntamente com a carta de tia Emília fazendo as encomendas e entrei no primeiro armazém; nem acabei de falar, o dono foi logo dizendo que não podia. Fui ao segundo, ao terceiro, ao quarto, nada. Tomei o bonde, procurei outro bairro, a mesma coisa; todos abanavam a cabeça dizendo que não. Lembrei então do bandolim de mosaicos que mamãe tinha deixado; mostrei o broche aos donos dos armazéns dizendo que ficaria depositado até eu pagar a conta e valia uns duzentos mil-réis. Nem assim. Só quando entrei no décimo quinto empório e já estava quase morta de fadiga e tristeza, um homem gordo me atendeu, leu a carta até o fim e disse que podia retirar o que precisasse. Olhei para ele com tanta admiração que ele repetiu a ordem e quando dei o broche como garantia, disse que não precisava porque tinha confiança em mim. Com lágrimas nos olhos, fiz então a encomenda: ovos, açúcar, farinha, frangos, manteiga, cocos, tâmaras e ameixas. O embrulho era

enorme e eu não podia carregar; ele ficou de mandar no mesmo dia. Depois de agradecer muito, saí de lá tão leve como se fosse voar!

Clotilde e eu começamos logo a trabalhar; arregaçamos as mangas, pusemos uns aventais grandes e trabalhamos dois dias sem parar, até tarde da noite. Ficou tudo tão bom e tão bonito que demos graças a Deus e à nossa mãe por nos ter ensinado um meio de ganhar a vida. No dia determinado, tia Emília mandou o automóvel buscar e ficamos sossegadas. Passamos um Natal mais aliviado, pois apesar de não termos nada, nossa mesa ficou bem bonita com as sobras da festa de tia Emília; logo depois ela mandou o dinheiro e ficamos mais folgados. Corri e fui pagar o homem gordo do empório, depois comprei uns sapatos novos para Isabel porque os dela já estavam muito furados na sola: ela vivia forrando com papelão e jornal, mas tinha os pés sempre molhados porque chovia todos os dias e eles estavam tão velhos que não havia mais conserto. Mandei pôr meia sola nos sapatos dos rapazes e comprei mais uma camisa para Carlos; ele tinha apenas uma que eu lavava de noite e passava a ferro para no dia seguinte cedo ir ao banco e como já estava esgarçando, comprei outra.

Assim terminou o ano de 1926.

XI

LOGO em princípios do novo ano, fui falar com o dono da nossa casa, para dizer que não podia pagar a prestação e pedi que esperasse mais trinta dias. Ele concordou. Isabel começou a cursar o segundo ano da Escola Normal e ia muito bem; já estava com quatorze anos e muito espigadinha de corpo, parecia uma mocinha. Começou a pintar-se para ir à escola e eu ralhei com ela dizendo que era muito criança para pôr rouge e achava horrível uma menina pintada. Ela respondeu que todas na classe faziam o mesmo, não tinha nada de mais e não era crime. Fiquei quieta porque sabia que não adiantava falar e ela começou a pintar os lábios também.

Subiram o ordenado de Julinho para 180 $000, o que foi ótimo. Em janeiro apareceu um emprego para Alfredo por intermédio de um genro de D. Genu; dei tantos conselhos para Alfredo ser bom e correto nessa colocação que ele saiu com raiva de mim e nem se despediu no primeiro dia que foi trabalhar. Deu graças a Deus de não estudar mais e creio que nunca se formaria, pois com dezessete anos, estava apenas no segundo ano ginasial. Dias depois trouxe o macacão azul-escuro sujo de óleo e graxa para eu lavar; trabalhava em automóveis. Foi com satisfação que lavei o macacão, pois não tinha muita esperança que ele trabalhasse; ganhava 120 $000 por mês.

Apareceu então outra encomenda de doces; uma encomenda grande, de D. Laia, a dona do palacete da esquina; era o chá de noivado de uma filha. Clotilde e eu trabalhamos três dias sem parar e tivemos um bom lucro; fomos depois comprar um fogão novo a prestações porque o nosso não dava para muita coisa e ficávamos assando os bolos até de madrugada. Depois de instalado, esperamos ansiosamente outras encomendas.

Então reuni todos outra vez e expliquei a situação da casa; precisávamos dinheiro para a última prestação e eu tinha apenas 450 $000, a custa de muita economia. Contei que os trinta dias de prazo já estavam se escoando e eu não tinha juntado o que faltava. Ficaram admirados porque pensavam que a casa já era nossa, expliquei que tentara tudo para evitar mais esse desgosto, mas não foi possível; começamos então a fazer uma espécie de inventário para ver tudo o que na casa havia de vendável e saber o que podíamos apurar; Clotilde quis dar

os brincos de brilhantes que foram de mamãe. Protestamos e não aceitamos; avaliamos cadeiras, pratos, vasos, panelas, tudo o que pudéssemos vender e, depois de tudo avaliado, não chegava a trezentos mil-réis, se dessem o preço que calculávamos. Carlos acabou dizendo que ia pedir mais trinta dias de prorrogação ao dono da casa; foi no dia seguinte cedo, o homem cedeu outra vez, mas contrariado.

Nesse ínterim, Olga veio de Itapetininga para nos visitar; disse que queria vir antes, mas os filhos e os deveres de professora não permitiam; não passava bem ultimamente, sofria dos rins, então pediu uma licença e veio para se tratar. Trouxe só o último filho; ocuparam meu quarto e fui dormir no de Isabel.

Quase na véspera de Olga voltar, o dono da casa veio receber a prestação; fiquei muito aflita e como não podia pagar, dei o dinheiro que tinha em casa. Ele não quis receber dizendo que receberia tudo de uma vez e não podia mais esperar; pedi que esperasse mais trinta dias e então pagaria tudo. Depois que ele foi embora, muito zangado, Clotilde contou tudo a Olga e eu perguntei se ela e o Zeca não podiam nos fazer esse adiantamento; tinha esperança de pagá-los até o fim do ano. Ela hesitou dizendo que não tinham quase nada, em todo o caso ia ver o que podia arranjar. E como presenciou nossa pobreza e nossa luta de todos os dias, pois muitas vezes comíamos apenas feijão com angu e bananas (eu misturava uns torresmos no angu para dar um gostinho de carne) e mais nada, nem café, assim que chegou a Itapetininga, escreveu dizendo que podíamos contar com o dinheiro em abril. Respirei mais aliviada porque havia noites que eu passava sem dormir, pensando na dívida.

Quando, em abril, juntei todo o dinheiro, levei ao dono da casa, recebi o recibo e senti, tive certeza, a completa certeza de que a “Casa da Avenida Angélica” era nossa, inteirinha nossa, fiquei tão tonta, quase caí e meus olhos se nublaram. Precisei me encostar na parede de uma casa e esperar a vertigem passar; lembrei dos projetos de Júlio para esse dia e chorei, na rua mesmo. Depois sorri sozinha quando voltava para casa, pensando no banquete com que iria surpreender meus filhos, à noite. Preparei um frango assado; fiz um quilo de filé e ainda comprei umas frutas e duas garrafas de cerveja; não contei nada aos meninos e quando eles se sentaram à volta da mesinha da copa e viram o que havia, exclamações alegres cortaram o ar; gritaram, bateram palmas:

– Mamãe, que milagre é esse?

– Lola, o que foi que aconteceu?

– Mamãe tirou a sorte grande! Venham ver!

Julinho pôs a mão em pala sobre os olhos e fingindo que não via bem, gritou:

– Será possível? É verdade o que estou vendo ou é ilusão de ótica! Oh! Milagre dos milagres! É tudo verdade! Um abraço, D. Lola!

E, sentando-se, tirou logo uma perna do frango e começou a mastigar fazendo um barulhão. Então sacudi o recibo acima da minha cabeça, tal qual uma criança como os meus filhinhos eram naquele tempo e falei com entusiasmo:

– A casa é nossa! A casa é nossa!

E caí sentada numa cadeira, completamente exausta como se tudo aquilo fosse demais para mim. Todos pegaram o recibo, olharam, cheiraram, levantaram contra a luz, riram, apalparam, acariciaram, e Alfredo disse:

– Mamãe, isto merece um quadro e uma moldura dourada; vamos colocá-lo na parede mais saliente da casa. Que acha?

Todos riram e Carlos achou que a data era muito solene e ficaria gravada para sempre nos anais da família Lemos! Sentaram e comeram sofregamente todo o jantar; deixaram apenas um pouco de arroz no fundo da panela e uns pedacinhos de carne para o gato; acontecesse o que acontecesse, nunca esqueciam o Caçarola e, mesmo nos piores dias, sempre guardavam alguma coisa para o gatinho, o que me enternecia. Roeram os ossinhos finos do frango comentando a posse do “palacete” e até as frutas que eu tinha feito em salada, desapareceram num instante!

Fomos dormir mais felizes nessa noite como se tivéssemos tirado um peso enorme das costas e no dia seguinte, quando me olhei no espelho, como estava velha! Meus cabelos estavam quase todos brancos e eu tinha sulcos à volta dos olhos e da boca, e um cansaço profundo que vinha de anos e anos de pobreza, de lutas, de provações. Todo o corpo fatigado e moído do trabalho e das preocupações. E ainda estava longe da idade de ser velha!

***

Quando Alfredo recebeu o primeiro mês de ordenado, tive uma desilusão; em vez de ficar com algum dinheiro e dar a quantia maior para mim como os outros faziam, ficou com cem mil-réis e me deu só vinte. Chamei sua atenção, mas replicou:

– Não adianta eu dar à senhora porque com esse dinheiro tem que me comprar sapatos e camisas; então já fico com ele, vem dar na mesma. Não posso continuar com estes sapatos porque tenho vergonha. Veja. E preciso dinheiro para meus cigarros também.

Fumava muito ultimamente e quando disse que Carlos era o mais velho e não fumava, respondeu que Carlos era um "trouxa". Percebi que não podia contar com Alfredo para nada; era o único que voltava tarde da noite e os outros me diziam:

– Mamãe, Alfredo está abusando.

Mas eu sabia que não adiantava falar e quando queria repreendê-lo desviava o assunto de modo hábil; perguntava com voz meiga:

– Mamãe, já reparou na Genu estes dias?

– Não fale assim, Alfredo, fale D. Genu. O que tem?

– Não reparou no alvoroço dela? Anda contente, os olhos brilhantes como os do Caçarola, cheirando o ar … escutando … espreitando … não viu ainda?

– Não.

– Pois a vizinha da esquina debaixo está muito mal, pra morrer Quero dizer, a mãe da vizinha, aquela velhinha de oitenta anos, e a Genu já está se preparando para a festa.

– Alfredo, não fale assim, nem diga Genu.

– Também onde se viu uma mulher chamada Genu?

– Você sabe muito bem que o nome dela é Genoveva, não é Genu.
– Mas chamam de Genu e está acabado. Eu sei que anda cheirando defunto.



— A casa é nossa! A casa é nossa!
Todos pegaram o recibo, olharam, cheiraram, riram, apalparam, acariciaram.

– Não fale assim, meu filho; de repente ela fica sabendo e é tão nossa amiga …

– Mas ela gosta de defunto, não gosta? Sente um gosto especial em …

– Alfredo, fique quieto. Por que veio tão tarde ontem?

Ele não respondeu e ficou me olhando, fazendo sinais que eu não entendia. Tornei a perguntar:

– Responda; por que veio tarde?

– É pra falar? Agora mesmo a senhora não disse preu ficar quieto? Esqueceu?

Eu não podia deixar de sorrir e ele me abraçava e me beijava:

– Esta D. Lola, esta D. Lola … E as repreensões paravam aí.
Quando terminou o segundo mês do emprego, apareceu com uma roupa nova azulmarinho; vendo-me tão espantada com o terno, riu com gosto e perguntou:

– Está estranhando o filho, D. Lola?

E fez uma pirueta para eu ver a roupa. Perguntei:

– Que loucura é essa? Com esse ordenado, fez uma roupa tão cara?

Respondeu rindo:

– Ora, mamãe, para que servem as prestações? Vou pagar trinta mil-réis por mês; levo tempo pagando, mas não tem importância.

Censurei:

– Cuidado, meu filho. Não vá se endividar; você devia fazer a roupa lá para o fim do ano, em dezembro.

Ele saiu assobiando e antes de entrar no quarto, falou da porta:

– Não tenha medo, sei o que estou fazendo.
E assim continuou, sem dar muita atenção aos apuros que passávamos e sempre desligado dos outros irmãos, achando que eram uns trouxas por levarem a vida tão a sério.

Clotilde e eu continuávamos a trabalhar muito, às vezes nos tricôs, às vezes fazendo doces, pois sempre tínhamos uma ou outra encomenda.

E assim os dias foram passando, as semanas e os meses; eu dizia que nossa casa parecia uma colméia; todos saíam cedo para o trabalho e os que ficavam, também trabalhavam. Havia meses que passávamos melhor, mas havia outros que apenas comíamos; não podíamos comprar uma escova de dentes sequer! O dinheiro dava apenas para não morrer de fome.

E veio outro ano e outro inverno; e esse inverno foi triste. Todos se resfriaram e eu tinha muita pena dos rapazes porque iam para o trabalho com dor de cabeça e tosse e eu ficava o dia todo pensando neles, com mágoa no coração. Quem custou mais a se curar foi Julinho; passou meses tossindo. Não podíamos comprar remédios, então Clotilde fez em casa um xarope de eucaliptos que ele tomava todos os dias; emagreceu e ficou abatido.

No fim desse ano, todos se queixaram de dor de dentes. Fiquei desesperada; tia Candoca então lembrou que havia um sobrinho de uma irmã da cunhada dela que era dentista no Brás. Fui lá com os filhos e pedi orçamento para todos; ele me cobrou o mínimo possível e levei quase dois anos pagando.

O dinheiro que Olga e Zeca nos adiantaram só consegui pagar um ano depois, assim mesmo a prestações.

Nessa época, Isabel quis deixar os estudos para aprender datilografia e se empregar; precisou muita energia e conselhos para ela desistir do projeto; queria trabalhar para comprar vestidos e sapatos. Era muito vaidosa e não se conformava com a pobreza.

Todos os dias tinha uma reclamação a fazer e ia para a escola chorando; um dia porque os sapatos estavam velhos demais e “o que as colegas iriam pensar?” Outro dia porque a blusa tinha um remendo e não queria vesti-la mais; outro dia porque não tinha um bom casaco para o frio e sentia vergonha de ir só com a blusa de malha. Era uma luta acalmar o gênio forte de Isabel; eu me lembrava de Júlio que sempre reclamava, censurava e nada achava bom, nada a seu gosto. Percebi que sumia dinheiro da minha gaveta e chamei a atenção de Isabel; ela chorou, bateu os pés e negou, dizendo que não era ela, mas dias depois descobri que ela e Alfredo tiravam os níqueis que eu guardava para as compras de

momento. Ralhei com eles e escondi o dinheiro noutro lugar. Depois soube que Isabel ia a pé para a escola quase todos os dias e, com o dinheiro que eu dava para o bonde, comprava pintura para o rosto e esmalte para as unhas. Por isso não havia sapatos que durassem para Isabel; todos os sapatos que eu comprava estragavam-se em pouco tempo.

Era muito vaidosa e às vezes eu pensava comigo mesma que tinha sua razão de ser, pois estava cada dia mais bonita!

Fez exames em novembro e passou com boas notas para o terceiro ano da Escola Normal. Às vezes estudava inglês em voz alta no quintal passeando de um lado para outro; entusiasmada porque já sabia algumas frases, e não parava de repeti-las. Tanto repetiu um dia que até eu decorei. Também não sei por que, sempre tive uma cabeça danada para decorar as lições de meus filhos. Quando estudava inglês, Isabel dizia e repetia alto:

– Ai go to béde et naine o cloque et naite … ú as meide i our cote?

Falava devagar e com intervalo em cada sílaba; perguntava ao gato que se espreguiçava ao sol em cima da folha de zinco que servia para estender roupa:

– Caçarrôla, ú as meide iour chôs?

E dava uma risada gostosa. Clotilde e eu ríamos também ao vê-la tão alegre e espiávamos através da vidraça: ela ficava na ponta dos pés e sacudia o dedinho na direção do gato que se espreguiçava com as patas esticadas, os olhos semicerrados e a barriguinha amarela voltada para o sol.

***

Chegamos ao fim desse ano com mais esperança e mais confiança em nosso futuro. Carlos dizia que pretendia reiniciar os estudos de Medicina no próximo ano; trabalharia durante o dia e estudaria à noite. Julinho falava em continuar os preparatórios interrompidos e fazer o curso de Engenharia do Mackenzie. Comecei a ver tudo por um prisma melhor; as encomendas de doces também não nos faltavam, e, para ficarmos mais aperfeiçoadas, Clotilde fez um curso completo de cozinha e aprendeu novidades que desconhecíamos.

Alfredo continuava com boas roupas, gravatas bonitas e de vez em quando, comprava uma camisa nova; eu censurava:

– Alfredo, Alfredo, cuidado, não faça dívidas.

Ele dizia que comprava a prestações e me agradava muito; um dia me trouxe um par de meias de seda que Isabel tomou para ela dizendo que estava precisando; outro dia me trouxe frutas finas. Eu agradeci muito e pedi que não gastasse assim; preferia que não me desse presentes.

Um dia, nas vésperas de outro Natal, eu trabalhava na cozinha dando conta de umas encomendas; Clotilde tinha saído para comprar papel de enrolar balas. Estava justamente batendo um bolo quando Alfredo entrou na cozinha, uma expressão esquisita no olhar. Como não era hora de nenhum deles voltar, perguntei o que havia. Ele respondeuque não havia nada. Tornei a perguntar:

– Está doente, filho? Está sentindo alguma coisa?

Ele deu umas voltas pela cozinha com as mãos no bolso e um ar preocupado. Disse:

– Não, mamãe, não tenho nada.

– Então por que veio mais cedo? Insisti enquanto peneirava a farinha e o fermento.

Alfredo deixou a cozinha dizendo que depois explicaria e foi para o quarto. Fiquei pensando e, depois que enfiei o bolo no forno, fui vê-lo; encontrei-o sentado na cama, a cabeça baixa, pensativo. Sentei perto, passando o braço sobre seus ombros e falei ternamente:

– Que há, filho?

Então ele baixou mais a cabeça e me disse que tinha perdido o emprego. Fiquei assustada:

– Mas assim à toa? Sem motivo? O que houve com você?

– Disseram lá na oficina que não há serviços para todos e como sou o mais novo, me mandaram embora. Mas eles me pagam, os bandidos.

Acalmei Alfredo dizendo que não era motivo de desespero, outros empregos haviam de aparecer e, depois de dar-lhe um tapinha carinhoso no ombro, corri para ver o meu bolo. Logo depois o vi saindo; não me disse onde ia e bateu com força a porta da rua.

Passei o resto da tarde fazendo bem-casados e quando Carlos entrou, contei logo o que tinha acontecido. Carlos tornou a pôr o chapéu, dizendo:

– Vou ver o que há, mamãe. Não se aflija.

Clotilde chegou e começou a cortar o papel de bala fininho como renda; os outros filhos também entraram: cada um deu uma espiada na cozinha como faziam sempre:

– Alô, mamãe.

E foram para seus quartos; Isabel trocou o uniforme por um vestidinho velho de linho e foi passear na calçada com as amigas. Fazia um calor de abafar; pus o açúcar no fogo e fiquei esperando o ponto certo para colocar as tâmaras recheadas na calda; sentia o suor escorrendo pelas minhas costas e umidade no meu pescoço. Estava tão ocupada nesse serviço para que a calda não passasse do ponto que não percebi Carlos e Alfredo entrarem. De repente ouvi um ruído estranho; parece que sapateavam vozes falavam asperamente; e de repente um grito de Clotilde; um grito angustioso:

– Lola.

Larguei tudo num susto tremendo e corri para dentro; vi Clotilde na porta do quarto de Alfredo, muito pálida, e, dentro do quarto, Alfredo e Carlos, empenhados numa luta horrível. Num relance, vi Alfredo com a boca sangrando e Carlos com um olho meio fechado; nem me olharam e continuaram agarrados; um se esforçando para derrubar o outro. Puxei Carlos por um braço e gritei:

– Meus filhos, pelo amor de Deus! Não façam isso!

Clotilde também segurou um braço de Alfredo e gritou:

– Alfredo! Alfredo! Não façam assim, por favor!

Eles se separaram um segundo; não deu tempo para intervir e Alfredo vibrou um murro com força no queixo de Carlos; vi Carlos cambalear como se fosse cair, mas firmou-se imediatamente e atirou-se como um tigre sobre o irmão. Comecei a chorar alto e a gritar como louca, enquanto Clotilde tornava a puxar Alfredo com toda a força, mas ele deu um empurrão nela e quase a fez cair junto à janela. Eu chorava e procurava separar os dois, quando apareceu Julinho na porta do quarto, assustado. Gritei-lhe:

– Julinho, por favor, acuda!

Julinho não hesitou; foi por trás de Alfredo e, segurando os dois braços dele, tolheu-o de todo movimento. Graças a Deus Julinho era forte, tão forte quanto Alfredo; segurou-o assim uns minutos e Carlos caiu sentado na cama arquejando e segurando o queixo com as duas mãos. Perguntei:

– Está ferido, Carlos? Que houve? Por que fizeram isso? Vocês nunca brigaram assim. Vocês me matam, me matam.

Alfredo resmungava:

– Desgraçado, tu há de me pagar este sangue aqui.

Julinho largou-o; com o lenço na mão, Alfredo enxugava os lábios; estava tão cansado que mal podia falar. Clotilde foi correndo buscar água para beberem e como eu tinha medo que brigassem outra vez, disse para Carlos:
– Vamos para a cozinha, Carlos, vamos ver o que há.
Carlos se levantou com uma expressão terrível no rosto e mostrando Alfredo, disse:

– Agora a senhora precisa saber o motivo da nossa briga. Alfredo foi despedido do emprego porque é um ladrão. Roubou.
Alfredo fez um movimento violento para avançar sobre Carlos, mas Julinho segurou-o novamente; protestou furioso:

– É mentira. Mentira desse cachorro. Não acredite, mamãe.

Sem poder falar, embrutecida com a notícia, sem poder acreditar nas palavras de Carlos, encarei Alfredo que, vermelho, continuou a falar:

– Mentira. É mentira. Tu há de me pagar.

Carlos falou como se não o ouvisse:

– Para isso eu fui à oficina e o próprio chefe me contou tudo. Furtava peças de automóvel e vendia. Negue agora. Desonrou o nome da nossa família, do nosso pai.

Fez uma pausa e continuou:

– É por isso que anda assim almofadinha.

Saindo do quarto, foi sentar-se numa cadeira da copa. Sentando-me então ao lado de Carlos, escondi a cabeça entre os braços e chorei desesperadamente.

***

Clotilde andava para cá e para lá, passando salmoura num e noutro, depois me trouxe um café:

– Tome este café bem forte; não veja as coisas do lado trágico, Lola. Foi uma criancice de Alfredo; qual é o rapaz que não dá cabeçadas? Ele já está envergonhado e arrependido, naturalmente vai se corrigir. Não se entregue assim, encare os fatos com mais coragem.

E acrescentou baixinho:

– A calda queimou.

Então me lembrei que havia deixado a calda no fogo. Enxuguei meus olhos, tomei rapidamente o café e fui para a cozinha tratar de fazer outra. Clotilde preparou a mesa para o jantar; como fazia muito calor, havia apenas uma grande

travessa de salada de batatas com tomates e outra travessa de sardinhas fritas que eles apreciavam muito.

Mas quase ninguém jantou; Alfredo não saiu do quarto e quando Isabel chegou da rua, curiosa por saber por que estavam todos tão quietos e Clotilde explicou, defendeu o irmão:

– Ah! Coitado do Alfredo. É tão triste a gente viver na miséria que dá vontade mesmo de roubar. Puxa!

Olhamos para ela duvidando da sinceridade daquelas palavras; mas ela estava tranqüila e jantou alegremente não dando ao caso a mínima atenção. Clotilde censurou-a:

– Não fale assim, Isabel. Você está mostrando muita leviandade nessas palavras. Seu irmão cometeu um erro muito grande e você parece que está de acordo com ele. Isso é muito feio, nem deve repetir.

Ela levantou os ombros num gesto desdenhoso e fazendo uma careta para Clotilde, começou a trincar uma sardinha segurando-a com as duas mãos.

Carlos falou, carrancudo:

– Ela é tão leviana quanto ele, tia Clotilde, nem sei qual é o pior. Eles se entendem.

Isabel largou a carcaça da sardinha no prato, enxugou rapidamente as pontas dos dedos engordurados, falando para Carlos:

– Eh! Já começa, hein? É melhor não se importar com a minha vida. Trate da sua que já não é pouco, ouviu? Pensa que é um santo? Pretende endireitar o mundo? Bobão!

E pegou outra sardinha com as mãos.

– Não pretendo endireitar o mundo, mas pretendo endireitar você que é minha irmã e não tem juízo. Parece oca por dentro. E não seja malcriada.

– Psiu! Psiu! fez Clotilde. Não discutam assim; sua mãe já está tão aborrecida hoje. Sejam bons.

– É Carlos que vive me amolando. Por que ele me aborrece?

Carlos saiu da mesa mal-humorado, empurrou a cadeira e foi para o quarto; Isabel fez menção de jogar a carcaça da sardinha nas costas dele; Clotilde segurou a tempo o braço dela, dizendo:

– Pelo amor de Deus!

Ela lambeu as pontas dos dedos e riu, despreocupada. Julinho gritou:

– Olhe o café, Carlos.

– Não quero café, respondeu e fechou-se no quarto.
Isabel resmungou: “melhor para ele”.

Ninguém mais falou na mesa e logo todos se levantaram; voltei para a cozinha e continuei nos meus afazeres, enquanto Clotilde tirava a mesa e lavava os pratos do jantar. Comecei a preparar o coco para as cocadinhas e falei a Clotilde:

– Nunca disse aos meus filhos para serem honestos. Sabe por quê? Porque sempre pensei que a gente já nascesse honesta e isso não se ensinasse. Imagine dizer a eles todos os dias: Não roube, não mate. Você acha que isso se ensina? É o mesmo que dizer: a boca é para falar, os olhos são para olhar. Isso se ensina, Clotilde? Diga se isso se ensina. Ensina-se a ser bom, ser correto, cumprir as obrigações, ser limpo, fazer o bem, não maltratar ninguém, obedecer aos mais velhos, respeitar os superiores. Mas não roubar, não matar, eu nunca ensinei; será que errei e devia ter ensinado também isso? Pensei que a gente da nossa raça já nascesse sabendo. Vai ver que errei.

Clotilde respondeu um pouco nervosa, enxugando os pratos:

– Não digo que você leva as coisas muito a sério? Isso não quer dizer nada, Lola. Foi uma cabeçada e todo o rapaz dá cabeçadas de vez em quando, mas são perdoáveis. Estou achando que essa cocada está ficando muito escura.

– Não está, está no ponto certo. Depois clareia. Você não quer que eu leve a sério. Se ele fez isso agora, o que não fará mais tarde, Clotilde? Que desgosto, meu Deus!

– Mas ele já está arrependido, coitado! Não quis jantar, ele que come sempre tão bem. Com este resto de leite, vou fazer um prato de aveia com cacau que ele gosta tanto e vou levar ao quarto.

Não respondi e Clotilde fez o que disse. Mais tarde fui falar com Carlos; sentei-me ao lado dele, na cama, e enquanto ele tomava uma xícara de chocolate, conversamos. Ele disse que tinha esperança que Alfredo tivesse juízo um dia e eu continuei. Muitos rapazes não têm muito juízo nessa idade, mas depois se tornam homens bons e corretos. Falamos também sobre Isabel; disse que às vezes tinha a impressão de que ela era cínica; protestei com energia:

– Não, meu filho, nem diga isso. É leviana, assim um pouco aérea, mas você veja, é estudiosa e boazinha. Muito boazinha mesmo e carinhosa. Talvez seja um pouco malcriada, isso sim, mas não diga que sua irmã é cínica.

Carlos tornou a falar sobre Alfredo, dizendo que o que o estragava eram as más companhias; desde pequeno não sabia escolher amigos e só brincava com moleques que diziam nomes feios e quebravam vidraças. Ri-me ao lembrar as peraltagens de Alfredo e mais consolada com essas confidências, despedimo-nos e fui me deitar.

Mas não consegui dormir; levantei-me então de madrugada para preparar os frangos para a encomenda; começou a cair uma chuva grossa e barulhenta, chuva de verão e um cheiro de terra molhada entrou pela cozinha adentro. O dia prometia ser escuro, sombrio, com a chuva a despencar lá fora. Ouvi um leve arranhão na porta do quintal e, quando abri, o gato entrou esbaforido, sacudindo-se todo e passando devagar a língua vermelha por todo o corpo. Correu para perto do fogão no canto predileto e de vez em quando se erguia e se esfregava na minha saia para enxugar o pêlo molhado. E rosnava, todo satisfeito; falei enquanto limpava os frangos:

– Divertiu-se a noite toda por aí, hein, Caçarola? Agora vem procurar a gente.

E comecei a pensar em Alfredo; o que eu faria com ele? Não era uma infelicidade ter um filho assim? De repente Alfredo apareceu na cozinha, uma expressão tristonha no rosto:

– Bom dia, mamãe.

– Bom dia.

Ficou encostado na porta, sem dizer nada, seguindo meus movimentos de um lado para outro. Depois, sentou-se num banquinho ao lado da mesa e bocejando, perguntou com voz pesarosa:

– A senhora acreditou no que Carlos contou, mamãe?

Olhei para ele dizendo:

– Como não havia de acreditar? Naturalmente acreditei.

Então Alfredo me contou que tinha sido vítima de um colega de oficina; eram amigos e o outro o levava todos os dias para jogar no bicho. Começaram a perder muito dinheiro e como Alfredo lidava com peças caras, o amigo insinuou: “Venda algumas peças, com esse dinheiro jogamos mais; depois que ganharmos, iremos repor as peças de novo, porque esta tabela que tenho é infalível. Quer ver? Pode ser que se perca um dia ou outro, mas depois se ganha, é na batata”.

E o amigo explicou como era a tabela e todas as probabilidades que havia de ganharem; tanto o amigo falou que ele acreditou e me disse: – “Fui na onda”, mamãe, e a tabela “negou fogo”. Então não pudemos repor as peças e na “hora h”, o tal da oficina “tirou o corpo” e “eu fiquei na mão”.

Ele falava com tanta convicção, tão calorosamente que não pude deixar de acreditar, pois percebia que era verdade. Dizia que queria melhorar, ganhar mais para eu não precisar trabalhar, ou não trabalhar tanto. Tinha pena de mim correndo pra cá e pra lá o dia todo no serviço árduo; lembrei-me de todos os presentes que ele me dera e meu coração começou a amolecer. Quase sem energia, falei:

– Mas você nunca devia ter feito o que fez. Não era seu, Alfredo.

– Mas eu ia repor, mamãe. Juro para a senhora. Deus me livre ficar com o que não é meu. Mas não deu tempo. Aquele bandido que me traiu continua na oficina, mas ele me paga. Ainda hei de “sujar” ele.

Enquanto Alfredo falava, eu o olhava e como estava bonito e simpático, assim com os cabelos louros despenteados, os dentes muito iguais e brancos, a boca perfeita, apesar de levemente inchada por causa do soco da véspera. Como era bonito esse meu filho! Pelo modo como contou o fato, vi que tudo era verdade e que o chefe tinha sido mau e impiedoso e exagerado num caso que não era para tanto. Pensei em quanto o mundo era ruim e como os pobres sofriam; a tentação era grande, ainda mais para um belo rapaz.

Sorrindo mais aliviada, preparei então para Alfredo uma boa xícara de chocolate e fiz um mexido de ovos com leite do jeito que ele gostava; comeu tudo com pão fresquinho chegado na hora e me vendo contente, falou batendo nas minhas costas:

– Não se aflija, mamãe. Vou arranjar um emprego melhor, a senhora vai ver. Aquele não era grande coisa, ganhava muito pouco. E eu já tenho prática, o que a senhora pensa?

E levantando os braços para cima, começou a se espreguiçar e a bocejar; depois sorriu alegremente para mim e saiu da cozinha, dizendo que ia dormir mais um pouco.

Comecei a mexer os frangos na panela, tranqüilizada.

XII

CADA um desses anos ficou assinalado na minha vida por um ou outro fato importante que fez desaparecer os outros fatos ocorridos na mesma época e que serviu para mais tarde separarmos um do outro, destacadamente. Era como se uma pessoa calcasse a folhinha com a ponta da unha, fazendo com força um sulco profundo. Nas horas do “Lembra-se”, eu dizia para Clotilde:

– Não se lembra quando foi? Foi no ano daquele “caso” de Alfredo. Ou então Clotilde me dizia:

– Já esqueceu, Lola? Foi no ano “da morte de Júlio”.

Ou:

– Isso foi no ano da “formatura de Isabel …”

Esse ano que começo a narrar foi o ano da partida do meu filho Julinho.

Alfredo ficou sem emprego quase até o meio do ano; pedíamos para uma e outra pessoa, mas nada de bom aparecia ou, quando aparecia, Alfredo achava que não valia a pena perder tempo com “empreguinhos”.

Pedia dinheiro para mim ou para Clotilde com um modo tão simpático e um sorriso tão atraente que era impossível resistir. Dizia:

– Mamãe, estou “pronto”. Pode me arranjar alguns cobres? Dávamos às escondidas de Carlos e Julinho que censuravam e diziam que não devíamos dar nada, que Alfredo precisava aprender a trabalhar e a ganhar a vida. Assim passaram quase seis meses.

Finalmente Alfredo se colocou num cartório; foi por intermédio de um amigo do genro de D. Genu que apareceu esse emprego. Aconselhei-o tanto dessa vez e todos em casa pediram tanto que fosse correto e cumprisse os deveres em memória do pai, que Alfredo ficou abalado e prometeu ser um bom empregado.

Quando dei um suspiro de alívio e disse comigo mesma: agora posso dormir tranqüila, compreendi que essas palavras não foram feitas para mim e que é muito difícil uma mãe pobre com quatro filhos dormir tranqüila.

Uma noite, quase no fim do ano, o dono da loja de Julinho, veio nos fazer uma visita; elogiou muito o serviço de Julinho, dizendo que era um empregado tão correto que desejaria mandá-lo para o Rio de Janeiro, na filial do irmão, uma casa importante, e de muito futuro. Seria chefe da seção de perfumaria da casa do Rio; lembrara de Julinho por ser um rapaz trabalhador e honesto e, se eu consentisse, o futuro do menino estaria garantido. Eu disse logo que não; não me separaria dos meus filhos a não ser por casos irremediáveis e que ele podia também ter o futuro garantido aqui, não precisava ir para tão longe. O dono da loja pediu-me que refletisse bem e que devia mudar de idéia a respeito dos filhos, e que não me esquecesse do futuro dele.

Quando fechei as portas e janelas para irmos dormir, disse a Clotilde:

– Deus me livre separar dos filhos assim à toa, não acha?

– Acho que você deve deixar Julinho ir, disse Clotilde lentamente, olhando para mim.

Julinho que estava sempre ao meu lado pedindo para ir, exultou:

– Está ouvindo, mamãe? Todos acham que eu devo ir, só a senhora não.

Não respondi; fui para o quarto e deitei-me, pensando no que devia fazer; devia permitir que meu filho fosse para longe?

Na noite escura e silenciosa, insone, os olhos fixos na escuridão, ouvindo o velho relógio da sala dar lentamente as horas, pensei: “Preciso deixá-lo ir; é o futuro dele que está em jogo. Lá poderá ser feliz, subir na vida, ficar rico, fazer carreira. Mas ele é tão bom filho; é uma loucura deixá-lo partir; aqui também ele poderia fazer carreira e ganhar dinheiro. E se ele for embora, perderei o filho. Sim, perderei. Alguém disse que a ausência mata o amor, qualquer espécie de amor; só a convivência aquece e faz viver tanto o amor como a amizade. A separação esfria. Perderei o filho. Mas afinal, pensando bem, qual a mãe que criou o filho para si? As mães criam os filhos para o mundo e os filhos só são

delas enquanto pequenos. Há muito tempo Julinho não é meu Já o perdi, que tolice".

Virei do outro lado sem poder dormir: "Como não é meu? Pois não fui eu quem o criou, quem o amamentou, e o tratou nas doenças, que o acalentou nas noites frias? Como não é meu se é meu sangue e minha carne? Um pedacinho do meu coração? E depois eu ficava acordada a noite inteira quando ele estava doente; eu me lembro quando teve sarampo, passei a noite toda segurando a mãozinha dele e pondo o termômetro toda a hora por causa do febrão. Nem falava ainda, era tão pequenino; gemia e virava a cabecinha pra cá e pra lá. Os filhos são das mães, como não? Mesmo que vão para longe e fiquem em outros ambientes, como podem esquecer aquela que os pôs no mundo?"

O galo de D. Genu começou a cantar. Contei: "Uma … Duas … Três … Galo cacete … Quatro … Fez um intervalo agora. Cinco … É verdade que os filhos não esquecem as mães, mas também não se importam muito com elas … Seis … Casam-se e formam outra família, têm também filhos, outros lares, ambientes novos … Mas nunca esquecerão a mãe. Sete. Mas o que significa isso para eles? A mãe será apenas a "velha". E uma boa mãe nunca deverá prejudicar o futuro de um filho, Nunca. Oito. Galo pau. Se Julinho não for agora para o Rio de Janeiro, nunca esquecerá que fui eu que não deixei, "a velha". Dirá sempre recriminando: Se a senhora tivesse me deixado ir para o Rio aquela vez … Ou então: Foi a senhora mesma que não quis que eu fosse, eu podia estar longe na vida … Ué! O galo parou de cantar. Qual a mãe que gosta de ouvir isso? Pensei que nunca precisasse me separar dos filhos; mas pensar é uma coisa e a realidade é outra. O galo cantou outra vez, logo vi que ele continuava. Eu acho que já cantou nove vezes. O que eu estava pensando mesmo? Ah! Julinho. E por que Julinho não há de progredir aqui também? Meu Deus! Em toda a parte a gente pode ganhar dinheiro. Para que ir tão longe? Perderei o filho, tenho a certeza e um filho bom e obediente como Julinho é triste perder. "Não devo deixar".

Virei para outro lado: "Mas afinal dizem que a felicidade só tem um fio de cabelo e passa só uma vez perto de nós. Se a gente não segura na hora exata esse fiozinho de cabelo, nunca mais encontra a felicidade. Galo danado. Para materializar o pensamento, esse fiozinho chama-se "oportunidade" e ela apareceu agora para Julinho, ele tem que segurála. Preciso deixá-lo seguir. Mas também um poeta já disse que a felicidade está onde nós a pomos e a dele está aqui ao lado da família, da mãezinha. Doze vezes? Não me lembro bem, acho

que doze. Será que os poetas conhecem bem a vida? A vida de ganhar dinheiro'' Os poetas sabem cantar estrelas, namorar a lua, chorar na viola, mas penso que eles não sabem quanto custa ganhar o "pão nosso de cada dia". As estrelas, a lua e a viola não dão dinheiro e sem dinheiro, como podemos viver? E depois a família de Julinho aqui é provisória; mais tarde ou mais cedo ele se casará e irá constituir a verdadeira família. Treze. Isso tanto faz aqui como no Rio. Se o "tico-tico" acha que deve ir, é porque ele deve ir. Mas Julinho é tão bom filho … Filhos assim não se encontram todos os dias. E depois vai para um meio diferente, sem ninguém da família. E se ficar doente um dia, quem tratará dele? O galo parou. E se tiver uma desilusão ou um desgosto, com quem irá o pobrezinho desabafar? É triste um filho sofrer longe da mãe. Não devo me lamentar; homem é homem, gato é gato. E a gente está no mundo para sofrer, tanto sofre aqui como em qualquer lugar, e um verdadeiro homem sabe suportar a dor. Só os filhos que crescem segurando na saia da mamãe é que não sabem sofrer. Preciso deixar Julinho partir Preciso! Preciso! O galo recomeçou; logo vi. Afinal antes Julinho ir embora do que Alfredo; Alfredo é um anjo de bondade, mas um pouco estourado. Estourado não, aluado. Um pouquinho aluado, um pouquinho só, não liga muito para a vida. Mas é bom como um anjo e me quer tanto bem. Uma vez Carlos me disse que ele andava freqüentando reuniões de comunistas. Que será isso? Preciso indagar direito, saber o que é. Por que as pessoas não ficam quietas no seu canto, trabalhando e vivendo tranqüilas? Por que essa inquietação? Comunista, ora esta! Amanhã vou saber direito o que Alfredo anda fazendo. O que mesmo eu estava pensando? Ah! Julinho. Lá no Rio ele poderá ser feliz. Poderá fazer carreira e até ficar rico. Poderá fazer um bom casamento, tudo isso é verdade. E quando vierem os filhinhos no novo lar de Julinho, estarei tão longe que não poderei vêlos, criá-los, amá-los. Bobagem. Falo como se ele fosse para a China. E há de ter outra avó que cuide disso; toda a criança tem duas avós. Não devo chorar; Julinho precisa ir. As mães não podem prejudicar o futuro dos filhos. Esta frase está acima de todas as outras. Não podem ser egoístas e querer os filhos só para si. Tenho de me sacrificar, sacrificar sempre. Mãe quer dizer sacrifício, não devo esquecer. O galo cantou dezoito vezes. Agora parou".

Virei outra vez na cama e esperei a madrugada. O galo recomeçou: "Uma … Duas … Três …"

Quando o dia chegou e o sol começou a iluminar o quarto, levantei-me decidida a deixar meu filho seguir para o Rio, embora sentisse meu coração chorar de dor.

***

Fui para a copa preparar a mesa para o café e vi Julinho sair do banheiro, a toalha enrolada no pescoço, os cabelos úmidos do banho de chuveiro escorridos na testa, gotas d'água no rosto e no peito meio descoberto. Olhou para mim numa interrogação, um ar entre risonho e sério:

– Bom dia, mamãe. Então? Posso ir?

– Você quer ir? perguntei.

– Natural que quero, lá deve estar meu futuro.

– Então vá, e seja feliz.

Ele tirou a toalha do pescoço e dando uma reviravolta com ela no ar, quase derrubou as xícaras da mesa. Gritou:

– Urra! Ip, ip, ip, urra! Vou para o Rio de Janeiro. Viva!

E me beijou com força nas duas faces; fingi que estava um pouco irritada para disfarçar a emoção que sentia:

– Você quebra as xícaras, Julinho. Que estabanado! Venha depressa tomar seu café.

Clotilde e Isabel apareceram no corredor para ver o que havia; mais tarde comentaram na mesa que eu fizera muito bem em deixar Julinho seguir. Se ele não fosse feliz lá, voltaria; e se fosse, seria sempre grato por eu não ter perturbado a carreira dele. Clotilde ainda me disse:

– Desde pequeno ele foi negociante, não se lembra, Lola? Todo o dinheiro que a gente dava, ele guardava. Todos gastavam, menos ele. É econômico e há de ir longe nos negócios, você vai ver.

Tomei meu café quase em silêncio, ouvindo os comentários; Julinho era o que mais falava e ria, fazendo planos para o futuro, feliz por conhecer outra cidade,

viver em outros meios, desprender-se da nossa vida rotineira e estreita, sem imaginar que meu coração já doía de saudade; anos e anos depois eu ainda sentia os beijos úmidos de Julinho nas minhas faces, mas naquela manhã mesmo compreendi que o tinha perdido para sempre. Ele não me pertencia mais, pertencia ao mundo que o reclamava. E à noite, ao jantar, enquanto conversavam animadamente sobre a sorte de Julinho, olhei os outros três à minha volta e um pensamento sombrio cruzou meu cérebro: Qual deles irá em seguida?

***

Em pouco tempo, preparamos roupas novas para Julinho levar; fizemos pijamas, compramos camisas; eu queria que ele levasse uma espécie de enxoval para tão cedo não precisar de nada.

Passou o Natal conosco e seguiu dois dias depois; no dia da partida, esteve sempre ao meu lado, enquanto eu o aconselhava a ser bom, ajuizado e cumpridor dos deveres:

– Se o chefe elogiou você, não o desiluda faltando com seu dever. Seja sempre correto.

Ele prometeu tudo e na hora da partida, fomos todos acompanhá-lo. Entramos juntos na estação, ele segurando meu braço e feliz como nunca o tinha visto antes. Despediu-se dos irmãos e de Clotilde e por último, despediu-se de mim. Beijou-me a mão e as duas faces. Não consegui falar; senti um nó prender a garganta e não pude dizer nada. Ele se comoveu um pouco e disse que viria nos visitar, logo que pudesse. Pensei que isso não seria possível tão cedo.

Fiquei olhando para seu rosto risonho debruçado na janelinha, enquanto o trem se pôs em marcha; todos disseram: felicidades, boa viagem. Meus lábios se moveram, mas nenhum som saiu deles, não pude falar. O trem foi indo, foi indo e seu rosto alegre desapareceu no meio da fumaça e não o vi mais.

Deixamos a estação quase em silêncio; eu sentia uma amargura enorme se apoderar de mim. Quando o trem apitou, já a uma certa distância, as lágrimas saltaram enfim dos meus olhos e foi sem enxergar que tomei o bonde de volta para casa. Assim que chegamos, D. Genu veio dar uma prosa e contar as novidades; já estava com um chalinho preto na cabeça, preparada para ir passar a

noite com uma senhora doente na Rua Alagoas. Disse que a doente não estava muito mal, mas podia “esticar” de uma hora para outra por causa do coração que não estava muito forte, e seus olhinhos chisparam.
Contou que a vizinha da esquina, a que morava no palacete e tinha casado a filha há dois anos atrás, estava muito aborrecida porque a moça estava falando em se separar do marido. E em voz baixa acrescentou:
– Quem me contou foi a cozinheira de lá, eu me dou com ela; ainda ontem ela veio me pedir um raminho de losna para fazer um chá, estava com dor de estômago. Olhe, D. Lola, este mundo … este mundo não vale nada, nem um caracol …

E olhando o gato que dormia numa cadeira, exclamou:

– Como o Caçarola está gordo, também é só dormir e comer … Mas falando na vizinha, os ricos são assim mesmo, qualquer coisinha e pá! estão se separando. Um não atura o outro nenhum tiquinho assim (e mostrou a ponta da unha). Dinheiro demais é desgraça. Às vezes eu queria ter mais um pouco para não trabalhar do jeito que trabalho, não passar tantas privações, mas muito dinheiro traz desgraça. Isso é verdade. Bem feito pros ricos; pensam que porque têm dinheiro, têm tudo, podem tratar a gente com pouco caso. Olhe, ainda ontem, eu vi quando ela entrou no automóvel; tem agora um automóvel novo azulmarinho. Meu genro disse a marca, mas eu esqueci; parece Buroc, Buric, não me lembro.

– Buick … interrompeu Isabel.

– Eu acho que é esse mesmo; mas o chofer estava segurando a portinhola para ela entrar, assim com o boné na mão e nisso eu ia passando; olhe que conheço ela bem e ela também me conhece. Há quanto tempo somos vizinhas? Nem sei; eu armei um cumprimento pra ela, sabe o que ela fez? Fingiu que nem me viu e entrou depressa no automóvel. O automóvel até rangeu, ela está gorda, com um traseiro enorme, deste tamanho. Eu pensei: Ué bandida! Pensa que é melhor do que eu porque tem automóvel? Quem diz que ali na esquina isso tudo não vai dar de encontro com um bonde e tu não vai ficar estendida na calçada com as tripas pra fora?

Clotilde deu um gritinho pondo a mão no rosto:
– Ah! D. Genu, não fale assim pelo amor de Deus.

Ela olhou Clotilde com um olhar mau e um sorriso quase perverso, mostrando os dentes escuros e defeituosos; estava nos dias de revolta. Continuou:

– Por que não? Não acontece desastres todos os dias? Por que não com ela também? Quem manda ser orgulhosa e besta assim?

– Isso está nas mãos de Deus, D. Genu. A gente não deve falar essas coisas, nem desejar. Deus é quem sabe.

– Pois é isso, o mundo não vale nada, é uma porcaria. Olhe D. Lola, criou a filharada com amor e sacrifício, agora Julinho louco para ir embora. Foi contente se despedir de mim; perguntei: E sua mãe, Julinho? Não tem dó de deixar ela? Ele ficou meio embaraçado, sabe? Respondeu: Tenho, mas tem os outros pra ficar com ela. E lá se foi todo lampeiro, nem pensa no que deixou atrás. Qual! Sou mesmo uma desiludida. Olhe, hoje teve uma briga em casa por uma coisinha à-toa; Leonor e Lili bateram boca uma meia hora seguida, sabem por quê? Por causa do cabelo de Lili. Lili disse que, se estava mal penteada e com o cabelo malcortado, era por causa de Leonor que não se importou e deixou o cabeleireiro judiar do cabelo dela. Leonor é muito brava, já começou: Eh!
Marmota! cale essa boca, sujeitinha magricela!
Começamos todos a rir ao ouvir D. Genu contar a briga das filhas e Clotilde perguntou interessada:

– O que é marmota? Algum bicho?

– Sei lá! Uma xinga a outra de marmota quando brigam e até hoje não sei o que é, nem perguntei.

Rimos mais e ela riu também; Carlos que estava mergulhado na leitura de um livro no canto da sala, levantou a cabeça e falou:

– Marmota é o nome de um bichinho do norte; eu sei que é roedor.

Prestei muita atenção na explicação dada por Carlos. Tudo quanto meus filhos aprendiam na escola e conversavam em casa entrava na minha cabeça e não saía mais. Assim, posso dizer, que, com o tempo, deixei de ser aquela ignorantona e até passei a me exprimir direito.

D. Genu continuou:

– Pois então é isso. Eu sei que quase se pegaram; a Lili chorava e dizia que Leonor era a culpada de todas as desgraças dela. Ih! A Leonor subiu a serra quando ouviu isso. Começou: Você o que é, é mal-agradecida, ouviu? Faço tudo pro seu bem e ainda vem me dizer que sou sua desgraça. Vaca magra! Você parece vaca magra quando cai no brejo; os vaqueiros vão acudir a bicha e ela sai chifrando. Mal-agradecida. Medonhenta! Cara magriça! E continuou por aí afora. Em Minas xingamos assim.

Foi uma gargalhada geral e Carlos tornou a interromper a leitura para repetir:
– Medonhenta! Que idéia!

– Pois é. Lili respondeu: Eu sei porque você só fala em vaca e vaqueiro; pensa que não sei que está namorando o boiadeiro? Vou contar tudo a mamãe, vai ver. Tu me paga. Um homem que só lida com boi, tu me paga. E assim bateram boca uma meia hora. Qual … Moça precisa casar …

D. Genu coçou a testa e pediu com voz terna a Isabel:

– Me arranja um copo d'água, minha nega? Estou pra morrer de sede.
Isabel saiu da sala e toda ligeirinha foi buscar água na copa; D. Genu relanceou os olhos para Carlos que estava novamente distraído com o livro, baixou a voz, pôs a mão na boca e falou:

– Mulher quando não casa fica assim, brigando à toa, azeda. Mulher precisa de homem, eu já disse … e machão bom, senão fica desarvorada.

Emendou em tempo:

– A não ser que seja como a Clotilde, de espírito sossegado. Clotilde é diferente, mas a maioria precisa, senão desembesta, fica com o gênio desgraçado. Os antigos diziam que mulher depois de velha dá pra parteira, ou pra alcoviteira, ou pra pitar. Eu não dei pra nenhuma dessas, dei pra guardar defunto.

E riu-se. Clotilde falou:

– Então deu pra carpideira, é quase a mesma coisa.

Ela levantou as sobrancelhas numa interrogação, sem compreender:

– Hein? Pois é. Mulher desequilibrada é o diabo, faz besteira.

Tomando o copo que Isabel apresentava, bebeu dois golinhos d'água.

– Obrigada, minha nega. Já vou indo; a doente me espera, quem sabe até está pensando que não vou mais.

E ajustando o chalinho preto na cabeça, saiu dizendo boa noite. Esqueci D. Genu para pensar em Julinho; a cada momento se distanciava mais de mim, levado pelo trem; já devia estar longe. Eu ouvia os apitos da locomotiva e o rangido das rodas que o transportavam, para longe, para longe. Adormeci pensando nele.

***

Dois dias depois, Isabel começou a me agradar; passava a mão no meu braço, me abraçava pelo pescoço, me chamava de mãezinha boazinha. Pensei comigo: O que será que Isabel está querendo? O que será?

No terceiro dia, ela me disse:
– Mamãe, vai haver um baile no dia de Reis; umas colegas estão organizando esse baile e eu queria muito que a senhora me deixasse ir. A senhora deixa?

– O que, minha filha? Você não tem vestido de baile, como pode ir a bailes? Isso é para os ricos; precisa-se de tanta coisa para ir a bailes, eu não tenho nada, nem sapatos.
– Ora, mamãe, a senhora não precisa ir, eu vou com as minhas amigas; e tia Clotilde faz um vestido para mim em dois dias; eu vi numa loja da Rua das Palmeiras uma belezinha de organdi azul. Deixa, mamãe.

– Mas você não pode ir sozinha com as colegas; precisa Carlos acompanhar, ou então Alfredo.

– Mas Carlos e Alfredo não têm roupa própria, mamãe. Todos os rapazes vão de smoking; eles não podem ir com qualquer roupa. Eu peço para ir com a mãe de

uma das colegas.

– A mãe vai? A mãe de sua colega?

Ela hesitou um pouquinho:

– Eu acho que vai sim; vou falar. Deixa, mamãe? Por favor.

– Não sei; vamos ver, não se pode resolver assim de repente.

– Mas precisa resolver logo, mamãe. Faltam poucos dias para o baile.

Não disse nada e fui para o quarto ver o dinheiro que eu tinha guardado para comprar um par de sapatos. O meu único par estava tão velho e consertado que não dava mais nada, estava disforme no pé. E eu estava precisando visitar tia Emília que andava doente. Refleti um pouco se dava ou não o dinheiro a Isabel, e resolvi dar porque os sapatos, bem engraxados, ainda podiam servir. Dei os cinqüenta mil-réis a Isabel que começou a saltar com a nota na mão e me beijou repetidas vezes, agradecendo. Pensei que fiz bem em dar o dinheiro; ela precisava se divertir de vez em quando; mocidade quer dizer alegria e ela era tão jovem!

Uma hora depois, Isabel entrou com a fazenda embrulhada na mão; Clotilde cortou o vestido e dois dias depois, experimentamos em Isabel. Era o seu primeiro vestido de baile e dava gosto ver o entusiasmo da minha filha.

Na noite do baile, Isabel me disse que as amigas passariam às dez horas em casa, de táxi, e cada uma pagaria uma parte das despesas; dei o dinheiro para o táxi. Ela levou horas se enfeitando; fez as unhas, encrespou os cabelos com pedacinhos de papel, passou creme feito por Clotilde (suco de pepino e água de rosas), nos braços, no pescoço, nas mãos e na hora de vestir, Clotilde foi auxiliá-la. Quando saiu do quarto, eram quase dez horas, parecia uma bonequinha. O vestido assentava muito bem e os cabelos eriçados à volta do rosto, davam-lhe um ar garoto, encantador. Fiquei olhando minha filha num enlevo, enquanto ela fazia piruetas à volta da mesa, com a grande saia rodada. Estava linda. Carlos veio ver também; olhou-a sem dizer nada, depois falou:

–Tem muita pintura na cara. E por que essa pinta preta? Isabel fez um gesto de amuo e respondeu:

– Não está demais, está, mamãe? E eu tenho mesmo essa pintinha aqui.

– Mas está grande demais; você exagerou tanto que de longe esta se vendo que é postiça.

– Mas já disse que não é postiça. Que homem implicante você é. Puxa!

Carlos saiu dizendo:

– Juízo, hein, menina?

Ela levantou os ombros com pouco caso e continuou a fazer piruetas e fingir que estava dançando à volta da mesa. Às dez e vinte, parou um automóvel no portão; Isabel levantou a saia com as duas mãos e correu para espiar através da vidraça; voltou alvoroçada:

– São eles, mamãe. Boa noite, boa noite, titia.

Eu disse:

– Espere, Isabel. Quero conhecer sua amiga e a mãe dela, convide para entrarem um pouquinho.

Ela fez cara de choro:

– Não posso mamãe. O táxi está pagando; se entrarem, demora muito e paga-se mais.

– Então espere aí que quero conhecê-las.

Fui até o automóvel; vi dois rapazes na frente, espremidos ao lado do chofer, e duas moças atrás gritando:

– Anda, Isabel, já é tarde. Chegamos um pouco atrasadas, não?

Tive vontade de perguntar:

– Onde está a mãe? Não pôde vir?
Mas não tive coragem. Cheguei mais perto, e enquanto Isabel entrava no automóvel, disse um pouco contrariada:

– É mamãe. Minhas colegas e meus colegas.

Cumprimentaram constrangidos; quis recomendar Isabel a elas, mas eram tão jovens que não disse nada. Houve risinhos e exclamações quando Isabel se sentou entre elas. Falavam todas ao mesmo tempo:

“Puxa! Quanta saia!” “Você conhece o Eduardo?” Um dos rapazes da frente virou-se para cumprimentar Isabel e a outra acrescentou: “É o nosso campeão de fox-trot!”

Todos começaram a rir e o táxi partiu; mal tiveram tempo de me dizer boa noite.

Jurei nunca mais deixar Isabel ir sozinha com as amigas (mas jurei em vão, porque depois desse baile, foi a muitos outros, apesar de minhas recriminações).

Ouvi quando ela chegou nessa madrugada; entrou dizendo que o baile fora maravilhoso e já tinha combinado outros para antes do carnaval. Com voz sonolenta, perguntou:

– A senhora deixa, não é mamãe?

Arrastando o vestido pelo corredor e bocejando, disse que não tinha perdido nenhuma dança; de repente olhou admirada para mim:

– Ué, a senhora estava acordada? Abriu a porta na mesma hora que eu bati.

Disse que acordara naquele instante; não quis contar que estivera sentada perto da janela, sem poder dormir. No dia seguinte, à hora do café, enquanto Isabel ainda dormia, disse aos meus filhos que Isabel era muito criança para ir aos bailes sozinha com moças e rapazes e um dos irmãos devia fazer um smoking para acompanhá-la. Carlos respondeu que iria, se fosse preciso, mas preferia

estudar do que ir a baile; ainda tinha esperanças de cursar a Escola de Medicina e Alfredo que devia ir. Alfredo respondeu que se dessem o
dinheiro para o smoking, ele mandaria fazer para acompanhar a irmã, ou então esperassem para quando ele pudesse, mais tarde. Repliquei:

– Enquanto um de nós não puder levar Isabel, não a deixo ir. Não é conveniente nem bonito.

Alfredo me olhou sorrindo:

– Mamãe, a senhora não pode impedir a chuva de chover e o vento de ventar. Pode? Ela está na idade das festas, está estonteada.

Carlos olhou-o com ar carrancudo:

– Nossa, irmã não é elemento da natureza, e pode ser dominada.

– Dominada? Ah! Você não conhece Isabel. Procure dominá-la então.

Deu uma risada; mais tarde compreendi que Alfredo é quem tinha razão. Nunca consegui fazer Isabel ceder, eu é que cedi sempre.

Uns dias depois, recebi a primeira carta de Julinho; estava simplesmente encantado com o Rio de Janeiro. Dizia:

A viagem, mamãe, foi esplêndida; a cidade é mesmo maravilhosa, tudo é bonito aqui: as casas, as ruas, as montanhas, o mar, tudo. A gente é muito mais dada, muito melhor que o pessoal daí. Nem há comparação; todos os vizinhos se conhecem e se dão. Já tenho uma porção de amigos. E o que a senhora vai admirar mais é que janto todas as noites em casa do chefe. São ótimos; os filhos foram me esperar na estação. Moro numa pensão barata e só pago cama e almoço. D. Júlia, a mãe, é muito amável para mim, estou contentíssimo; sou como pessoa da família. Tenho saudades de todos aí. Escreverei sempre.
O filho saudoso JULINHO.

Li mais de vinte vezes essa carta e durante vários dias comentamos a carta de Julinho. Então mais um ano terminou na nossa vida e um outro começou; este

ficou assinalado: o ano da formatura de Isabel.

XIII

DURANTE o ano todo, Isabel disse que, mesmo que tirasse diploma de professora, queria ser datilógrafa num escritório; não queria lecionar crianças idiotinhas; paguei então um curso de datilografia e em pouco tempo ela aprendeu.

Em junho, recebemos uma carta de Olga pedindo para Clotilde ir passar uns tempos em Itapetininga; precisava roupas para as crianças e queria que Clotilde fizesse. Lá se foi ela e achei muita falta em seu auxílio; quando tinha alguma encomenda grande, dava pulos, para dar conta de tudo sozinha.

Quase no fim do ano, Carlos me procurou um dia no quarto me disse:

– Olhe, mamãe, eu vi Isabel passeando hoje com um rapaz, sozinhos os dois. Se eu falo, ela fica furiosa, é melhor a senhora falar.

Fiquei muito assustada e quando Isabel voltou da aula de datilografia, nessa mesma tarde, perguntei quem era o rapaz com quem ela tinha passeado. Ela me encarou com um ar zangado dizendo:

– Quem foi o linguarudo que contou isso? Não posso conversar com algum conhecido na rua?

– Não. E você não estava só conversando, estava passeando; não deve passear com rapazes que você não conhece; uma ou outra pessoa vem me contar e eu fico muito aborrecida.

– Mas ele não é um desconhecido; é lá da aula de datilografia; é muito distinto e só porque fomos conversando um pouco pela rua, depois da aula, já vem um trouxa contar para a senhora. E a maliciar; a senhora começa a pensar mil coisas. Me dá um ódio!

– Não fale assim, Isabel. Estou falando para seu bem, minha filha; tudo que falo é para seu bem. É tão feio ver uma menina andar com namorados na rua; todo o

mundo começa a falar, a comentar.

Já vem a senhora falar em namorados; eu não disse?

Saiu da sala amuada e ficou uns três dias assim. Pedi a Carlos que a vigiasse um pouco quando deixava a aula de datilografia e uns dias depois ele me disse que os dois ficavam conversando na porta uns minutos, depois se separavam. Fiquei mais sossegada.

Um mês depois Alfredo veio me dizer que vira Isabel sentada na Praça da República conversando com um rapaz; fiquei novamente apreensiva e pedi a Alfredo que procurasse saber quem era o rapaz e vigiasse mais.

Chamei Isabel outra vez:

– Veja o que está fazendo, Isabel. Quem é esse rapaz? Você sai da escola e fica sentada num jardim público ao lado de um homem horas inteiras; acha isso direito?

Os olhos de Isabel cresceram para mim:

– Manda me vigiar, não é?

– Nunca mandei vigiar; pessoas conhecidas que vêem você passeando com o rapaz perguntam se estão noivos. Já pedi que não fizesse isso; se seu pai fosse vivo, havia de ficar bem triste.

Isabel ficou muito vermelha e começou a resmungar:

– Podiam bem me deixar sossegada, eu não me importo com a vida de ninguém; por que eles se importam com a minha? Tenho ódio a toda essa gente.

Foi para o quarto e se fechou. Como a visse depois estudando muito e ninguém mais me falou sobre isso, quase esqueci esse fato.

Uma tarde, era meu aniversário, eu tinha saído para umas compras e quando voltei, encontrei os três filhos na sala de jantar, rindo e escondendo qualquer

coisa de mim; rime também sem saber o motivo e perguntei o que havia. Isabel disse:

– Fale, Carlos, você é quem deve falar.

Carlos então deu dois passos à frente, pigarreou e falou com voz solene:

– Mamãe, nós três oferecemos um presente à senhora. Nós três não, nós quatro porque Julinho também concorreu. É um aparelho de rádio, veja. Feliz aniversário!

Saíram os três da frente da mesa e vi com assombro um aparelho de rádio sobre ela; me abraçaram e gritaram:

– Viva mamãe! Viva!

E ligaram o rádio; ouvi então uma música muito suave que nunca mais esquecerei; Carlos que entendia de música me disse mais tarde que era a "Berceuse de Jocelin". O lamento triste do violino ficou para sempre gravado na minha memória; olhei os filhos sem poder conter as lágrimas; mal consegui falar:

– Ah! Meus filhinhos! Por que foram gastar tanto comigo, eu sou uma pobre velha!

Eles riram com lágrimas nos olhos e Isabel falou:

– Mas, mamãe, a senhora se esquece que vivia suspirando por um rádio? Dizia sempre: Ah! Se eu pudesse comprar um rádio! Está contente agora?

Foi essa uma das grandes surpresas da minha vida e à noite, D. Genu e as filhas vieram também ouvir música até tarde. Depois que todos se retiraram e fiquei sozinha no meu quarto, lembrei que estava mais velha um ano, mais desiludida, mais triste, com os cabelos mais brancos e a alma mais cansada, senti de repente meu rosto úmido de lágrimas e olhei então o crucifixo de marfim que fora de Júlio:

– Oh! Cristo, obrigada! Na pobreza e na luta, na incerteza e na amargura, velha e cansada, sinto que ainda sou feliz porque tenho os meus filhinhos.

E chorei muito essa noite, mas de felicidade.

No dia seguinte, recebi de Itapetininga, como mamãe fazia todos os anos, latas de doces e bolos, enviados por Clotilde; mas desta vez vieram quatro latas de goiabada em calda, quatro pacotes de figos cristalizados, quatro tijolos de pessegada. Já não éramos seis, como um ano antes. Dois tinham desertado!

***

Comecei a notar livros esquisitos no quarto de Alfredo, ele que não gostava de livros.
Fiquei assustada e chamei-o um dia, mostrando-lhe um daqueles livros:
Que livros são esses, Alfredo? Você comprou?

Riu-se alegremente:

– Um amigo me emprestou, mamãe. Por quê?

– Fala em “sistema marxista”, em “Karl Marx”, em “bolchevismo”. O que é isso?

Alfredo tomou o livro que estava na minha mão e folheando-o, explicou:

– Não é nada de mais. Vem apenas explicando o que é o socialismo moderno. Quer saber o que é? A essência do plano é uma espécie de “coletivismo”, quero dizer, é um ideal que aspira a divisão de terras, meios de produção, propriedade, tudo dividido coletivamente
.
– O quê? Mas isso é comunismo.

– Não é, mamãe. O comunismo é diferente. O socialismo existe em todos os países civilizados do mundo e o comunismo existe só na Rússia. Karl Marx foi um homem formidável, fundador do socialismo; tinha uma teoria notável sobre a

reorganização social. Ele também que inspirou a formação de uma liga internacional dos trabalhadores, a Primeira Internacional.

– Mas por que você lê esses livros? Não seria melhor estudar outras coisas mais úteis e que dêem algum resultado? O que adianta isso para você? Adianta alguma coisa?

– Eu gosto, mamãe, e depois tenho um amigo que entende disso como o diabo. E me conta essas teorias; desde 1835 existe o socialismo; é uma espécie de defesa do proletariado contra o capitalismo.

– Mas por que estudar isso, filho? Estude coisas mais úteis. O que pretende fazer com essas teorias mar … Como se chama?

– Marxista. Não pretendo nada, mas gosto de saber. Estudo por curiosidade. O que tem saber?

– Você é muito moço e pode ficar influenciado por essas idéias; creio que são teorias revolucionárias, não são?

– Não. Qual o quê. Sei o que estou fazendo.

E jogou o livro sobre a mesa com ar displicente.

***

O fim do ano foi se aproximando e Alfredo veio me dizer que ia deixar o emprego no cartório. Perguntei:

– Mas por quê? Houve alguma coisa?

– Não houve nada, mamãe. A questão é que eles são muito grosseiros e tem um camarada lá que até me trata mal, parece que vive me vigiando.

– Vigiando você? Fez alguma coisa errada?

– Fiz nada; ele é que se implicou comigo desde o princípio. Não falei nada para a senhora não se aborrecer, mas agora não agüento mais, vou mudar de emprego. Um amigo que tenho ficou de me arranjar como o irmão dele que é engenheiro. Prefiro trabalhar num escritório.

– Reflita bem, filho. É tão desagradável ficar sem dinheiro, sem nada. Reflita bem antes de fazer as coisas. Não seja precipitado.

Quando Carlos soube na hora do jantar, coçou a cabeça, pensativo:

– Qual, mamãe. Alfredo não gosta de trabalhar, para ele nada serve. Mas se ficar sem emprego agora, que se arranje. À nossa custa não fica.

Um tempo depois, Alfredo veio falar comigo, um pouco desapontado, com uma caixa de lenços na mão:

– Olhe, mamãe, com o último ordenado daquele maldito cartório, comprei este presente para a senhora. Deixei hoje o emprego mandando uma banana para aquela gente. Mas não se incomode que não me aperto, estou com outro emprego quase no papo.

Peguei a caixa e agradeci, enquanto Alfredo tirava um lenço de seda do bolso do paletó e passava pela testa e pelo rosto. Uma onda de perfume me envolveu. Olhei amoada e ele perguntou, rindo, os olhos muito brilhantes:

– Que tal o perfume, D. Lola? É bom?
Você compra perfumes, Alfredo? Custam tão caro. Que loucura.

– Com o último ordenado, comprei um vidrinho assim (mostrou com os dedos um tamanho pequeno) e dei a uma amiguinha; ela então pôs umas-gotas neste lenço para eu experimentar. Que tal?

E Alfredo me passou de leve o lenço no nariz, piscando um olho e sorrindo. Guardou-o depois cuidadosamente no bolso do paletó, deixando as pontas bem espetadas para cima. Deu-me um beijo na testa e um tapinha no braço; dirigindo-se para a porta, falou alegremente:

– Não me espere para o jantar, mamãe. Adeusinho.

Elegante e bem vestido, colocou o chapéu na cabeça com todo o cuidado diante do espelhinho da chapeleira e sorrindo ainda para mim, fez um gesto de adeus e saiu puxando a porta sem bater. Fiquei com a caixa de lenços na mão, sem saber o que fazer; não contei nada a Carlos esse dia e depois do jantar fui para o meu quarto porque estava cansada. A madrugada vinha vindo e os primeiros clarões do novo dia já se desenhavam nas paredes do quarto quando ouvi Alfredo entrar sorrateiramente e dirigir-se para o quarto dele. Levantei-me, mais cansada ainda, e fui trabalhar.

Todas as tardes ele saía dizendo que ia procurar emprego; e todos os dias eu perguntava:

– Encontrou algum emprego, Alfredo?

– Nada ainda, mamãe. Mas não devemos desanimar. A senhora não acha? E sorria meigamente para mim.

Uma semana depois perguntei:

– E o emprego que você disse que iam arranjar num escritório de engenharia?

Ele me olhou admirado:

– Que escritório de engenharia?

– Você me disse que um colega seu do cartório estava arranjando um emprego …

– Ah! Já sei. Agora me lembro; aquele também gorou, mamãe. Fui procurá-lo há uns dias e ele me disse que o irmão preferiu um rapaz que escrevesse à máquina. É o diabo eu não saber datilografia.

– Pois aprenda; sua irmã não está aprendendo?

– Vou pensar nisso, sabe? É uma boa idéia.

E saiu como todos os dias. Não falou mais em aprender a escrever a máquina e não achou emprego. De vez em quando me trazia uma lata de doce ou um quilo de uvas. Eu censurava:

– Não quero que me traga presentes, Alfredo. Afinal de contas você não está ganhando e ainda me compra presentes. Não quero que faça isso.

– Sempre tenho umas corretagens que os amigos me dão. E com isso vou me arranjando até firmar num emprego para o resto da vida. A senhora vai ver.
Acariciava meu braço e sorria mostrando os dentes muito brancos.

– Eu ainda vou dar uma casa para a senhora. E que casa!

E estalava os lábios. Depois saía e voltava de madrugada.

Faltavam só dois meses para a formatura de Isabel e a casa estava toda alvoroçada com o acontecimento; Isabel só falava no baile e na cerimônia da entrega dos diplomas, com todos os detalhes.

Queria dois vestidos novos, um para a missa e outro para a cerimônia: comprei tudo e também um par de sapatos porque ela disse que não podia usar vestido novo com sapato engraxado, precisava tudo novíssimo. Fiz a vontade dela, mas não sobrou dinheiro para comprar nada para mim; nesse meio tempo fui visitar tia Emília da Rua Guaianases; não posso deixar de confessar que no íntimo tinha esperança que tia Emília me auxiliasse um pouquinho. Ela andava doente ultimamente e me recebeu na saleta em cima; contei que Isabel ia tirar diploma de professora e logo depois de datilografia; contei também que Julinho ia admiravelmente bem no Rio e era chefe de uma seção da casa; contei que Carlos ia cada vez melhor no Banco e tinham prometido subir-lhe o ordenado no princípio do ano. Eu procurava sempre elevar meus filhos diante dos outros e mentia um pouco exagerando as qualidades de cada um porque não resistia a esse desejo vaidoso de vê-los elogiados. Porém quando tia Emília me perguntou com voz um pouco fanhosa:
E o outro? Você não tem outro filho? Não são quatro?

Hesitei um pouco e respondi alegremente, mentindo ainda mais:

– Não falei ainda em Alfredo? Ah! Esse está trabalhando há muitos anos num cartório, tia Emília. Eu já tinha contado, decerto a senhora esqueceu. Graças a Deus vai indo muito bem e ganha regularmente. É ótimo filho, muito carinhoso. É o que me dá mais presentes; toda a semana me leva qualquer coisa, nunca se esquece de mim. Muito bom mesmo.

Enquanto falava assim, lembrava das noitadas de Alfredo, das madrugadas em que ele chegava embriagado e das vezes que eu precisava sacudi-lo com força na cama para ele se levantar ao menos na hora do almoço, pois não queria que Carlos presenciasse essas cenas. Lembrei das vezes que ele se chegava a mim, risonho, um brilho de malícia no olhar:

– Estou prontíssimo, mamãe. Me arranja uns cobres? Pagarei com juros depois.

E mostrava os bolsos vazios; apesar do meu desejo de negar, nunca neguei e ia depressa ao meu quarto, dando o que ele pedia às escondidas dos outros. Ele piscava para mim como para um cúmplice, ia ao quarto de Carlos, tirava a água de colônia do irmão e passava no rosto e no lenço, depois me beijava de leve os cabelos e saía radiante, só voltando de madrugada. Nada disso eu falei e pedi a Deus confidencialmente que me perdoasse as mentiras que estava pregando à tia Emília; e quando ela me perguntou de Isabel, continuei dizendo:

– Graças a Deus é uma boa filha; ajuizada e estudiosa.

Tia Emília ainda me perguntou se ela me auxiliava quando tinha encomendas de doces; fiquei sobressaltada no momento porque só então me lembrei que Isabel nunca tinha batido um ovo para mim, nem olhado o forno para ver se os bolos estavam crescendo. Respondi:
– Ah! Tia Emília, ela estuda tanto que não tem tempo de me auxiliar. A senhora nem imagina; ela se dedica muito aos estudos e assim mesmo quando estou muito apurada com as encomendas, nos sábados à tarde e até mesmo nos domingos, ela me ajuda bastante. Peneira as farinhas, espia o forno toda a hora, corta os papéis de bala, é uma boa menina. Não posso me queixar; e se não me ajuda mais é porque não deixo.

Mas pelo meu pensamento, passou a visão de Isabel, toda bonita e preparada nos sábados à tarde: “Mamãe, vou ao cinema com Luísa”. Ou: “Mamãe, vou dar um passeio com umas colegas. Volto tarde”.

E saía com os lábios vermelhos como cereja, os cabelos em ondas escuras pelos ombros, bem vestida e feliz. Eu podia ter serviço até o pescoço, nunca ela se ofereceu para me auxiliar. Tia Emília disse:

– É uma sorte ter filhos assim bons e ajuizados. Deus nunca se esquece da gente.

– É verdade; nunca se esquece dos que têm fé e dos que pedem.

E olhei disfarçadamente para os meus sapatos tão velhos e deformados que eu procurava esconder sob a cadeira. Pensei: “Deus bem podia dar um jeito para eu comprar sapatos novos; estes estão horríveis. Tenho vergonha”.

Tia Emília disse para prima Adelaide que mandasse vir o chá; conversamos mais um pouco enquanto tomávamos chá nas xícaras de porcelana vindas de muito longe, cheias de florzinhas; eu pegava na xícara com um medo atroz porque tia Emília tinha me contado uma vez que cada xícara custara cinqüenta ou oitenta mil-réis. Eu segurava com as duas mãos como se segurasse uma imagem sagrada e levava aos lábios devagar, com um ar comovido. Levantei-me então para sair dizendo que tinha muito serviço em casa; tia Emília estendeu o braço e me deu um pacote dizendo que era um corte de vestido preto para eu assistir à formatura de Isabel e juntou uma nota de duzentos mil-réis para o feitio do vestido. Agradeci muito e saí pisando em falso, pois lembrei que Deus tinha me ouvido. Fui depressa para a Rua das Palmeiras e lá comecei a olhar as vitrinas das sapatarias; de repente me lembrei que minhas meias estavam tão velhas e remendadas que era impossível comprar sapatos naquele dia. Comprei então um par de meias e só no dia seguinte voltei para comprar os sapatos; gastei o resto do dinheiro em camisas para Carlos, meias para Isabel, alguma roupa para Alfredo e ainda sobrou para um presentinho que alegrou o Natal do meu Julinho.

Clotilde chegou um mês antes da formatura; cortou o vestido para mim e começamos a costurar; era uma seda preta muito bonita. Em dois dias o vestido estava pronto. Então tratamos de fazer os vestidos para Isabel; o da missa era azul-marinho e o de formatura era de seda branca, vaporosa.

Escrevi a Julinho que viesse se pudesse, mas ele respondeu que não era possível; não fazia ainda um ano que tinha ido e não podia pedir licença tão cedo; fiquei triste, mas guardei a tristeza para mim.

Uns dias antes da festa, Alfredo não voltou para jantar e como não me tinha dito nada, fiz o prato dele e guardei no forno, pois sempre que não vinha, avisava antes. Até meianoite, ele não tinha chegado. Sentada na cadeira de balanço da sala de jantar, ouvi as horas passarem numa lentidão esmagadora; continuei a esperar até que, cansada demais, fui me deitar, mas apenas passei pelo sono. Teria acontecido algum desastre? Por que não vinha? Nunca deixara de jantar sem avisar. O que seria então?

Levantei-me e fui para a cozinha tratar de fazer alguma coisa, pois os pensamentos me esmagavam. Comecei a andar de um lado para outro fazendo o café, depois fui para o quarto de Alfredo, abri a janela, desmanchei a cama para os irmãos pensarem que ele já tinha saído e voltei para a copa, onde arrumei a mesa. Cada um apareceu por sua vez, tomou o café e saiu. Fiquei sozinha limpando a casa, sem coragem de falar a Clotilde que costurava num canto da janela; fiz o almoço e ao meio-dia e pouco, estávamos na mesa quando a porta abriu e Alfredo entrou, muito satisfeito. Disse bom dia e me olhou risonho; dirigiu-se depois para o meu lado e me beijou os cabelos:

– Ficou muito assustada com minha ausência? Não avisei nada porque não tive tempo; um amigo me convidou para ir a Santos de repente. Ele tem automóvel e um convite assim não se recusa; fomos quatro rapazes e nos divertimos à grande. Houve uma festinha lá e por isso não voltamos antes. Emendamos a festa com o banho de mar e estamos chegando agora. Foi formidável. Ficou nervosa?

Respondi severamente, mas no íntimo dando graças a Deus por ver meu filho são e salvo:

– Nunca mais faça isso, meu filho. Como não hei de ficar nervosa? Pode dar seus passeios, mas avise sempre.

Riu-se alegremente, os cabelos despenteados:

– Ora, mamãe, como é que hei de avisar sem telefone em casa? Às vezes essas coisas são resolvidas à última hora. Ponha um telefone aqui e avisarei todos os passos que der.

Carlos se mexeu na cadeira, olhou Alfredo com um ar de censura:

– Não seja cínico. É assim que procura emprego? Passando as noites nas farras com amigos vagabundos?

– E o que você tem com isso? Já viu procurar emprego de noite, seu …? De dia eu procuro e de noite faço o que quero.
Carlos ficou vermelho:

– Todos aqui em casa trabalham; você vê como mamãe luta. É revoltante ver você na boa vida, passeando de automóvel, fazendo farras em Santos, levantando ao meio-dia. Mamãe não conta nada porque sabe que me aborrece. Mas pensa que não estou vendo a vida que você leva?

Alfredo respondeu, zangado:

– É? E que culpa tenho eu se não tenho sorte nos empregos? Pensa que não procuro? Pergunte pra mamãe quanto não tenho andado de baixo para cima procurando colocação.

– Não minta. Os empregos são bons, você é que não presta. Por que deixou o cartório? Eu não vou lá saber porque tenho vergonha de receber a mesma resposta que tive do dono da garage onde você trabalhava antes. E mamãe nem me pediu para ir lá porque já sabemos mais ou menos porque você deixou.

Alfredo ficou furioso e cerrou os punhos: Clotilde e eu ficamos nervosas e olhamos para um e outro, pedindo que parassem com a discussão. Alfredo gritou:

– Isso é insinuação? Repita isso. Não é por ser meu irmão que eu vou deixar de te quebrar a cara, ouviu? E já tenho quebrado a cara de muita gente. E olhe aqui, Carlos, é melhor não se intrometer mais comigo. Estou avisando.

Levantei os braços para cima e implorei:

– Pelo amor de Deus, não briguem. Assim vocês me matam.

Alfredo deixou a sala e foi pelo corredor afora batendo os pés no chão, como quem está revoltado. Antes de entrar no quarto dele, gritou:

– Eu já disse que você não tem nada com a minha vida. Estou avisando.

E fechou a porta com toda a força. Acabamos de tomar o café em silêncio e Carlos levantou-se para ir ao Banco; estava um pouco pálido e nervoso. Aconselhei-o:

– Não fique aborrecido, meu filho. Vamos ter paciência com ele, um dia há de endireitar.
Você vai ver.

A senhora é muito otimista; ele já tem idade para ter juízo. A questão é que ele não quer trabalhar. Tenho vergonha de ter um irmão assim.

Falando, dirigiu-se para a porta e saiu; Clotilde e eu nos olhamos enquanto começamos a tirar a mesa; Isabel que não tinha dito nada, levantou-se também para sair, dizendo:

– Coitado de Alfredo. Implicam demais com ele. Ele há de arranjar um bom emprego. Olhe, hoje a aula de datilografia acaba mais tarde. Voltarei só na hora de jantar.

– Mas não é uma hora só por dia?

– É, mas agora tem exame e demora mais. Quando é que vou experimentar meu vestido novo? Estou ansiosa por vê-lo já adiantado. Até já.

Bateu a porta e saiu; dirigi-me então para o quarto de Alfredo:

– Venha almoçar, meu filho. Você ainda não comeu.

Alfredo saiu do quarto em mangas de camisa e foi para o banheiro, perguntando:

– Aquele estúpido já foi?

Não respondi e feliz por vê-lo alegre e com perfeita saúde, fritei um bom bife com um ovo estalado em cima e, sentada na frente dele, fiquei vendo-o comer enquanto contava a viagem a Santos. Quando acabou de almoçar, levantou os braços para cima e espreguiçou-se bocejando alto, dizendo que estava cansado e ia dormir um pouco. Voltei para meu trabalho e deixei-o dormir até tarde, evitando fazer o mínimo barulho; apesar de Alfredo ser sem juízo e leviano, não deixava de ser também meu filho, como os outros.

***

Depois desse dia Alfredo passou muitas noites fora de casa e eu escondia o mais possível dos outros. De vez em quando lembrava:

– Alfredo, precisa procurar emprego; não pode viver assim.
– Estou procurando, mamãe. Não acredita?

E ficava um pouco nervoso tratando de mudar de assunto imediatamente; se o gato estava por ali, ele dizia:

– O que é que tem o Caçarola? A senhora já reparou, mamãe? Parece que está ficando pelado.

Começava a chamar: “Caçarola! Psiu! Psiu! Venha cá, bichano”. E fazia um barulhão com o gato. Outras vezes quando eu censurava:

– Alfredo! Alfredo! Estamos no fim do ano e você não arranjou nada ainda. Fico aflita com isso; fico até envergonhada. Você tem procurado?

– Como não? Procuro todos os dias, a senhora pensa que quando estou na rua, estou flanando? Tenho procurado sempre e de tanto andar a pé ontem, fiquei com dor de lado. Bem aqui. Olhe.

E me mostrava um lugar na altura da cintura, do lado direito. Eu respondia:

– É a primeira vez que sente isso? Não há de ser nada.

– É sim, a primeira vez. Será fígado?

Eu tornava a perguntar:
– Dói muito?

– Ontem doeu bastante, hoje está melhor. Também andar a pé com este sol quente …

Na cozinha, ele ficava me olhando trabalhar, sentado num banquinho e conversando; às vezes tomava café com leite e contava que a cidade estava cada dia mais bonita. Tinha esperança de ser rico um dia; havia de ter um automóvel e uma casa; então eu não trabalharia mais e ficaria morando com ele e tomando conta da casa. E assim conversando, não se falava mais em empregos e ele também se esquecia da dor. Na mesa principalmente, à hora das refeições, a situação ia ficando cada vez mais tensa. Carlos, com a autoridade de irmão mais velho e chefe da casa, queria que Alfredo fizesse qualquer coisa e censurava-o por não arranjar colocação. Alfredo não admitia censuras e como as discussões cresciam, Clotilde e eu ficávamos desgostosas; os dois tinham gênio exaltado e não aceitavam conselhos. Alfredo começou então, a não vir almoçar na hora certa; chegava depois que Carlos saía dizendo que se atrasara por isso ou por aquilo. Eu tirava o prato do forno e ele comia sentado na mesa da cozinha e conversando; às vezes tinha um ar tão triste, tão desconsolado que eu me afligia:
O que há, Alfredo? Está com dor de lado?

Ele me olhava admirado:

– Que dor de lado?

Depois respondia depressa:

– Não, mamãe. Não senti mais a dor; a questão é que por mais que procure não arranjo colocação e estou “pronto”. Não tenho nem para tomar um café na cidade.

Eu ia à minha gaveta pensando que essa vez seria a última, tirava uma nota de vinte milréis e dava; ele me beijava a testa sorrindo e dizendo:
– A senhora é um anjo, mamãe. Um dia devolverei tudo isso com juros.

Ia para o quarto, os olhos brilhantes de alegria, alisava os cabelos, roubava um pouco da água de colônia de Carlos e dizendo um “até loguinho, meu bem”, saía, não vinha jantar e só eu sabia quando ele voltava, de madrugada ou no dia seguinte. Às vezes aparecia com notas de cinqüenta mil-réis no bolso; passava uma temporada folgada, comprava um par de sapatos, camisas e me trazia um presente, frutas ou doces. Eu procurava recusar:

– Onde ganhou esse dinheiro, Alfredo? E por que compra essas coisas para mim? Não quero presentes, quero que você trabalhe direito.

– Pensa que eu vivo vadiando, não? Pois de vez em quando, pego uns serviços de corretagem na Praça. Faço questão que aceite meus presentes porque nem sempre eu posso dar. Se eu pudesse, mamãe, a senhora não trabalharia mais.

Pegava minhas duas mãos e levantava-as para cima:

– Eu queria que estas mãos fossem finas como seda; quem sabe um dia ainda serão.

Eu ria e puxava as mãos dizendo que deixasse de tolices; ele continuava:

– Terá um palacete e um automóvel, uma boa cozinheira, copeira, arrumadeira e chofer. Eu gosto de chofer preto, que tal? Se for preto, será Benedito. A senhora então toda bem vestida, entra no automóvel e diz: (Ele fazia voz fina). “Benedito, vamos para a Rua Guaianases”. O Benedito põe o boné na cabeça (tira o boné para falar com a senhora). Senta na direção e zizzz … lá vai o carrão deslizando para a Rua Guaianases. Lá a senhora entra como uma rainha, conta que seus filhos vão bem e diz assim: (Voz fina outra vez). “O Alfredo agora está na Europa; foi viajar um pouco para espairecer e descansar. Quando ele está cansado dos negócios aqui, vai descansar na Europa, porque, para falar a verdade, só lá ele tem sossego. Aqui ele é muito procurado por causa dos negócios e não pode descansar. Vai quase todos os anos; com esta viagem, é a quinta vez que ele vai”. (Não. É melhor dizer sétima vez, cinco é pouco. Sete é boa conta). “Mas como eu ia dizendo, é a sétima vez. E também vim me despedir; vou levar Isabel para Buenos Aires; vamos passar uma temporada lá. Querem alguma coisa?” Quando os olhos da Rua Guaianases estiverem bem crescidos de admiração, assim … olhe … (E Alfredo abriuo mais que pôde os olhos) a senhora dirá: “Bom, já vou indo. Imaginem que hoje dou um jantar em

casa para vinte pessoas e ainda estou aqui. É um jantarzinho, mas tenho confiança na minha criadagem. É toda eficiente. O jantarzinho é oferecido às amiguinhas de Isabel. Não é nada extraordinário, mas vão em traje de rigor. Tolices da mocidade". Aí então a senhora se levanta e se despede: "Adeusinho, adeusinho, apareçam em casa, recebo às quintas-feiras". E Alfredo dava uns passinhos miúdos e cumprimentava seres invisíveis com gestos delicados e sorrisos suaves: "Adeusinho, tia Emília (E falava baixo entredentes: velha bruxa, comilona, sapão). Adeus. Passe bem." (Ele ia até a porta do quintal se requebrando todo, a cabeça erguida, um ar altivo).

Essas brincadeiras eram na cozinha e eu ria tanto que precisava parar de trabalhar e sentar numa cadeira de pé torto, que estava sempre num canto, para apreciar melhor. Ele continuava:

– Depois a senhora atravessa o jardim sempre acompanhada pela prima Adelaide ou por alguma outra que estiver lá na hora. Hoje elas não acompanham porque a senhora é pobre, mas quando for rica irão até o portão, ali no duro; então a senhora entra no carrão batuta, bem preto, os metais reluzentes e o pretão do Benedito tira o boné assim … olhe … A senhora entra e diz só (voz fina): "Benedito, para casa". E nem olha mais para elas que ficaram no portão, a boca aberta, cara de bobonas. E o Dito vai zizzz … E o bicho desliza que é uma beleza e para casa.

E Alfredo fingia que guiava um automóvel, virando esquina, buzinando, desviando do fogão, da mesa, do gato e de repente, brecando.

– Pronto. Chegou no palacete. Ai bichão.

Ríamos muito, enquanto eu corria para perto do fogão outra vez, espiava as panelas, abria o forno, rindo ainda e Alfredo dizia logo depois, animado e brincalhão:

Mamãe, me passe uns vinte hoje que estou "pronto". Seja boazinha; enquanto não tivermos nada disso, a senhora vai me dando. Depois pago com juros e tudo.

E sorria. Dava-lhe então o que pedia e ele saía assobiando com entusiasmo, pelo corredor afora. Na porta da rua, parava de assobiar para gritar:

– Até logo, minha beleza.

Eu ouvia seu assobio até no portão. Às vezes passava dois dias fora de casa. A situação foi ficando cada vez mais desagradável porque Julinho também escrevia do Rio reclamando: “O Alfredo ainda não arranjou nada? é o cúmulo! Todo o mundo arranja qualquer emprego, só ele nada. Isso até é desaforo”.

Alfredo resmungava: “O que ele tem com isso? Peço dinheiro a ele? Como o feijão dele? Que corja de irmãos que tenho, todos a quererem governar minha vida”.

Carlos me avisou um dia:

– Mamãe, Alfredo anda metido em complicações; parece que está freqüentando reuniões comunistas ou socialistas, não entendo disso. Logo vi que essas noitadas fora de casa não podiam ser boa coisa. Qualquer dia a polícia dá em cima, aí ele vai ver.
Nesse mesmo dia, chamei Alfredo na cozinha quando estava preparando uma encomenda; sentou-se na cadeira de pé torto e ficou olhando meu trabalho:

– Olhe aqui, Alfredo, você continua com aquelas idéias absurdas sobre socialismo?

Não respondeu; apenas sorriu; tornei a falar:

– Onde estão os livros? Já entregou?

– Já.

– E que reuniões são essas que você anda freqüentando? Ele franziu a testa, um ar zangado:

– Quem foi o linguarudo?

– Não importa o linguarudo. Que reuniões são essas?

– Não tem reunião, nem meia reunião, mamãe. Que gente estúpida. Tudo vêm contar para a senhora.

Deu uns passos na cozinha, as mãos enfiadas nos bolsos, uma expressão de contrariedade no rosto. Criei energia e continuei:

– Gosto de saber tudo, ouviu? Gosto de saber o que meus filhos andam fazendo, onde vão, com quem andam. Você é muito criança para andar metido nessas coisas; qualquer dia a polícia dá uma batida e aí então será um desastre.

– Eles enchem sua cabeça de novidades; o que tem a polícia com uma reunião de amigos? Conversando coisas à-toa?

– Mas passar a noite toda conversando coisas à-toa? Não compreendo.

Ele tirou um cigarrinho do bolso, bateu levemente na unha e foi acendê-lo na chama do gás:

– Conversa-se, bebe-se um pouco, às vezes jogamos baralho. E só.

– E suas idéias socialistas?

– Bem. Estudei e entendo um pouco por causa do tal amigo que tenho. Todos somos socialistas, a senhora, eu, todo o mundo.

– Não diga bobagens. Eu não sou.

– Mamãe, a senhora pensa que socialismo é um bicho-de-sete-cabeças. Nada disso. É uma luta de classe entre o capitalista e o proletariado Marx chamava os capitalistas de aventureiros, devido à grande cobiça que os domina e o ideal de Marx era dividir os bens, os meios de produção e outras coisas entre os operários; não deixar tudo na mão dos capitalistas, quer dizer, não deixar eles terem tudo e o proletariado não ter nada. Chamase uma revolução social. Não acha nobre a teoria?

– Dividir a propriedade, o dinheiro, os bens com os outros? Isso é comunismo, eu já disse. Então esta nossa casa que custamos tanto a pagar, levamos anos

economizando, passando apertado, sem roupas suficientes e agora tenho que repartir a metade com o genro de D. Genu, por exemplo, que não faz nada certo? Um dia trabalha, outro dia não? Vive de biscates? Não. Deus me livre!

Alfredo começou a rir e sentou-se de novo na cadeira:

– A senhora é formidável.

– Pois não é isso que está falando? Sua teoria não é essa? Repartir tudo com os que não têm?

– Não é bem assim. Seria muito longo explicar tudo à senhora, mas não é isso. A senhora não é capitalista; o ideal é impedir que o capitalista ajunte tudo nas mãos e obrigá-lo a repartir com o proletariado.

– Está certo, mas apesar de não ser capitalista, eu tenho esta casa e você falou também em bens, não falou? Há muita gente que não tem uma casa como esta, logo, preciso repartir com aqueles que não têm. Está errado, filho.

Alfredo jogou fora o cigarrinho e ficou um instante pensativo. Perguntei.

– Gosta de figos em calda?

Olhou para mim com um olhar estranho:

– Não. É muito doce. Por quê?

– E de café, você gosta?

– Ora esta, mamãe. Tomo café o dia inteiro; o que tem isso?

– E Isabel gosta de café?

– Nunca a vi tomando café. Por quê?

– E ela gosta de figos em calda?

– Gosta, porque quando vem de Itapetininga, ela come tudo.

– Julinho fuma?

Ele começou a rir.

– Já estou adivinhando onde quer chegar. Não.
– E você?

– O dia inteiro. Até onde vai?

– Não vou longe. Você é o mais alto dos irmãos; Carlos é de altura regular, Julinho é o mais baixo dos três. Você é louro, Julinho é moreno, Carlos não é moreno, nem louro. Os cabelos de Isabel são pretos, não são? Que engraçado! E você é louro. E no entanto vocês são irmãos, filhos dos mesmos pais, crescidos no mesmo lar.

Ele sorriu e ficou me olhando; comecei a forrar as formas de empadas com a massa:

– Você gosta de café, Isabel não toma café. Carlos é estudioso e só está feliz com um livro nas mãos; você não gosta de estudar. Julinho gosta de ajuntar dinheiro, desde pequeno gostou de dinheiro. Você não pode ter dinheiro no bolso, quanto tem, quanto gasta. Joga pela janela fora. Não é isso mesmo, Alfredo?

Ele sorriu mais:

– Onde está o fim da história?

– O fim da história é que todos somos diferentes, meu filho. No físico, no moral, no gosto, no caráter, nas particularidades, nas tendências, na essência, enfim. E como podemos viver igualmente, dividir igualmente o que possuímos e levar o mesmo padrão de vida, se somos tão diferentes como os dedos da mão?

– Ora esta! D. Lola também tem suas teorias!

Sacudi uma forminha na frente dele:

– Teoria? E você chama isso de teoria, Alfredo? Estou falando na prática, ali no duro. Nada de teorias ou idéias. Só prática. Disso é que vivemos e precisamos.
Alfredo deu uma risada gostosa:

– Mas eu vou ganhar uma empadinha, não vou?

– Vai ganhar até duas, mas não fuja do assunto. Responda ao meu raciocínio se for capaz.

– Mas, mamãe, não é assim. Vou dar uns livros para a senhora ler, depois vamos discutir.
– Não preciso livros para discutir, isso não serve de base. Basta o que estou vendo e o que a vida tem me ensinado. Você é quem está errado, filho. Siga o exemplo dos seus irmãos, trabalhe e produza. Não se importe com o socialismo, nem com o comunismo, nem com o que vai pelo mundo. Cada um é que faz seu próprio mundo, faça também o seu. Deixe a Rússia em paz. Trabalhe. O melhor ideal é o trabalho, seja qual for. Essa é a mais bela teoria, o resto é bobagem. Se cada um pensasse assim, o mundo seria outro. Se em vez de inventar teorias, esse Marx Karl …

– Karl Marx.

– Ou isso. Se aconselhasse a todos serem bons e trabalhadores, seria bem melhor do que querer tirar de uns o que custou ganhar para dar aos outros.

Alfredo ficou de pé, um pouco excitado:

– Não diga isso, mamãe. Com as teorias dele sobre socialismo, salvou o proletariado da injustiça de ser explorado como era naquele tempo pelos capitalistas. Os operários trabalhavam doze horas por dia e ganhavam tão pouco que mal dava para comerem; até as crianças trabalhavam.

– Então ele fez muito bem de fazer essas leis para salvar os operários, mas querer tirar de uns e dar aos outros, não estou de acordo. Isso só Deus. Cada um como que tem.

– A senhora vai ler uns livros, depois vamos conversar.

– Está certo, mas as minhas idéias serão as mesmas.

Alfredo espreguiçou-se e deixou a cozinha; recomendei:

– Cuidado com as tais reuniões de amigos!

– Não há perigo!

Inclinei-me diante do forno e coloquei o tabuleiro com as empadinhas. Logo depois ouvi a porta da rua bater e percebi que Alfredo ia saindo; cada vez se afastava mais de casa. Era como se alguém puxasse uma corda para um lado e outro puxasse do outro lado. Um dia havia de arrebentar e eu não podia saber de que maneira nem de que lado.

***

O vestido para a cerimônia da entrega dos diplomas ficou lindo; todo branco, bem rodado, com mangas bufantes e levemente decotado. Colocamos Isabel de pé sobre a mesa da copa, enquanto Clotilde e eu procurávamos defeitos no vestido e queríamos ver se não estava dependurado de um lado. Suávamos porque fazia muito calor, era dezembro, e Clotilde com uns alfinetes no canto da boca, ia dizendo pra Isabel:

-Vire, vire mais. Vá virando devagarinho …

Isabel reclamava:

– Tia Clotilde, não fale com os alfinetes na boca que é capaz de engolir.

E ia virando devagar e tia Clodiude prendia aqui, prendia acolá, dando pontos e dizendo

– Lola, vá mais longe e olhe agora. Veja se não tem defeitos.

Eu olhava de certa distância e Isabel ia dando voltas sobre a mesa como uma grande rosa.

No dia da formatura/Isabel amanheceu nervosa:

– Ih! Mamãe, chegou finalmente o dia!

Houve a missa em ação de graças; rezamos muito. Nesse dia fiz um almoço melhor e as duas amigas mais íntimas de Isabel compareceram. Festejamos e demos um presentinho a Isabel; Clotilde deu uma caixinha de costura com todo o necessário, eu dei um colarzinho de pérolas que ela cobiçava há muito tempo; comprei na Casa Sloper e como o fecho era de brilhantinhos, fazia muito efeito. Na mesa, quando ela desdobrou o guardanapo e encontrou o colar, ficou radiante, os olhos brilhantes como estrelas:

– Mamãe! Que lindo!

Carlos deu uma caneta-tinteiro e Alfredo deu um par de meias de seda. (Eu dei o dinheiro para comprar as meias).

À noite ninguém jantou porque queríamos chegar cedo ao teatro onde ia ser feita a entrega dos diplomas; tomamos apenas café com pão. Penteamos e vestimos Isabel; uns dias antes ela tinha me pedido dinheiro para fazer ondulação permanente pela primeira vez e ficou encantadora, com a cabeça cheia de cachinhos. Bem no alto da testa, entre os cachinhos, prendemos um raminho de rosas e, quando vi minha filha pronta, preparada, toda de branco, vaporosa e elegante, achei-a linda! Tomamos um táxi e saímos bem cedo; fomos dos primeiros a chegar e tivemos que esperar mais de uma hora, mas foi bom porque encontramos os melhores lugares e pudemos apreciar o teatro que não conhecíamos. Achamos uma beleza, enorme, cheio de dourados! De repente começou a chegar gente em bandos e o teatro ficou completamente cheio; Isabel foi logo para o palco e não a vimos mais. Num lugar fundo, na frente do palco, ficou colocada a orquestra e os músicos foram chegando um por um e afinando os instrumentos. Clotilde, Carlos e eu ficamos numa das primeiras filas e Alfredo sumiu dizendo que preferia ficar lá em cima, no “galinheiro”.

De repente, a orquestra tocou o Hino Nacional; depois correu o pano e vimos um espetáculo deslumbrante: todas as moças sentadas no palco, vestidas de branco;

de um lado alguns professores e uma mesa com flores e mais flores. Do outro lado os rapazes, todos de preto. Bateram muitas palmas e começaram então os discursos. Avidamente começamos a procurar Isabel no meio daquela brancura imaculada; de súbito Carlos me deu uma cotovelada murmurando: “Na terceira fila à esquerda. Ela é a quinta”. Dei uma cotovelada em Clotilde: “Na terceira fila à esquerda. A quinta”.

Lá estava Isabel sorrindo para nós, o raminho de rosas no alto da cabeça, mais linda que nunca. Fiz um sinal com a cabeça e ela correspondeu. Olhei-a durante longo tempo. Era minha filha!

Comecei então a ouvir o discurso; o paraninfo falou muito bem sobre os deveres dos professores, dizendo que o magistério era uma das mais belas profissões e possuía a faculdade de aperfeiçoar o caráter; guardei apenas essas palavras. Depois de muitas palmas, a orquestra começou a tocar; tocou uma música um pouco triste porque me fez chorar. Perguntei a mim mesma: Por que essa música tão triste?

Carlos me disse depois que a música não era triste, eu é que estava triste. Comecei a me lembrar da luta que tivera de sustentar até chegar o momento de ver Isabel receber esse diploma. A pobreza, as dificuldades, o desespero de Isabel porque eu não podia comprar todos os livros; alguns eram tão caros! Os sapatos furados na sola, e eu forrando com papelão dobrado nos dias de chuva; assim mesmo ela voltava com os pés encharcados; aos sábados, depois da aula, eu os levava depressa ao sapateiro para que consertasse para “segunda-feira sem falta”, enquanto Isabel ficava em casa descalça ou com os pés enfiados nuns chinelos velhos quando fazia frio. Esses anos todos haviam ficado para trás; graças a Deus haviam passado. Nesse momento a música parou de tocar e eu não chorei mais. Começaram a distribuição de diplomas: de súbito uma voz grossa falou: Isabel Abílio de Lemos! Levei uma pancada tão forte no coração como se tivesse levado um soco! Ela se levantou e atravessou o palco, pisando firme, a cabeça erguida. Meus olhos ficaram outra vez úmidos de lágrimas; ali estava Isabel formada! Isso significava o fim de muita luta, de muita miséria. Que felicidade se o pai pudesse estar ali assistindo essa cena, ele que adorava a filha!

Isabel sentou-se de novo e me pareceu que bateram mais palmas para ela do que para as outras; com certeza porque ela estava mais bonita e mais elegante.

Depois da distribuição, houve outro discurso; era um colega que se despedia da turma dizendo no fim: “Adeus, caros colegas! E mesmo que cada um de nós siga um rumo diverso, nunca havemos de esquecer a Escola! A velha e querida Escola que nos preparou para a Vida!”

Em seguida a orquestra tocou o Hino Nacional outra vez e acabou-se a festa. Fomos todos deixando o teatro lentamente no meio da multidão e eu estava ansiosa por abraçar minha filha; vi-a então num dos corredores conversando com um rapaz. Estava encostada na parede, um ar embaraçado, olhando um pouco assustada para os lados; ele falava depressa, inclinado sobre o rosto dela enquanto ela procurava evitar os olhos dele, virando a cabeça para o lado e sorrindo. Quando ela nos viu, assustou-se; e ele se despediu depressa. Ela veio ao nosso encontro, muito vermelha e emocionada; abracei-a dando os parabéns e perguntei logo: “Quem é esse moço que estava falandocom você?”

– É um colega, mamãe. Que tal a festa? Gostaram?

Saímos do teatro e fomos de bonde para a casa, comentando a cerimônia da formatura, o teatro e concordamos que o vestido de Isabel era o mais elegante e o mais bem feito de todos os que tínhamos visto por lá. Alfredo só apareceu quando já estávamos deitados e no dia seguinte cedo, na mesa do café, Carlos me disse:

– Aquele rapaz que estava conversando com Isabel no teatro é o mesmo que anda com ela na rua.

Perguntei:

– E quem é ele, Carlos? Será bom moço? De boa família?

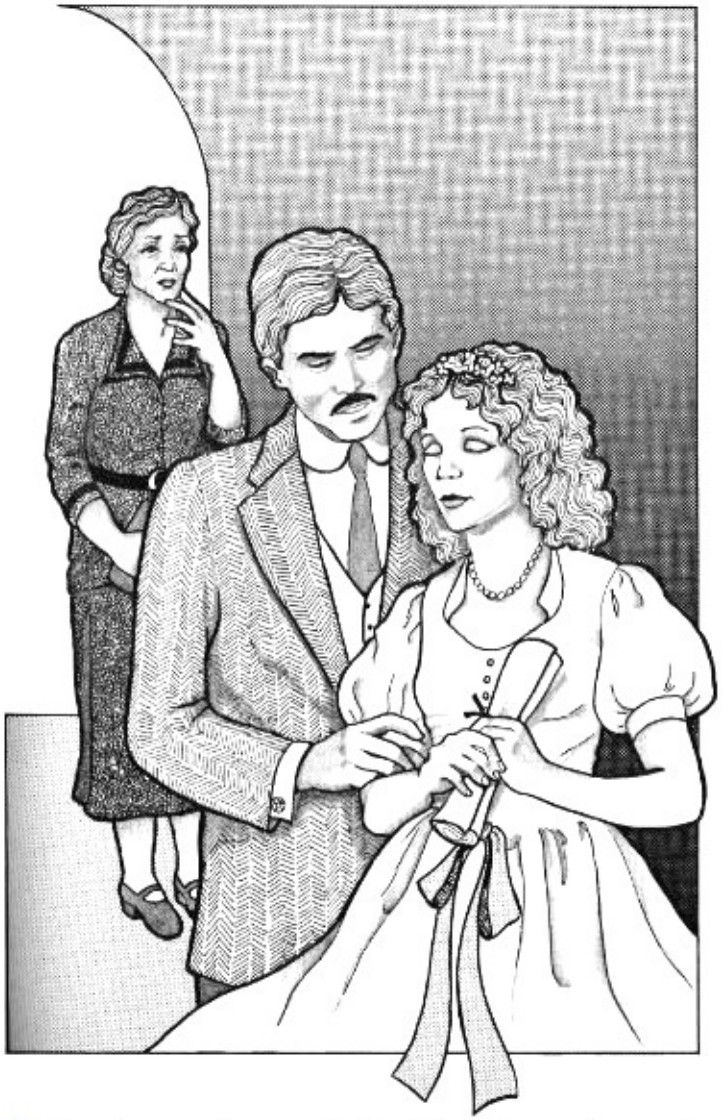
– Não sei. Não conheço.

Pedi então que indagasse quem era o rapaz, se era trabalhador e de boa família. Carlos prometeu. Nesse dia Isabel me disse:

Foi bom eu me formar para ter um diploma, mas não quero ser professora; prefiro ser datilógrafa e trabalhar num escritório do que andar por aí pelo interior

agüentando desaforo de Jecas e lidando com crianças ranhentas. A senhora não acha?

Concordei porque não queria me separar de Isabel e ela continuou a freqüentar as aulas de datilografia. Dois dias depois houve o baile das professorandas no Trianon; eu estava certa de acompanhar Isabel porque não queria deixá-la ir só com as colegas, mas como era um sábado, tive uma encomenda tão grande de doces que fiquei cansadíssima e à noite, meus pés doíam tanto que eu não podia calçar sapatos, então pedi a Carlos que fosse alugar um smoking para acompanhá-la. Carlos foi e umas horas depois apareceu com um smoking muito maior que ele dizendo que não achara outro; as mangas cobriam a metade das mãos e estava todo rasgado na gola, além das calças longas demais. Assim mesmo foi com a irmã; ouvi quando voltaram de madrugada. No dia seguinte Isabel queixou-se de que desde duas horas Carlos queria ir embora; não dançara nenhuma vez de vergonha do smoking. Fiquei com muita pena de Carlos e comecei a ajuntar dinheiro às escondidas para mandar fazer um smoking para ele.



Estava ansiosa por abraçar minha filha. Vi-a então num dos corredores conversando com um rapaz. Quando ela nos viu assustou-se.

XIV

UNS dias depois, Clotilde despediu-se novamente e seguiu para Itapetininga, onde Olga reclamou a presença dela; estava esperando o quarto filho e queria Clotilde lá.

Nos primeiros dias do ano novo, Carlos veio com a notícia; ele esperou que todos se deitassem e me procurou na cozinha, falando baixo, um ar esquisito:

– Mamãe, sabe aquele moço que está namorando Isabel?

– Sei. Quem é?

– Não posso dizer se é bom ou não por enquanto; só sei que a senhora vai se espantar com a notícia.

– O que é? Fale de uma vez.

Carlos deu uma voltinha, coçou a cabeça do Caçarola que estava perto do fogão e sem olhar para mim, foi dizendo:

– Ele é casado; mas está separado da mulher.

Foi como se tivesse levado uma bordoada no cérebro; olhei Carlos que me olhava também, sem dizer nada, a boca aberta, sentindo todo o sangue fugir do meu rosto. Apoiei-me à mesa da cozinha e perguntei por perguntar alguma coisa:

– Tem certeza? Não é possível! Isabel não ia namorar um homem casado!

E uma leve esperança brilhou nos meus olhos:

Ela não sabe, Carlos. Coitada! Precisamos avisá-la; ela, não sabe de nada.

Carlos bateu levemente nos meus ombros:

– Ela deve saber, mamãe. Não se iluda; mas ou ela acaba esse namoro ou não é mais minha irmã.

Sentei-me no banquinho da cozinha e murmurei com desespero:

– Faltava isso para me acontecer, Carlos. Faltava só isso.
– Não diga isso, mamãe, afinal não é um caso irremediável. Para tudo há remédio, ainda mais para um caso desses. Sossegue.

Perguntei:
– O que vamos fazer agora? Falar com Isabel?

– Amanhã falaremos com ela; vá dormir tranqüila e amanhã trataremos do caso. Não se desespere por isso.

Ficou por ali enquanto eu acabava de limpar a cozinha; despedimo-nos na porta do meu quarto e ele ainda disse:

– Durma bem, mamãe. Há de se dar um jeito.

Mas não dormi; pensava e pensava. Achava isso uma desgraça para nós e conhecendo o gênio de minha filha como eu conhecia, tinha medo dos acontecimentos.

Como o dia seguinte era feriado, ninguém saiu de casa; logo depois do café, chamei Isabel ao quarto e Carlos entrou atrás de mim, fechando a porta. Ela olhou para mim e para o irmão e ficou um pouco pálida; compreendeu o assunto que íamos tratar. Carlos perguntou sem rodeios:

– Quem é esse sujeito que você está namorando? Conhece?

Ela empertigou-se toda e levantou a cabeça como quem se prepara para a luta:

– E por que você quer saber?

Porque sou seu irmão; e um irmão tem direito de saber.

– Pois se quer tanto saber, vá perguntar. Indague.

Olhei fixamente Isabel e disse:

– Não fale assim; Carlos é seu irmão mais velho e está no lugar de seu pai. Se ele pergunta, é para seu bem, só para seu bem.

– Mas por que vem com brutalidades?

– Ele não perguntou com brutalidade, quer apenas saber. Você anda conversando nas ruas com esse rapaz; no dia da sua formatura, estava no teatro conversando com você e quando nos viu, foi embora depressa. Um moço que tem boas intenções não foge assim; ele devia até gostar de nos ser apresentado, se é sério e direito. Quem é ele?
Os lábios de Isabel tremeram levemente quando respondeu:

– Ele não fugiu quando estava no teatro; foi embora porque estava com pressa. Chama-se Felício … só isso que eu sei …

Carlos interrompeu gritando:

– Só isso? Mentira! Você sabe quem ele é e não quer contar. É casado e tem um filho pequeno. Por que não conta também isso?
Dei um grito:

– Tem um filho? Meu Deus, Isabel você está louca?

Isabel ficou branca, todo seu rosto se contraiu como se sentisse dor; depois reagiu e voltando-se para Carlos, respondeu furiosa:

– Ele não tem culpa se foi infeliz no casamento; está separado da mulher há mais de dois anos e a mulher é que não prestava. Todo o mundo sabe disso.

Carlos estava cada vez mais nervoso:

Cretina! E você não sabe quê não pode casar-se? O que adianta namorar esse sujeito e andar com ele de baixo para cima? Para toda a gente andar falando?

Você não pode casar-se com esse homem.

Isabel deu dois passos para trás, os olhos brilhantes de indignação:

– Se eu quiser, eu me caso com ele. Você pensa que pode fazer alguma coisa contra mim? Quem é você pra mandar na minha vida?

Segurei Isabel pelos ombros e sacudi com força:

– Isabel! Isabel! Cale a boca. Não diga uma coisa dessas: você não pode se casar com ele; não está ouvindo seu irmão falar? Ele é casado, tem mulher e filho. Atenda seu irmão que só fala para seu bem; você não pode se casar.

Ela me olhou de frente e sacudiu os ombros para livrar-se das minhas mãos:

– Posso. A senhora não sabe, mas hoje há leis para isso …

Houve uma pequena pausa enquanto Carlos e eu mal respirávamos; Carlos ia responder quando ela continuou, hesitando:

– Ele se desquita da mulher provando que ela não foi boa e mais tarde … pode casar-se comigo.

Olhei Carlos numa interrogação; ele avançou para ela, os braços no ar como se quisesse esbofeteá-la:

– Não seja cretina! O homem fala essas coisas para essa boba e ela acredita. Deixe de ser estúpida; não temos leis para isso. É mentira dele. Ele quer você, mas não para casar.
Entendeu?

Olhei Carlos e falei zangada:

– Não fale assim, Carlos. Não chame sua irmã de estúpida. Ela ainda é uma criança e qualquer um pode iludi-la.
Voltei-me para ela com ternura:

Não se iluda, minha filha. Há muita gente ruim neste mundo e você não é nenhuma tola para ir acreditando em tudo que dizem. Esse homem não tem boas idéias. Pense um pouco, ele não pode ser seu marido.

Ela tremia apoiada aos pés da cama e parecia que ia chorar; mas em vez de chorar, levantou a cabeça e nos olhou como que desafiando:

– Eu gosto de Felício e ele gosta de mim; não há nada que nos possa separar.

Dando dois passos, alcançou a porta e saiu correndo do quarto; ouvimos a porta do banheiro fechar com força. Carlos fez um movimento para ir atrás dela e eu disse, segurando-o pelo braço:

– Não, Carlos. Deixe. Com calma, havemos de conseguir que ela deixe esse homem. Que desgraça, minha Nossa Senhora! Minha única filha gostar de um homem casado. Não me conformo.

E sentando-me na beira da cama, escondi a cabeça entre as mãos e chorei. Carlos sentouse ao meu lado e com uma das mãos sobre meu ombro, falou:

– Não chore, mamãe. Tudo há de se arranjar; essa desmiolada há de criar juízo, a senhora vai ver. É pena papai não estar vivo, senão ela havia de ver. Não sei por que Alfredo e Isabel só dão aborrecimentos; a senhora já reparou? Alfredo não quer trabalhar; é essa luta sem fim. Diz que procura trabalho todos os dias, mas é mentira. Vive nos cafés conversando e não procura coisa nenhuma. Agora é Isabel com esse namoro estúpido; e depois é teimosa como uma besta, não quer ouvir conselho algum. Felizmente Julinho é ajuizado e parece que vai bem no Rio.
Tirou um cigarro e acendeu; repliquei limpando os olhos:

– E você, meu filho. Graças a Deus, tenho você. Deus teve dó de mim, me deu vocês dois tão bons que nem sei como agradecer.

Fiz uma pausa e continuei:

– Não diga mais nada a Isabel por enquanto; não convém. É capaz de fazer uma tolice, vamos deixar passar uns dias.

– Mas se a senhora fica quieta e não fala mais nada, é pior. Precisa falar, mamãe. Precisa proibi-la de sair de casa, pelo menos uns dias.

– Mas ela é capaz de fugir, Carlos. Aí será pior, muito pior.

– Não foge e se fugir, a polícia vai atrás e segura.

– Não fale assim.

Ficamos um tempo em silêncio e comecei a lembrar de Isabel em Itapetininga sacudindo os ombros cem vezes e dizendo cem nomes feios, só de raiva do castigo. Era teimosa e não cedia; preferia morrer a ceder. Levantei-me suspirando e fui preparar o almoço. Isabel fechou-se no quarto e não quis almoçar; passou o dia todo chorando. Durante o dia, quando a casa estava em silêncio e todos tinham saído, ouvi um choro lamentoso. Escutei; era ela quem chorava e dizia entre soluços:

– Pelo amor de Deus, Santa Terezinha, tirai-me este amor do coração. Arrancai-me se for preciso, se não for para minha felicidade. Tenha pena de mim, por favor, Santa Terezinha. Não me faça sofrer e fazer os outros sofrerem. Por favor …

E soluçava; fiquei com muita pena de minha filha; quis bater na porta e chamá-la, mas nada fiz e me retirei na ponta dos pés. Alfredo chegou à noite e eu contei tudo a ele; coçou a cabeça e ficou me olhando; depois disse:

– Mas se não há jeito mesmo e se ela insiste em casar com esse camarada, é melhor deixar, mamãe.

– Mas não é possível, filho, pois se o homem é casado.

– Ué, faz o desquite e acabou-se. Há remédio pra tudo.

– Mas então só se casará no civil e um casamento sem ser no religioso, não é casamento para mim. Não vale nada, é nulo. Não sei se ele tem dinheiro, mas com o desquite ele tem que sustentar mulher e filho. Terá tanto dinheiro para isso? E depois deve ser muito mais velho que Isabel: Não quero esse casamento, nunca hei de aceitar. Se seu pai fosse vivo, ficaria desesperado; ver nossa filha

vivendo com um homem sem ser pelos laços da Igreja, nunca. Preferia que ela morresse.

Alfredo me consolou dizendo que aconselharia Isabel e iria investigar toda a verdade sobre o tal Felício.

***

Quando Alfredo jantava em casa, o que era raro, discutia sempre com Carlos durante o jantar; Carlos desprezava as idéias dele e ele ficava furioso, muitas vezes eu intervinha; Carlos dizia à volta da mesinha da copa:

– Você pensa que eu não sei o que é socialismo? Sei mais do que você talvez. E sei também a diferença entre o comunismo e o socialismo. O comunismo é a abolição total da propriedade, é dividir tudo por todos, e o socialismo distingue perfeitamente a propriedade pessoal e a coletiva. Não é isso? Agora me diga uma coisa: a propriedade coletiva é repartida de que forma? É a região, é a nação, é o município, é a cidade? Como você explica isso?

Alfredo sorria ironicamente:

– Quer saber mais do que os livros que anda lendo? Sua mania é vir com argumentos complexos. Nada disso. O socialista se opõe a que um indivíduo único seja proprietário de uma grande extensão de terra ou dono de uma mina, por exemplo. O fim do socialismo é obrigar esse indivíduo a negociar sua mina ou sua terra com outros; a negociar repartindo. O socialismo foi fundado como uma proteção ao pobre; evitando horas demasiadas de trabalho e mantendo o salário. Você está muito enganado confundindo os dois princípios. Socialismo não tem nada com comunismo.

Carlos se exaltava:

– Como não? A base é a mesma, assim como o integralismo. As teorias são baseadas num só princípio, numa única essência e o fim é o mesmo: confusão social, conflitos e falhas. No fim, desequilíbrio. Essa crença de poderem reorganizar leis com ordem e sem perturbações é nula. É uma crença falha.

– Então você está de acordo em que haja a opressão do rico sobre o pobre? Está de acordo com os opressores da humanidade?

– Estou porque não acho que haja opressores. Onde está a opressão? E se não fossem os ricos que você chama de opressores, os pobres poderiam viver? Se os ricos não encomendassem doces para mamãe fazer, mamãe não teria dinheiro algum e não teríamos pago esta casa.

– Qual! É inútil querer fazer você compreender; cada um acha que está com a Verdade.

– E ninguém sabe onde ela está, disse Isabel.
Carlos retrucou:

– Como não? Sei perfeitamente.

Isabel se espremia para passar atrás da cadeira de Alfredo que ficava justamente entre a mesa e o lavatório da copa; Alfredo se impacientava:

– Você passa toda a hora aí atrás, Isabel Que diabo! Não tem mais o que fazer?

– Quero beber água, a água está no filtro lá do outro lado. Quer que eu vá voando ou passe por baixo da mesa?

Havia uma pausa; Carlos aproveitava para continuar:

– Trate de deixar essas reuniões, Alfredo. Você só tem a perder com isso. Atrapalha sua vida.

Eu intervinha:

– Já pedi a ele que deixe essas coisas para os ricos e evite esses amigos anarquistas.

– Socialistas, mamãe. Não posso evitá-los; são meus amigos e não vou deixá-los porque pensam desse modo. E depois acho que estão com a razão. Nós é que

estamos errados. Que bom se a humanidade compreendesse isso, se quisesse compreender enfim. Seria o ideal!

Carlos respondia:
– Ideal? Não há forma ideal de governo; todos têm defeitos e falhas!

– Nem diga isso. Os países socialistas vivem admiravelmente bem governados. São os que vivem melhor.

– Cite um país socialista.

Alfredo assoprava a fumaça do cigarro para cima; ralhava outra vez com Isabel:
– Deixe de passar atrás da minha cadeira, já disse.

Isabel encolhia os ombros. Alfredo respondia:

– Todos os países escandinavos são socialistas e lá existe a maior ordem do mundo e a maior organização. Vivem num equilíbrio perfeito; a Noruega, a Suécia e a Dinamarca.

Carlos não respondia logo; refletia, depois dizia:

– Está bem. Mas quantos habitantes têm esses países? A Suécia, por exemplo.

– Não sei ao certo. Alguns milhões.

– Pouquíssimos milhões; menos habitantes que o Estado de São Paulo. É fácil implantar o socialismo num país pequeno.

– Implantar nada; ninguém forçou. Tudo veio naturalmente, sem revoluções, sem nada. O povo em si é socialista.

Havia uma pausa. Alfredo perguntava com ironia:

– Está de acordo então que pode haver países socialistas e que são os mais bem organizados do mundo?

Carlos hesitava:

– Não estou de acordo absolutamente; só acho que num país pequeno, tudo se pode conseguir. E me diga uma coisa: Você e seus amigos pretendem fazer o Brasil socialista?

– Não diga asneiras.

– Então o que pretendem? Por que fazem reuniões e debates se não é para conseguir algum fim? É por nada tudo isso?

Alfredo acendia vagarosamente outro cigarro e me pedia em voz alta enquanto eu lavava os pratos:

– Mamãe, a senhora quer me arranjar outro café?

Depois olhava o teto e dizia com indiferença, empurrando a cadeira para trás:
– É por um ideal. Todo o mundo precisa ter um ideal, um fim, uma qualquer coisa enfim. Não é viver por viver, assim sem querer nada, sem aspirações.
Carlos respondia com ironia:

– Sim senhor! Reúnem-se para discutir um ideal! Sonhar com um ideal! Pensar nele, acariciar, desejar, só de longe. São então homens idealistas, não são? Pois eu não vou na onda. Vocês são é revolucionários, isso é que são. Contra a ordem, contra a paz. Vocês têm desequilíbrio mental.

Alfredo se levantava, excitado, nervoso. Eu trazia a bandeja com o café; Carlos também bebia. Eu aconselhava:

– Não discutam, não adianta discutir.

Alfredo resmungava:

– Vem Carlos com bobagens. Depois se perco a cabeça, ficam contra mim.

– Bobagens nada. Pois não vivemos tão bem assim? Por que procurar ideais que só servem para perturbar? Há ideais e ideais; o de vocês é perturbador. Tenha um

ideal para você só, mas não queira implantá-lo na comunidade.

Alfredo deixava a copa, respondendo:

– Você não se meta onde não entende. Fala sem saber.

Carlos retrucava em voz alta:

– Talvez mais que você, homem idealista.

A porta da rua batia com força; era Alfredo que saía. Carlos ia buscar um livro no quarto e ficava lendo na sala de jantar, à luz da lâmpada. Isabel ia à calçada conversar com as filhas de D. Genu. Eu juntava as xícaras usadas sobre a bandeja e ia lavá-las na cozinha.

***

A época do carnaval foi se aproximando e Isabel quis ir a um baile a fantasia. Alfredo se ofereceu para acompanhá-la; eu me lembro que ela estava encantadora fantasiada de pirata; sobre o grande chapéu preto batido na testa, havia uma caveira branca; os cachos escuros dos cabelos apareciam sob o chapéu e a blusinha branca muito leve fazia sobressair seu busto perfeito. No dia seguinte, os dois me contaram quanto o baile foi divertido e senti grandes esperanças que Isabel esquecesse o namoro.

Dias depois, Carlos me preveniu:

– Mamãe, Isabel e o rapaz estavam de mãos dadas passeando na Praça da República.

Tornei a ficar aflita e à noite, falei com minha filha:
– Isabel, Isabel, pelo amor de Deus, deixe esse namoro, minha filha. Pelo amor de Deus.

Ela ficou vermelha e os olhos brilharam de raiva; respondeu com voz rouca:

– Já deixei, já deixei. Será possível que me persigam sempre?

– Não minta; hoje mesmo andaram juntos. Hoje mesmo. Que desgosto você me dá, Isabel. Que desgosto. O que diria seu pai se fosse vivo? Pense um pouco. Quanto ele não sofreria? Seu pai que queria tão bem a você e fazia tudo o que você queria? Que coisa horrível.

Perguntou ironicamente:

– É pecado amar? Gosto dele e pronto. Ele também gosta de mim. É pecado? É crime? A senhora também não gostou de papai? Não casou?

– Mas seu pai era um homem digno, não era casado com ninguém. Não compare seu pai com esse homem. É muito diferente …

Ela me interrompeu:

– E quem disse que Felício não é digno? A senhora por acaso o conhece? Só porque teve a infelicidade de casar mal a primeira vez, ficam todos contra ele. A senhora não pode falar nada contra ele porque não sabe; não se pode falar de quem não se conhece.

– Como não posso falar? Basta o fato de ser casado e namorar você. Acha pouco?

– Meu Deus, mas ele não é casado. É separado; há muito tempo está separado da mulher.

– Para mim é casado. Pelo fato de viver longe dela, não deixa de ser casado. Será sempre um homem casado.

– E o dia que ele conseguir o desquite? Continua casado?

– Continua. O casamento sem ser na Igreja, não é casamento. Nunca.

Isabel dirigiu-se para a porta, levantou os ombros num gesto de pouco caso, dizendo:

– Nesse caso então …

Tive ímpetos de esbofeteá-la, mas me contive. Passei dois dias sem falar com ela; fui contar tudo à tia Candoca que me aconselhou calma e prudência. Contei também à nossa vizinha D. Genu; D. Genu me ouviu em silêncio, os óculos no meio da testa, sacudindo a cabeça de vez em quando; de repente explodiu:

– Mulher quando dá para isso é pior que homem, D. Lola. Desembesta. Não lembra o que eu lutei para impedir o casamento da Joca com aquele casca? E consegui? Qual o quê! Ela não queixa pra mim; pra mim é que não diz nada, prefere morrer. Mas pensa que não percebo? Sofre o diabo com ele; aquele é um tranca, D. Lola. E quando vem aqui, quase se derrete em gentilezas; só me chama de comadre. "Não é, comadre?" "A comadre não sabia?" Comadre o quê, desgraçado! Seu eu pudesse torcer o pescoço dele, era com prazer. E quem é que estava mais assanhada pra casar? A burra da Joca! Pior que ele; disse pra mim aqui nesta sala, batendo no peito assim: "Se a senhora não deixar eu "casar com ele, eu faço uma loucura, eu fujo com ele." "Está louca, criatura? Não vê que ele não presta?" Sabe o que ela me respondeu? "Pois se não prestar é por minha conta, o prejuízo é meu; a senhora não tem nada com isso." Ah! O que eu sofri, D. Lola. Não sei como não matei aquela desgraçada. Nem sei.

Olhou para mim e lembrou-se do meu caso, procurando me consolar:

– Mas a Isabel é diferente, sempre foi obediente. Não perca as esperanças; quem sabe a senhora consegue o que eu não consegui? Tenha fé.

E colocando os óculos no lugar outra vez, continuou a alinhavar a costura e a falar mal das filhas. Voltei para casa e escrevi para Itapetininga contando tudo às minhas irmãs; responderam que me acalmasse que tudo havia de terminar bem com a ajuda de Deus. Pareciam muito preocupadas com o último filho de Olga que tinha nascido fora de tempo; era magrinho e raquítico, estava dando um trabalhão. Olga tinha levado um tombo de uma escada e estava sofrendo as conseqüências; fiquei apreensiva e esqueci por algum tempo o caso de Isabel.

Uns meses depois, ela se formou em datilografia e começou a procurar emprego nos jornais. Logo depois se empregou num escritório de uma companhia importante, onde havia outras moças trabalhando. Começou ganhando pouco, mas fiquei aliviada; ainda mais que Alfredo também se colocou em Santos, com

um amigo da Alfândega. Vinha quase todos os domingos me visitar. Ficava na sala de jantar, sentado na velha cadeira de balanço, e enquanto balançava levemente fazendo a cadeira ranger, conversava e contava o que fazia no emprego. Depois divagava olhando para o teto:

– Mamãe, quando vejo no cais aqueles navios grandes com chaminés do tamanho desta sala e que saem apitando pelo mar afora, sabe o que eu tenho vontade de fazer?

– O quê? perguntava adivinhando a resposta.

– Tenho vontade de vagar pelo mundo todo … conhecer cidades … aventuras … descobrir mundos … Tenho vontade de ir à África, não sei por que … À índia também. Tenho loucura de conhecer Bombaim por causa de um livro que li … Ah! Meu Deus!

– Isso é bom para os ricos, meu filho. Economize, trabalhe, ganhe dinheiro honestamente e um dia você irá correr mundo também.

Ele me olhava sorrindo de leve e balançava, fazendo a cadeira ranger, enquanto lá fora o dia ia morrendo e estava chegando a hora de Alfredo voltar para Santos. De repente ele contava os nomes de todos os navios do Loyd: dizia que tinha amigos em quase todos eles. E quando eu me admirava, respondia:

– Como não, mamãe? Pois meu serviço é na Alfândega, conheço bem todo esse movimento do cais.
Eu sorria feliz por vê-lo trabalhando e interessado no emprego. Era tão carinhoso para mim, muito mais que os outros, e eu nunca pude esquecer os presentinhos que sempre me trazia, nem que fosse uma fruta ou uma flor. Quando se despedia, eu ficava triste; às vezes passava mais de quinze dias sem voltar.

Uns meses mais tarde, Carlos me disse que um amigo que trabalhava numa estação de rádio achava que ele devia aprender canto porque tinha uma bela voz de barítono. Ouvira-o cantar “O luar do sertão” e gostara muito. Um dia Carlos apareceu com um violão em casa e começou a aprender; tocava com um amigo todas as noites e ficava uma hora inteira estudando. Quando tocou e cantou pela primeira vez para eu ouvir, fiquei admirada; sua voz era suave e firme, muito agradável. Tocava “Porteira velha” e cantava acompanhado por Isabel que tinha

uma vozinha muito afinada. Uma noite, foi cantar num programa caipira de uma estação de rádio; cantou com mais dois companheiros “Zezé Suçuarana” e cantou tão bem que Isabel, Alfredo que estava essa noite em São Paulo, e eu, à volta do aparelho de rádio, ficamos comovidos. Quando ele disse então: “Meu coração não me engana, tu não volta nunca mais”, meus olhos ficaram lacrimosos e Isabel começou a rir.

– O que é isso, mamãe? Por que está chorando?

– Não sei, respondi. Me deu vontade.

Desde esse dia, ele cantou em vários programas caipiras e mais tarde cantou também canções mexicanas e argentinas. Eu gostava quando ele cantava “Quiero verte una vez más”. Isabel e eu aprendemos todas as canções e à noite, quando Carlos não saía, cantávamos os três juntos na nossa sala de jantar e às vezes Alfredo cantarolava também. Creio que foram as noites mais belas e tranqüilas da nossa vida, apesar de ausentes, Júlio e Julinho; mas também foram curtas, passaram tão depressa.

***

Um dia, estávamos sentados à volta da mesinha da copa, almoçando, quando vimos Alfredo entrar de repente. Vinha assustado, o rosto sombrio, as roupas sujas, sem gravata, o cabelo em desordem. Nós três ficamos de pé ao mesmo tempo, trêmulos e assustados.

Carlos perguntou:

– O que aconteceu, Alfredo?

Ele procurou sorrir e olhando para mim, respondeu indeciso:

– Andei envolvido num conflito, mamãe, mas não tive culpa.

– Aonde?, perguntei. Em Santos?

– Em Santos, esta madrugada. Não tenho culpa, tive que tomar parte por causa dos amigos. Juro que não sou culpado.

Carlos olhou-o firmemente censurando:
– Foi o resultado das tais reuniões, não é? Eu já sabia que ia acabar assim.

E sentou-se de novo, um ar acabrunhado. Houve um silêncio pesado. Alfredo deu um leve gemido e levou a mão direita ao rosto fazendo uma contração de dor; reparei então que estava com um dente quebrado, o rosto vermelho e inchado. Mostrou com o dedo um pequeno ferimento na cabeça e suas roupas estavam úmidas de sangue. Falei:

– Vamos tratar esses ferimentos, Alfredo, depois conversaremos.

Ele olhou para trás medrosamente:

– Não, mamãe, não quero nada. Vou-me embora.

Depois em voz mais baixa:

– Desconfio que a polícia está atrás de mim.

Olhamo-nos aterrorizados e Carlos disse num tom decidido:

– Conte de uma vez o que você fez. Foi alguma coisa grave se não a polícia não vinha atrás.

Alfredo apertou as mãos, uma contra a outra num gesto nervoso, depois apalpou o pescoço no lugar ferido; falou hesitando:

– Não fiz nada, já disse. Estava numa reunião com uns amigos quando a polícia chegou; houve uma provocação qualquer e nem sei como começou. Quando vimos, estávamos lutando e cada um se defendia como podia … Jogaram garrafas, copos, no fim até cadeiras … e … acho que machuquei um sujeito, mas não tenho culpa. Eu podia estar morto também; foi horrível, houve muitos feridos …

Olhou novamente à volta com ar assustado, depois dando um gemido sentou-se numa cadeira. Carlos disse com autoridade:

– Fale a verdade. Era uma reunião socialista, não era?

Alfredo procurou evasivas:

– Já vem você com insinuações; não fale o que não viu.

E levou de novo a mão ao pescoço; dei-lhe imediatamente um café quente e perguntei:

– Mas, meu filho, por que a polícia está perseguindo você? Só você?

Carlos tornou a falar:

– Era ou não era uma reunião socialista? Conte de uma vez. Não minta.

Alfredo ficou embaraçado; deu um débil gemido e tomando o cale aos golinhos, falou:
– Dizem que nós é que provocamos, mas não foi assim. Isso é mentira. Estávamos conversando, apenas conversando …

Carlos interrompeu:

– Onde?

Alfredo olhou-o furioso:

– Isso interessa a você? Você é da polícia também?

Fez uma pausa, tomou o último gole de café e continuou:

– Estávamos conversando quando a polícia chegou fazendo barulho, querendo prender todo o mundo, fazendo ameaças. Nós reagimos; foi aí que houve luta, dois dos meus amigos foram presos, eu consegui pular uma janela dos fundos e fugi. Dei vinte mil-réis para um chofer de táxi que tinha levado uns passageiros para embarcar e vinha voltando a São Paulo. Ele não me conhece, desci ali perto do largo da Sé e vim para casa. Pretendia me esconder numa cidade do interior

ou nalguma fazenda, por isso vim. Mas um amigo me aconselhou outra coisa e mudei de idéia. Já sei o que vou fazer; vou voltar esta madrugada para Santos e embarco amanhã num cargueiro para os Estados Unidos, vou de qualquer jeito. Aqui não fico, não quero ser preso. Talvez não haja nada, mas estou com medo que alguém me denuncie.

E olhou para mim, um ar aflito. A angústia se apoderou de nós quando ouvimos Alfredo relatar o fato; uma angústia pesada de incertezas. Ó que fazer? Como agir?

Carlos falou:

– Mas por que fugir, Alfredo? Se você diz que não é culpado, não deve fugir. Enfrente a situação. Não acha, mamãe?

Alfredo interrompeu mais nervoso ainda:

– Como vou provar que não tenho culpa? Se eu estava entre eles e lutei também, vão dizer que sou culpado. Um sujeito ficou caído lá no chão e se dizem que fui eu, como vou provar o contrário?

Carlos aproximou-se do irmão e num terrível tom de acusação na voz, perguntou abruptamente:

– Então foi você? Fale a verdade. Foi você que feriu o homem?

Isabel não dizia nada; tinha os olhos dilatados fixos em Alfredo; eu intervim:

– Ninguém pode saber num conflito geral, Carlos. Pode ser que ele não tenha a culpa, mas está arriscado a ser preso. Venha, Alfredo, trocar essa roupa imunda e tratar esses ferimentos.

Ele gemeu dizendo que preferia morrer a ser preso; levou a mão ao lado direito do rosto e disse que tudo estava dolorido; dei-lhe uma aspirina e outro café quente. Em seguida preparei-lhe um banho. Carlos ficou sentado, pensativo, um cigarro entre os dedos, e Isabel saiu dizendo que era hora de ir para o emprego. Carlos saiu logo depois, apreensivo. Depois do banho, Alfredo ficou mais calmo e almoçou; vestiu uma roupa de Carlos que ficou um pouco apertada e foi se

deitar. Fiz então um embrulho de tudo o que era dele e deixei no tanque, no quintal. Passou-se a tarde e Isabel e Carlos voltaram do trabalho; jantamos mais calmamente. Quase ninguém falava, atemorizados com o que podia ainda acontecer. Fomos depois para a sala de jantar e ficamos à volta da lâmpada. Alfredo estava dizendo que fugiria essa madrugada; Carlos e eu procurávamos aconselhálo:

– Não fuja, afinal de contas você há de ter meios de provar que não teve culpa.

Eu dizia:

– O filho mais velho de tia Emília é advogado; vou pedir a ele que auxilie você ou então indique outro. Temos dinheiro para pagar o advogado, nem que seja para vender esta casa, Alfredo, mas não vá embora.

– Não. Já resolvi. Vou como marinheiro ou como clandestino no navio, mas vou.

– Você está louco? A polícia pega você e aí será pior, muito pior. Faça o que mamãe disse, vá se entregar.

– Nunca. Luto, mas não me entrego. Se vierem hoje aqui me buscar, faço um "frege", mas não me pegam. Prefiro morrer.

Olhamos para ele desconsoladamente. Carlos insistiu:

– Mas pegam você de qualquer jeito. Antes de entrar no tal navio, será preso.

– Não pegam. Tenho amigos nesse navio e tenho certeza que me protegerão … Depois … Um amigo graúdo vai me levar amanhã para Santos, de automóvel … Já combinamos. Ninguém me pega … Tenho certeza …

Bateram no portãozinho do jardim; meus três filhos levantaram-se ao mesmo tempo e Isabel disse, resoluta:

– Esperem. Vou espiar na janela da frente.

Uns segundos depois, voltou desfigurada, branca como papel, os lábios trêmulos. Pronunciou apenas:

– Polícia!

Alfredo deu um salto e sumiu pelo corredor; Carlos ainda tentou retê-lo, murmurando:

– Espere; não fuja que é pior.
Mas ele estava longe. Bateram de novo e Isabel ficou parada no meio da sala, sem saber o que fazer. Admirei Carlos nesse momento; com uma calma inabalável, dirigiu-se para a porta e descendo a escadinha do jardim com passos firmes e seguros, foi atender. Quase em seguida, dois homens apareceram na porta da sala de jantar, dizendo que traziam ordem de prisão para Alfredo. Tive a coragem de perguntar, fingindo firmeza:

– Mas o que há? Por quê?

Um dos homens que tinha uma pinta escura do lado esquerdo do rosto, me olhou e disse simplesmente:

– Ele esteve envolvido num conflito comunista ontem em Santos; houve morte.

Repeti a palavra “morte” como um eco e já os homens começavam a busca. Entraram no corredor e ouvi quando abriram a porta do meu quarto, acompanhados de Carlos. Fiquei imóvel na sala ao lado de Isabel que segurava nervosamente meu braço; envelheci muito essa hora e esses minutos valeram por anos de sofrimento. Olhava o chão com o olhar morto e esperava, esperava. Ouvi os passos dos inspetores deixarem meu quarto e entrarem no quarto de Isabel. Pensei: “É lá que ele está escondido. É agora que vão prendê-lo”. Os inspetores deixaram o quartinho de Isabel. Pensei: “Então ele está no quarto de costura, escondido. Não encontraram ainda, mas agora vão encontrá-lo”. Saíram novamente do quarto e se dirigiram para a copa, pensei: “Então ele está no banheiro. É lá que ele está escondido. Vão descobrir neste instante. Agora”. Mas os passos foram além e ouvi o rangido suave da porta do banheiro se fechar atrás deles; um suor frio escorreu nas minhas costas e senti as mãos úmidas. A angústia foi crescendo, foi se avolumando, foi me envolvendo e me apertando a garganta. Ouvi então entrarem na cozinha. Pensei: “É agora. Ele se refugiou no

quarto da cozinha onde Carlos dorme. Prenderam. Pronto". Esperava um grito, uma reação, um barulho de luta. Nada. Apenas os passos cadenciados dos homens e as portas abrindo e fechando. Preferi que tudo terminasse no mesmo instante de qualquer modo, era melhor do que a angústia que me sufocava. Pensei: "Já sei onde ele está. É no quintal, no nosso quintalzinho onde brincou tantas vezes, está escondido num canto como um animal acuado e vai ser levado. Quem sabe está em cima da goiabeira; uma vez ele caiu da goiabeira e se machucou, mas não foi nada. Que pena ele não ser mais criança, agora tudo é tão diferente. Comunista! E tinha me dito que era socialista. Será que é tudo a mesma coisa? Não compreendo! Que silêncio, será que já prenderam Alfredo? Ah! Meu filhinho! Eu preferia que você ainda fosse pequeno e tornasse a cair da goiabeira, do que na mão da polícia. Vão prendê-lo agora. AGORA!" Mas os passos cadenciados e surdos voltaram do quintal e soaram na sala novamente. Alfredo não tinha sido encontrado. Olhei os inspetores sem distinguir as feições de nenhum e sem compreender o que havia sucedido. Fizeram um ligeiro cumprimento e deixaram a sala. Fiquei no mesmo lugar tão imóvel como uma estátua, com Isabel ao meu lado e quando Carlos voltou do portão dizendo que um dos homens tinha ficado vigiando, dei um suspiro tão angustioso que os dois filhos olharam assustados para mim. Nada perguntei e nada disse, mas pelo olhar de Carlos para uma parede, compreendique Alfredo se refugiara na casa de D. Genu.

Sentei-me então e procurei ler um jornal que havia sobre a mesa; Isabel sentou-se na minha frente e pegou um bordado que estava fazendo; Carlos abriu um livro. Ficamos imóveis e silenciosos uma meia hora talvez; percebi de repente uma sombra desenhar-se na vidraça da sala de jantar que dava para o pequeno patamar da escada do jardim. Não olhei, mas vi. A falha do jornal começou a tremer na minha mão e as letras a dançarem sinistramente; senti o homem de pinta no rosto nos vigiando por trás da vidraça; então disse a Isabel que bordava com a cabeça baixa:

– Sorria, Isabel, para disfarçar.

Ela levantou a cabeça e me olhou assustada, sem compreender. Repeti a ordem:

– Ria, Isabel.

Ela murmurou:

– Mas, mamãe …

E eu repeti pela terceira vez:

– Ria, Isabel.

Ela então principiou um sorriso que mais parecia de dor, quando Carlos com a voz serena e tranqüila, disse:

– Escute, mamãe, veja que pedaço bonito do livro.

E leu um trecho do livro que tinha na mão; era de Zweig, traduzido para o espanhol. Nunca pude esquecer a voz de Carlos e as palavras que leu nessa hora trágica da nossa vida; até hoje tenho o livro que guardo como lembrança dele e releio sempre esse trecho: “Mi hijo ha muerto ayer. Durante tres dias y tres noches he estado luchando con la muerte, queriendo salvar esta pequena y tierna vida, y durante cuarenta horas he permanecido sentada junto a su cama, mientras la gripe agitaba su pobre cuerpo, ardiente de fiebre dia e noche. A la tercera noche he caido desplomada. Mis ojos no podían ya más y se me cerraban sin que yo me diera cuenta. He dormido durante tres o cuatro horas en la dura butaca y mientras he estado dormida se lo ha llevado la muerte”.

A sombra desapareceu da vidraça e a voz se calou; houve um profundo silêncio. Perguntei:

– Enquanto ela dormia, a morte roubou o filho?

Carlos confirmou em silêncio, depois disse:

– Três dias e três noites ela agüentou; depois dormiu e enquanto dormia “se lo ha llevado la muerte”.

Houve novo silêncio. Disse:
– Carlos, creio que vou me deitar. Que horas são?

Carlos respondeu sem levantar os olhos do livro:

– Quase dez e meia; eu também vou. Deixe, mamãe, eu fecho as janelas.

Fomos juntos fechar a casa, mas vimos antes o vulto de um homem parado na calçada; às vezes andava, voltava e parava outra vez. Disse boa noite a Carlos e Isabele fui para meu quarto; vi as economias que tinha feito para dar um smoking para Carlos e um vestido para Isabel no fim do ano. Eram quase seiscentos mil-réis; juntei tudo dentro de um lenço e saí na porta da cozinha, desci a escadinha e fui para o quintal, andando às apalpadelas e repetindo mentalmente: “Enquanto dormia, “se lo ha llevado la muerte”, “se lo ha llevado la muerte”. Não posso dormir, não posso”. Fiquei um tempo escutando encostada ao muro que dava para a casa de D. Genu. A lua estava muito branca e o céu cheinho de estrelas. Olhei-as bem; pareciam tão brilhantes, tão tranqüilas que tive inveja delas. “Se lo ha llevado la muerte. Para salvar meu filho, não posso dormir”. Chamei baixinho:

– Genu!

Mas ouvi a voz de Alfredo que me respondeu do outro lado, quase num murmúrio:

– Mamãe, sou eu. D. Genu me escondeu. Vou me embora amanhã cedo.

– Para onde? perguntei.

– Não sei bem, creio que Estados Unidos. Foi sorte ter pensado nisso, o navio parte amanhã.

Fizemos uma pausa, depois eu disse:

– Tem aqui um dinheiro para você levar; são minhas economias.

A voz dele se quebrou:

– Ah! Mamãe, não precisava. Obrigado.

E seu rosto apareceu por cima do muro, iluminado pela lua; estava muito pálido. Alfredo se debruçou e eu subi num caixão de gasolina como fazia sempre

quando queria falar com D. Genu; dei o dinheiro. Ficamos um momento quietos, escutando, e de repente, ele começou a chorar; um choro abafado e triste. Sussurrei:

– Não chore, meu filho. Tudo há de dar certo. Não chore.
– Só dei desgosto, mamãe. Desgosto e aborrecimentos …
– Não, não diga isso. Você foi sempre tão bom filho, tão carinhoso, isso me bastou.
Ele chorou mais:

– Mamãe …

– O que é?

– A senhora me perdoa?

– Oh! Alfredo, não tenho o que perdoar, filho.

– Mas diga que perdoa.



— A casa é nossa! A casa é nossa!
Todos pegaram o recibo, olharam, cheiraram, riram, apalparam, acariciaram.

– Perdôo.

Ele se debruçou de novo e eu estendi as duas mãos para que ele segurasse; apertou com força minha mão direita e senti que toda minha energia e força de vontade se desmoronavam nesse instante; não quis largar a mão dele e tive ímpetos de implorar:

– Não vá, filho. Fique e lutaremos juntos. Não fuja.

Mas não disse e chorei; foi ele então que me deu coragem:

– Mamãe, o que é isso? Não chore. Eu não dizia sempre que queria viajar, conhecer mundo? Pois agora eu vou …

– Deus te abençoe. Escreva de vez em quando.

– Escrevo se puder; preciso ter cuidado. Adeus, mamãe.
– Adeus, então.

Ele ainda ficou uns instantes debruçado no muro, olhando para mim, o rosto pálido com os reflexos do luar:

– Não se incomode comigo, mamãe. Eu me arranjo, tudo há de passar.

– Há de passar sim, eu sei …

Uma porta bateu lá dentro e o rosto de Alfredo desapareceu. Houve um silêncio de morte e ouvi só as pancadas fortes do meu coração. Voltei para casa vagarosamente, andando no escuro e ao passar no tanque, apalpei o fundo para ver se o embrulho de roupas estava lá; mas não estava. Na fuga, não tinha esquecido. Entrei em casa, fechei a porta e fui para o meu quarto olhar o Cristo de marfim; durante muito tempo olhei para Ele e Ele tinha a cabeça inclinada para um lado e olhava o chão de um modo obstinado, um ar triste e tão desolado que dava pena. Nas horas longas dessa noite, compreendi o que tinha sido para nós a amizade de D. Genu, se ela não tivesse escondido Alfredo, ele faria uma loucura com seu gênio impulsivo e o que aconteceria depois?

De manhã, bem cedo, abri as janelas da frente e vi um homem na esquina; parava, andava outra vez e olhava para todos os lados. Vigiava. Fingi que estava espanando as janelas quando ouvi o portão da casa de D. Genu abrir e fechar. Vi então a filha dela, Lili, que trabalhava na cidade, sair como sempre saía, um pouco mais cedo esse dia, acompanhada por um rapaz de sobretudo preto e um cachecol enrolado no pescoço; era Alfredo e o sobretudo devia ser do genro de D. Genu. Ele tomou a pasta da mão de Lili muito delicadamente e depois de fecharem o portão, desceram a Avenida, conversando com despreocupação, passaram a esquina e foram tomar o bonde mais além. Disfarçadamente acompanhei meu filho com o olhar e nem uma vez sequer ele olhou para nossa casa. Assim seu vulto desapareceu dos meus olhos. Voltei para dentro e fui à

cozinha fazer café; quando estava pondo a mesa, Carlos apareceu com um ar sombrio, o rosto fechado:

– Bom dia, mamãe.

– Bom dia.

Ele me olhou sem perguntar, mas eu respondi.

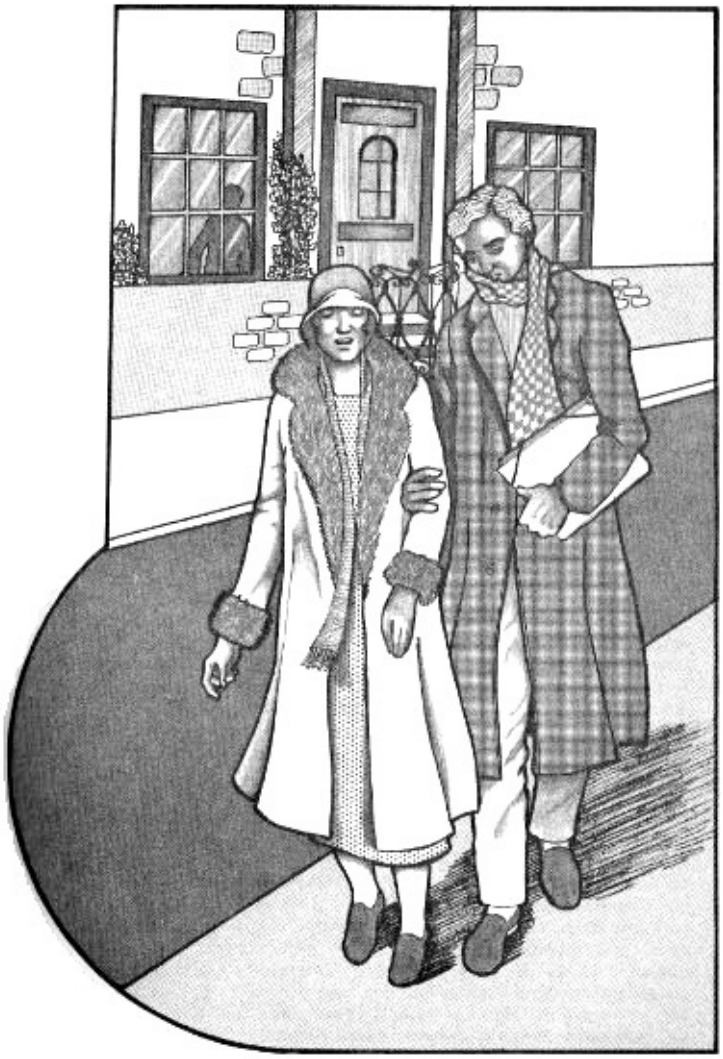
– Foi embora agora … saiu com Lili … Não sei mais nada.

Carlos tomou o café com leite e não quis pão esse dia; quando terminou, passou o guardanapo na boca e ficou olhando fixamente a mesa, um olhar distante e triste; de repente falou:

– Mamãe, há coisas piores que a morte.

Confirmei com a cabeça e ele continuou:

– Quando papai morreu, pensei que nada pior pudesse haver no mundo do que a morte; nada mais triste, mais horrível; era uma separação tão brutal, um silêncio tão grande à volta do



Ele tomou a pasta da mão de Lili muito delicadamente e depois de fechar o portão, desceram a Avenida, conversando com despreocupação.

desaparecido, tudo tão negro e tão misterioso … Só essas palavras “nunca mais” me desesperavam. Eu pensava: “Nunca mais” verei meu pai falar, “nunca mais” ouvirei seus passos, “nunca mais” se sentará nesta mesa, tudo isso era como um peso na minha cabeça. Mas hoje eu sei que há coisas piores, mamãe.

Fez uma pausa e terminou:

– Preferia que ele tivesse morrido.

Não respondi e de cabeça baixa, olhei as xícaras vazias; Carlos empurrou a cadeira e se despedindo, saiu. Quase no mesmo instante, Isabel apareceu, pronta

para sair. Foi logo interrogando:

– Então, mamãe?

E olhou para a parede da casa vizinha.
– Foi embora hoje cedo.

– Para onde?
– Não sei, creio que para os Estados Unidos.

Ela estava passando a manteiga no pão; parou e com a faca no ar, levantou a cabeça e disse alegremente:

– Aí, batuta!

Durante algum tempo, D. Genu e eu não nos procuramos a não ser pelo muro, com medo do secreta; mas uns dias depois da partida de Alfredo, subi no caixão de gasolina e chamei-a para agradecer; falamos sem nos vermos. Ouvi seus passos descerem a escadinha do quintal, firmes e resolutos; aproximaram-se do muro. Agradeci o que ela tinha feito por Alfredo e ela interrompeu em voz baixa:

– Não tem nada a agradecer, ora esta! Pois felizmente eu estava aqui nessa hora juntando umas roupinhas que tinham ficado no varal. De repente ouvi alguém descer depressa a escada do seu quintal. Pensei: “Ué! Quem será? Será que alguém está doente?” Ia perguntar quando vi Alfredo já com uma perna em cima do muro, apertando uma trouxa de roupa e dizendo: “D. Genu, estou sendo perseguido pela polícia, mas estou inocente. Posso me esconder aí?” “Venha, ora esta, pra que serve a amizade? Pula pra cá, rapaz.”
Ele pulou e correu a se esconder na cozinha. Eu entrei atrás dele e disse pra minha gente:
Ninguém pergunte nada, deixem o rapaz sossegado. Ficou no quartinho do fundo, no escuro. Levei um prato de comida e ele comeu; então contou os planos dele. Quando ouvi a senhora fechando a casa, disse: “Vá agora no quintal, perto do muro que sua mãe está lá”. E fiquei vigiando para ver se acontecia alguma coisa. Depois ele e Lili combinaram sair juntos bem cedo como se fossem marido e mulher que vão para o serviço; antes de sair, ele me disse: “D. Genu, o que eu devo à senhora, não se paga”. E ficou comovido; eu disse: “Vá, vá

embora”. Coitado. Disse que ia dar um jeito de arranjar um automóvel porque de trem era perigoso pegarem. Alfredo é esperto, ninguém pega, D. Lola. A esta hora está longe …

– Mas D. Genu, se descobrissem que ele estava escondido em sua casa, todos os seus iriam sofrer as conseqüências; a senhora, suas filhas, seu genro. Até a senhora era capaz de ir parar na polícia, meu Deus! Que vergonha!

– Vergonha? Ué, vergonha por quê? Nada disso, D. Lola. Se fosse na polícia, eu dizia o que tinha de dizer e acabou-se. E pra que serve ser amigo? Amigo é pras horas alegres? Horas de festa? Hora de comer e beber? Não. Amigo é ali no duro; nas horas de aperto é que se conhece o amigo. Ou então não é amigo, é uma besta.

Respondi:

– Pois, D. Genu, a senhora tem um coração grande, bem poucas pessoas pensam assim. Ter coragem de esconder um rapaz perseguido pela polícia, não conheço ninguém, só a senhora. Os outros diriam logo: Ah! Não é possível, é muita responsabilidade.

– Responsabilidade? Responsabilidade é o medo que dói, medo de enfrentar os casos, enfrentar o perigo, é ser covarde. Eu não tenho medo de nada, D. Lola, de nada … (Ouvi a pancadinha que ela deu no peito). Também tenho sofrido cada pedaço … Em Minas nós somos assim … Amigos na vida e na morte.

– Pois Deus há de pagar o que a senhora fez por meu filho e por mim. Deus lhe pague!

– Amém! A voz dela soou por trás do muro.

Passei uns tempos preocupada, sem notícias de meu filho.

Só três meses mais tarde, recebi um cartão postal com letra disfarçada e assinado: *Sua sobrinha Diná.* Era de Alfredo; estava em Charleston, Estados Unidos. Dizia: *A vida aqui é dura, mas eu gosto. Tudo vai bem* … Fiquei com o cartão na mão, um ar parado, apoiada na mesa da cozinha como se tivesse medo de cair; depois lembrei das palavras dele: “Diga que me perdoa.” As lágrimas

brotaram dos meus olhos e chorei copiosamente, olhando o cartão que foi se desvanecendo no nevoeiro do meu pranto.

Nessa semana, Clotilde veio de Itapetininga e passou uma temporada grande conosco; fez roupas, vestidos, pijamas, e me auxiliou muito nos doces. Um dia que tinha ido ao Largo do Arouche comprar rendas e linha para costura, voltou contando que vira Isabel e um rapaz conversando com muita intimidade; eu, que havia me esquecido do namoro de Isabel esse tempo todo, tive um sobressalto. Quis falar nessa noite, mas Clotilde pediu:

– Deixe passar uns dias, senão ela desconfia que fui eu e fica furiosa. Acho que me viu.

Três dias depois, chamei Isabel na cozinha:

– Quem é aquele rapaz que estava conversando com você?

Percebi uma sombra no rosto dela e a voz alterada quando perguntou:

– Quando?

– Você sabe melhor do que eu; há três dias.

Ela ficou vermelha e me olhando bem de frente como que desafiando, respondeu:

– Felício …
Perdi a calma:

– E você fala com esse cinismo? Não tem vergonha Isabel? Depois do que falei, do que seu irmão falou, você ainda tem coragem de andar com esse homem? Precisa não ter mesmo vergonha. Meu Deus! Meu Deus!

Ela continuou de pé, encostada na mesa da cozinha sem dizer nada, riscando a mesa com a ponta da unha.

– Por que você não deixa esse namoro? Por quê? Não vê o desgosto que nos dá? Não percebe o meu sofrimento? Se seu pai fosse vivo, o que não diria?

– A senhora é só: “Se seu pai fosse vivo, se seu pai fosse vivo …” Deixe papai sossegado.
Garanto que ele me deixaria quieta, não me amolaria.

– E eu estou te amolando, sua malcriada? Quando eu faço tudo para seu bem? Você é uma grande ingrata, isso sim.

Sem querer, eu já estava gritando; Carlos e Clotilde vieram ver o que havia; Clotilde perguntou conciliadora:

– O que há, Lola?

– Isabel, que continua com aquele namoro.

Clotilde nada disse, mas Carlos avançou para ela:

– Não tem vergonha na cara? Olhe, mamãe, eu vou avisar a polícia para que não deixe os dois andarem juntos; ele é casado e ela é menor. E todas as vezes que pegar os dois juntos, vão presos.

Isabel gritou, em lágrimas:

– Não pode! Você não pode fazer isso. Miserável; deixe minha vida e vá tratar da sua. Não se intrometa!

Clotilde virou-se para Isabel:

– Por que dá esse desgosto à sua família Isabel? Não ouve os conselhos de sua mãe?

Carlos fumava perto da janela, nervoso; voltou-se para Clotilde:

– A senhora ainda pergunta por que, Tia Clotilde? Porque é uma desavergonhada. Se ela tivesse um pingo de vergonha na cara, daria um pontapé nesse sujeito. Ele

só merece desprezo.

Isabel chorava, o rosto escondido entre as mãos e todo seu corpo tremia; de súbito, tirou as mãos do rosto, dizendo:

– Eu sei o que vou fazer. Vou acabar com a minha vida que é melhor. Nesta casa todos me detestam; já percebi isso há muito tempo; desde que papai morreu. Mas eu acabo já com isto …

Deu uns passos para a porta da copa, mas Carlos segurou-a por um braço e sacudiu-a:

– Não diga besteiras. Sempre digo que você é estúpida; não vê que é para seu bem? Queremos livrar você desse homem, não compreende?
Ela procurava soltar-se dos braços do irmão e gritava:

– Largue meu braço, largue meu braço, bandido. Miserável.

Carlos levantou a mão para bater nela, mas Clotilde e eu interviemos:

– Não, Carlos. Deixe Isabel, não faça nada. Deixe.

Carlos largou-a com força e ela saiu correndo em direção ao banheiro, onde se fechou batendo a porta com estrondo. Ficamos nós três sem saber o que fazer. Clotilde perguntou, receosa:

– Não há perigo de Isabel abrir o gás no banheiro?

Carlos estava tão zangado que respondeu:

– Pois que abra, que faça o que entender.

– Não fale assim, Carlos, é sua irmã.

– Mas é uma estúpida.

Fomos todos para a sala e ficamos sentados à volta da mesa, desconsolados, conjeturando sobre o caso de Isabel; de vez em quando, um de nós ia cheirar a porta do banheiro na ponta dos pés para ver se não sentia exalações de gás. Meia hora depois. Isabel trancou-se no quarto e ficou o resto do dia sem sair.

Nossa casa foi ficando cada vez mais quieta, Julinho e Alfredo ausentes, Isabel sempre contrariada, tudo foi se transformando tristemente. Na mesa, onde ela era a mais tagarela, não falava mais, Carlos sempre falara pouco, só Clotilde e eu conversávamos algumas vezes sobre Itapetininga. Eu me queixava dos trabalhos e canseiras; era um cansaço velho vindo de anos atrás, vivia cansada. Sonhava com longos silêncios: dias parados, noites tranqüilas, vadiação, lugares ermos, céus azuis, ondas mansas do mar, palmeiras, paz. Uma paz tão perfeita como de túmulo, e eu sem ouvir, sem sentir, só olhando. Em vez disso, levantava muitas vezes de madrugada, ia à feira comprar os preparos para as encomendas, voltava da feira, arregaçava as mangas, punha um avental, toca a trabalhar … trabalhar … Sem hora para dormir nem para comer, precisava entregar as encomendas nas horas determinadas, suar diante do forno aberto, os olhos semicerrados pelo bafo quente, queimando as pontas dos dedos e muitas vezes os braços. E quando eu queria dormir mais um pouquinho, ouvia vozes me dizerem com as pancadas do relógio grande: “Levante e trabalhe. Corra, não deixe queimar a calda. Olhe o bolo que está no forno. É hora de matar os frangos. Corra! Corra! Corra!

E eu corria de manhã à noite. Corria. À noite, quando Carlos tocava violão e cantava, eu chorava de saudades de Alfredo e Julinho. A alegria foi desaparecendo como as noites escuras quando vão caindo e deixando sombras nos lugares claros. Tudo à volta foi ficando sombrio e o silêncio foi crescendo com a sombra. Felizmente Julinho teve umas férias e veio nos fazer uma visita; veio mais bonito e mais bem vestido, parecia até mais alto. Trouxe presentes para todos nós; quando Isabel o viu, gritou logo:
– Ué! De bigode?

Rimos todos. A estadia de Julinho trouxe alegria e risos para o fim do ano; passamos um Natal mais alegre. Durante horas inteiras descrevia as belezas do Rio de Janeiro e nós escutávamos, embevecidos.

Clotilde arriscava uma pergunta:

– E você andou no carrinho do Pão de Açúcar? É assim mesmo como se vê nas figuras?

– Igualzinho; já fui umas três vezes. A gente vai dentro de uma espécie de caixinha, dependurada no espaço. Uma gostosura.

Eu perguntava:

– E o Cristo? É grande mesmo como dizem?

– Ih! Mamãe, só vendo. Um dia a senhora há de ver. É grandioso; um dia levarei a senhora ao Rio para passear. Aí a senhora vê que maravilha, que esplendor. É mesmo a cidade maravilhosa … E depois todos lá são muito dados, não são retraídos como os daqui. O carioca é amável, alegre, comunicativo. Tudo lá é formidável, a senhora há de ver.
E Julinho falava, falava; sobre os automóveis, as casas bonitas, o movimento intenso das ruas, sobre os navios que entravam e saíam. Dizia que ia bem no emprego e era muito considerado pelos patrões; pretendia subir sempre mais, tinha grandes planos e grandes esperanças.

Os dias passaram quase como um sonho e Julinho partiu de novo; na véspera de embarcar, me contou muito particularmente que estava comprometido com a filha única do patrão. Pretendia ficar noivo nesse ano que estava começando e todos na família da moça já sabiam e estavam contentes. Fiquei comovida com a notícia. Acompanhamos Julinho à estação e na hora do embarque, Isabel avisou-o rindo:

– Toda a vez que vier, traga o bigode. Você fica formidável de bigodinho.

Julinho escrevia sempre, mas não tive mais notícias de Alfredo; passaram-se meses sem saber dele; quando eu me queixava, Carlos dizia:

– Não pense mais nele, mamãe. É ingrato e não merece seus cuidados. A senhora vive pensando nele e ele nem liga, pois podia escrever de vez em quando como já escreveu uma vez. Largue mão dele.

Mas eu não podia; talvez não fosse correto e trabalhador como os outros, talvez não tivesse mesmo muito juízo e fosse ingrato, mas era meu filho como os

outros e meu amor se dividia igualmente pelos quatro, assim como meus pensamentos, minha vontade e tudo que era meu. Mesmo minha vida, se fosse uma coisa que se pudesse dividir, estaria dividida em quatro pedaços, assim como meu coração. Como podia deixar de pensar em Alfredo, se era um dos meus quatro pedaços?

Nesse ano, Carlos tomou parte numa revolução; pedi a ele que não partisse, era o único filho que me restava e eu tinha tanto medo. Mas foi inflexível, não me atendeu. Quem pode impedir os ímpetos da juventude?

Logo nos primeiros dias, apareceu fardado em casa; era uma farda caqui um pouco grande para ele e as mangas iam até às mãos. Seu corpo magro quase desaparecia dentro da farda; quando me viu sentada na sala, fez uma continência, batendo com força os calcanhares; estava tão risonho e a farda era tão desproporcionada que comecei a rir.

– Então vai mesmo, filho?

– Lógico. Hoje à noite vamos nos aquartelar num Grupo Escolar e seguiremos nestes dois dias.

– Para onde?

– Deus sabe. Para onde mandarem.
Senti o coração pequeno. Voltaria? Rezei mentalmente: “Oh! Cristo, dai-me o filho de volta novamente”.

E sorri para Carlos, fingindo que estava calma e confiante. Jantamos quase em silêncio; Carlos comia apressadamente, só pensando na hora de ir embora, e eu pensava nas noites de aflição que se aproximavam; as longas e intermináveis horas passadas no escuro, ouvindo o próprio coração bater, o pensamento longe, procurando seguir o filho na trincheira, no quartel, na alegria e na tristeza. Ele tomou café de pé, na pressa de sair, e disse apenas:

– Já vou, mamãe.

Senti as pernas trêmulas, mas sorri, procurando ser forte, também de pé, na frente dele.

– Seja feliz. E tudo que precisar, escreva que eu mando. Não seja exaltado, nem corajoso demais. Seja calmo e ponderado …

Ele riu mansamente:

– Ora, mamãe, ser calmo na guerra?

– Não. Não digo calmo nesse sentido; digo para não se exaltar muito, pense antes de agir precipitadamente. Às vezes a coragem não é valentia, é exaltação, é loucura.

Riu-se mais quando me abraçou, dizendo:

– Está bem. Seguirei à risca seus conselhos. Quando o Capitão disser: Avançar! Eu me sento no chão e digo: Minha mãe disse para eu pensar antes de agir, deixa pensar um pouco. E enquanto os outros vão, fico pensando. Está contente?

Abracei-o fortemente e ri:

– Você sabe o que quero dizer. Seja feliz.

Não pude falar mais e ele me apertou mais uma vez em seus braços; depois pôs o quépi com cuidado e saiu; antes de fechar a porta fez continência batendo os calcanhares. Desceu correndo os degraus e saiu pela Avenida, a mochila nas costas. Fiquei na janela até vê-lo desaparecer. Voltei para a sala outra vez e sentando-me ao lado de Clotilde, ficamos olhando a escuridão, o pensamento seguindo Carlos. Como me senti infeliz! Com o correr dos anos, comecei a sentir que o trabalho, o sacrifício, a luta, a dedicação estavam sendo jogados fora como folhas amarelas, de nada estavam valendo. Meus filhos partiam, cada um para seu destino e eu ia ficando só. E se Carlos não voltasse? Os outros poderiam voltar de um momento para outro, e Carlos? Fui com Clotilde para o portão para ver alguém, conversar, saber alguma coisa. Havia grupos de pessoas em todas as esquinas; falavam, discutiam, gesticulavam. De repente D. Gemi chegou quase correndo, cansada, arquejando, contando que vira dois batalhões partirem; os filhos da irmã tinham seguido num dos batalhões para o Norte. Quando contei que Carlos já estava aquartelado e partiria qualquer dia, encostei a cabeça no portão e chorei; D. Genu e Clotilde puseram as mãos nos meus ombros e

começaram a me consolar, chorando também. Depois outras vizinhas foram se aproximando e Isabel também; uma dizia que estavam sendo travados combates no Norte, outra dizia que o filho único discutira o dia inteiro com o pai porque queria ir e tinham cedido finalmente porque ele disse que fugiria se não deixassem. D. Genu ficava excitada, gesticulava, falava grosso:

– Droga de revolução. Não tenho filho para ir, mas tenho netos. A Joca já tem dois na idade e vão mesmo, nem precisa perguntar. Até o genro é capaz de ir também, é meio louco. A gente cria todos, tem um trabalhão, sua pitanga para ver tudo crescido e para estudarem direitinho, de repente aparece uma revolução não sei onde, nem sei por que, tudo assanha: "Ah! Porque preciso ir. Porque quero ir", pois que vão, seus diabos. Que vão de uma vez.

Uma das vizinhas argumentou, calma:

– Mas a questão é que às vezes não há remédio, D. Genu, e tem que ir mesmo. O que se há de fazer. Acho que a obrigação acima de tudo, se tem dever de ir, cumpram seu dever.

– Dever … Dever … Não sei bem do que se trata, mas estou achando uma besteira muito grande. Enfim vamos ver no que dá.

– Tudo há de dar certo, observou Clotilde cheia de mansidão.

– Se não voltarem alguns estropeados, outros doentes e outros mortos, terminou D. Genu se retirando, zangada.

Recolhemo-nos todas e eu passei a noite pensando em Carlos; no dia seguinte, bem cedo, fui com Isabel ao Grupo Escolar onde ele estava pronto a seguir com o batalhão. Lá disseram que o batalhão já tinha seguido para a estação da Sorocabana, onde embarcaria. Perguntei logo:

– E pra onde vão?



Não pude falar mais e ele me apertou mais uma vez em seus braços; depois pôs o quépi com cuidado e saiu. Antes de sair fez continência.

– Ah! Isso não sabemos.

Fiquei aflita e tomamos o bonde para a estação; percebia-se qualquer coisa anormal na cidade; todo o mundo falava, formavam-se grupos nas esquinas. O bonde andava devagar e o motorneiro conversava com um passageiro sobre a revolução. Na pressa de descer, quase caí e havia tal quantidade de povo comprimido diante da estação que foi com muita dificuldade que conseguimos entrar. Uns estavam abatidos, outros animados; homens fardados falando depressa e andando de um lado a outro: comecei a procurar Carlos ansiosamente enquanto atravessávamos a multidão. Vimos então um trem cheio de soldados parado na plataforma; a custo nos aproximamos e quando estávamos quase

alcançando, ouvimos apitos fortes e vivas entusiásticos ao batalhão que partia. Era o batalhão Borba Gato, o batalhão de Carlos. Então eu não veria mais meu filho? Comecei a correr acompanhada de Isabel e a olhar os rostos dos soldados que se debruçavam em todas as janelinhas. Gritei: Carlos! Carlos! E olhei com sofreguidão todas as faces. Empurrei várias pessoas e tropecei enquanto procurava meu filho e todo o mundo gritava:

– Viva o batalhão Borba Gato!

Um eco ensurdecedor respondia:

– Vivôôô! …

Isabel procurava me reter segurando meu braço:

– Mamãe, não corra que a senhora cai.

Eu corria cada vez mais, seguindo o trem que estava em movimento, mas o trem deslizou nos trilhos com tal celeridade que de repente não vi mais nada a não ser mãos que se agitavam no ar freneticamente num último adeus aos que ficavam; eram tantas mãos que não vi mais as cabeças, haviam desaparecido. Depois fumaça; na plataforma do último vagão, vi um grupo de soldados de pé, acenando e rindo; fixei-os para ver se meu Carlos estava ali, mas não o achei. O trem foi sumindo rapidamente e só vi então os trilhos brilhantes na minha frente e ao longe as mãos misturadas na fumaça.

Assim meu filho Carlos partiu, e eu não pude dar-lhe um último adeus.

***

Então a angústia voltou a se apoderar de mim; passei noites e dias sem perceber como estava vivendo e o que estava se passando; um peso me oprimindo o peito e um suor frio brotando de vez em quando na minha testa e nas minhas mãos. A angústia de alguma coisa que vai faltar na nossa vida ou alguma coisa que se considera perdida; uma espécie de sufocação ou falta de ar. Se dormia, acordava de madrugada com a voz de Carlos me chamando do fundo de uma trincheira: Mamãe!

Na terceira ou quarta noite depois da partida, às onze horas da noite, ouvi um jornaleiro gritando. O combate do Túnel! O primeiro encontro hoje no Túnel!

Levantei-me e fui comprar o jornal; li avidamente as últimas notícias: os combates tinham começado. Passei a noite toda acordada apertando o jornal na mão e pensando que um outro jornal como aquele poderia trazer qualquer noite uma frase pequenina no fim de uma página e bastaria essa frase para esmagar, aniquilar, destruir toda minha vida. Só no fim de uma semana, recebi carta de Carlos. Estava em Itapetininga e não tinha entrado ainda em combate. Itapetininga! Como o destino fora bom! Tinha mandado Carlos para minha terra, ao lado dos meus parentes! Respirei aliviada e recomecei os afazeres com mais confiança no futuro. Muitos dias passaram e todo o mês de julho se escoou com a cidade transformada. D. Genu viu partir o genro e acompanhou os netos à estação, um por um; de cada vez voltava mais acabrunhada, o corpo mais curvado para a frente, mais triste e mais cansada. Conversávamos longo tempo no portão, trocando as últimas notícias recebidas; os combates se sucediam. No Sul, onde estava Carlos, também combatiam com furor. Vizinhas que nunca tinham conversado umas com as outras, vinham se chegando também e cada uma tinha uma notícia a dar, cada uma tinha na frente, um filho, um irmão, ou o marido. Eu escrevia incessantemente para Olga pedindo notícias de Carlos, mas não respondiam de lá, parece que tudo estava desorganizado. Um dia li no jornal: “Correio Militar para o Setor Sul!” Corri e levei uma carta para ser entregue a Carlos. Mais uma semana se foi quando recebi a segunda cartinha. Estremeci; estava combatendo em Buri. Dizia que passava regularmente; dormia algumas horas e comia bem. Não havia tomado banho desde que partira e nem as botas tinha tirado! Dormia fardado no fundo da trincheira. Fiquei horrorizada e passei o dia todo com a carta na mão, lendo e relendo. Todas as vizinhas vieram à noite no portão da nossa casa e li alto a carta para elas ouvirem; umas choraram, outras suspiraram tristemente: D. Genu não tinha notícia dos netos que combatiam em Cruzeiro; chorava e fungava assoando ruidosamente; suspirava e passava o lenço na testa e nos olhos; esperava uma coisa desconhecida que viria de repente, mas não se sabia como, nem de onde. Era a angústia da espera; aquelas longas horas da noite pensando no escuro: O que estará acontecendo agora? Agora mesmo? Quem sabe ele já morreu? Não. Meu cérebro negava a idéia de morte, varria para longe, mas de repente, sem querer, essa idéia voltava outra vez, imperiosa e dominante, e ficava verrumando num canto, dominando minha vontade: E se ele morrer? Essa idéia ficava ali, noite e dia, atormentando, matando aos pouquinhos.

Assim o tempo foi se escoando através das noites, dos dias, das semanas de espera. As notícias eram raras.

O escritório onde Isabel trabalhava estava fechado e como não tive mais encomenda de doces, começamos a trabalhar ativamente para os soldados. Um dia chegou um trem cheio de feridos. Vinha do Norte, perto de Cruzeiro; Isabel foi assistir a chegada e veio contando: algumas mães gritavam desesperadamente quando viram os filhos descerem do trem, carregados em macas, as fisionomias quase irreconhecíveis, barbudos e pálidos. Alguns tinham os olhos fechados, pareciam mortos; outros vinham com as cabeças amarradas e tão brancos que pareciam fantasmas.

Nesse dia lembrei que podia ir a Itapetininga fazer uma visita a Carlos; queria vê-lo, precisava falar com ele, nem que fosse um instante só. Era capaz de ir até a pé, tal o meu desespero. Diante de tanto horror, queria certificar-me se ele vivia ainda.

No dia seguinte, fui com Isabel ao Largo do Palácio para tirar o salvo-conduto; de lá fomos para um prédio atrás do teatro Municipal e depois de muita espera e dificuldade, conseguimos o que queríamos. No dia seguinte, às sete e meia, estávamos na estação para tomar o trem das oito horas; Clotilde foi conosco. Fazia frio nessa manhã, mas o dia estava bonito e o céu muito azul. Um batalhão ia também embarcar e a estação estava completamente cheia de soldados que falavam e riam alto. Ocupamos nossos lugares e ficamos esperando o momento de partir; meu coração batia apressado sem saber o que ia encontrar.

O movimento de pessoas que passavam, falavam, davam ordens, era incessante enquanto um batalhão se instalava num outro trem ao lado do nosso; senhoras e meninas traziam pacotes e mais pacotes que distribuíam aos soldados; eram da M. M. D. C.; quando uma das senhoras nos viu, veio falar conosco; era uma vizinha que encomendava sempre doces para eu fazer nas festas que dava. Contei que ia visitar meu filho em Itapetininga e que ele combatia no Sul, em Buri; ela sorriu e disse que também tinha um filho no 9 de Julho; outras duas senhoras se aproximaram também e disseram que eram “três animadoras” e assim trabalhavam pela Causa. Um pouco antes das tropas partirem, vinham as três distribuir cigarros, chocolates e roupas de lã aos soldados. Então nos contaram que a mais velha, de cabelos grisalhos, gritava no momento do trem partir: Viva o Batalhão tal! Essa primeira era viúva e não tinha quem proibisse

de dar vivas; a segunda batia palmas porque o marido não queria que desse vivas; a terceira apenas sorria porque o marido não queria que desse vivas, nem batesse palmas. Assim as “animadoras” iam de vagão em vagão, distribuindo presentes, coragem e sorrisos aos soldados; e assim trabalhavam ativamente pela Causa.

Perto de nós um rapaz despedia-se de um soldado que ia partir: o que ficava, dizia:

– Irei logo que puder, é só os velhos cederem. Já estão cedendo; irei combater ao seu lado.

Perguntou depois de uma pausa:

– Não precisa de nada? Dinheiro? Cigarros?

– Não. Tenho tudo. E para que quero mais?

O que ficava, tirou uma nota de cinqüenta mil-réis e deu ao soldado:

– Leve mais esse dinheiro, quem sabe vai precisar.

O soldado riu, dizendo:

– Se eu morrer lá, não poderei pagar você.

– Não morre; e me espere que dou um jeito nos velhos e vou também.

O trem começou a rodar levando tropas para o Setor Sul. Nosso trem seguiu logo depois; na estação de Santo Antônio parou durante muito tempo. Chegamos muito tarde em Itapetininga e Olga ficou surpreendida quando nos viu; a casa estava cheia e tivemos que dormir na sala de jantar; Isabel dormia no sofá e tinha que encolher as pernas; todas as manhãs sentia as pernas duras e se queixava. Tia Candoca estava lá com a filha casada: Mocinha; o marido de Mocinha estava combatendo no rio das Almas e Mocinha chorava todos os dias. No mesmo dia da chegada, fui ao Hotel São Paulo procurar alguém que nos indicasse a maneira de ver Carlos ou saber notícias dele. O hotel estava cheio de soldados e aviadores; me mandaram para um outro hotel e era tarde quando consegui falar

com um tenente que prometeu providenciar para Carlos vir me ver. Nessa noite chegaram trens com feridos e mortos; o clube da cidade já estava transformado em hospital. Um grande silêncio caía como uma sombra sobre a cidade todas as vezes que vinha da frente um trem de feridos; todos se lamentavam e sofriam quando viam os soldados pálidos e doentes descerem do trem apoiados uns aos outros ou deitados em macas, tão pálidos como o próprio lençol que os cobria. E um silêncio pesado se fazia quando surgia um morto, carregado com cuidado e carinho. O povo se afastava respeitosamente para o morto passar e lá ia ele levado pelos amigos, cheio de glória e de feridas para um canto qualquer da terra.

Pensava em Carlos; dia e noite, noite e dia, o pensamento me martirizava verrumando o cérebro sem piedade e sem tréguas.

***

Só no terceiro dia de espera, tive notícias de Carlos; havia um oficial ferido do mesmo batalhão na Santa Casa de Misericórdia e fui imediatamente procurá-lo. Durante mais de uma hora fiquei sentada num canto, esperando ser recebida; depois me disseram que o oficial estava tão mal que não podia me receber. Tornei a falar o nome dele e explicar que o ferimento era nos olhos e tinham me dito que não era tão grave assim; voltaram depois dizendo que era engano, decerto estava num outro hospital. Fui à Escola Normal, não era também lá; resolvi ir então ao Clube Venâncio Aires, talvez estivesse lá. Cheguei à Praça Marechal Deodoro tão cansada como se não houvesse mais esperança de nada, tudo estivesse perdido. À minha volta, só dor, tristezas e luto; tive a impressão que aos poucos tudo ia se desmoronando como terra solta num barranco, nada mais ficava de pé. Depois de ter descansado um pouco na Praça, entrei no Clube transformado em Hospital; médicos e enfermeiros passavam apressados de um lado para outro. Quando disse o que queria, me mandaram esperar numa saleta e ali fiquei, com medo de saber a verdade e ao mesmo tempo ansiando saber, fosse o que fosse. Depois me mandaram entrar numa sala onde havia vários feridos; o enfermeiro me indicou um dos leitos e me disse que era aquele quem eu estava procurando. Aproximei-me e vi que tinha os olhos vendados; virou o rosto para meu lado e ficou esperando. Disse então quem eu era e o que pretendia; fez um breve gesto com a mão como que saudando e sorriu brandamente. Havia um cheiro forte de remédios no ar e nas outras camas alguns doentes gemiam ou dormiam, enquanto lá fora o dia estava lindo e azul. Sentei-me numa cadeirinha ao seu lado e perguntei-lhe o que tinha acontecido; ele então contou: juntamente

com um companheiro tomava conta de uma metralhadora quando uma bomba de canhão explodiu mesmo em frente; tudo saltou pelos ares e ele recebeu grande quantidade de terra nos olhos, além de um estilhaço no braço. O camarada ficara gravemente ferido; os outros soldados conseguiram se arrastar da trincheira e puxá-los pelos pés; assim tinham deixado o batalhão e vindo à cidade para se tratarem. Disse-lhe palavras de comiseração e ele contou que conhecia muito Carlos; ia bem e era um dos valentes. Disse também que “a coisa lá era dura e se levantavam um pouco a cabeça fora da trincheira, vinha bala porque o inimigo não dormia”. Perguntei como se alimentavam: hesitou um pouco dizendo que ia até fazer uma reclamação nesse sentido porque a “bóia” não era das melhores.

– Feijão com arroz? perguntei.

Hesitou mais antes de responder:

– Às vezes feijão com arroz; pão de guerra não falta nunca.

– E café? Lembrei que Carlos gostava muito de café.

– Temos sempre café.

Virou o rosto para a parede, um ar cansado; depois me aconselhou a procurar o Coronel Taborda e pedir uma licença para meu filho; eu disse que seria difícil falar com o Coronel Taborda; virou-se outra vez para meu lado com os olhos vendados, os lábios sem cor e a voz cansada:

– Procure falar com alguém do Estado-Maior; talvez a senhora arranje alguma ordem, mas é difícil. Os que conseguem sair de lá, são só os mortos e feridos.

E fez um gesto mostrando a cabeça. Agradeci e saí completamente desanimada. A quem recorrer? Fui andando pela Rua Dr. Júlio Prestes arrastando os pés que pesavam como chumbo, e me dirigi novamente para o Hotel São Paulo. Por felicidade um oficial me atendeu, solícito, e me disse muito delicadamente que nesse momento seria quase impossível uma licença, mas que eu tivesse paciência e voltasse a São Paulo porque uma semana mais tarde a Companhia na qual meu filho combatia teria uma licença e ele poderia ir a São Paulo. Disse que se orgulhava desse Batalhão porque todos lutavam como bravos; e que mesmo na

véspera tinham-se portado heroicamente durante um violento ataque inimigo. Meu coração deu um salto e perguntei com voz trêmulas:

– Mas já teve notícias depois desse ataque?

Ele sorriu compassivamente e soltando a fumaça do cigarro para cima disse com a mão no meu ombro como se eu fosse uma criança:

– Tenho sempre notícias; pode voltar tranqüila, nada aconteceu.
Agradeci muito e voltei para a casa de Olga, resolvida a embarcar para São Paulo no dia seguinte. Nessa noite, levamos um susto muito grande; estávamos deitados e era quase meia-noite quando ouvimos baterem com força na porta da rua. Todos nos levantamos imediatamente e eu levei a mão ao coração numa ânsia desesperada; Zeca foi abrir a porta, Olga com um roupão por cima da camisola foi atrás dele, tia Candoca e Mocinha saíram assustadas do quarto. As crianças acordaram e o menor começou a chorar; Clotilde correu para acalmar o pequeno, enquanto as batidas se sucediam e ouvimos uma voz grossa um pouco rouca, dizer:

– Abram, sou eu, o Nelson.

Era o marido de Mocinha; ela correu como louca enquanto Zeca abria a porta; vimos então o Nelson com a farda rasgada, todo sujo, a barba enorme, os olhos pretos luzindo intensamente no meio da barba preta, um ar de profundo cansaço. Todos perguntaram aflitamente ao mesmo tempo:

– O que foi? Está ferido? O que aconteceu?

Mocinha encostou a cabeça no ombro do marido e desatou a chorar sem poder falar; então Nelson entrou lentamente, arrastando os pés e batendo com as esporas no chão, Mocinha dependurada no braço dele. Olga puxou logo uma cadeira e ele se sentou dando um gemido. As crianças começaram a aparecer assustadas, os cabelos desgrenhados, um mascando a chupeta, e pararam na porta da sala, olhando Nelson com olhos dilatados de espanto. Tia Candoca foi buscar um copo d’água na cozinha e Zeca gritou:

– Traga um café quente que é melhor.

Nelson estava com os lábios descorados e recostando a cabeça para trás, disse com voz pausada:
– Não se assustem, não estou ferido. O que estou é cansadíssimo; fomos cercados pelo inimigo e quase fiquei por lá …

Houve uma única exclamação:

– Cercados?

Mocinha começou a chorar mais alto e Olga ralhou com ela:

– Você não deve chorar assim, pois seu marido está aí sem ferimento algum. Dê graças a Deus, conte como foi, Nelson.

Veio um cálice de vinho do Porto que Nelson bebeu de uma só vez; depois pediu água. Água! Água! Pois estava com uma sede dos diabos! Bebeu dois enormes copos d'água e então contou que toda a cavalaria tinha sido cercada nas proximidades de Buri; quando perceberam o perigo, havia apenas uma brecha por onde podiam passar. Puseram os cavalos num galope desenfreado e passaram um por um pela brecha, deitados sobre os cavalos e ouvindo as balas zunirem por cima das cabeças. Ele viu o companheiro que vinha atrás vacilar e cair enquanto o cavalo continuava a correr; quis voltar para acudir, mas atrás vinham os outros que gritaram:

– Toca pra frente que o inimigo vem aí.

Ele tocou à toda e mais adiante, reuniram-se para contar se estavam todos; faltavam três. Houve um silêncio e tia Candoca deu um gemido lamentoso:

– Que calamidade! Imagine as mães desses três! Que dor, meu Deus!

Estremeci pensando em meu filho enquanto um friozinho me subia pela espinha; perguntei se não havia notícias do batalhão Borba Gato. Ele me olhou estranhamente e disse que não sabia; cada um combatia de um lado e nada se sabia. Ficamos conversando ainda uma meia hora depois fomos todos deitar; tia Candoca precisou dormir também na sala para dar a cama para o Nelson; eu me deitei no sofá e não dormi. Levantamos cansados no dia seguinte e embarcamos

para São Paulo, Isabel e eu; Clotilde resolveu ficar para auxiliar Olga. Chegamos e fiquei esperando a licença de Carlos, ansiosamente.

No mesmo dia da chegada, D. Genu veio me perguntar se eu não queria dar ouro para a revolução. Perguntei admirada:

– O que é isso de ouro para a revolução?

Então ela me mostrou os jornais que traziam títulos enormes; fui ver o que eu podia dar e resolvi entregar minhas alianças e uma corrente velha de relógio; Isabel quis dar umas medalhas de ouro que as tias tinham dado quando ela era pequena. Disse que não devia dar todas, mas ela teimou e foi entregar três medalhas e uma correntinha, ficou só com uma medalhinha de Nossa Senhora. Fui ao Banco com D. Genu e lá havia uma fila enorme de pessoas com pacotinhos de jóias e alianças para entregar; algumas eram estrangeiras. Eram modestas e simples; D. Genu falou:
– Essas dão muito mais que os ricos porque dão tudo o que têm; assim como nós também. Imagine se os ricos vão dar tudo; dão um anel, o mais feio de todos ou o de menos valor e ainda ficam com vinte! É sempre assim. São uns diabos.

Depositamos nossa modesta dádiva e voltamos conversando para casa; na Praça Marechal Deodoro vi Isabel passeando com um rapaz fardado; mostrei para D. Genu:

– Olhe, D. Genu, o que são os filhos. Por mais que eu fale e aconselhe, não adianta. Pedi tanto a ela para deixar esse namoro porque o rapaz não presta e é inútil. Tenho vontade de fazer um escândalo.

D. Genu me segurou pelo braço:

– Não faça nada disso; a senhora é capaz de perder a cabeça e eles ficam com raiva. Isso não conserta o que está torto. Fale com ela em casa que é melhor.

– Já aconselhei, já ameacei, já pedi Qual! É um desespero esta vida; quem é que pode com isso?

D. Genu procurou me consolar:

– Pode ser que endireite; se não endireitar, paciência. Ao menos a senhora fez tudo que pôde, se ela não escutou é porque não quis. Lembre-se da Joca. Não houve cristão que fizesse ela largar o homem; e vivem aos trambolhões por aí.

Fomos para nossas casas e vesti logo um avental para fazer uns doces para uma senhora que esperava essa tarde um sobrinho da frente Norte. De repente Isabel entrou cantarolando; enfiou a cabeça na porta da cozinha, muito alegre:

– Foi levar suas ricas jóias? Que doce é esse?

Sem levantar a cabeça do meu serviço, falei:

– Será possível Isabel, será possível que nada adianta? Nem conselhos, nem ralhos, nem nada? Você não parece minha filha. A filha que criei com todo o carinho e cuidado me desobedecendo desta forma vergonhosa. Então minhas palavras não valem nada? Estou falando para o vento?

Ela tinha se aproximado da mesa e pegando um pedaço de massa de doce, começou a fazer bolinhas, a cabeça baixa, sem nada dizer.

– Fale, Isabel, não tem mesmo vergonha? Continua a andar com aquele ordinário?

Ela se revoltou:

– Ele não é ordinário.

– Como, não é ordinário? Um homem casado namorando uma menina solteira? Como vai casar com você? Largue a massa do doce!

– Ele não é casado; já disse que está separado e tratando do desquite.

– É casado. Que desquite nada! É casado, continua casado. Abandonou a mulher, mas é casado.

– A senhora pergunte para quem quiser se não foi ela que abandonou o lar. Pode indagar:

ele foi sempre bom, ela que não prestava …

Mexi com força a panela:

– Já disse que largue essa massa. Quem contou isso? Ele, não foi? Eu queria ouvir a mulher dele, isso sim. Ele não pode ser boa bisca.

Ela levantou a cabeça e falou bem alto:

– Acho graça a senhora e Carlos falarem essas coisas se não o conhecem. Deviam procurar conhecê-lo primeiro.

– Deus me livre; não quero conhecê-lo e nunca darei meu consentimento nem para ele entrar aqui. Ele não quer casar, quer juntar. É casado.

Isabel ficou furiosa e vermelha de raiva:

– Um dia a senhora ainda há de se arrepender dessas palavras. Há de se arrepender, mas será tarde. Eu já disse e torno a dizer que faço uma loucura. E faço mesmo! Estou cansada de tudo isto!

Levantei a colher de pau que mexia a panela e sacudi diante dela:

– Olhe, Isabel, tenho visto muita moça casada por aí com homens tão ordinários que suas mães preferiam ver as filhas mortas do que vivendo essas vidas. Essa é que é a verdade.
Ouviu? E deixe de me ameaçar.

A calda do doce escorreu pela colher de pau e me queimou os dedos; lambi-os enquanto Isabel começava a chorar:

– Sou mesmo uma infeliz. Ninguém me quer nesta casa, ninguém deseja minha felicidade. É horrível viver assim …

Deixou a cozinha e foi se fechar no quarto; o resto da tarde passou-se em silêncio. Fui levar as encomendas e na volta chamei Isabel para jantar: ela apareceu com os olhos inchados, a fisionomia muito abatida. Aconselhei-a

durante quarenta minutos enquanto ela comia sem vontade o jantar; no fim pareceu concordar comigo porque sacudia a cabeça sem dizer nada, o rosto muito triste. Mais tarde quando deitei a cabeça cansada no travesseiro, lembrei-me de Carlos, que eu tinha esquecido durante aquelas horas. Tive um sobressalto e pensei: “Estará vivo? Morreu? Oh! Meu Deus!”

E levantando-me de novo, comecei a rezar de joelhos na cama para que viesse logo a paz; a paz para São Paulo e para nosso lar.

XV

O MÊS de setembro foi passando lentamente; só se ouvia contar que combatiam em todas as frentes, em todas as fronteiras, em todos os setores. Em toda a parte a tristeza, a aflição, a falta de notícias; os corações fechados, as fisionomias preocupadas; os olhos fixos no alto procurando a esperança e a esperança acenando ao longe como um véu branco a se agitar na distância, tão longe e tão tênue como se fosse desaparecer ou fosse inatingível. Um véu agitado por vento incerto. As horas lentas, os dias longos, as noites sem fim marcando o tempo que não passava. Setembro. Soldados feridos em todos os hospitais; soldados mortos, E as rosas dos jardins paulistas enfeitando túmulos. Túmulos cheios de rosas; olhos cheios de lágrimas; lábios cheios de orações … As esperanças caindo uma por uma como folhas mortas. Dor. Angústia. Desalento. Névoa no céu e na terra; nos olhos e nas almas. Desilusão.

Uma tarde um soldado trouxe uma mensagem à nossa casa; Isabel ficou com ela na mão e depois me disse com voz trêmula:

– Avisaram que Carlos está no Hospital Militar do Brás. Ferido.

Olhamo-nos um instante sem compreender, depois perguntei aflitamente, sem saber o q ue falava, para ter tempo de firmar:

– Quem? Carlos? Onde? Carlos mesmo? Gravemente?

– Acalme-se, mamãe. Disseram que está levemente ferido; está no Hospital do Brás aqui em São Paulo.

– Quem avisou? Isso é mentira. Se estivesse levemente ferido, viria para casa. Onde é o Hospital do Brás? Vamos embora.

E saí correndo para pôr o chapéu enquanto Isabel também se preparava rapidamente; tomamos o bonde e levamos mais de uma hora para chegar lá.

Quando entrei no jardim do Hospital, nem sei como minhas pernas caminhavam, pois os mais tristes pressentimentos vinham-me à cabeça. Só me lembro que

andamos atrás de uma enfermeira por um caminho interminável; passamos por um lugar coberto, depois por um lugar descoberto, depois entramos na outra ala do hospital; atravessamos uma sala, duas salas, passamos um corredor e chegamos a uma enfermaria. Vi todas as camas ocupadas, um sol triste entrando através de duas janelas abertas, cheiro de remédios, de sinfetantes, enfermeiras de branco, sussurros de vozes, vidros sobre algumas mesinhas, uma bandeja esquecida num canto, um ambiente pesado. Algumas cabeças voltaram-se para nós, olhos admirados e surpreendidos; a enfermeira mostrou:

– É aquele lá, o quinto à direita.

Quando divisei o rosto de Carlos muito pálido, mas risonho, numa das últimas camas perto da janela aberta, senti um alívio e pensei que ia chorar. Apertei as mãos dele entre as minhas e ele perguntou com um sorriso nos lábios muito brancos:

– Assustou-se muito, mamãe?

– Muito. Então? Como foi?

Quando ele me explicou que tinha um estilhaço de granada no peito, perto da clavícula e não tinha outro ferimento, senti maior alívio e tive vontade de falar alto, fazer qualquer coisa, rir, levantar, sair correndo, fechar a janela, abrir outra vez, mover-me enfim; mas fiquei ali parada olhando para ele e vendo-o sorrir e falar. Conversou alegremente dizendo que logo iria para casa; apareceu uma enfermeira trazendo uma bandeja com café e pão; quando se sentou na cama e começou a comer com vontade, chorei. Mas ele riu, acariciando minha mão:

– O que é isso? Agora que estou bom, lembra de chorar, mamãe?

Então falei que tinha sofrido tanto nesses longos meses de guerra que nem sei como ainda vivia; Carlos sorria para Isabel e para mim, depois perguntou alegremente:

– Essa menina está com juízo agora?

Isabel abaixou a cabeça e começou a disfarçar brincando com a bolsa; respondi:

– Naturalmente; ela compreendeu em tempo e tudo vai bem.

Carlos riu-se mais e pediu umas frutas quando voltasse; algumas laranjas e algum docinho também. Meia hora depois, saímos e fui procurar a enfermeira chefe para saber melhores notícias; ela disse que fariam uma pequena operação logo que ele estivesse mais forte e podia então voltar para casa. Estava muito enfraquecido, mas não era nada grave. Fora muito feliz. Fomos embora e voltei no dia seguinte; só vivia esperando a hora de visita para ver Carlos; levava frutas, doces que fazia todos os dias. Inventava coisas para levar ao meu filho. Não pensei mais na revolução e nem me importei quando acabou; um dia Isabel me contou sobre o armistício e respondi:

– Estimo muito; chega de morrer gente. Já era hora.

E dizendo isso, saí com meu pacotinho a caminho do Hospital. Um dia encontrei Carlos pronto para voltar para casa; tiraram o estilhaço sem novidade. Levei-o de automóvel. Foi uma festa. D. Genu e toda a família vieram vê-lo logo, assim como as outras vizinhas; Carlos se via rodeado como um herói e tinha que contar tudo, com todas as minúcias. Contava que durante dias e dias só comia pão de guerra porque não havia outra coisa; como a trincheira era na beira do Rio das Almas e o pão às vezes estava duro como pedra, arranjavam uns barbantes compridos, amarravam o pão na ponta do barbante e jogavam no rio; quando o pão estava bem inchado, puxavam e comiam. Havia exclamações de dó:

– Que horror! Que horror! Não havia outra coisa? E café?

Eu perguntava:

– E feijão com arroz? O oficial que visitei em Itapetininga me disse que comiam feijão com arroz.

– Tinha feijão cozinhado com arroz, misturado. Pão e café.

Contava que dormia no chão do fundo da trincheira e ficavam dias e dias sem pôr a cabeça para fora. Uma noite contou o caso da metralhadora. Um oficial chamou-o e mais um outro para assentarem uma F. M. num certo ponto estratégico; foram se arrastando durante a noite, esconderam a F. M. entre galhos

de árvore e ficaram ali esperando o momento oportuno. Carlos falava rodeado de ouvintes:

– Assestamos a “bicha” na direção deles e costuramos; a F. M. funcionava que era uma beleza; vimos uns fugirem e outros tombarem. Foi sucesso. Mais tarde eles voltaram e jogaram granadas sobre nós, não deu resultado; nós continuamos nosso jogo vários dias. No terceiro ou quarto dia, não me lembro bem, íamos revezar para vir outra turma quando o oficial foi costurado no peito; nem gemeu. Meu companheiro e eu abaixamos e ficamos quietinhos, porque as balas cantavam nas nossas cabeças. O oficial só virou de lado e morreu; esperamos a noite e voltamos para a trincheira, resolvidos a ir buscar o corpo do oficial no dia seguinte. Quem diz? Os diabos descobriram onde estava a metralhadora e não deixaram ninguém chegar perto; e o corpo do nosso companheiro ficou lá apodrecendo. No quinto dia, o Capitão “Sai Tiro”, como chamávamos na turma, valente como o diabo, disse: “Isso não pode ficar assim. Quem quer vir comigo?” Eu e mais dois camaradas nos oferecemos. Então fizemos uma cobra, um segurando nos pés do outro, fomos nos arrastando até chegar onde estava o corpo. O “Sai Tiro” ia na frente, pegou o cadáver pelo pé e foi puxando; eu puxava “Sai Tiro” pela perna, outro puxava minha perna até chegar na trincheira. Assim trouxemos o morto para enterrar; não digo nada, faltava um braço no coitado.

Isabel deu um grito agudo e cobriu o rosto; D. Genu fez o sinal da Cruz apressadamente:
– Credo! Que coisa horrorosa. E depois?

– Depois enterramos o camarada no fundo da trincheira e lá ficou, bem quietinho.

Ficávamos em silêncio, a sombra da morte pairando na roda; vinha outra história:

– Havia no nosso batalhão um rapazinho muito bom, muito religioso e delicado; tinha o rosto redondo e corado, a pele tão lisa e fina como a de uma moça. A mãe era portuguesa e como ele falava com sotaque português, nós o apelidamos de “portuga”. Todas as vezes que havia perigo, ele dizia: “Valha-me Deus! Valha-me Deus!” Nós perguntávamos: “Está com medo, portuga?” “Não”, respondia, “estou lembrando Deus para quando eu bater na casa dele, não demorar a abrir a

porta". "Qual, portuga, você não morre assim à toa". Mas um dia o "Sai Tiro" pediu uma turma boa para tirar um ninho de metralhadora do inimigo. O portuga foi um dos primeiros que se ofereceram; o serviço era perigoso. Precisava calma e coragem. Esperamos anoitecer e foram o "Sai Tiro" na frente se arrastando, depois um outro camarada, o portuga e mais outros dois. Levavam os bolsos cheios de granadas de mão e os fuzis a tiracolo para cobrir a retirada depois da façanha. O inimigo quieto, parece que estava dormindo. Tudo foi indo bem; quando estavam a poucos metros e o "Sai Tiro" deu ordem de avançar, levantaram e jogaram as granadas. Pegaram de surpresa; os que guardavam a metralhadora, caíram; apareceram logo outros e começaram a pipocar; mas naquela confusão, o "Sai Tiro" e um camarada conseguiram roubar a F. M. e correr. Os outros continuaram a atirar com os fuzis e a recuar para dar tempo dos companheiros chegarem na trincheira. Nesse instante, viram o portuga cair; apesar da escuridão, o companheiro percebeu que era ele pelo "Valha-me Deus". O companheiro procurou levantá-lo: "Coragem, portuga. Falta pouco". Ele riu e respondeu: "Hoje é o dia de me receberem; não perca tempo comigo, camarada". Outras balas choveram perto; o companheiro disse para um outro: "Ajude a levar o portuga". Vieram outros em auxílio e começaram a atirar por cima das cabeças para os inimigos não se aproximarem, enquanto arrastavam o camarada ferido para a trincheira. Vimos então que ele estava ruim mesmo; saía sangue da boca e tinha um ferimento feio no peito; a farda estava vermelha de sangue. Arranjamos uma cama para ele e o médico do batalhão começou a examinar e fez sinal que nada adiantava; o coitado estava morrendo. Vimos então que ele rezava; estava lívido, os olhos meio embaciados e dizia: "Livrai-nos, Senhor, do mal, Amém". Repetia só isso; eu acho que esqueceu o resto. "Livrai-nos, Senhor, do mal. Amém". Um outro disse: "Vamos rezar desde o princípio, camarada". E começou bem devagar e bem perto dele, mas acho que ele nem ouvia mais. Era só: "Livrai-nos, Senhor, do mal, Amém". Nem entendia mais nada, nem olhava para nós. As lágrimas corriam sem cessar dos seus olhos e nós enxugávamos; quando não era um, era outro companheiro perto dele. Custou morrer, creio que foi hemorragia interna. Eu não assisti o fim, mas me contaram que ele disse: "Valha-me Deus! Minha mãezinha!" Um camarada que gostava muito dele, ficou danado e começou a xingar a revolução: "É para assistir isso que estamos aqui. Porcaria de revolução, uma banana para toda esta …" Dizia nomes horríveis com os olhos cheios de lágrimas de dó do portuga. Era até engraçado. Ficamos a noite inteira guardando o corpo e no dia seguinte, foi enterrado com toda a solenidade.

– Onde?

– Na trincheira mesmo.

– Coitado! E não houve mais feridos nesse dia?

– Um outro foi baleado na barriga da perna, mas sarou logo.

D. Genu perguntava se tinha matado algum frente a frente; Carlos disse que sim; um dia matou um negro que chegou-quase na boca da F. M. Veio vindo, veio vindo, procurando se esconder entre o capim ou atrás dos arbustos, quando Carlos apontou o fuzil e bum! o coitado só largou o fuzil e gritou: “Ai minha Nossa Senhora!”

D. Genu fez outra vez o sinal da Cruz rapidamente e Isabel deu outro gemido cobrindo o rosto; fiquei imóvel, os olhos muito abertos, achando Carlos incapaz dessa maldade. Ele continuou calmo:

– Guerra é guerra. Se eu não tivesse matado o negro, ele não me matava? Matava. A gente vai lá para matar ou para morrer; então é melhor acabar tudo de uma vez, se não a gente leva fogo.

– Não sentiu remorsos?

– Tive muita dor de cabeça essa noite e sonhei com o grito do negro a noite toda. Horrível.

Desde esse dia, não quis mais ouvir falar em revolução e pedi a Carlos que não falasse mais nisso. Logo que ele sarou completamente, voltou a trabalhar no Banco e recomeçamos então nossa pobre vida.

***

Recebi um cartão de Alfredo pedindo notícias, pois ouvira contar coisas horríveis da revolução: continuava nos Estados Unidos, tinha passado maus pedaços, mas agora ia melhor. Já estava um ano ausente. Julinho também escreveu do Rio, muito aflito, perguntando se nos acontecera alguma coisa. Ia sempre bem na loja, dizendo que as possibilidades eram muitas para o futuro.

Clotilde veio de Itapetininga e passou meses conosco; mais uma vez fomos juntas visitar tia Emília na Rua Guaianases. Titia estava paralítica em todo o lado direito devido a uma congestão que tivera; não falava com muita facilidade, mas quando nos viu não se esqueceu de falar sobre a origem das famílias porque sabia que Clotilde gostava. Às vezes não podia terminar as palavras porque a língua não auxiliava; precisava então prima Adelaide terminar por ela; mesmo assim não deixou de falar. Quando ouviu contar que Carlos combatera no Batalhão Borba Gato, tia Emília ficou animada e contou que Borba Gato tinha se casado em Sorocaba em 1726. Prima Adelaide pediu que não falasse tanto, podia fazer mal, mas tia Emília continuou serenamente como se não tivesse ouvido:

– Borba Gato casou-se com Luzia Leme de Barros. Essa Luzia era filha de … de … Espere que eu sei …

Prima Adelaide sussurrava:

– Não se esforce, mamãe. Pode fazer mal.

– De … Ah! Já sei. De Inácia de Barros. Essa Inácia foi casada duas vezes; do primeiro matrimônio, deixou um filho e do segundo deixou cinco filhos. A Luzia do Borba Gato era filha do segundo …

Olhou triunfante para a filha e para nós:

– Pensa que me esqueci? Não esqueço essas coisas.

– Nós sabemos que a senhora não esquece, mas a questão é que falar muito pode fazer mal.

– Não faz. Um dos descendentes deles foi Clara de Miranda; essa casou-se com um filho de nobres portugueses. Chamava-se Francisco de Barros Penteado; um dos filhos deste casal foi Manoel Correia Penteado, nasceu aqui em São Paulo …

Prima Adelaide procurou interromper:

– Está bem, mamãe. Vamos agora tomar um leitinho?

Tia Emília fez uma careta e começou a tomar o leite sem vontade; assim que acabou, levantamos para sair, mas ela ainda procurou explicar:

– Esse Manoel que eu falei teve muitas fazendas, minas de ouro, grandes riquezas; pois esse foi casado com … com …

Prima Adelaide procurou auxiliar:

– Inácia de Barros?

Tia Emília olhou-a revoltada por ouvir tamanho erro. Minha prim.; insistiu:

– Depois a senhora lembra, mamãe. Não se incomode agora.

– Esperem aí que lembro já; pensa que estou maluca? Casou-se com … com …

Novo silêncio; Clotilde interveio mansamente:

– Não se esforce tanto, tia Emília. Sua memória é muito boa; naturalmente devido à moléstia, ficou um pouco esquecida, depois volta tudo.

Ela interrompeu:

– Não estou esquecida; quem disse que estou? Eu me lembro muito bem, esse Manoel Correia Penteado foi casado com Beatriz de Barros.

E dando um suspiro de alívio, fechou os olhos, recostando a cabeça no travesseiro. Saímos imediatamente e fomos comentando pelo caminho afora a mania de tia Emília; Clotilde suspirou:

– Mesmo morrendo, ela vai citando os nomes, as datas os casamentos das famílias antigas.

– É mesmo. Olhe que hoje o esforço foi danado, assim mesmo ela falou direitinho; vai assim até a hora da morte.

– Vai. Imagine falando até o último suspiro sobre Borba Gato e sua descendência. Tem graça.

– A Beatriz de Barros custou a sair, não?

– Nem fale; eu já estava aflita.

– Eu também.

Assim conversando, chegamos em casa e arregaçando as mangas, pusemos os aventais e fomos fazer uns doces para uma encomenda. Pouco tempo depois, fomos pela última vez à Rua Guaianases; tia Emília tinha morrido. Morreu perfeitamente lúcida, falando e recomendando tudo até o último momento. Depois da morte dela, prima Adelaide vendeu a casa e foi morar na fazenda, em Campinas.

Clotilde voltou para Itapetininga; e quando eu insisti para que ficasse sempre comigo, confessou que preferia morar lá a morar em São Paulo. Sentia-se velha e a velhice pedialhe paz e silêncio; em São Paulo havia muito barulho. Mesmo o ruído das carrocinhas de pão e leite sobre o calçamento das ruas, fazia-lhe mal; queria a paz das cidades do interior com suas ruas desertas, seu sossego e seus gatos dormindo ao sol, sobre os muros. Gostava de sair e cumprimentar todo o mundo; essa história de não conhecer ninguém, nem os próprios vizinhos, não ia com seu temperamento. Gostava de abrir a janela de manhã e cumprimentar a vizinha da esquina, a de lado, a da frente. E perguntar bem alto na rua silenciosa: “Dormiu bem? Nosso galo cantou muito essa madrugada? Não ouviu?” Ou então: “Acertou o ponto de tricô que ensinei ontem? Não? Ora, é tão fácil. Dá duas laçadas e um ponto à direita. Depois faz o contrário; no fim. Olhe, venha depois do almoço que ensino outra vez”

E à tarde fazia uma peregrinação pela vizinhança; ia ver Nhazinha que estava com a filhinha doente; dava um pulo até à casa da Marocas para cumprimentá-la pelo aniversário dizendo rindo: “Mais uma rosa no jardim da sua existência, hein, Marocas?”
Depois ia ensinar o ponto de bala de ovos para D. Tuda que não havia meios de acertar. E assim corria a vida; tão simples, nada de complicações e problemas, nada de correrias. Tudo lentidão e paz. Para que pressa?

-Em São Paulo não; todo o mundo corria, todo o mundo andava depressa para chegar na hora, todo o mundo vivia afobado.

– Corre que o bonde vem vindo.

– Não tem lugar nesse bonde; temos que esperar outro.

– Então chegaremos atrasados no cinema.

– Ah! Meus Deus! Vamos perder a hora.

– Quem é a vizinha da esquina?

– Não sei.

– Não sabe? Pois não são vizinhos?

– Somos. Faz mais de três anos que vieram morar aí, mas não sei quem são.

– Deus me livre e guarde! Viver assim sem conhecer ninguém? E pior que viver num deserto.

A sua vida era como um livro em branco; nenhum traço sentimental para escurecer a brancura imaculada das suas páginas, nenhum sorriso de amor, nenhum beijo. Nada; vivia apenas para bondade e para o trabalho.

Nos dias de procissão, levantava-se mais cedo, num alvoroço, para enfeitar o andor de Santa Teresinha; pedia rosas em casa das amigas e enfeitava o altar e o andor com rosas brancas, vermelhas, cor-de-rosa. Quando conseguia enfeitar só com rosas, ficava mais alvoroçada; dizia olhando a imagem da Santa com olhos ternos e respeitosos: “Hoje sim, minha Santinha, está contente com o montão de rosas?”

À tarde, num vestido preto muito solene, reservado só para os dias solenes, colocava uma fita vermelha no peito e acompanhava a procissão, enlevada, os olhos pregados no andor, os lábios murmurando orações: “Santa Teresinha,

protegei a nossa família: minhas irmãs, meu cunhado, meus sobrinhos. Protegei meu sobrinho Alfredo que anda longe, lá pela
América do Norte, sabe Deus onde; meu sobrinho Julinho que trabalha no Rio de Janeiro; minha sobrinha Isabel que tenha juízo e desista de casar com o homem casado; meu sobrinho Carlos que continue feliz no Banco. Ah! E obrigada por ele ter voltado da revolução são e salvo. Proteja a miudeza de Olga; que todos tenham saúde. Amém".

Assim era Clotilde; à noite, de volta da reza, vinha cansada para casa, trocava os sapatos pelos chinelos velhos e ia fazer o sobrinho pequeno dormir, enquanto Olga costurava sob a luz da lâmpada da sala de jantar, fazendo roupinhas para outro filho que já se fazia anunciar. Gostava das cidadezinhas quietas, com seus jardins bem tratados, onde, nas tardes de domingo, a banda de música tocava marchas e dobrados e o povo passeava de cá para lá, de lá para cá, tranqüilamente, serenamente, conversando; gostava de levar um "tijolo" de goiabada feita por ela mesma para a Mariazinha do Nico que tivera sarampo; e noutro dia uns copinhos de geléia de mocotó para a Lolota que estava com desejo. Sabia tudo que se passava na cidade, conhecia todos, visitava todos e se interessava pela vida de cada um como pela sua própria. Risonha e calma, boa e sincera, desfilava de casa em casa, levando um pouco do seu "eu" para cada um, generosamente.

Assim era minha irmã Clotilde. Sua alma singela e boa pedia o silêncio das cidades pequenas, as noites tranqüilas sem bondes barulhentos, sem automóveis a toda velocidade, sem desastres horríveis, sem gritos, sem nada. Paz. Silêncio. Andores enfeitados por ela e, Nossa Senhora entre flores, carregada nas procissões, tremendo e sorrindo para a multidão. E um dia arrumou as malas e partiu dizendo que São Paulo só de vez em quando; preferia sua cidade quieta e boa, onde os gatos se espreguiçam nos muros das ruas silenciosas e onde podia abrir a janela e gritar para a vizinha da esquina num cumprimento sorridente: "Bom dia! Não ficou cansada ontem na procissão? E que mundão de gente, hein?"

Nesse mesmo ano, no dia do meu aniversário, recebi de Clotilde três caixinhas de figos secos, três "tijolos" de goiabada (pedindo desculpas porque dessa vez saiu puxa-puxa) e três latinhas de doce de marmelo. Olhei tristemente pensando: "Quem havia de dizer! Somos apenas três, e Éramos Seis!"

***

Esse ano se findou; veio outro. Esse outro foi tão cheio de acontecimentos e imprevistos que encheu minha vida; vivi muito esse ano e os poucos cabelos pretos que me restavam, tornaram-se brancos. As rugas cresceram mais na minha face e continuei sem os dentes da frente porque o dinheiro que eu tinha reservado para isso foi gasto com a doença de Carlos. Em meio das minhas atribulações, levantava os olhos para o céu procurando encontrar alívio; sentia às vezes como se fosse levada por uma torrente; uma torrente tão impetuosa que, por mais que eu me debatesse e procurasse segurar em qualquer coisa para não ser arrastada, continuava a me levar, a me arrastar para não sei onde. Era um turbilhão que me puxava e eu dizia: “Nada mais importa agora porque o pior já aconteceu”. Mas não se deve dizer isso porque vemos depois que ainda pode ser “pior”, como aconteceu comigo.

O ano começou com uma alegre surpresa: Julinho veio passar três dias conosco para contar que ia casar com Maria Laura, a filha do patrão. Contou que desde que chegara ao Rio, gostara dela. Era ainda menina de Colégio e quando vinha nas férias, andavam sempre juntos. Nos domingos de sol, iam os dois para a praia e ficavam deitados sob um grande guarda-sol, listas brancas e verdes, fazendo projetos na areia. Depois nadavam lado a lado, em grandes braçadas para apostar quem nadava mais depressa e, quando voltavam e deitavam de novo na areia, riam alto, felizes de amor, a água escorrendo dos seus corpos molhados. Sempre se compreenderam muito bem; e agora que ela estava moça e ele firme na Loja, com um belo futuro à sua frente, queria que eu desse meu consentimento para o noivado; o casamento realizar-se-ia um ano depois.

Tirou da carteira com todo o cuidado, um retratinho da moça e me mostrou; era um rostinho mimoso e simpático. Nesse dia e no dia seguinte, até o momento de Julinho embarcar, só se falou no noivado e em Maria Laura. Embarcou de novo, dizendo que só voltaria casado e foi com minha bênção, sacudindo a mão no ar, a felicidade estampada em seu rosto risonho.

Uns tempos depois escreveu que estava noivo e toda a família da Maria Laura estava contente com o noivado; pensei em juntar dinheiro desse dia em diante para dar um bom presente de casamento ao meu Julinho.

Comecei a reparar que Isabel vinha muito tarde para casa; perguntei o que havia, e ela me respondeu que tinha serviço extra todos os dias.

Pedi a Carlos que investigasse e um dia ele me disse:

– Mamãe, Isabel está namorando outra vez.

– Não é possível, filho. Depois de tudo o que houve? Decerto não é o mesmo; não pode ser.

– É o mesmo sim. Conheço-o muito bem.
– O que vamos fazer então?

– Vamos chamá-la pela última vez e dizer umas boas verdades. Se não atender, que leve a breca. Não me importo mais; ela não é criança, tem vinte anos. Que diabo! Já é tempo de sabei" o que faz.

Nessa noite tivemos uma discussão tremenda com Isabel; a princípio ela ficou muda, olhando para o chão, os lábios apertados como quem está firme numa resolução, de pé, apoiada na mesa da sala de jantar. Depois levantou a cabeça e olhou para o irmão dizendo:

– Pois é. Você disse que eu tenho idade suficiente para saber o que faço ou o que quero fazer. Eu já disse o que eu quero, não é preciso repetir.
Foi então que dei uns passos para a frente e perguntei, trêmula:

– Isabel, veja bem o que está dizendo. Você passa por cima de tudo por causa desse homem? Reflita, minha filha.

Ela não respondeu e apertou mais os lábios; tornei a perguntar mais trêmula ainda:

– Quem você prefere, Isabel? Nós ou ele?
.
Ela continuou quieta, imóvel, os olhos baixos; só essa atitude já era uma confissão. Mas eu queria ouvir dos próprios lábios da minha filha o que eu sabia que ela ia dizer; insisti:

– Diga, Isabel. Precisa escolher. Quem você prefere? Não podemos viver assim.

Então ouvi nitidamente a voz de minha filha Isabel dizer:

– Vou me casar com Felício.

Todo o sangue fugiu do meu rosto e foi como se estivesse me afogando; Carlos apertou meu braço e disse:

– Que é isso, mamãe?

E virou-se impetuosamente para a irmã:

– Miserável ingrata! Então vá de uma vez. Não vê que mata nossa mãe?

E vibrou-lhe um tapa no rosto; ela deu uns passos para a frente com a mão no rosto e quis reagir, depois desistiu e saiu chorando da sala e dizendo:

– Você me paga. Detesto você. Odeio.

Fechou-se no quarto. Recriminei Carlos:

– Por que fez isso? Não adianta mais, meu filho. Deixe …

E fiz um gesto melancólico levantando os braços e deixando-os cair desalentadamente. Carlos começou a passear de um lado a outro na sala, nervoso, fumando:

– Olhe, mamãe. É inútil mesmo; lembra do que Alfredo disse uma vez? “É o mesmo que querer impedir a chuva de cair ou o vento de ventar”. Tudo é inútil; e é mesmo. Ele é quem tinha razão. Não podemos lutar contra essa força desgraçada.

E sentou-se ao meu lado, no sofá, passando o braço ao redor do meu pescoço, enquanto as lágrimas caíam, umedecendo minhas faces. Lutar como? O que mais poderíamos fazer?

Senti então nesse instante que tinha perdido para sempre minha filha Isabel. Era o amor que a chamava; tinha sido mais forte que tudo e ela atendera ao chamado. Não me pertencia mais.

***

Logo depois, um mês e meio talvez, Isabel saiu de casa para se casar. Não me disse nada, nem se despediu; uma tarde não voltou e mandou uma amiga me avisar que ficaria em casa da família dessa amiga. No dia seguinte, veio a mesma moça com um bilhete de Isabel pedindo o consentimento para o casamento; disse que não, sem ser na igreja, não. Nesse dia mesmo ela se casou e à tarde, a mãe da amiga veio me contar que recebera Isabel em sua casa porque não podia deixá-la na rua e mesmo sabendo que era contra minha vontade, fizera o casamento; do contrário seria pior. Agradeci tudo o que ela fez por minha filha e nem perguntei onde eles iam morar; a própria senhora me disse que iam ficar num apartamento pequeno perto da cidade e Isabel continuaria no emprego, pelo menos nos primeiros tempos. Procurou defender o rapaz dizendo que parecia boa pessoa e gostava muito de Isabel. Agradeci outra vez e ela partiu. Quando me vi só, fiquei parada no meio da sala de jantar, um turbilhão de pensamentos girando, desordenados. O que acontecera? Então eu ia ficando sozinha? Só me restava Carlos, o Calucho como chamávamos quando era pequeno? Como fora suceder isso? Será que alguém não viria também buscá-lo algum dia? O que seria de mim?

E à noite, quando ele voltou, ficamos nós dois em silêncio, um na frente do outro, na pequena copa que durante anos e anos tinha reunido toda a família à hora do jantar. No verão, um dizia: “Abra as janelas, está fazendo calor!” E no inverno outro pedia: “Feche a janela, está fazendo frio!”
E quantas estações assim se sucederam e eu ouvindo: Abra a janela e feche a janela! nessa pequena copa que ficava cheia quando todos estavam reunidos. Houve o tempo em que havia o Caçarola, o gato gordo e luzidio que à hora do jantar ficava sempre debaixo da mesa, pedindo um pedaço de carne; de vez em quando um dava alguma coisa e quando Caçarola insistente, começava a arranhar a perna de algum, eu ouvia: “Ah!
Caçarola, não tenho muito para dar. Vá esperar na cozinha”.

E mesmo nos dias em que a carne era pouca porque não tínhamos dinheiro, sempre davam algum pedacinho ao gato. Essas cenas estavam gravadas na minha lembrança como se estivessem escritas; nunca mais esqueceria.

Quando eram ainda pequenos e não tinham sido empolgados pelas paixões, como era diferente: juntinhos à minha volta, tagarelando enquanto comiam e fazendo planos para o dia seguinte. Para eles só existia o momento que passava ou o dia seguinte. E agora? Todos espalhados e com um destino diferente; não pensavam mais no dia seguinte, pensavam num futuro desconhecido e longínquo. Olhei Carlos; também não jantou. Talvez pensamentos iguais passassem pela sua cabeça. Disse de súbito:

– A senhora não deve ficar triste, mamãe. Isabel vai se arrepender.

– Mesmo que se arrependa, o que adianta? O mal está feito. O espinho que ela me cravou no peito, nunca mais me deixará.

– Mas ela vai voltar.

– Mesmo que volte, nunca poderei esquecer. Pensa que não dói, filho? Nunca pensei que minha única filha fosse se casar assim em casa alheia e contra nossa vontade. Como devem ser felizes as mães que casam suas filhas aprovando os casamentos. Quantas vezes sonhei com o vestido de noiva que havia de fazer para ela …

Ficamos novamente em silêncio na triste e pequena copa; uma inexprimível agonia se apoderou de mim. Estava cada dia mais velha e mais só. O relógio bateu horas na sala de jantar; até as badaladas nessa noite pareciam melancólicas e faziam um eco esquisito no silêncio da casa. Já não mais havia movimento; tudo quieto e calmo. As vozes alegres de outrora não repercutiam mais entre aquelas paredes; o vaivém, o bater das portas, o barulho da água correndo no lavatório da copa quando lavavam as mãos, os “até logo, mamãe”, os sinais de vida enfim de todos aqueles anos, haviam morrido. Parece que a morte rondava; só a morte é assim silenciosa, só ela traz essa quietude longa e profunda. Carlos levantou-se e ligou o rádio; ouvimos o “Doce mistério da vida” tocado por órgão. Ficamos ouvindo em silêncio, depois Carlos desligou e me disse que muitas vezes depois das refeições, sentia uma dorzinha no estômago. Fui fazer um chá que ele tomou antes de dormir; foi para o quarto e se fechou. Ouvi baterem de leve na porta da rua; era D. Genu. Já sabia do casamento de Isabel porque eu tinha contado por cima do muro durante o dia; veio então me confortar. Sentou-se ao meu lado, fungando e dizendo:

– Que desgosto! Filha única, D. Lola! Eu me lembro tanto dela quando era pequenina; parecia uma boneca. Muito gorda, muito mimosa, fazia covinhas quando ria. A senhora tanto fez por ela e agora se casa assim, sem sua licença, com o tal homem que a senhora não queria. Qual, D. Lola … os filhos … cada dia me desiludem mais. A Isabel … quem diria! A gente se sacrifica por eles, dá tudo, faz o que pode, morre por eles, e nada reconhecem. Nada. Eh! Mundo errado! D. Lola! Mundo errado! Lembra do jeito que Isabel me chamava quando era pequena? A senhora tinha se mudado para cá há pouco tempo e ela era pequena, podia ter uns seis anos, não? Subia na goiabeira e gritava: "D. Gevoveva, onde está a Lili? Quero brincar com a Lili". Ela me chamava de Gevoveva porque achava o nome engraçado; eu me lembro tão bem. Tão bonitinha … com as covinhas redondas …

As lágrimas que eu tinha retido durante muito tempo, correram pelas minhas faces e D. Genu me abraçou, desajeitada, os braços muito gordos rodeando meus ombros, chorando também com grandes soluços:

– Chore, D. Lola. Chore que desabafa.

– A senhora também está chorando? Aconteceu alguma coisa? Ela respirou profundamente, enxugou o rosto e respondeu, fungando:

– Não. Falar a verdade, choro pelos meus também e pelas vezes que não tive tempo de chorar. É tanta coisa que acontece na vida da gente! Nem sempre se tem tempo de pensar, mas hoje vendo a senhora tão triste, lembrei de tudo o que tem acontecido na minha família e me deu vontade de chorar também; é como diz o povo: Desgraça pouca é bobagem.

Ficamos um pouco mais calmas, depois eu repeti:

– Isabel me cravou um espinho no peito, D. Genu. E esse espinho nunca mais sairá, tenho certeza.

– E quantos espinhos a senhora pensa que eu tenho, D. Lola? A senhora queixa de um e eu? Olhe o casamento da Joca, quase morri. Depois quando o filhinho da Leonor morreu, lembra? A Leonor se abraçava comigo e gritava: "Mamãe, eu morro! É uma dor que eu não agüento, mamãe! Me acuda pelo amor de Deus!"

Aquilo é que foi sofrimento; e como eu queria bem àquela criança! Só me chamava de Vozinha. E custou a Leonor serenar; foi uma vida pra ela esquecer aquele filho. Agora é o casamento dessa última que está encrencado; dizem que o moço é direito, mas não resolve nada. Vivem os dois pra baixo e pra cima, sempre sozinhos. Eu já disse: Qualquer dia há um barulho, aí não venha pra meu lado que é pior. Tudo isso são espinhos, D. Lola, e minha vida está cheia deles. Cheinha.

Paramos de falar e ouvimos o relógio bater as horas; ela se levantou para sair dizendo que os pobres precisam levantar cedo para agüentar o repuxo, e só levanta cedo quem dorme cedo. Foi embora e fiquei só de novo. Então vagarosamente fui fechar a casa, ouvindo as vozes dos meus filhos nos meus ouvidos. Eles falavam e riam como se estivessem todos ali e não faltasse nenhum. Não. Eles não me haviam abandonado, como eu pensara, estavam todos comigo, todos. O riso, a voz, o modo de falar de cada um estavam guardados no meu coração; o tempo podia passar, o relógio marcar as horas inexoráveis e cruéis, as noites sucederem aos dias, as estações passarem uma por uma, tudo podia se extinguir e morrer, mas a lembrança de cada um viveria comigo até a morte, inextinguivelmente.

***

Nos dias que se seguiram Carlos continuou a se queixar de uma dorzinha no estômago, muito longe, muito funda. O médico que o examinou disse que era um princípio de úlcera e com dieta e regime, ficaria bom.

Lembrei dos espinhos de D. Genu; eu também estava ficando cheia deles. Carlos começou o tratamento e logo se sentiu melhor. No meio do ano, num dia de julho muitofrio e escuro, tive uma grande encomenda de doces. Levantei de madrugada e trabalhei sem cessar até duas horas da tarde; comi então alguma coisa ali mesmo de pé quando ouvi alguém vir entrando; pensei que era D. Genu ou uma das filhas que viesse com algum recado.

Inclinei-me para ver as “Silvia’s cakes” que estavam no forno, assando; de repente ouvi uma voz forte atrás de mim:

– Alô, D. Lola. Como vai? Não olhei imediatamente e pensei: “Creio que estou ficando louca, pois estou ouvindo a voz do meu filho que está tão longe, lá pela América do Norte …”

E voltei devagar a cabeça para a porta da cozinha; meu coração deu um soco no peito; Alfredo estava no vão da porta, olhando para mim e rindo com alegria. Caímos então nos braços um do outro; ri para disfarçar a vontade de chorar; depois senti as pernas tão bambas que precisei sentar-me. Alfredo sentou-se no banquinho ao meu lado e começou a contar as façanhas das viagens e da vida que levara. Mas eu não ouvia o que ele contava; ouvia mas não compreendia. A surpresa tinha sido demasiada. Não tirava os olhos do filho que estivera ausente tanto tempo e parecia um sonho vê-lo ali de novo ao meu lado, falando e rindo. Então devagar, muito devagarinho, segurei-lhe as duas mãos; acariciei-as. Eram fortes e grossas. Depois apalpei-lhe os braços e o rosto, muito de leve, aquele rosto tão querido que eu não via há tanto tempo. Então chorei, dizendo:

– Ah! Meu filhinho! Que felicidade!

Alfredo pôs as duas mãos sobre meus ombros e procurou rir:

– Ora, mamãe! O que é isso? Está chorando?

E chorou também, um choro triste e sentido.

Percebi de repente um cheiro de queimado e corri a abrir o forno; as “Silvias” estavam torradas. Ele me auxiliou então a tirar os tabuleiros do forno e rimos juntos enquanto atirávamos fora a massa queimada. Disse depois a Alfredo: “Vá falando enquanto eu trabalho.” E fiz tudo de novo.

À noite, Carlos levou um susto:

– Então o filho pródigo voltou?

Ele respondeu:

– Apenas por dois dias; o navio segue viagem na quinta-feira.

Perguntei:

– Então vai voltar filho? Por que não fica conosco?

Ele tirou um cachimbo do bolso, bateu-o na palma da mão, encheu-o de fumo e acendeu dizendo:

– Um bom marinheiro precisa gostar do cachimbo.

E voltou-se para mim:

– Tenho de voltar, mamãe. Estou engajado na Marinha americana; e tenho viajado muito. Gosto que a senhora não imagina.

E assoprou uma grande fumarada para cima.

Nessa noite, Carlos, Alfredo e eu conversamos longamente; Carlos dizia:

– Afinal não estivemos juntos depois da sua façanha aqui. Mentiu para nós que era socialista, hein? É pior que isso: Comunista!

Alfredo riu:

– Ora, você ainda volta ao assunto? O que tem com isso, rapaz? Sou maior e faço o que entendo, não dou satisfações.

Fez uma pausa e perguntou:
– Perturba você que eu seja isto ou aquilo? Estou tirando sua paz? Estou arrancando você do seu bom sono burguês?

Carlos apertou os lábios com desprezo:

– Prefiro meu sono burguês, prefiro morrer burguês, tudo a viver de terra em terra pregando um credo errado, perseguido pela polícia. Um dia você há de compreender que o ideal que procura não está onde pensa, está na vida burguesa que levamos.

Alfredo tirou o cachimbo da boca e deu uma gargalhada:

– Deus me livre viver sentado o dia inteiro na frente de uma mesa, lidando com papéis, escrevendo, tendo hora certa para almoçar, para jantar, para ir para a

casa. Não nasci para viver assim, isso me sufoca. Nasci para lutar, para mudar de ambiente, para semear idéias …

– Para fazer castelos no ar …

– Talvez.

Fez uma pausa e tornou a falar:

– Prefiro os castelos no ar; que desmoronem um dia, mas não levarei vida parada como água podre. Gosto da água corrente.

Falei:

– Alfredo, que pena você gostar dessa vida que eu não compreendo. Podíamos ser tão felizes aqui; uma vida calma. Podia-se arranjar um bom emprego, não é, Carlos? Que bom se você quisesse, meu filho … Havíamos de ser tão felizes. Não acha que a felicidade está na paz dessa vida caseira e pacata? Ir para o emprego, voltar, conversar com um amigo, ir ao cinema, ter tudo equilibrado, consciência tranqüila, depois casar, criar os filhos da mesma forma como criei vocês … Tudo quieto e bom. Lutar para quê, filho? Gosta de viajar, de ver cidades? Economize, um dia poderá viajar sossegado, mas não assim, como marinheiro. São castelos no ar, como disse Carlos.

– Gosto da vida de marinheiro, gosto das minhas idéias e nunca serei rico. Não posso levar a vida que a senhora quer. Está no meu sangue, não posso tirar. Algum dos meus antepassados foi lutador, com certeza.

Tornou a encher o cachimbo devagar; Carlos falou:

– Acaba um dia na mão da polícia ou então com uma bala nas costas; assim acabam os lutadores.

Alfredo sacudiu os ombros com displicência:

– Que seja assim, não será você. Serei eu.

Falei:

– Você me abandona então, Alfredo? Não volta mais?

Ele me olhou com olhar enigmático:

– Não abandono a senhora; voltarei sempre que puder. Não estou aqui? Mas não me peça para ficar sempre, não posso.

Carlos perguntou com ironia:

– Vai pregar pelo mundo suas idéias comunistas? Quanto vai ganhar?

– Não vou para ganhar, vou por um ideal. Sorriu:

– Burguês só pensa no dinheiro: “Quanto vai ganhar?” Tem graça!

Carlos estendeu as pernas e colocou-as sobre a cadeira da frente; murmurou calmamente:

– Como é bom ser burguês!

Fizeram uma pausa; Carlos continuou:

– Você nasceu com tendências revolucionárias; é um eterno revoltado contra os dominadores e a propriedade. Em todas as idades tem havido a classe dominante, tem havido o rico e o pobre. Como pode igualar a humanidade? Não está vendo que é uma utopia? Um problema insolúvel?

Alfredo reagiu protestando:

– Como insolúvel? E a Rússia? E os próprios países socialistas? Você não sabe o que está falando.

– E você sabe o que se passa na Rússia? Já esteve lá? Já viu de perto essa organização? Tudo é deficiente, é incerto, é desequilíbrio. Não sabe que os

dominadores da Rússia atual são tão autocratas como os velhos imperadores? Meu Deus, como você está errado!
Alfredo bateu o cachimbo na palma da mão:

– Escute, Carlos, estamos muito distanciados um do outro e nunca nos compreenderemos. Você não entende minha teoria, não compreende o que sinto. Tenho amigos pobres e inteligentes, tão inteligentes que sofrem porque não têm o que gostariam de ter: bons livros, meios para estudar, boa música. Eles não têm meios para alcançar esses livros, essa música, e eu acho que o mundo está errado porque os que têm tudo isso, não dão o mínimo valor, até desprezam muitas vezes a arte porque não estão na altura de compreendê-la. É isso que me revolta, me sufoca, ver essa desigualdade, essa indiferença dos ricos que têm tudo e não se importam com os pobres que não têm nada. Não falo dos bens materiais, boas roupas, automóvel, casa, boa mesa, dinheiro. Não. Falo da vida espiritual, proporcionar os meios para os rapazes pobres que lutam e dão duro para ganhar uma miséria, terem um pouco de vida do espírito … poderem se desenvolver, e se instruírem … Eles querem, mas não podem. E sofrem a vida toda.

Carlos se levantou e começou a passear de um lado para outro:

– E você pensa que com suas teorias consegue endireitar o que está errado? Aí que está o maior erro. Estou vendo que muita coisa não está certa, mas não somos nós, pobre humanidade, que vamos consertar. O erro vem de longe. Essas teorias marxistas são velhas como o mundo e o que tem o mundo conseguido até agora? Revoluções para depois voltar ao mesmo ponto. Desista, Alfredo, enquanto é tempo. O que pretende vivendo metido dentro do comunismo? Tem aspirações?

– Não. Não pretendo nada.

– Então é comunista assim como podia ser padre ou vender verduras? Por bonito?

– Não. Por vocação.

– Está convencido de que está no caminho certo?

– Não estou convencido de nada, Carlos. Já disse que gosto disso e ninguém me tira. É inútil discutir.

Levantou-se também e foi bater o cachimbo na beira da janela; Carlos sentou-se e ficou imóvel, em silêncio. Olhei Alfredo; sorriu para mim como quando era criança e queria conseguir alguma coisa. Vi que seus dentes já não eram belos; havia um ou dois escuros na frente e faltava outro que quebrara na briga. Tudo mostrava que sua vida tinha sido áspera. Estava queimado, roupas velhas, mãos muito grossas, mas era bonito assim mesmo. Muito bonito. Os cabelos alourados um pouco revoltos, os olhos castanhos e brilhantes, alto e forte. Ficou impassível quando contei mais tarde do noivado de Julinho e do casamento de Isabel. Ficava minutos sem dizer nada, os olhos perdidos em recordações. Perguntei por que não tinha roupas melhores, aquela estava suja e gasta. Disse que o dinheiro não era muito, a vida era dura, mas gostava daquilo. Se quisessem que mudasse de vida, tirariam o ar que respirava. Precisava ver sempre lugares novos, paisagens múltiplas e paixões. Só assim era feliz. Ficar a vida inteira na mesma casa, na mesma rua, na mesma cidade, sufocava. Levava na alma o sabor da aventura, do perigo, do desconhecido. Disse que um marinheiro tinha que gostar da bebida, do jogo e da briga, senão não era marinheiro, e ele gostava disso tudo. Falava com voz forte e dava grandes risadas. Carlos perguntou bem mais tarde:

– Então nada mudará a sua resolução?

– Nada.

Carlos sacudiu a cabeça:

– Está bem; desejo felicidades e que encontre seu ideal sem tropeços e sem desilusões.

Alfredo sorriu, como fazia sempre ao ouvir palavras irônicas. Carlos recolheu-se ao quarto e comecei a fechar a casa auxiliada por Alfredo.

No dia seguinte, fui a Caixa Econômica, tirei as minguadas economias que estava guardando para arrumar meus dentes e dei a ele para comprar roupa e calçado. Despediuse de Carlos na hora do almoço e às quatro horas, me abraçou despedindo-se também. Pedi que desse sempre notícias, prometeu. Contou no último instante que iria muito longe não sabia quando voltaria. Perguntei:

– Europa?

Levantou os braços para cima:

– Mais longe, mais longe …

– África?

Levantou mais os braços:

– Mais longe ainda …

– Então no fim do mundo?

– Talvez, mamãe. Vou à Austrália, China, nem sei onde, por aí … Mostrou o espaço diante de nós e sorriu.

Perguntei:

– Mas se você é marinheiro, não é comunista, é?
Retrucou rindo:

– Não vamos falar nisso agora, mamãe. Está na hora. Adeus.

Tornei a perguntar:

– Não terá saudades da sua terra? Da sua gente? Sempre num meio estranho, entre gente estranha, falando outras línguas. E se ficar doente, filho?

– Por que hei de ficar doente? E se ficar, ou saro ou morro. Isso em qualquer parte. A palavra saudade está riscada do meu vocabulário há muito tempo, é uma palavra imprópria para esta geração, imprópria para os homens fortes e eu sou um homem forte, mamãe. Sou homem do mar.

Sorriu novamente. Depois tirou o cachimbo do bolso, o saquinho de fumo do outro bolso e lentamente começou a encher o cachimbo. Observei-o. Seria esse o

filho que eu tinha criado? Seria mesmo meu filho? O filho que eu havia amamentado e acalentado? Esse homem forte, louro e grande que estava na minha frente falando uma linguagem esquisita, com idéias esquisitas, não era meu filho, não podia ser. O meu era bom, simples, amoroso, cheio de carinhos para a mãe velha; era aquele que trazia presentinhos e me abraçava sorrindo dizendo: “D. Lola!”. Era o meu filhinho muito amado e sua imagem estava gravada no meu coração. Era o que me pedia conselhos e me dizia quando era pequenino: “Mãezinha, quando eu for grande, a senhora vai morar comigo”. E quando era moço me dizia: “Mamãe, quando eu for rico, a senhora virá morar comigo no palacete e terá um automóvel grande com chofer preto, o Benedito. Que tal, D. Lola?”

Não, esse não era meu filho; esse trazia cicatrizes de brigas no rosto, faltavam-lhe os belos dentes; esse bebia, jogava, fumava cachimbo e dizia que não conhecia a saudade. Não era meu filho. O meu estava no coração; era o filhinho louro que me abraçava sorrindo, e me queria bem; era aquele que não podia viver sem mim e me pedia dinheiro todos os dias; era um que sabia pedir e sabia sorrir ternamente. O sorriso desse homem grande que estava na minha frente era um sorriso amargo, forçado, torcido. Um sorriso desiludido das pessoas que já viveram muito e muito sofreram; tanto podia ser um sorriso como uma contração. Eu tinha me enganado quando pensara que ele havia sorrido como quando era criança. Não. O ideal podia arrastar o homem grande para longe de mim porque o pequenino ficaria sempre, nunca me abandonaria. Senti uns braços fortes sobre meus ombros e o cheiro da fumaça do cachimbo encher a sala toda: uma voz grossa me disse:

– Então eu vou, mamãe. Adeus.

Apertou-me com força, olhou meu rosto um instante e foi embora sem olhar para trás, gingando o corpo como os homens do mar, dando passos largos e firmes.

Pressenti que nunca mais o veria e gritei:

– Escreva sempre, Alfredo.

Sem se voltar, ele levantou um braço num gesto de aquiescência e passando pelo jardinzinho, alcançou a calçada sem fechar o portão. Gritei de novo:

– Não vá, meu filho. Volte, Alfredo. Meu filhinho!

Mas ele não me ouviu, estava longe. Dei uns passos e sentando-me na velha cadeira de balanço da sala de jantar ouvi o relógio bater cinco horas. Fiquei então imóvel ouvindo apenas o leve tique-taque enquanto foi se fazendo escuro à minha volta e percebi que já era noite. Não me levantei para acender as luzes. Para quê? Tudo era escuro e sombrio na minha vida e não era a luz que iria clarear minha solidão. Mais tarde percebi os passos de Carlos e sua voz dizendo:

– O que é isso, mamãe? No escuro?

E acendeu a luz. Perguntou:

– O filho pródigo foi de novo?

– Foi.

Ele passou a mão pela testa lentamente:

– Alfredo foi sempre um camarada esquisito. Lembra, mamãe? Desde pequeno foi diferente dos outros. Papai dizia que ele tinha o coração fechado. Lembra?

– Lembro.

Perguntei se ele queria jantar, disse que não, ia jantar na cidade com um amigo. Ele me olhou interrogadoramente:

– Por que não vai ao cinema, mamãe? Convide D. Genu e vá se distrair um pouco. Não fique sozinha em casa que é pior. Fica pensando em coisas tristes que não vão nem vêm.
Saia um pouco.

Trocou a roupa, voltou do banheiro com os cabelos bem lisos e perfumados. Passou rapidamente por mim dizendo que estava atrasado e levaria a chave. Disse “até logo, mamãe”. Só o leve perfume ficou no ar.

A casa ficou num grande silêncio. Lembrei de Alfredo. O ideal o chamara e ele não resistira ao chamado. Era como um apelo imperioso e irresistível que o atraía e o arrastava para longe de mim. Assim meu filho Alfredo partiu em busca de um ideal e nunca mais voltou. Foi para sempre.

***

Uns dias depois Carlos tornou a dizer logo de manhã:

– Mamãe, a dorzinha voltou. Não fiz nada de mais, não comi nada que pudesse fazer mal e no entanto acordei de noite com a dor no estômago. Não sei que diabo eu tenho.

Passou uns tempos fazendo regime e tornou a melhorar; esqueceu a dor. Mas eu não esqueci; pensava no pai que começara assim também. E passava horas de insônia pensando na dorzinha de Carlos. Um mês depois, Julinho me surpreendeu na cozinha; assustei-me:

– O que é isso, Julinho? Você por aqui? O que aconteceu?

– Vim a negócio, mamãe. Vai tudo bem e meu casamento está marcado para janeiro. Quero que a senhora seja a madrinha.

Pensei logo nas despesas que teria com vestido, viagem e outras coisas. Ele não me deixou responder; bateu ligeiramente nas minhas costas:

– Só que precisa pôr os dentes que faltam, mamãe. Quero que minha mãe vá bem bonita. Por que não tratou disso?

– Porque para isso é preciso dinheiro e o dinheiro não sobra aqui, você sabe.

Sentamos na mesa para tomar café e ele continuou animado:
– Mas para o meu casamento é preciso dar um jeito. Eu ajudo a senhora e pago a metade das despesas. Peça um orçamento ao dentista e me diga em quanto fica.

Agradeci dizendo que ia pensar nisso e perguntei qual era o negócio que o trouxera a São Paulo. Julinho passou o guardanapo nos lábios lentamente, depois tirou um cigarro da carteira, acendeu-o e olhando para mim, falou:

– Vim propor um negócio à senhora. Meu futuro sogro quer me dar interesse na casa, mas quer que eu entre com cinqüenta contos no mínimo. Eu acho que vale a pena porque a loja vai bem, cada vez melhor. Tem prosperado muito ultimamente. Creio que terá um belo futuro e meu sogro tem mesmo idéias de ampliar mais tarde, comprar uma casa velha que há ao lado e aumentar a loja.

Fez uma pausa, deixou a cinza do cigarro cair no pires que estava na frente e me olhou falando de novo:

– Lembrei então desta casa; a senhora não quer vendê-la e me emprestar o dinheiro? Eu emprego o dinheiro na loja e darei os juros à senhora. Que necessidade tem de uma casa tão grande? Agora que está quase só e sobrando aqui dentro, acho melhor ir para uma casa menor e viver dos juros. Que tal? Arranja a minha vida e a senhora não fica prejudicada.

Concordei imediatamente e senti-me feliz de poder auxiliar Julinho. Quando Carlos chegou para almoçar, contamos a ele que concordou também; fizemos então todos os planos para o negócio. Só então me lembrei de que ia perder minha querida e velha casa, mas nada disse.

Sorri comigo mesma; para um filho eu me sacrificaria. Como não? E seria mesmo um sacrifício? Não era como Julinho dissera: “A casa é grande demais para a senhora, por que ficar sobrando aqui dentro?” Uma casa menor seria melhor, daria menos trabalho e podia ser tão boa como aquela. Não era sacrifício. E depois, pelos filhos, tudo eu faria. À noite, ao jantar, Julinho falou novamente sobre meus dentes. Perguntou a Carlos:

– Não acha, Carlos, que fica feio mamãe ir assistir a meu casamento sem os dentes da frente? Ainda mais como madrinha!

Carlos riu:
– Não são bem da frente, são do lado. Há tanto tempo vejo minha mãe assim que nem reparo mais. Eu já disse para ela tratar que pago a metade.

Julinho retrucou:

– Então somos dois. Eu também ajudo.

Prometi tratar dos dentes o mais depressa possível e à noite, Julinho embarcou de novo para o Rio; na hora do embarque, me deu uma nota de cem mil-réis para auxiliar o tratamento dos dentes. Carlos e eu ficamos pensando no novo rumo que tomariam nossas vidas deixando a casa onde tínhamos vivido durante tanto tempo.

Eu mesma fui tratar do negócio porque Carlos continuou a se queixar da dorzinha; pedi ao corretor que vendesse a casa o mais breve possível porque Julinho tinha pressa do dinheiro e tratei de procurar uma casa pequena e barata para nós. Logo na primeira semana, apareceram algumas pessoas interessadas, mas todas diziam que a casa estava velha e não valia grande coisa, talvez só valesse pelo terreno. É verdade que não era grande e tinha apenas duas janelas na frente, mas eu a queria tanto e os anos de luta e sacrifício que atravessara para pagá-la estavam impregnados nas suas velhas paredes. O corretor dizia com um cigarro no canto da boca, meio dependurado:
– Se não tivessem pressa, esta casa alcançaria um bom preço. Eu podia pegar mais de cinqüenta contos. Mas com pressa não se arranja grande coisa, temos que nos sujeitar ao preço que quiserem dar. Talvez não alcance nem cinqüenta.

No fim de vinte e tantos dias, depois de muita gente ter visto a casa, apareceu um comprador que dava 48 contos à vista, nem um vintém mais. E como Julinho tinha pressa, fizemos o negócio. Escrevi ao Rio contando e Julinho respondeu: “Podia ser melhor, mas serve assim mesmo”.

Depois disso tivemos trinta dias para deixar a casa; foi então que qualquer coisa começou a doer no meu peito. Sentia uma ansiedade como se o coração fosse sufocar; aquela casa representava anos de sofrimento, de trabalhos, de meses sem sobremesa, sapatos furados na sola sem poder mandar consertar, de trabalheira fazendo doces e salgados para vender. Salgados e doces. “Cinco dúzias de bom-bocados para entregar antes das cinco horas. Meu Deus, terei tempo? E o bolo de noiva? Tenho que fazer outro, não ficou bom, parece que ficou pesado. O que seria?” E levantar de madrugada para entregar outra encomenda no dia seguinte. O que mesmo? Salgados. Empadinhas e croquetes. Que correria! Noites de frio porque não havia cobertores, nem dinheiro para comprá-los. O conselho de D. Genu: “Ponha tijolos quentes na cama das crianças senão eles não dormem, coitados”.

Um dia ou uma noite, o tijolo quente queimou o melhor lençol. Paciência. E quando pediam duzentos réis para comprar balas e eu dizia: “Precisamos economizar, meu filho. Temos a casa para pagar; depois darei o que você quiser”. Perguntavam muitas vezes: “Mamãe, já pagamos a casa? Eu queria tanto uma coisa!” “O quê?” “Uma bola de futebol”. “Espere mais tempo, um dia darei”. Ou então, Alfredo sentado na porta da cozinha, um ar triste: “O que você tem, meu filho-?” “Se ao menos tivéssemos pago a casa!” “Por quê?” “Queria tanto ir a Santos, só um dia, para ver o mar!” Depois a tranqüilidade, a casa paga, o alívio. Finalmente!

E agora tinha de deixá-la. Não era mais nossa. Mas a vida é assim mesmo, cheia de altos e baixos. Quem disse que não é?

O dinheiro seguiu para o Rio e nessa mesma semana, encontrei uma casa no fim da Barra Funda; dois quartinhos, uma sala, banheiro e cozinha. Tratamos da mudança. E na véspera despedi-me das vizinhas. Depois que Carlos se fechou no quarto, fui então dizer adeus à casa. Reparei que quase todos os trincos estavam quebrados e muitas janelas sem vidraças. A pintura também estava descascada; sentei-me num caixão cheio de livros e recapitulei toda a minha vida. Olhei tudo; ali havíamos passado horas e horas todas as noites depois do jantar. Cada um contava o que tinha feito; ali conversávamos, e fazíamos nossos planos. Havia tanto de nós mesmos naquela sala; parece que um pedacinho de cada um ficava encerrado entre aquelas paredes. Passei as mãos por elas, mansamente. Por que ser sentimental? Pensei quanto deve ser feliz esta geração que não conhece a saudade, como disse Alfredo. Fui para meu quarto e deitei-me; quem diz de dormir? Até tarde vivi toda nossa vida na velha casa.
No dia seguinte bem cedo, entrei num automóvel com Carlos e partimos. Tinha os olhos secos como se tivessem poeira e, nenhuma vez sequer, olhei para trás.

XVI

MAIS uma vez chegou o fim do ano e mais um Natal se passou. Carlos e eu jantamos sozinhos na casinha da Barra Funda; disse-lhe que convidasse uns amigos, mas ele estava com a saúde tão alterada que não quis. Cada vez mais magro e pálido.

Começamos a nos preparar para o casamento de Julinho que estava marcado para o dia 25 de janeiro; resolvemos seguir dia 20 para o Rio. Tratei dos dentes, fiz um vestido preto com um peitinho de renda branca, comprei um chapéu de feltro enfeitado com uma asa branca, comprei luvas e até uma bolsa nova. Reunimos nossas economias e compramos para os noivos um bonito aparelho de jantar; custou caro. Era de porcelana inglesa, creme com um raminho de flores sobressaindo no fundo. Além disso Carlos disse que ia dar uma carteira de couro que comprara numa liquidação e eu resolvi dar meu broche de bandolim escrito "Roma" para Maria Laura. Depois de tudo pronto, pedimos à D. Genu uma mala emprestada porque não valia a pena comprar uma só para a viagem e justamente na véspera da viagem tive uma grande cólica de fígado. Foi tão forte que Carlos chamou o médico; tive febre e passei muito mal. Carlos deixou para embarcar dia 23, mas nem nesse dia consegui me levantar, então ele partiu sozinho e foi assim que não assisti ao casamento do meu filho Julinho.

Passei dia 25 na cama e dia 26, quando ele voltou, ainda me encontrou muito abatida. Disse que o casamento fora uma beleza e que Maria Laura era uma mocinha bonita e ficara muito contente com os presentes. Mandaram uma caixa de sapatos cheia de doces da festa; o retrato do casamento viria depois. Contou que o casal ia morar num apartamento muito bonito no Leblon e que o sogro tinha dado quase toda a mobília; a do quarto era linda, moderna, cheia de espelhos. Terminou dizendo:

– A senhora precisa ver como seu filho está importante, mamãe! Qualquer dia vem nos visitar de automóvel.

– O quê? Tem automóvel?

– Não ainda, mas vai comprar logo. Os pais dela são ricos e Julinho vai ficar rico também. Vai ver.

Pensei nesse momento que tinha feito bem em não impedir a ida dele para o Rio alguns anos antes. Sorri alegremente com esse pensamento.

Fiquei logo boa e recomecei meus afazeres; não tinha muita encomenda porque morava longe e não tinha telefone. Um mês depois recebi uma carta de Julinho pedindo para eu ter paciência, mas em vez de me mandar 480 $000 dos juros, mandaria só 400 $000 por enquanto; estava ainda endividado por causa do casamento e mais tarde, quando estivesse mais folgado, enviaria os juros atrasados. Concordei e me senti disposta a trabalhar enquanto tivesse forças; não seriam 80 $000 por mês que iriam me fazer falta.

Continuei a trabalhar e com isso foi passando o tempo; mas durante o ano todo Carlos não se sentiu muito bem. Apesar do tratamento e do regime, continuava a ter sempre a dorzinha. Julinho escrevia de vez em quando dizendo que viria logo nos visitar com Maria Laura; recebi apenas um cartão de Alfredo vindo de muito longe, e de Isabel, nenhuma notícia.

D. Genu aparecia de vez em quando na casinha da Barra Funda; chegava cansada, fungando, cada vez mais gorda e mais velha, dizendo:

– A distância é longa, mas a amizade é mais longa ainda.

Esfregava os dedos um no outro:

– Amizade que vem de longe, do tempo em que eles eram crianças … amizade assim não se despreza.

Sentava-se gemendo na cadeira mais próxima e eu ao lado dela, conversávamos sobre os filhos, sobre o passado, e sobre a vizinhança da Avenida Angélica. Ela dizia, enxugando o rosto do suor:

– Lembra a ricaça da esquina? Aquela da esquina de baixo? A gorda orgulhosa que de vez em quando encomendava doces pra senhora?

– Ah! Sei, sei.

Ela continuava, contente, animada, contando nos dedos, o rosto sorridente onde os olhinhos brilhavam:

– Pois a filha mais velha separou do marido e está lá com duas crianças; o filho, aquele sem-vergonha de bigodinho, casou à toa com uma moça com quem ele já vivia e não é grande coisa; o marido dela depois de velho deu para piratear e anda pintando, diz que nem dorme mais em casa, vive com uma mocinha que tirou não sei de onde. Por cima de tudo isso, ela anda doente, diabética.

Olhei D. Genu vendo a maldade ressumando por todos os seus poros, ela que para mim era tão boa. Continuou com animação:

– O que adianta orgulho? Pra que orgulho? Orgulho é pra cachorro, eu já disse. Ela passava perto de mim que nem respirava de orgulhosa, com os quadris balançando de tanta pose. Entrava no automóvel preto e falava com o chofer quase sem abrir a boca, decerto de medo que a gente ouvisse o que falava, ou então pra não entrar mosca na boca, e quando o automóvel começava a deslizar, ela levantava a cabeça assim, que nem cavalo quando sacode o freio. Nem olhava para os lados como quem diz: “não ligo pra essa gentalha”. Danada de ter por vizinhança uma gente pobre como nós. E lá ia ela, a burra.
Gente orgulhosa assim é burra, D. Lola. Me diga uma coisa: O que não se perde neste mundo? Tudo se perde.

Começou outra vez a contar nos dedos:

– O dinheiro, a honra, o nome, o marido, os filhos, a mocidade, a beleza, os cabelos, os dentes, a vista, o ouvido … O que mais? Os bens terrenos como a casa que a gente gosta, as jóias, o gato de estimação, a mobília, mãe, pai, irmãos, amigos. Não se pode perder tudo? Até uma perna ou um braço a gente pode perder na hora de atravessar uma rua. Tudo o que a gente mais quer bem, perde. Por que orgulho então? Orgulho é pra gente besta, prós burros, já disse. A senhora não perdeu Isabel? E não era sua única filha tão mimada?

Fez uma pausa, baixou mais a voz e perguntou, curiosa:

– Não teve mais notícias dela, D. Lola? Como irá na vida nova?

– Nada, D. Genu. Não tive mais notícias dela depois do casamento. Também não pergunto.

– Faz muito bem de não perguntar, D. Lola. Ora esta! Ela que deve procurar a senhora. Ingrata! Filho é assim mesmo. Depois que se vê criado, dá o fora. Já estou acostumada. E Alfredo? Teve mais notícias?

– Mandou um cartão de muito longe, um lugar que eu nunca ouvi falar; só diz: “Vou bem, mamãe. Abraços”.

Ficamos quietas um instante; tornei a falar:

– Esse também está tão diferente, D. Genu. A última vez que esteve em casa, lembra-se? Só falava nas viagens, nas brigas que tinha tido nos portos de mar, brigas à-toa por causa de mulheres vagabundas. Estava tão diferente! As mãos muito grossas, grandes, nunca tinha reparado que ele tinha mãos assim grandes; depois calosas, cheias de nós. Fumando cachimbo o tempo todo, disse que um bom marinheiro tem que gostar de cachimbo; e uma fumaça tão forte que depois que ele foi embora, até tarde da noite, a sala estava cheirando aquela fumaça fedida. Parecia que ele ainda estava lá. E falava tão diferente de nós, uma linguagem decerto usada só por marinheiros.

D. Genu me interrompeu:

Mas está um homão. Bonito e desempenado, forte como ele só. Gosto de homem assim. Machão. Meteu-se aí pelo mundo cavando a vida no duro, sem medo de nada, sabendo o que quer. Disse assim pra mim: “Olhe D. Genu, eu gosto desta vida e pronto, ninguém tem nada com isso, não acha? Estou pedindo alguma coisa pros outros? Só tenho dó de mamãe, mas tem os outros pra ficar com ela”. Gosto de gente assim decidida, sabe o que quer. Olhe o marido da Joca, já viu um diabo molenga, assim? Muda de emprego, vai pra lá, vai pra cá, indeciso, um dia vai pró Norte, outro dia vai pró Sul, Deus me livre gente assim. A família é que sofre, coitada.

Levantei-me para fazer um café e disse:

– Vamos para a cozinha e continuamos a conversar enquanto eu preparo um cafezinho.

Ela me acompanhou gemendo e se queixando; tornei a falar:

– Olhe, D. Genu, quando à senhora enumerou tudo que se pode perder, esqueceu o que para mim é mais importante e eu já perdi há muito tempo.

Ela parou para me olhar, os olhinhos brilhantes fixos no meu rosto:

– A saúde, D. Genu, a saúde …

Ela continuou a andar e levantou os ombros num gesto de pouco caso:

– Ché, há tanto tempo ela me deixou que esqueci a diaba. Bandida. Para mim é também a primeira coisa. E todo o dinheiro dos ricos não afasta a doença quando ela tem que vir. Não tem perigo! Quantos ricos por aí não dariam tudo o que têm para terem saúde?

Sentou-se, suspirou fundo e continuou:

– Não diga que a senhora já perdeu a saúde, a senhora está ainda sacudida, fazendo seus quitutes, lidando na casa, mexendo pra cá e pra lá. Eu é que não presto mais, já dei o que tinha de dar. Bananeira que já deu cacho, precisa cortar. Tou pronta. Já disse pras minhas filhas: Na hora que a Parca vier – não é Parca que se diz? – pode vir. Na hora que vier, estou esperando. Já vivi muito, já sofri, estou cansada de ver porcarias e ingratidões. Chega. O mundo está cheio disso. Vamos ver o outro, quem sabe é melhor que este.

Inclinou-se para espiar pela porta da cozinha:

Ih! Parece que vem chuva, o céu está negrejando. Preciso tratar de ir embora. E o Julinho que casou, hein? Qualquer dia está a senhora de neto. O Julinho está bem, casou com a filha do patrão, está feito na vida. Está rico. Quem sabe a senhora ainda vai morar no Rio de Janeiro. E nós ficamos aqui com água na boca, chuchando …

– Não. Não deixo meu canto, D. Genu. Se eu fosse morar com algum filho, talvez fosse com o Carlos, me entendo mais com o gênio dele, estou mais acostumada. Mas não adianta fazer esses planos porque se ele casa com uma

moça de gênio esquisito, estou eu sozinha. Nunca dá certo morar com nora. Tome o café enquanto está quentinho.

D. Genu estalou a língua e bebeu um grande gole:

– Seu café tem fama, sempre gostei dele. Não é todo o mundo que sabe fazer café. Será que a Isabel vai ficar a vida inteira afastada da senhora? Pensei que ela tivesse mais juízo. Parecia tão sensata, tão estudiosa; foi encontrar esse porqueira de homem só pra dar desgosto à família. Os homens têm lábia; a coitada foi na onda …

– Também se não me procurar, pode ficar por lá. Não quero mais. saber dela, me abandonou.

– Qual o que, D. Lola. A senhora fala isso da boca pra fora; o dia que ela aparecer por aqui com aquele jeitinho: “Mamãe, tive tanta saudade da senhora …” Acabou-se tudo, vai por água abaixo toda a energia, toda a braveza. Filho é filho. Quer me dar mais um tiquinho de café? Olhe eu com a Joca. Nossa Senhora, quase excomunguei ela. Hoje tenho um dó dela … Aparece de vez em quando quase trapenta de mal vestida, os olhos no fundo, filho um ano sim, um ano não, marido sem juízo, luta sem fim, criança doente, inferno … Quem não tem dó? Só se a gente não tivesse coração. Mas a gente é mãe, D. Lola. Coração de mãe é um só. Faço tudo o que posso por ela; faço mais por ela do que pras outras até.

Levantou-se para espiar o céu; esticou o pescoço para cima, sondou, escutou:

– Vou indo, D. Lola. Daqui lá é um estirão. Quero ver se a chuva não me pega antes de chegar em casa. Tem tido encomendas?

– Poucas. Desde que mudei, quase não me procuram; depois tive a cólica de fígado que me atrapalhou a vida. Tudo vem junto, D. Genu. Quando me lembro que não pude assistir ao casamento de Julinho … fico até doente. É cedo ainda. Creio que não chove já.

Chove. E creio que não demora muito. Como vão suas irmãs? Até esqueci de perguntar. Clotilde está em Itapetininga?

– Está. Diz que não se acostuma em São Paulo; aqui é só para me visitar, lá é para morar. Gosta do interior.
– Interior é bom mesmo. A gente vive mais sossegada, mais em família, não tem tanta diferença do rico pra pobre, não se nota tanto orgulho. Parece que gente do interior é mais pacata; mesmo que seja rica, tem mais miolo na cabeça. Eu também gosto. Sua irmã tem razão; quando escrever, dê lembranças minhas. Agora eu vou mesmo. Olhe que nuvem preta daquele lado; quando preteja assim do lado de Santo Amaro, chuva na certa.

D. Genu saía devagar, arrastando o corpo enorme, pesada e gorda, para tomar o bonde na primeira esquina. Eu ficava na janela vendo-a sumir, dizendo adeus com a mão, pensando que estava só, os filhos espalhados, com saudades do tempo em que eles eram pequenos e vivíamos juntinhos, juntinhos e felizes. E agora?

***

Às vezes eu dizia para Carlos, à noite, quando ficávamos sozinhos:

– Toque um pouco de violão, meu filho. Gosto de ouvir você cantar.

Ele pegava o violão e começava a afinar; inclinava-se sobre as cravelhas, torcia, tirava um som, torcia de novo, tirava outro som, destorcia, experimentava, inclinava mais o ouvido sobre o instrumento e de repente dava os primeiros acordes. Estava bom.

– O que quer ouvir, mamãe?

– O que quiser tocar, a “Casinha Pequenina”.

Ele aos poucos ia elevando a voz; uma voz cheia, sonora, agradável e afinada. Eu ouvia enlevada, sentindo adoração pelo filho que ficara comigo, que não me abandonara, que me fazia companhia nas noites tristes, que me acompanhava na solidão. Pensava: “Este é meu amigo. Com este posso contar sempre”. De repente perguntava:

– Quer ouvir as canções do México?

Eu nem falava; fazia que sim com a cabeça para não perturbar com minha voz a paz daquelas horas. Ele tornava a afinar o violão, dava um som, outro som, torcia outra vez as cravelhas e cantava de novo. Uma noite, cantou muito, tudo o que sabia. Pedi:

– Cante outra vez “Quiero verte una vez más”.

– A senhora gosta dessa, não?

– Gosto.

Quando terminou, pôs o violão de lado e disse:
– Chega por hoje; não estou muito bom.

– Que tem?

– A dor.

– Ora esta! Tinha me esquecido dela; há quanto tempo você não se queixa!

– Voltou agora.

No dia seguinte, Carlos me disse que dormira mal; resolvemos ir juntos no médico. Pediram radiografia. Duas radiografias. Depois outro médico, vários médicos. Falaram em operação; a princípio vagamente, depois com firmeza. Operação. Quando?

– Amanhã às oito horas.

– Amanhã! Amanhã! Amanhã!

Tomamos um automóvel e fomos para o hospital; lembrei-me do pai. Também foi num dia assim com fiapos de nuvens varrendo o céu. Montinhos brancos no azulão.

Operaram meu filho; tia Candoca, D. Genu e uma das filhas dela me acompanharam; mandei telefonar a Julinho, no Rio. Ele veio só; a mulher era

luxenta, não gostava de viajar de repente. Isabel apareceu também; mandou perguntar à tia Candoca se podia vir. Disse que sim; veio sozinha, um pouco triste, um pouco desapontada e quando me viu, chorou. Carlos na cama, muito pálido, todo dolorido, os olhos grandes rolando nas órbitas; Isabel ficou uma meia hora conversando. Havia largas pausas em que ficávamos silenciosos, olhando o chão, as paredes, sentindo o cheiro dos remédios no ar. Despediuse dizendo que voltaria mais vezes; também estava esperando um filho para breve. No dia seguinte, Julinho voltou ao Rio, preocupado com a mulher. Toda a minha vida girava à volta daquele leito; um leito branco e simples. Vinha a Irmã; espiava, tomava o pulso, olhava, ajeitava as cobertas, cochichava com outra Irmã. Vinha o médico, não dizia nada, olhava só. Todos olhavam Carlos, Carlos não olhava ninguém. Triste e quieto, os olhos fechados.

– Como vai, filho?

– Bem.
Dois, três dias. Colegas do Banco vinham visitá-lo. Clotilde chegou de Itapetininga, aflita; trouxe latas de doces, sequilhos, bolos. Ninguém comeu. Carlos estava mal. Uma noite disse:

– Mamãe, não posso engolir, tudo volta.
Sorri. Isso não é nada, Carlos.

– Mas não posso engolir.

Contei ao médico; ele sacudiu a cabeça sem dizer nada; depois falou:

-Tentamos tudo …

A voz era baixa e rouca, voz sem esperança. Olhei Clotilde:

– Clotilde, o que eu faço?

– Coragem, Lola!

Eu estava tão cansada de ter coragem. A vida toda precisaria ter coragem. Coragem para viver. E agora?

Estava tão cansada! Todos olhavam muito para mim e se preocupavam com meus menores gestos; isso era um aviso, uma advertência que não me escapou. Estavam querendo me avisar por fios imperceptíveis o que ia acontecer. Chegou uma filha de D. Genu e me abraçou sorrindo; reparei que estava com um dente quebrado do lado; D.
Genu tinha me contado do tombo e do dente quebrado. Pensei:

– Ela é tão bonitinha! Por que não mandou consertar esse dente? Meu Deus! Por que em momentos cruciais de nossa vida, temos idéias às vezes tão banais que chocam nossos sentimentos? O que eu tenho com o dente dela?

Tentava rezar atrapalhadamente:

“Meu Deus, tenha pena de nós. Meu Deus, auxiliai-me. Ave-Maria, cheia de graça, o que posso fazer para salvar meu filho? Diga o que eu devo fazer. Espere um pouco; do que eu mais gosto? Gosto de café. Ah! Prometo não tomar café durante um ano, mas não deixe ele morrer. Não. Durante cinco anos não tomarei café. É um sacrifício, meu Deus, que estou lhe oferecendo pela vida de Carlos. Durante o resto da minha vida não tomarei café, mas me dê meu filho. Não o leve, por favor. Ave-Maria, cheia de …”

E tudo se precipitou de repente. Foi a torrente que me arrastou ao fundo do abismo; nada pôde impedir. Vi Carlos depois no leito como que sumindo, tão branco, indo embora de uma vez. Clotilde, tia Candoca e a Madre estavam no quarto. O dia estava bonito, nuvens varrendo o céu; eu via uma nesguinha pela janela. Ouvia uma voz gritando, uma voz angustiada, dolorida: “Calucho! Meu Calucho!” Era eu mesma quem gritava.
Carlos ainda olhou para mim e sorriu com brandura. Ele me entendeu; ainda tentou falar, mas seus lábios se negaram a pronunciar a palavra. A luz dos seus olhos foi se extinguindo lentamente como a esperança quando morre nos corações; com pena de se apagar. De repente se extinguiu de uma vez; percebi que seus olhos já não viam; eram dois pedacinhos de vidro muito fixos, muito parados, muito abertos. Olhei então a Madre que estava de pé do outro lado da cama e ela desviou o olhar; apenas confirmou com a cabeça e fez com tristeza o sinal da Cruz. Compreendi a horrível verdade: Carlos já não existia. Apertei com mais força as mãos inertes e os pensamentos turbilhonaram em confusão. Olhei seu rosto imóvel:

-Calucho!

Atropeladamente fatos longínquos vieram à tona; coisas que eu nunca pensava, e nem lembrava mais. Imagens, frases ditas anos atrás, palavras, coisas insignificantes, banais, uma procissão desordenada. Lembrei da noite em que ele nasceu: fazia frio e mamãe estava embrulhada num chale preto num canto do quarto. Havia um roupão em cima de uma cadeira; era um roupão de fustão azul com pintas vermelhas; um chinelo estava no meio do quarto. Falei: “Tirem esse chinelo daí. Escondam o roupão atrás da porta”. O chinelinho era de lã e mamãe tinha bordado na véspera do nosso casamento: rosas vermelhas entrelaçadas Com folhas verdes. Bonitinho. Mas quem disse que ele morreu? Que mentira, pois eu me lembro tão bem de tudo! Comecei a falar no ouvido de Carlos: “Lembra quando chamávamos você de Calucho?” “E lembra daquela vez que você caiu da escada e fez um galo na testa?”

De repente, observei-o e pensei: “Como é que estou falando com ele, pois se ele morreu? Ah! Meu filhinho, meu filhinho, como vou viver sem você? Quando você não voltar para o jantar, que irei fazer? Os dias serão longos e as noites mais longas ainda e eu ficarei com os olhos fixos no relógio grande, aquele mesmo relógio onde vocês todos aprenderam a olhar as horas, esperando, esperando. Onde irei esconder a minha dor? Esta dor que não tem cura? Por que me abandonou?”

E novamente esqueci que ele tinha morrido e continuei a falar: “Quando você era maiorzinho, Júlio gostava de cantarolar para você dormir; talvez por ser o primeiro filho, seu pai tinha muita paciência. Cantava uma cantiga que ele mesmo inventou e falava em bichos:

O boizinho e vem …
O cavalinho e vem …
O burrinho e vem …
A formiguinha e vem …
O carneirinho e vem …
Buscar meu filhinho que não quer dormir.

De propósito, Júlio esquecia de falar o “macaquinho” para ouvir você reclamar; e você reclamava com os olhos pesados de sono, quase dormindo: Papai esqueceu o macaquinho … Júlio recomeçava e incluía o macaquinho, então você

dormia um longo sono até de madrugada. Só quando o sol começava a dourar a terra e os passarinhos cantavam no nosso jardinzinho, você acordava. Os tico-ticos diziam: Maria é dia, é dia. Maria é dia, é dia. E você sorria, lembra? Quer que eu cante agora aquela cantiga para você dormir?"

E cantei baixinho. Depois olhei meu filho morto e disse: "Mas desta vez seu sono é tão profundo que apesar de eu ter esquecido o "macaquinho", você não reclamou, meu filho".

***

Clotilde e tia Candoca dirigiram-se para mim com os olhos desvairados; não me deixaram cantar. Passou-se toda uma longa noite e vi Isabel ao meu lado segurando minha mão e chorando: "Mamãe! Mamãe!" como quando era criança. Julinho chegou cedo do Rio com as feições transtornadas. Abraçou-se ao irmão chorando alto, uns soluços profundos de cortar o coração: "Meu irmão, meu amigo, meu irmão!"

De madrugada, saí sozinha dizendo que ia rezar e fui à Capela do Hospital. Procurei Nossa Senhora e vi seu rosto macerado, angustioso, dolorido, lágrimas cor de sangue penderem das suas pálpebras. Ajoelhei-me diante dela e olhando-a no rosto, falei alto:

"Acabou-se, meu filho foi embora. A senhora que já passou por isso e sabe que dor é esta que estou sentindo, por que deixou meu filho ir embora? Por quê? Afinal de contas, a senhora devia estar preparada para perder o filho. A senhora é Santa, já nasceu Santa e as Santas vieram ao mundo para sofrer. Mas eu? Quem sou eu? Uma pobre mulher que trabalha para viver, para comer, para ter um pedaço de pão todos os dias. E por que deixou meu filho morrer? Esse filho que me auxiliava a ganharo pedaço de pão? O filho bom, trabalhador? O meu grande amigo? Nem todos os filhos são amigos das mães, esse era. A senhora não devia ter deixado. Como vou viver agora? Sem ele?

Nossa Senhora olhava para o espaço, um olhar longínquo e enigmático, longe das dores deste mundo. Parei um pouquinho e continuei:

– Já passou por isto, não é verdade? Sentiu o que estou sentindo? Nunca tive nada de bom neste mundo; nunca fui bonita, nunca tive dinheiro, nunca tive nada, nem jóias, nem vestidos. Desde mocinha cobicei um anelzinho de ouro

com pedra verde lá na loja do seu Atonso em Itapetininga e nunca consegui. Nem sapatos bonitos, todos ordinários e baratos. A única fita bonita que tive era de cetim azul-claro e mamãe me dava um grande laço em cima da cabeça. Mas essa fita que eu achava tão bonita era de segunda mão; tinha sido de uma filha de tia Candoca e estava esgarçada nas pontas e desbotada. Sempre vivi com tanta economia que nunca me sobraram dez mil-réis para eu dizer: “posso jogar fora esse dinheiro que não me faz falta”. Mas fazia falta se jogasse fora. Trabalhei desde pequena ajudando mamãe nas encomendas de doces; por mais cedo que a gente começasse a fazer os bolos e biscoitos, era sempre uma correria à última hora. Mamãe dizia com o suor escorrendo pelo rosto: “Depressa que o forno está pronto”. Clotilde e eu corríamos de um lado para outro ajudando mamãe. A única coisa que eu tinha de bonito era a pele do rosto, mas logo ficou queimada com o calor do forno, repuxada, escura. Procurei ser boa filha, boa esposa e boa mãe. Nunca tive nada e procurei dar sempre o pouco que tive. E por que me aconteceu isso agora? Agora que todos já foram e só me restava esse? Mas eu não reclamei de ficar só com esse filho, reclamei? Gostei sempre tanto dele que podia ficar sem os outros, só com ele a vida inteira e assim mesmo estava satisfeita. Era tão bom, Nossa Senhora! Lembra-se dele? Por que então ele morreu? Dizem que tudo neste mundo se paga; a senhora pode fazer o favor de me explicar o que estou pagando? Não quero que ele morra. Não quero. Não quero. NÃO QUERO.

Chorei alto grandes soluços: olhei Nossa Senhora outra vez. Seu rosto macerado estava triste e seu olhar desesperado procurava algo no infinito como se não compreendesse. Minha voz tornou-se humilde e rouca:

“Só os que não têm fé é que se lamentam pelos que dormem. E eu tenho fé. Me perdoe”.
Senti então uma leve mão sobre meus ombros, pensei que era a mão de Nossa Senhora, pois estávamos sós na Capela, mas não era; era a Irmã Cristina que tinha entrado sem eu perceber. Debruçou-se sobre mim:

– Venha comigo. Não chore assim.

Lembrei que podia ser Nossa Senhora que a tivesse enviado para me consolar; levanteime e fazendo um gesto de adeus para o altar, saí da Capela acompanhando a Irmã. Fui para uma copa onde me fizeram sentar. A Irmã deu-me uma xícara de café que fui tomando só para fazer a vontade dela; e me dizia

palavras confortadoras que agradeci, mas esqueci logo depois. Um pouco aliviada da enorme dor que me pesava, levantei a cabeça e encarei Irmã Cristina com serenidade; sorriu levemente dizendo:

– Lembre-se das palavras de Jesus: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Quem crer em mim viverá, mesmo depois da Morte.

Com essas palavras nos meus ouvidos, voltei para o lado de Carlos. Foi enterrado nessa manhã no cemitério São Paulo; estava uma linda manhã de fim de setembro; flores desabrochavam perfumando os jardins, pássaros cantavam em todas as árvores e tudo estava alegre no ar, na terra, no céu. Levei-o até o fim; foi quando me vi arrastada pela torrente até o fundo e no fundo só havia trevas.

***

1942. Moro numa pensão de Irmãs num quartinho que dá para um jardim interno; esses quartos são mais baratos porque são menores, mas para que eu quero um quarto grande?

Estou mais perto das flores e dos passarinhos, que sempre amei. Sinto o perfume das rosas e dos heliotropos e todas as manhãs atiro migalhas de pão aos pássaros que vêm pousar sobre a minha janela. São meus amigos. Há também dois gatos gordos e amarelos, pensionistas das Irmãs; um deles parece um pouco com Caçarola, o gato de Isabel. Vivem tão fartos e bem tratados com as sobras da pensão que nunca os vi perseguindo os passarinhos que saltitam ao lado deles com confiança e camaradagem; são todos amigos.

Isabel já tem dois filhos; um deles chama-se Carlos. Já está crescido e vem muitas vezes me visitar; procuro nos olhos dele os olhos do meu filho morto; há uma ligeira semelhança.

Uma vez estive muito doente e as Irmãs se alarmaram; correram assustadas de um lado para outro, agitando rápidas as grandes toucas brancas que mais pareciam borboletas gigantescas; mandaram chamar Isabel e Isabel chorou durante horas debruçada sobre meu leito dizendo que sofria por ver que eu não perdoava o marido; disse então:

– Não há nada que eu não perdoe, chame seu marido.

Nessa mesma tarde ele veio; conversou comigo, deu-me coragem e convidou-me para residir com eles no apartamento. Respondi que estava bem ali no meu quartinho, podiam vir me visitar quando quisessem, mas me sentia feliz e queria morrer entre as Irmãs bondosas e solícitas.
Desde esse dia, Felício também me visita de vez em quando; traz presentes, conversa muito, procura afastar o passado cada vez mais.

Julinho tem duas meninas; Maria Laura e ele já me visitaram duas vezes. Gosto de Maria Laura; é boa e amável. As meninas são fortes e uma delas é muito parecida com o pai. Às vezes escrevem convidando para passar uma temporada com eles no Rio; prometo, digo que sim, um dia irei, mas não tenho coragem. Moram com os pais de Maria Laura num palacete em Copacabana; tenho a impressão de que vou ser demais entre eles. Não quero que a carga da minha pobreza vá empanar o brilho da riqueza de meu filho; seria toldar um céu brilhante com nuvens sombrias. Prefiro sempre meu quartinho obscuro.

Sinto-me quase feliz; estou perto de Carlos, visito-o todos os domingos, levo-lhe rosas e ao lado do seu túmulo, recordo nossa vida numa rápida recapitulação.

Penso que cada um dos meus filhos está feliz porque seguiu o caminho escolhido. Desde pequeno, Julinho gostou do dinheiro; os outros nem lembravam que se podia vender alguma coisa, caixinhas, jornais, garrafas. Julinho vendia tudo e tinha sempre dinheiro guardado. Quando, na mesa, para nos agradar, dizia que ia estudar engenharia, Júlio nunca acreditava e respondia: “Você tem a alma do negócio, deve ser negociante”.

E Julinho é negociante. Ganha bastante dinheiro, já tem automóvel, mora numa bela casa e com certeza será rico, muito rico. É feliz.

Alfredo tem o que quer; sem responsabilidades, sem pensar no futuro, sem se preocupar com o que ficou para trás, vive ao sabor da aventura, de terra em terra, de mar em mar, de cidade em cidade procurando o ideal. De vez em quando, lembra-se que ainda tem mãe num canto qualquer da terra; toma então um cartãozinho e escreve: “Mamãe, vou bem. Abraços do filho Alfredo”. É feliz.

Isabel casou com o homem que escolheu; não houve nada; nem conselhos, nem ameaças, nem lágrimas que a demovessem. Trabalha e luta; auxilia o marido ganhando a vida, adora os filhos. Está mais alta e mais forte, parece mais mulher. Já não é a menina despreocupada e alegre. Tem agora rugas de apreensões na testa, pensa no futuro dos filhos, economiza e trabalha, mas está bem. É feliz.

Carlos foi o único que não escolheu, foi escolhido. Mas tenho certeza que é o mais feliz dos quatro. Tem tudo.

Não vivo só; tenho os quatro rostos risonhos sobre a mesa do meu quarto. Sorriem para mim todos os dias. Tenho também uma carta de Alfredo desde a semana passada, a primeira carta longa que me escreveu desde muitos anos. Está na guerra; diz assim:

Mamãe:
Estou no Pacífico Sul desde 5 deste mês. Se algum dia eu disse que a vida era dura para mim, menti, porque foi um mar de rosas. Rosas como as do nosso jardinzinho, aquelas que chamávamos de Bela Helena, lembra-se? Pois minha vida era suave como uma Bela Helena em comparação com a de agora. Estou combatendo. Sabe o que quer dizer isso? Não. Nunca poderá saber. Estamos nas Ilhas Salomão e há três dias atacamos um comboio japonês que navegava ao largo da Austrália. Os caças japoneses foram repelidos e derrubamos seis deles ali na batata. Tomamos o aeródromo de Cucun na ilha de Guadalcanal e vamos avançar agora na base nipônica de Tulagi. Estou no elemento, lutando. Eu não dizia sempre que preferia água corrente à água parada? Pois estou agora na correnteza, nem é mais água corrente. É uma correnteza que vai a muitos quilômetros a hora e não há tempo nem de respirar. Tomamos Gavatu e Mocambo em dois dias; foi uma chuva de balas, bombas e gritos durante horas seguidas. Se a senhora me visse, diria: Eu, mãe desse demônio? Impossível. E não me reconheceria. Tudo no meio da fumaça e do horror. Os japs *recuam cada vez mais para o interior das Ilhas; a Austrália pode ficar sossegada porque o perigo amarelo já não paira sobre ela. Dias atrás os inimigos receberam reforços no setor de Cocada e temos combatido numa passagem estreita na cordilheira de Stanley, é importante a conquista por causa do Porto Moresbi. Vencemos sempre e nosso lema é este: combater para vencer! Não sei quando escreverei de novo; este agosto tem sido o mês mais longo da minha vida. Nem sei se receberá esta carta, vai por acaso. Lembre-se que luto pelo ideal que*

sempre desejei e depois desta guerra o mundo vai mudar, sempre para melhor. Muita coisa cairá, mas nossa idéia ficará de pé. Felicidades a todos.

ALFREDO.

Reli essa carta muitas e muitas vezes; tinha certas palavras que eu não compreendia muito bem, mas era uma carta de Alfredo, do meu rebelde.

Dormi com ela sob o travesseiro; acordei altas horas, acendi a luz, tornei a ler e tornei a chorar. Meu coração me avisou no momento da despedida que Alfredo não voltaria mais. Deus o abençoe!

Vejo-o nos meus sonhos se debatendo entre as ondas pesadas e negras e sinto que seu último pensamento é para mim. Ouço sua voz chamando: Mamãe!

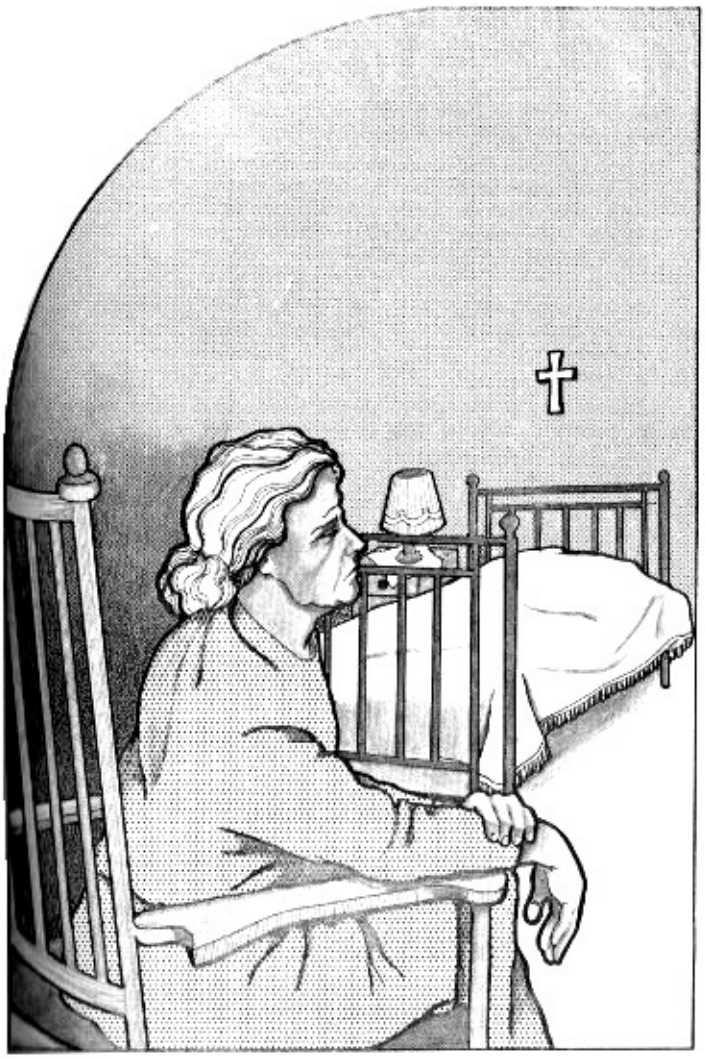
***

A manhã que estava radiosa e alegre, transformou-se. Vejo através da vidraça a chuva cair no jardim da pensão; cai em gotas barulhentas todas as plantas estão inclinadas para o solo, pesadas de água. Por toda parte a desolação, a tristeza e o silêncio; só a chuva e o vento dançam juntos a sarabanda do outono; cobrem o chão de folhas amarelas desfolhadas. Entre o ruído da chuva e do vento ouço também o violão e a voz de Carlos cantando, cantando.

O céu está sombrio e escuro, cinzento-escuro. O que foi a vida em todos esses anos? Sacrifício e devotamento. É como ver numa tarde assim de chuva, pesada de tristezas. Mas não sei lamentar; se fosse preciso recomeçar novamente, novamente faria minha vida a mesma que foi, de sacrifício e devotamento. Devo ser feliz porque cada filho seguiu o caminho escolhido.

No meu último aniversário, recebi um pacote de minha irmã vindo de Itapetininga; abri com curiosidade. Havia “uma” caixa de figos cristalizados, “uma” lata de goiabada em calda e “um” tijolo de pessegada. Apenas.

Grossas gotas de chuva caem do céu sobre a terra, sobre as árvores e sobre os telhados Cor de cinza. Solidão.



Grossas gotas de chuva caem do céu sobre a terra, sobre as folhas das árvores e sobre os telhados. Cor de cinza. Solidão.

Formatação/Conversão ePub: Reliquia
Tratamento de Capa/Ilustrações: Reliquia
Digitalização feita por: *Ra*